

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO
Rio Grande do Sul

IV TRIMESTRE

ANNO II

PORTO ALEGRE - 1922

COMISSÃO DE REDACÇÃO:

Arthur Candal - J. B. Hafkemeyer
Leonardo Truda - Lindolfo Collor

Armando Dias de Souza

Porto Alegre

Typographia do Centro — Rua Dr. Flores 32A

1922

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

O CENTENARIO

DA

INDEPENDENCIA

No principio do anno a directoria do Instituto Historico entregou a uma commissão a proposta para a commemoração da data festiva do anno da parte do Instituto Historico.

Na sessão de 9 de Janeiro esta, pelo seu relator, coronel Benjamin Flores, formulou o seguinte programma:

„Ex.^{mo} sr. dr. Florencio Carlos de Abreu e Silva, D. presidente do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul.

Em reunião de 9 de Janeiro p. p. publica e extraordinaria, commemorativa do dia do Fico, fomos nomeados por V. Ex., para, em commissão, organisarmos, em linhas geraes, um esboço de programma para a celebração condigna, no decorrer do vigente anno, do centenario das varias etapas que nos conduziram de 9 de Janeiro do anno da Independencia, até a data desta, 7 de Setembro de 1922, devendo o nosso trabalho ser submettido á apreciação da grande commissão que terá a seu cargo as commemorações que o Instituto resolveu levar a effeito. Ora, justamente, em Abril proximo, quando recommençará o funcionamento regular deste Instituto, dada a suspensão regulamentar das sessões, de Dezembro a Março, apparecer-nos-á, a 30, o centenario do famoso artigo publicado por Gonçalves Ledo no „Reverbero Constitucional“ e que produziu, segundo as fidedignas annotações do Barão do Rio Branco, o mais vivo entusiasmo, sendo os redactores daquella folha carioca, Ledo e Januario Barbosa, muito victoriados pelo povo. Accrescentam essas ephemerides que, rompendo com todas as convenções que, até então, guardavam os patriotas

brasileiros, animou-se Ledo a suggerir ao principe regente a necessidade, desde logo, da independencia do Brasil. Virá depois o centenario das datas de 23 de Maio e de 1.º de Junho, nas quaes, respectivamente, José Clemente Pereira, presidente do Senado da Camara, entregou ao principe regente uma representação, pedindo, em nome da Municipalidade e do Povo, a convocação de uma assembléa constitucional, e foi assignado o decreto do principe, convocando para o dia 2 os procuradores das provincias que, a 3, requereram-lhe a reunião da Assembléa Constituinte Brasileira, sendo nesse mesmo dia, lavrado o acto da convocação.

Teremos, ainda, o centenario das de 1.º e 6 de Agosto, aquella do manifesto de D. Pedro, redigido por Ledo, e a segunda, do redigido por José Bonifacio, expondo os acontecimentos do Brasil.

Parece-nos que são essas as datas que nos seria mais convinavel e de maior justiça evocar, com o relevamento do perfil moral dos vultos que nellas se destacaram inconfundivelmente, e do alcance historico de sua larga acção politica e social, encaminhando e, por fim, precipitando o evento maximo de nossa Nacionalidade: a sua emancipação politica do reino de além-mar.

Ha, ainda, é certo, de permeio, datas outras, antes e depois do recomeço dos trabalhos annuaes do nosso Instituto de assignavel relevancia, e que, todas, como já lemos, serão perlustradas, na reviviscencia e no commentario pelo Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro. Mas, tendo-se em vista as condições do nosso meio intellectual, posto que distincto e francamente animado ás conquistas do estudo e dotado, já, de figuras de destaque pelo fulgor do talento e pela erudição historica, mas, em geral, arredios dos nossos labores incipientes (mal que nos cumpre corrigir por uma propaganda suggestivamente tenaz, da utilidade publica do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul), parece-nos que não ficaremos mal collocados, offerecendo essa

contribuição á celebração nacional dos fastos principaes da independencia patria.

Dizendo utilidade publica, não nos referimos, apenas, á reconhecida pelo decreto de 25 de Novembro do anno passado, do presidente da Republica, para certos effeitos como a franquia postal e telegraphica, e que é, já, para nós, de alta valia moral, mas tambem e principalmente, á que entende com os creditos de ordem intellectual do Rio Grande do Sul e que devem nivelar positivamente o nosso Estado, aos de maior lustre da Federação brasileira.

Quanto á data de 7 de Setembro, a maxima em fóco, pensamos que a respectiva commemoração deverá revestir-se de excepcional solemnidade, convindo, a nosso ver, que lhe releve o brilho, uma parte artistica de alta selecção, constituida por musica nacional, de compositores consagrados pela grande critica, como Carlos Gomes, padre José Mauricio etc.

A concessão do Governo do Estado, do auxilio annual de Rs. 10:000\$000 para o nosso Instituto auctorizada pela Assembléa dos Representantes, em resolução promulgada pelo Presidente e convertida em lei sob n. 278, de 21 de Novembro de 1921, facilitará esse e outros nobres propositos da corporação á qual estamos a offerecer patrioticamente, todo o nosso esforço.

Porto Alegre, 23 de fevereiro de 1922.

Benjamim Flores

Francisco de Leonardo Truda.

Armando Dias de Azevedo.

DO FICO A' INDEPENDENCIA

CONFERENCIA

do

Sr. Dr. Leonardo Truda

9-1-22

Escrevendo acerca do movimento libertador, que erigiu os Estados Unidos da America do Norte, em nação soberana, assim o definiu notavel historiador daquelle paiz: „Nossa revolução, para falar philosophicamente e com exactidão, não foi, na realidade, o que se chama uma revolução. Foi uma resistencia. Não se tratava de conquistar direitos novos, mas de defender os antigos.“

Guardadas as necessarias distancias e dada, no caso brasileiro, a esta expressão dos „direitos antigos“ menos lata acceção, não se póde mais precisamente definir o que foi a revolução que nos separou de Portugal: acto de simples resistencia, movimento de defesa de direitos conquistados, cuja primeira manifestação material se affirma na desobediencia de 9 de Janeiro, para culminar no desfecho inevitavel de 7 de Setembro.

Poderíamos retrotrahir de muitos annos, sem fugir á verdade historica, o obscuro inicio dessa revolução, desenvolvida pacificamente até a sua phase decisiva e de que se faziam inconscientes promotores aquelles mesmos cujos interesses ella

ia ferir de morte. Nem seria despropositado mencionar-lhe na pagina inicial aquelle decreto do „Moniteur Officiel“, em que Napoleão decretára a extincção da realza dos Braganças, em Portugal.

O formidavel pensador, que foi Euclydes da Cunha, traçou em uma pagina admiravel, este quadro palpitante da vida do Brasil ao alvorecer do seculo XIX: „A directriz da nossa historia retorcia-se sem uma caracterisação precisa, em movimentos parcellados, estritamente locais. E punha-se de manifesto um corollario unico: a formação de algumas repubblicas turbulentas, sem a affinidade fortalecedora de uma tradição secular profunda.“ E mais adiante, confirmando a inconsciente influencia de Bonaparte na preparação da nossa emancipação, accrescenta: „Alguem, porém, cuja missão prejudicial é hoje ponto incontroverso, máo grado os brilhos de uma gloria militar indiscutivel, ia realizar, sem o querer, completa transmutação em nossos destinos.“

Essa transmutação começa no dia em que a cõrte de Portugal chega á Bahia. E quando o principe regente, o futuro D. João VI, com a segurança que lhe dava o Oceano posto entre as bayonetas de Junot e a sua augusta pessoa, se anima num renascente assomo de dignidade, a declarar guerra ao tyranno e no manifesto ás nações amigas, de 1.º de Maio de 1808, escreve que a cõrte de Portugal levantará a sua voz do „seio do novo imperio que vae crear“, não imagina, tambem, quanto de intrinseca verdade ha nessas palavras, quão ao pé da letra se havia de poder entender, annos após, a prophetica proclamação.

Os prodromos do movimento

A revolução que ia dar-nos a independencia iniciara-a, de chegada, o principe regente, abrindo, sob conselho do futuro Visconde de Cayrú os portos brasileiros ao commercio e á navegação das nações amigas e completando, pouco após, essa medida com a emancipação das industrias.

Escreveu agures, não recordo quem, que é facil encontrar, na extrema origem de todos os grandes movimentos da historia dos povos, uma razão de ordem economica. Talvez haja exaggero na affirmação. No nosso caso, porém, a emancipação economica de Portugal havia de ter como corollario inevitavel a separação politica. Os propositos de recolonisação, que os liberaes portuguezes de 1820 haviam de tentar applicar-nos, dando origem á reacção decisiva, não tinham, no fundo, nenhuma outra razão, sinão o restabelecimento de um commercio

que se perdera, para refazer uma fortuna que passara a outras mãos, e fundar na renovada servidão economica do Brasil, na restauração do monopólio, a reconstituição financeira de Portugal.

„Lisboa — diz Oliveira Lima — não se podia resignar á situação de uma capital decahida, privada do melhor do seu commercio transatlantico e profundamente attingida nas suas rendas e, portanto, no seu luxo.“ Por outro lado — encarece, ainda, o notavel historiador — os portuguezes iam tornar-se „politicamente e economicamente os primos pobres dos brasileiros.“ Mas ainda depois de rehvida, com a revolução de 1820 e com o regresso de D. João VI a Lisboa, a preeminencia politica, Portugal não se contentaria com ella e ia perder tudo, por exigir o impossivel do restabelecimento de uma situação economica, que de todo se subvertera em 1808. Dahi, o darmos tão alta significação, na revolução que se vinha lentamente operando, ás medidas que crearam para o Brasil um organismo economico inteiramente independente do de Portugal.

No terreno politico, outra cousa não havia a fazer, depois que a séde da monarchia se transplantára para a America, sinão ir dando apparencia legal ás situações de facto, legitimar as realidades consumadas e até tratar de disfarçar-as ou refreal-as. Não é outro o fim da que poderíamos chamar piedosa mentira, de 1815, elevando o Brasil a reino e equiparando-o a Portugal, para esconder a inversão de papeis que se dera entre a metropole decahida e a antiga colonia agora séde da realza.

E comtudo, começa a sentir-se que isso não basta. O problema do regresso da côrte para Portugal, que então se agita, mostra já no verso dessa resolução a inevitabilidade da separação do Brasil. Já em 1814, pedido o parecer de Sylvestre Pinheiro Ferreira, o „pio e talentoso estadista“ na phrase do notavel historiador patricio das „Duas grandes intrigas“, não se arrecciara aquelle de expôr a situação em toda a gravidade com que ella lhe apparecia. „E' sem duvida um dos maiores problemas politicos, que jamais soberano algum teve de resolver — declara elle. Trata-se de nada menos que de suspender e dissipar a torrente de males com que a vertigem revolucionaria do seculo, o exemplo de povos vizinhos e a mal entendida politica que vae devastando a Europa, ameaçam de uma proxima dissolução e de total ruina os Estados de V. A. R., espalhados pelas cinco partes do mundo, quer seja pela emancipação das colonias, no caso de V. A. R. regressar para a Europa, quer seja pela insurreição do reino de Portugal, si aquelles povos, perdida a esperanza, que ainda os anima, de tornar a ver o seu amado principe, se julgarem reduzidos

á humilhante qualidade de colonia.“ E exposto o dilemma, o „estadista de largo descortino e previdencia, figura de escol que surge no occaso da monarchia absoluta“, suggere o remedio heroico, num conjuncto de medidas ousadas, francamente revolucionarias no momento, mas que á sua clara visão do futuro proximo, se antolham como o unico remedio capaz de „salvar a monarchia dos perigos imminentes que a ameaçam.“

Vale a pena recordar aqui a summula do plano de Sylvestre Pinheiro Ferreira, a quem Herculano define como „o maior pensador portuguez do seu tempo“. Eis os seus pontos capitaes:

„Lei pela qual V. A. R. proclamando S. M. a Rainha nossa Senhora imperatriz do Brasil e rainha de Portugal, ha por bem declarar:

1.º — que V. A. R. continúa a exercer por si mesmo a regencia do Imperio do Brasil e dominios da Asia e da Africa.

2.º — que V. A. R. delega ao serenissimo principe da Beira a regencia de Portugal e ilhas dos Açores, Madeira e Porto Santo, assistido de um conselho de Estado emquanto S. A. R. não completar a idade de 20 annos.

3.º — que vindo a fallecer da vida presente S. M., que Deus guarde por muitos annos, V. A. R. tomará o titulo de Imperador do Brasil, soberano de Portugal; e o serenissimo principe da Beira o de rei de Portugal, herdeiro da corôa do Brasil, procedendo do mesmo modo a successão na augusta descendencia de V. A. R.

4.º — que na qualidade de soberano de Portugal, V. A. R., ao mesmo tempo que pela presente lei delega ao serenissimo principe da Beira toda a plenitude da auctoridade real naquelle reino quanto ao Executivo, continúa a exercer por si mesmo as funcções do poder legislativo, como aquelle que é por sua natureza inalienavel consistindo a unidade de qualquer Estado em terem as diferentes partes de que este se compõe uma só lei e um só legislador.“

E' manifesta a preeminencia que nesse plano se dá ao Brasil. E, embora, em nota, Sylvestre Pinheiro diga que a „sede do Imperio deve ser donde o governo possa melhor acudir com providencias á maior parte dos seus Estados, e donde melhor possa paralyser a influencia das potencias estrangeiras, na parte que julgar ser-lhe nociva“, não é menos certo que do conjuncto do plano se destaca a convicção de que a sede da monarchia devia ficar onde já estava.

Isso havia de ter concorrido para que o parecer produzisse — como assevera Rocha Pombo — „não se sabe si mais indignação que pavor no espirito da côrte“. E tudo quanto se fez foi, afinal, o arremedo da equiparação dos dous Reinos.

O sangrento rebato de 1817, a gloriosa revolução pernambucana, que o sangue dos seus martyres tornou sagrada ao coração dos brasileiros, quaesquer que fossem os seus erros, não logrou, ainda, abrir aos olhos da realza e dos estadistas que a serviam, o futuro imminente.

E a insurreição constitucional portugueza de 1820 os colhe absolutamente impreparados, no momento em que se lhes vae deparar decisivo o problema que Sylvestre Pinheiro tentára resolver.

A desunião das provincias

Impreparado se achava igualmente o Brasil, para tirar immediato partido daquella nova situação. Tanto, que o movimento liberal do Porto e a posterior reunião das Côrtes Geraes em Lisboa, dando azo a que se tornasse manifesta a fraqueza dos laços de solidariedade que uniam entre si as provincias, chegam a fazer por um momento perigar a unidade do Brasil.

Desde o primeiro instante, este appareceu desunido perante as côrtes portuguezas. A adhesão do Pará a estas, a primeira a chegar-lhes daquem-Atlantico, se fez isoladamente, sem attender, em absoluto, ao que ia pelas demais provincias do Reino do Brasil. Viram logo as Côrtes o partido a tirar dessa situação. E sob o disfarce de uma homenagem á capitania, que antes de qualquer outra lhes trazia sua adhesão, proclamaram o Pará provincia de Portugal, com o que o ligavam a si, separando-o, para o que desse e viesse, do Brasil. E não só essa resolução não teve impugnação, como foi aceita pelos paraienses qual si fosse realmente elevada distincção.

Não tardou a adhesão da Bahia. Mas embora a Junta bahiana em seu officio ás côrtes não esquecesse alludir á solidariedade que ligava a Bahia ás outras provincias, não apparecia aquella, por isso, menos separada das demais e o pedido de auxilio para a defesa da capital bahiana contra uma aggressão que só podia vir do governo do Rio de Janeiro, ainda melhor patenteava a desunião, no momento em que mais necessario ia ser para o Brasil apresentar-se unido e como um só bloco perante os propositos inadmissiveis que as côrtes não tardariam muito a revelar. O prestigio, a attracção que o regimen liberal triumphante em Portugal exercia sobre

as provincias, muitas dellas sacrificadas duramente, — como ainda quatro annos antes o experimentára Pernambuco — ao rigor do absolutismo, as sympathias pela causa constitucional podem explicar facilmente essas adhesões. Não é menos certo, porém, que ellas enfraquecem, no momento, a posição do Brasil e fazem apparecer vacillante a sua unidade, mostrando as suas provincias como apparentemente discordes entre si e, ainda, como inexistente o sentimento de uma verdadeira, profunda e arraigada solidariedade nacional.

E assim se foram fazendo os adhesões do Norte — Pernambuco, seguindo-se logo após ao Pará e Bahia — até que D. João VI, „bon gré, mal gré“, se decidiu a aceitar a obra das Côrtes.

No seio destas, em breve, os deputados brasileiros offereceriam, tambem, novas provas de uma falta de orientação precisa. Dous casos, entre outros bastarão para confirmal-o. Um delles foi o da reforma dos governos ultramarinos. Reorganisara-se o governo de Pernambuco. E enquanto á junta governativa se deixava a administração civil, separava-se della a jurisdição militar que seria confiada a um governador commandante das armas, official superior, nomeado pelo poder executivo do Reino e sem nenhuma dependencia da junta. Tanto equivalia deixar esta á mercê do commandante das armas; sujeitar a provincia ao capricho das tropas portuguezas.

Apezar disso, a reforma instituida para Pernambuco foi pelos brasileiros reclamada para o Maranhão e Ceará, assim como a sollicitou a junta do Pará para essa provincia.

Mais caracteristico ainda é o caso da extincção dos tribunaes superiores creados por D. João VI, no Rio de Janeiro. Houve, apenas, um protesto tardio de Ledo, quanto á suppressão da Junta do Commercio. E foi só. „O projecto que rebaixava o Brasil a provincia de Portugal, é triste dizel-o — escreve Gomes de Carvalho — não provocou maior opposição que esse timido protesto. A Bahia, que mostrára sentimentos levantados quando no officio de adhesão á causa de Portugal cogitara dos destinos do novo reino, soffria eclipse no seu senso politico. Lino Coutinho que subscrevera aquelle memoravel documento, tripudiava; as rivalidades mesquinhas de campanario, que exultam nas suas palavras com a perspectiva do triumpho, obscurecem-lhe a intelligencia, ao extremo de não perceber que o desbarato das prerogativas do Rio significa a degradação do Brasil. „Assento, peróra, que nada haverá de mais justo do que pôr em vigor o projecto em discussão e nivelar a antiga côrte no Rio com todas as mais provincias. Desça do alto gráo de côrte para o de provincia.“

Assim, punham-se os brasileiros voluntariamente na dependência da justiça de Portugal. E, afinal, si ainda dessa vez se decide que se discutam perante as relações brasileiras as revistas de nossos feitos, deve-se-o principalmente aos regeneradores portuguezes e a medida triumphá, mas com a opposição, levada até a final votação, de tres deputados brasileiros. A rivalidade das provincias arrasta-as a arriscar os mais altos interesses communs.

Mais tarde, quando as côrtes já não fariam mysterio de seu intento de reduzir de novo o Brasil ao estado de colonia, a attitude galharda dos representantes brasileiros — embora mesmo ahi houvesse algumas defeccões — resgataria esses erros. Elles não deixam, porém, menos patente o estado de impreparação a que antes alludiamos. E justificam estas palavras de Martim Francisco ao capitão-mór José Joaquim da Rocha, em Janeiro de 1822: „Nunca quiz entrar em revolução, porque conhecia a pouca madureza de meus patricios; porém, agora, como a necessidade insta, mostrarei para quanto póde em mim o amor da minha patria.“ Portugal, as Côrtes, sobretudo, iam se encarregar de avivar em todos os brasileiros esse amor. A „pouca madureza“, mais de uma feita evidenciada, ia ser supprida pela revolta irreprimivel ante as absurdas e ineptas pretensões de Lisboa.

A cegueira das Côrtes de Lisboa

As côrtes portuguezas iam forçar — não pareça extranha a observação que adiante trataremos de justificar — iam obrigar, repetimos, o Brasil a separar-se de Portugal, máo grado a resistencia até o derradeiro instante empenhada em manter uma união que os acontecimentos iam mostrando ser impossivel.

Obtido o regresso de D. João VI a Portugal, envaidecidas já, antes disso, pela espontanea adhesão do Pará, Bahia e Pernambuco, favorecidas, até certo ponto, como vimos pela rivalidade que entre as provincias se manifestava, illudiram-se as côrtes, arrancando a mascara da fraternidade que apregoavam para com os „portuguezes da America“, suppondo poder levar as suas imposições a ponto de fazer retroceder o Brasil ao periodo definitivamente encerrado em 1808.

Iniciara-se a obra, mandando que as juntas organisadas nas provincias brasileiras directamente se entendessem com Lisboa. Era isso o rompimento de todo laço que entre si as unia.

Proseguira, depois, a tarefa, com annuência dos representantes brasileiros, pela approvação dos dous projectos acima mencionados: o que separava as attribuições civis das Juntas Provisórias, da jurisdição militar confiada ao governador das armas, e o que supprimia a Casa da Supplicação e os demais tribunaes superiores do Rio de Janeiro.

Animados pelo assentimento dos deputados da antiga colonia, as Côrtes Geraes foram além, para decretar a volta de D. Pedro a Portugal. E tão alheios andavam os representantes brasileiros á real significação de todas essas medidas, tanto se illudiam sobre os sentimentos das Côrtes, que este ultimo projecto, que ia ter tão decisivo alcance na attitude do Brasil, foi aceito, como diz Gomes de Carvalho, „por unanimidade de votos duas vezes verificada“, ou, como querem outros, com a opposição apenas de dous representantes fluminenses — Custodio Ledo e Villela Barbosa.

O povo brasileiro, porém, não podia referendar os decretos subscriptos pelos seus representantes, que se haviam deixado seduzir e levar — diz um dos nossos mais notaveis historiadores — „pelas maneiras e pela bôa camaradagem dos seus collegas reinôes“ a ponto das „mesmas deliberações contrarias ao Brasil serem tomadas sem protesto de ninguem.“

Divulgados no Rio de Janeiro aos 10 de Dezembro e dahi espalhados para as provincias proximas, os referidos decretos suscitaram um levante de todas as consciencias patrióticas, uma vaga de indignação tal, que acabou por assoberbar o principe e induzil-o á desobediencia redemptora de 9 de Janeiro. Fôra a inconsciencia das Côrtes que fizera extravasar a revolta, talvez possivel de ser contida ainda por longo periodo, si áquella se houvesse substituido politica mais esclarecida e tolerante. Não alcançavam os regeneradores portuguezes a comprehender a exacta situação em que se defrontavam os dous paizes, tal como, mezes após, Gonçalves Ledo a exporia com desassombro a D. Pedro: „O Brasil no meio de nações independentes que lhe falam com o exemplo da felicidade, exemplo irresistivel porque tem por si o brado da natureza, não pôde conservar-se colonialmente sujeito a uma nação remota e pequena sem forças para defendel-o e ainda menos para conserval-o.“

Não o viam, assim, as Côrtes cuja cegueira bem se poderia avaliar atravez das palavras de Miranda ao declarar que „não intimidam ao Congresso as facções do reino americano, incapazes de resistencia ás armas da metropole“. Esquecia o orador a quem se deu com justiça o qualificativo do „mais leviano dos homens“ que a metropole, como os factos se iam

breve encarregar de demonstrar, é que se achava na incapacidade absoluta, por falta de todos os elementos, de oppôr dique á revolta que a insania das Côrtes insufflava.

As vacillações de D. Pedro

Em meio desses successos não era agradável a posição do principe D. Pedro. Máo grado o conselho paterno, induzindo-o a guardar para si uma corôa que podia ir parar á cabeça de algum aventureiro; máo grado a ambição que se lhe attribuiu, açulada pelo conde dos Arcos, não é inadmissivel lhe sorrisse, ás vezes, como uma libertação, o regresso a Portugal.

Varnhagen, na sua „Historia da Independencia“, vae além, peremptorio no affirmar que „o principe mostrava-se ancioso pela hora de poder regressar a Portugal.“ E traz, em apoio do asserto, a carta dirigida pelo principe a seu pae em 21 de Setembro, em que declara não levar a mal as resoluções das Côrtes de que o rei lhe dera conhecimento, affirmando que ia transmittil-as ás provincias.

Não levaria a mal — dizia o principe — que as provincias se dirigissem em direitura ás Côrtes; quanto a elle limitar-se-ia só ao Rio de Janeiro, „até — accrescentava — V. M. mandar que eu parta a ter o grandissimo gosto de lhe beijar a mão, de o abraçar, de gosar de uma companhia para mim e para todos tão agradável.“ Na mesma carta ainda, repisava o principe, depois de pintar em côres carregadas a sua situação: „Peço a V. M. por tudo quanto ha de mais sagrado, me queira dispensar deste Emprego, que seguramente me matará pelos continuos e horrorosos paineis que tenho, uns já á vista e outros muito peores para o futuro.“

Não é para surprehender esse estado de animo.

De um lado, a officialidade portugueza da Divisão auxiliadora sujeitava o principe a continuos vexames. Não havia de ter sido pouco doloroso para o character altivo e autoritario do principe, aquella scena de 5 de Junho, em que sob a pressão da tropa se viu forçado a renovar o juramento de fidelidade ás bases da constituição e a despachar e substituir o seu ministerio.

• A situação financeira, por outro lado, era das mais afflictivas. A Côrte ao partir para Portugal, deixára a capital do paiz em condições extremas de penuria. „Com a partida de el rei se tinha sumido todo o numerario da praça do Rio de Janeiro.“ O Banco do Brasil estava ás portas da bancarrota: „Elle de todo já não tem ouro — escreve o principe — nem prata, e só tem algum cobre, que se tem cunhado depois de

fundir-se e este tirado de algumas embarcações, que o tem arrumado para intermediar com o bom: por consequencia, como não tem crédito, nem cousa que o alcance, os seus bilhetes valem muito pouco ou quasi nada." Das provincias, não vinham recursos que melhorassem a situação.

Muitas dellas se recusavam a reconhecer a autoridade do principe, duvidando de suas intenções e receiando-lhe propósitos anti-liberaes. Mesmo depois de 9 de Janeiro de 1822, quando José Bonifacio convocou em 16 de Fevereiro os procuradores geraes das provincias para formar um conselho de Estado, a desconfiança das provincias do Norte se patenteou manifesta, numa recusa quasi geral.

Não admira assim que o principe „em meio de tantas contrariedades a que não via fim“ se sentisse „sinceramente desejoso de largar o poder e retirar-se para a Europa“ mostrado — como ainda informa Varnhagen — „nas menores disposições e arranjos de sua casa, tanto elle como a archiduqueza sua esposa, como aspiravam a que fosse a mais curta possível a prolongação da sua residencia no Rio de Janeiro.“

Quando em Dezembro chegaram ao Rio os decretos das Côrtes, que ordenavam o regresso do principe e a entrega do governo a uma Junta, ainda era recente a nova humilhação soffrida em Outubro, imposta pela Divisão Auxiliadora, que o forcara a substituir o ministro do Reino e o intendente geral de policia, accusados de excessiva tibieza ante as manifestações cada vez mais vivas dos patriotas brasileiros. Fôra isso nos primeiros dias de Outubro e a 4 desse mez, escrevendo ao pae, informava D. Pedro:

„Queriam e dizem que me querem acclamar Imperador; protesto a V. M. que nunca serei perjuro, e que nunca lhe serei falso; e que elles farão essa loucura, mas será depois de eu e de todos os portuguezes estar-mos feitos em postas, é o que juro a V. M., á Nação e á Constituição Portugueza.“

O tom dessas palavras parece não permittir duvidas. Não será levar muito longe as suspeitas, o ver nellas, como pensa insigne historiador, simples protestos „muito habilmente feitos para eximir o Principe de qualquer imputação que o compromettesse?“

O proprio Rocha Pombo, que quer vêr em toda a acção do principe a execução de um plano astutamente calculado e cautelosamente desenvolvido, admitte que ante a ordem de regressar a Lisboa, D. Pedro teve, no primeiro instante, os seus receios de tomar attitude positiva e formal de desobediencia

às Côrtes, „não porque vacillasse no seu proposito, mas porque não sabia até onde seria capaz de ir o desabrimento da divisão auxiliadora, a cujos golpes não queria commetter a leviandade de arriscar-se.“ Certo é que, recebidas as ordens a 9 de Dezembro, no dia seguinte escrevia aquelle ao pae uma carta, de que constam estas palavras:

„No mesmo dia em que a junta fôr eleita tomará entrega do governo, porque acaba immediatamente aquella auctoridade dantes constituida, e assim, logo que seja eleita, vou dar sem demora prompta execução ao decreto que me manda partir quanto antes, partindo ainda que seja no „União“, porque eu — desde esse dia não quero influir mais nada no Brasil — e como não o posso fazer (quero dizer deixar de influir) de outro modo que partindo, razão por que não espero para partir que a instalação do novo governo na fórmula ordenada.“

Nesse mesmo dia, porém, se divulga pela cidade o conteúdo dos decretos. A ameaça da recolonisação levanta viva effervescencia. Associar o principe definitivamente á causa do Brasil é dar-lhe um valioso elemento de victoria; é sobretudo congregar as energias todas em torno de um symbolo, que passa a confundir-se com o da unidade nacional. Não falta, então, por certo, quem trabalhe o animo accessivel do principe. Entre os seus proprios ministros, si, em sessão do conselho, todos pregam a obediencia, não falta quem em particular lhe observe que o mais conveniente para todos é que não vá, que fique. Mesmo d'alem-mar — affirma-se — chegam, de vóz, para o principe, autorisada, advertencias de que „se quer salvar a seu pae, aos reinos de Portugal e do Brasil, e tambem a si proprio, não deve, por forma alguma, deixar o Brasil.“

Nesse entretempo, a agitação cresce e irradia pelas provincias. Preparam-se as representações. A do povo do Rio tem oito mil assignaturas, algarismo consideravel, attenta a população da época. O tom da representação, além disso, é decisivo. Ella „impõe — consoante Euclydes da Cunha — ao principe, talvez vacillante, a permanencia no Brasil.“ „Impondo é o termo — encarece o maravilhoso escriptor de „▲' margem da historia“. A representação de oito mil assignaturas, que lhe foi lida não era um pedido; era uma intimativa.“

No espirito do Principe Regente havia de ter-se travado, nesses momentos supremos, um terrivel conflicto. Certo recordaria elle o conselho paterno, ao partir do Brasil; não deixariam de falar-lhe ao animo ardente de moço e de principe os con-

stantes vexames soffridos; não faltaria quem lhe carregasse as côres da humilhação que a Côrte lhe impunha; nem deixaria de aflorar-lhe ao espirito a visão do grande imperio de que queriam acclamar-o senhor, „loucura“ contra a qual protestava mezes antes e que só admittia possível, depois que „elle e todos os portuguezes estivessem feitos em postas.“

E, comtudo, na hora decisiva o principe custa a resolver-se. Ante a multidão ansiosa por acclamar-o; ante a deputação que recebe na sala do throno; ante a calorosa fala de José Clemente Pereira, em que vibra a ardente exaltação patriótica de Gonçalves Ledo, D. Pedro vacilla, hesita.

A sua primeira resposta é uma dilação, uma porta aberta a mais madura reflexão. Lá está no auto de vereação quaes foram as suas palavras: „Convencido de que a presença de minha pessoa no Brasil interessa ao bem de toda a nação portugueza, e conhecendo que a vontade de algumas provincias assim o requer, demorarei a minha saída até que as Côrtes e meu augusto pae e senhor deliberem a este respeito com inteiro conhecimento das circumstancias que têm occorrido.“

Mas essas palavras, que a historia tem esquecido, eram uma decepção para o povo. A multidão não se conformaria. Junto ao principe fervem nesse momento as ultimas supplicas. D. Pedro dá-se, afinal, por vencido. E num addendo ao edital affixado, declaram-se as anteriores palavras inexactas, e substituem-se pelas que condescendem com o voto do povo: „Como é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou prompto: diga ao povo que fico.“ E são essas as palavras que valem para a multidão, para a historia, para o destino futuro do Brasil.

A nossa missão

No mesmo dia, escreve o principe ao pae. São ainda essas as palavras que transmite. E acrescenta as que, da janella onde fôra receber os vivas, dirigira ao povo: „Agora só tenho a recomendar-vos união e tranquillidade.“ Commentando a carta, diz Rocha Pombo: „Tudo muito secco... e nem mais „Deus guarde“. Tudo ia perfeitamente conduzição como se planeara“.

Entretanto, na carta reproduzida por Assis Cintra, lá está, no fecho, a formula respeitosa: „Deus guarde a preciosa vida e saude de Vossa Magestade, como todos os portuguezes o hão mister, e igualmente Este seu subdito fiel, e filho obedientissimo, que lhe beija a sua Real Mão.“ Em toda a correspon-

dencia, aliás, essas demonstrações de respeito e carinho filial se mantêm até a separação. Nem, desde que entre pae e filho a troca de cartas continuava, havia razão para supprimir o que a simples cortezia bastaria para explicar.

Menos explicavel é a affirmação de que o principe em tudo obedecesse a um plano meticulosamente traçado. Entre os defeitos que abundavam em D. Pedro, não se contava o da duplicidade. Ao contrario, mal quadraria esta com o seu temperamente sabidamente impulsivo, arrebatado. E eram esses impulsos, esses arrebatamentos que iam servindo admiravelmente á causa do Brasil.

Mais que a vontade de um homem, já de si impotente ante a força do querer colectivo, valia o determinismo historico que nos traçara desde 1808, o rumo de que não haveria como retroceder. Cabia-nos uma alta missão a cumprir no mundo: não podíamos faltar a ella. Comnosco, fraternamente a partilhariam as nações do Continente. Mas para que a essa missão nos habilitassemos era essencial a separação da Europa.

Precisavamos descartar-nos da herança funesta de odios que ella nos legava. Precisavamos impedir que se transportassem para a America as velhas contendidas seculares que dividem as nações do Velho Mundo, lançando-as umas contra as outras, em lutas ferozes, que se renovam periodicamente, para vingar antigas iniquidades e que se encerram sempre, deixando na alma dos povos o travo de novas amarguras, a séde de novas vinganças, a dôr de novas injustiças.

Precisavamos impedir que se arraigassem no nosso sólo, velhos preconceitos absurdos, que medrasse aqui o espirito da intolerancia, que além-Atlantico põe vallos intransponiveis entre povos e povos, entre crenças e crenças, entre raças e raças.

Queria o nosso destino superior que a terra da America pudesse continuar a abrir-se acolhedora a todos que a buscassem e que no Novo Mundo se pudesse elaborar pacificamente a creação de um mundo novo, mundo de paz, de trabalho e de fraternidade; mundo a cujo contacto as velhas raças exaustas, como Anteu ao tocar terra, recobram a força perdida e se desdobram em uma nova humanidade; mundo em que a alma das nações, virgem como a terra virgem que as abriga, floresce em ideaes magnificos, em aspirações luminosas, em anhelos bemditos; mundo para o qual se illumina fulgurante o horizonte, no momento em que a Europa afunda no mais desolado dos crepusculos.

Esse era o nosso Destino. Os homens poderiam servir-lhe de instrumento, poderiam guiar o Brasil pela vereda melhor

para alcançal-o, poderiam surgir providencias em determinado momento, para impedir-nos o desgarré. Nenhum, fosse qual fosse a sua grandeza, seria capaz de impedir a maravilhosa realisação.

José Bonifacio

La iniciar-se, agora, a acção de José Bonifacio. Posterior, na apresentação ao principe, que só se fez a 26 de Janeiro, a petição de São Paulo, que já começava a pesar decisivamente no animo do principe, antecederá á do Rio na sua elaboração resolvida o 24 de Dezembro.

Redigida do proprio punho de Bonifacio, já na „fala“ deste, por occasião da entrega, se divisam os primeiros alicerces da futura obra constructora. Não se limita, de facto, o representante dos paulistas a aconselhar a D. Pedro o gesto necessario de rebeldia. Ella váe além; alcança já no futuro e indica o caminho por onde se ha de chegar, com maior segurança ao objectivo visado.

E' nessa „fala“, effectivamente, que José Bonifacio, já então posto á frente do governo, lança a idéa da convocação dos procuradores das provincias. „Digne-se, pois, V. A. R., — diz elle — acolhendo benigno as supplicas de seus fieis Paulistas, declarar francamente á face do Universo, que não lhe é licito obedecer aos decretos ultimos, para a felicidade, não só do reino do Brasil, mas de todo o Reino Unido; que, *para reunir todas as provincias deste reino em um centro commum de união* e interesses reciprocos, convocará uma junta de procuradores geraes, ou representantes, legalmente nomeados pelos eleitores de parochia, juntos em cada comarca“...

Entretanto procura-se negar a Bonifacio a autoria real do decreto de 16 de Fevereiro, por elle referendado e em que se convocam os procuradores. Mas lá estão, a indicar-lhe a paternidade effectiva, quanto ao processo de organização da representação e ao numero de procuradores, as idéas expostas no discurso de 26 de Janeiro: os deputados seriam dous para as provincias grandes e um para as pequenas.

Aliás, o mesmo valor dessa negativa, com que se inicia a tentativa de demolição da obra do grande paulista, tem a imputação que se lhes fez de „opportunista“ e de não haver querido a independencia. O qualificativo poderia caber-lhe, não no sentido pejorativo e injurioso, que se lhe deu, mas com a significação de que Bonifacio, agindo com a prudencia aconselhavel no caso, aguardava, sem impaciencias prejudiciaes, sem arrebatamentos que podiam deitar tudo a perder, a occasião

azada para conduzir o Brasil sem perigo á independencia ambicionada.

Examinado sem paixão, o decreto de 16 de Fevereiro, como toda a obra posterior de Bonifacio — não obra de agitador, destinada a inflamar as massas, mas acção ponderada de quem tem a pesar-lhe nos hombros toda a responsabilidade dos destinos de uma Nação — indica, nelle, uma grande e justificada preocupação: a de salvar a unidade nacional. E' esta que se faz preciso assegurar, antes de mais nada. De que valerá a proclamação immediata da independencia, se ella ha de ser o signal do desmembramento?

E essa preocupação, já advertida na fala de 26 de Janeiro, ao indicar a necessidade de „reunir todas as provincias em um centro commum de união“, tinha, infelizmente, sobradas razões a justifical-a.

Oliveira Lima, em sua recentissima obra — „O movimento da Independencia“ — escreveu a proposito: „Foi a politica das Côrtes que mais do que qualquer outra cousa creou, no Brasil, o sentimento nacional. As provincias uniram-se na defesa dos seus interesses, quando destes penetraram a indefectivel communidade. A não ser isso, as rivalidades ter-se-iam manifestado porventura insanaveis. A Bahia ainda não perdoara ao Rio de Janeiro a mudança da séde do vice-reinado para a bahia de Guanabara quando esta continuava a ser a mais importante das capitancias brasileiras. Relata mrs. Graham que as provincias do Norte preferiam uma capital mais septentrional e que no sul havia bastante gente que a queria ver removida para São Paulo, pela maior segurança de uma cidade interior, alcandorada sobre uma serra, e pela maior proximidade das minas, onde se teimava em acreditar estar a principal riqueza do paiz, apesar da accentuada baixa da sua producção.“

Essa penetração da indefectivel communidade de interesses, de que fala Oliveira Lima, não se verificára, porém, ainda, á data do decreto de Bonifacio. E' sabido, mesmo, que do Norte vieram recusas formaes das provincias, á determinação de eleger procuradores. „Todas as Juntas dessas provincias — diz Varnhagen — se mostraram recalcitrantes. A das Alagoas recusou-se, abertamente, a dar-lhe cumprimento e assim o participou mui ufana ás Côrtes.“

Entretanto, nestas, proseguia, entre os deputados brasileiros, a politica suicida que as rivalidades entre as provincias inspiravam e de que tão viva amostra ainda poucas semanas antes haviam dado ao debater-se a questão da suppressão da Casa de Supplicação, do Rio de Janeiro.

E nem só essa razão de apprehensões tinha José Bonifácio. No espirito de D. Pedro, a luta que ia travada não se resolvera, nem mesmo depois do gesto para elle irreparavel de 9 de Janeiro. Emquanto aqui parecia inclinar-se, definitivamente, para o partido da independencia, em suas cartas ao pae continuavam os protestos de fidelidade e as affirmações de que tudo faria pela união das duas partes da monarchia.

Em carta de 23 de Janeiro, ao dar conta da insubordinação de Avilez, o principe escrevia, depois de relatados os factos: „Eu tenho trabalhado tanto para a união e ella estava tão forte a Portugal, que nem estes máos procedimentos da divisão tem feito apparecer o espirito dominante, mas se estes continuarem, e ainda cá estiverem, quando vierem os outros e se unirem a elles, como dizem publicamente, que hão de aterrar tudo, então parece-me que poderá apparecer a opinião que reina, nos corações americanos, desde o norte até ao sul da America. Com força armada, é impossivel unir o Brasil a Portugal; com o commercio e muita reciprocidade, a união é certa; porque o interesse pelo commercio e o brio pela reciprocidade, são as duas molas reaes, sobre que deve trabalhar a Monarchia Luso-Brasileira“. E nessa, como nas missivas seguintes, o fecho é o mesmo de sempre, com o voto de que „Deus guarde a preciosa vida e saude“ do rei, „como todos os portuguezes hão mister e egualmente este seu filho obedientissimo e subdito fiel.“

Quando, em outra oportunidade, Bonifácio apparece em opposição aos propostos dos patriotas mais extremados, á frente dos quaes se acha Joaquim Gonçalves Ledo, pedindo a convocação da Constituinte, não é, tambem, como com aleivosia têm affirmado os que se empenham em demolir-lhe a aureola do Patriarchado, por combater a independencia. Esta, já acima o dissemos, era inevitavel após o 9 de Janeiro. E os successos occorridos depois do Fico, aprofundando cada vez mais a separação, não podiam — quando Bonifácio não fosse, desde a primeira hora artifice primacial da independencia — deixar de patentear ao seu espirito superior a inevitabilidade do desfecho e fazel-o apparecer, então, si verdadeira fôra a pecha de „opportunista“ não como simplesmente „conformado“ com a victoria de Ledo sobre o espirito irrequieto do principe, mas com a exaltação extremada dos adhesistas de ultima hofa.

José Bonifácio temia, na realidade, a convocação da Constituinte; menos ainda por não querer a independencia do que por contrario ao regimen representativo. Temia, antes, o choque prematuro das duas autoridades: a do Principe e a do Congresso; temia, como resultante da impreparação do paiz para o pleno exercicio de suas liberdades, que a demagogia

imperasse triumphante nas côrtes brasileiras e queria fortalecer, antes, o poder central, afiançando solidamente a posição do príncipe, para poder oppôr a sua autoridade firme ás demasias que antevia, e para que, traçadas, com mais solidez, as linhas divisorias dos dous poderes, menos probabilidades houvesse de embates entre elles e de menos graves consequências pudessem ser quando viessem a verificar-se.

Os acontecimentos posteriores á independencia encarregaram-se de demonstrar que Bonifacio, nos seus receios, ainda mais uma vez vira justo.

Mas, afóra todos esses embaraços e todos esses perigos de ordem interna, digamos assim, ainda tinha elle de attender ás ameaças que poderiam vir de fóra. Entre estas não eram certamente as de Portuggal as mais temíveis. A Santa Alliança, porém, constituia para a America um pesadelo. Era necessario, ao menos, neutralisal-a ou cercar-se de garantias e amparo seguro contra ella.

Como se vê, não era pequena a tarefa que impunha ao ministro do Reino e dos Negocios Extranjeiros, de D. Pedro, uma acção cheia de discreção e de prudente cautela.

A evolução que se ia operando no espirito do príncipe, que os exaltados procuravam por todos os meios seduzir, e sobre cujo animo nem a ambição nem a lisonja pareciam insensíveis, assim como a preparação do ambiente nacional, revoltado ante a incrível prepotencia das côrtes portuguezas, iam de um lado permittir a Bonifacio agir, pouco a pouco com maior segurança, enquanto do outro lhe suscitariam, ás vezes, graves difficuldades que bastante lhe custaria vencer.

A evolução do príncipe

Encontrados sentimentos iam trabalhando o animo do príncipe, dictando-lhe attitudes que parecem contradictorias e fazendo com que a alguns se afigure duplicidade, o que era, apenas, falta de resolução definitiva, ou derradeiras vacillações ante um rompimento que ia decidir de toda a sua existencia.

Em 14 de Fevereiro de 1822 em carta a D. João VI, apparece-nos amargurado com a morte do filho: „Tomo a penna — escreve elle — para dar a Vossa Magestade a mais triste noticia do successo que tem dilacerado o meu coração. O príncipe D. João Carlos, meu filho muito amado, já não existe. Uma violenta constipação cortou o fio de seus dias. Este infortunio é o fructo da insubordinação e dos crimes da divisão auxiliadora.“

Para poupar a princeza e os filhos aos graves successos que, de um momento para outro, se poderiam desencadear, ante a attitude ameaçadora das tropas de Avilez, D. Pedro levava-os por uma madrugada humida, em viagem incommoda para a fazenda de Santa Cruz. O estado do principesinho, já enfermo, aggravava-se e pouco depois sobreveiu a morte. Isso e o vêr-se — como informava o encarregado de negocios da Austria ao seu governo — „abandonado do modo mais vergonhoso“ pelos fidalgos e pelos politicos portuguezes, membros do seu governo, havia de ter exacerbado o animo do principe, já predisposto pelas acintosas decisões das côrtes, concorrendo para approximal-o cada vez mais do partido brasileiro.

Mas, valendo-se do apoio que os brasileiros lhe vão dando, e pouco a pouco se amplia pelas provincias antes desconfiadas ou abertamente contrarias, D. Pedro parece aspirar antes a cobrar plena independencia, que o liberte da tutela das Côrtes, do que a renunciar de todo aos seus direitos ao throno de Portugal, pela separação definitiva do Brasil. Assim é que, muitas vezes, nas suas cartas, como em numerosos documentos da época, a palavra „independencia“ não póde ser entendida no sentido de separação, mas no de autonomia ampla, em que os dous reinos, com absoluta egualdade de direitos e regendo-se cada um delles pela sua livre vontade, se encontrem apenas unidos pelo laço pessoal do mesmo soberano: alguma cousa semelhante, em summa, á união da Suecia e da Noruega, ou da Inglaterra e Hannover, ainda então subsistente, e mais de uma vez apontadas em taes documentos como exemplo.

Em 14 de Março, informando não ter permittido o desembarque da esquadra de Maximiliano de Souza, a cujo bordo vinham os reforços enviados de Portugal, D. Pedro diz ao pae: „Se desembarcasse a tropa, immediatamente o Brasil se desunia de Portugal e a independencia me faria apparecer bem contra minha vontade por ver a separação; mas, sem embargo disso, contente por salvar aquella parte da Nação a mim confiada, e que está com todas as minhas forças trabalhando em utilidade da Nação, honra e gloria de quem a libertou pela elevação do Brasil a Reino, donde nunca descera. A obediencia dos commandantes fez com que os laços que uniam o Brasil a Portugal, que eram de fio de retroz podre, se reforçassem com amor cordial á mãe patria, que tão ingrata tem sido a um filho de quem ella tem tirado as riquezas que possui.“

A linguagem é já aqui mais firme. Apparece definida a resolução de salvaguardar os direitos do Brasil, elevado a Reino, „donde nunca descera.“ Mas, do mesmo passo, se preconiza, ainda, a união. E', aliás, a linguagem que convem a quem

vae aceitando as responsabilidades que D. Pedro ia tomando sobre si.

José Bonifacio, após a convocação do conselho dos procuradores provinciaes, fizera decretar, em 4 de Maio, que nenhuma lei das Côrtes ou determinação do governo de Lisbôa fosse executada no Brasil sem o „cumpra-se“ do Principe Regente. Esse decreto não era só uma medida de necessaria cautella, salvaguardando o Brasil contra alguma arremettida de Lisbôa. Elle vinha fortalecer a posição do principe, dando-lhe, no Brasil, uma autoridade que fallecia, em Portugal, ao proprio Rei, seu pae, „prisoneiro das côrtes“. E isso não podia deixar de ser grato ao vivo amor proprio de D. Pedro, prendendo-o cada vez mais á causa do Brasil, que precisava contal-o como elemento capital, para que a independencia se fizesse, como a entendia José Bonifacio, com salvaguarda da unidade.

Mas á acção cautelosa e que por vezes se lhes afigurava demasiado lenta do grande ministro, os radicaes, cujo centro de acção era principalmente a Maçonaria, com Gonçalves Ledo, Clemente Pereira e Januario Barbosa, á frente, preferiam mais rapidos e directos processos. Não raro, por caminhos oppostos, as duas forças vinham a encontrar-se. Nem é preciso demolir a gloria de Bonifacio, para que appareça em toda plenitude a de Ledo e seus companheiros, para quem não é pequeno merito haver, mercê de sua propaganda afervorada e continua, esaldando o ambiente, pouco antes ainda tão retrahido e frio, preparado a quente atmospheria propicia ás grandes realisações.

Um desses gestos ousados dos radicaes foi o de offerecer ao principe regente o titulo de Protector e Defensor Perpetuo do Brasil. Fez-se solemnemente, a 13 de Maio, em manifestação publica, a offerta. Recebido em audiencia por D. Pedro, o Senado da Camara, leu Clemente Pereira o discurso que Gonçalves Ledo e Januario Barbosa haviam escripto. E D. Pedro, que não dissimula a satisfação que ao seu orgulho causa essa homenagem, recusando embora o titulo de protector, porque „o Brasil não precisa da protecção de ninguem: proteje-se a si mesmo“, aceita e guarda o de „Defensor Perpetuo“.

„Defenderei o Brasil — escreve elle ao pae — que tanto me honrou, como a V. M., porque tal é o meu dever, como brasileiro e como principe.“ E mais adiante: „Saiba V. M. que, em qualquer tempo, e em qualquer logar eu devo defender a V. M. de toda a especie de inimigos não sómente como subdito e como filho, mas ainda como Defensor Perpetuo do Brasil, pois que quem defende o rei defende a Nação e o rei e a Nação sempre estão reunidos e nunca separados.“

Tão ufano se achava D. Pedro do seu título e tão ao pé da letra o tomou, que, já dias depois, elle proprio se fez advogado do novo pedido que os radicaes lhe formularam solicitando a convocação de uma assembléa das provincias do Brasil. Só a 23 de Maio, officialmente, segundo Varnhagen, foi entregue a representação, mas já na carta acima citada, que era de 21 deste mez, o principe advogava com calor, justificando-o perante o pae, esse pedido: „E' necessario que o Brasil tenha côrtes suas: esta opinião generalisa-se cada dia mais. O povo desta capital prepara uma representação que me será entregue, para supplicar-me que as convoque e eu não posso a isso recusar-me, porque o povo tem razão, é muito constitucional, honra-me sobremaneira e tambem V. M. e merece toda sorte de attentões e felicidade. Sem côrtes, o Brasil não pôde ser feliz. As leis feitas tão longe de nós por homens que não são brasileiros, e que não conhecem as necessidades do Brasil não poderão ser boas.“

Contemporaneamente, á medida que chegam noticias de Lisboa e enquanto José Bonifacio apparelha elementos para a luta, tratando de um emprestimo no estrangeiro e cuidando já de contratar Lord Cochrane para confiar-lhe o commando da marinha nacional, vae crescendo em D. Pedro o odio contra as côrtes de Lisboa que passam a ser „facciosas, horrorosas e pestíferas.“

Para annullal-as, victoriosa estava já no seu espirito a idéa da convocação das côrtes constituintes. Assim, quando, o conselho dos procuradores das provincias, em infima minoria — apenas dous representantes da provincia do Rio de Janeiro e um da Cisplatina — reunido em 2 de Junho, lhe pede, no dia seguinte, a immediata convocação da Constituinte, D. Pedro accede e José Bonifacio „conforma-se“.

Conforma-se não porque queira manter a todo transe a sua posição no governo. Conforma-se, porque vê a corrente da independencia avassalar tudo; porque das proprias provincias que recusavam antes enviar procuradores vêm, agora, pedidos de convocação; porque as ultimas deliberações das côrtes de Lisboa, analysadas vibrantemente pela imprensa, acabaram de accender contra ellas toda a opinião publica e unir todos os brasileiros, em torno do ideal da independencia; porque, emfim, o principe parece decidido.

Um plano do principe

Parece, dissemos; e, de facto, D. Pedro guardava, ainda para si, as suas idéas secretas, e, talvez, as suas ambições. A convocação da Constituinte, embora importando numa nova ruptura com Portugal, fizera-se salvaguardando sempre a

formula da união dos dous reinos. A propria fala do Conselho dos procuradores affirmando que „o Brasil tem direitos inauferiveis para estabelecer o seu governo e a sua independencia“, accrescenta: „O Brasil não quer attentar contra os direitos de Portugal, mas desadora que Portugal attente contra os seus: o Brasil quer ter o mesmo Rei, mas não quer senhores nos deputados do Congresso de Lisbôa: o Brasil quer a sua independencia, *mas firmada sobre a união bem entendida com Portugal*, quer, emfim, apresentar duas grandes familias, regidas pelas suas leis, presas pelos seus interesses, *obedientes ao mesmo chefe*.“ E o decreto da convocação, por sua vez, refere-se á união com todas as outras partes integrantes da familia portugueza“ que o Brasil „cordealmente deseja“.

Continúa, assim, o equivoco da união que se manteria até os ultimos dias. Na sua proclamação aos bahianos, já quando aberta a luta com Madeira, D. Pedro, a 17 de Junho, escreve: „Os honrados brasileiros preferem a morte á escravidão; vós não o sois menos; tambem o deveis fazer, para conosco entoardes vivas á *independencia moderada do Brasil*; ao nosso bom e amavel monarcha, el-rei o Sr. D. João VI, e á nossa assembléa geral constituinte e legislativa do reino do Brasil.“

E é de dois dias após, 19 de Junho, uma carta em que, por primeira vez, transparece um novo projecto. •Nessa carta mais que em nenhuma outra, D. Pedro presente a inevitabilidade da separação. „Portugal é hoje em dia um Estado de quarta ordem, e necessitado, por consequencia dependente; o Brasil é de primeira e independente; „atqui“ que a união sempre é procurada pelos necessitados e dependentes, „ergo“ a união dos dois hemispherios deve ser (para poder durar) de Portugal com o Brasil, e não deste com aquelle, que é necessitado e dependente. Uma vez que o Brasil todo está persuadido desta verdade eterna, a separação do Brasil é inevitavel, a

Portugal não buscar todos os meios de se conciliar com elle por todas as formas.“

Nunca o principe fôra tão peremptorio. Dir-se-ia que só agora adverte elle toda a gravidade e todo o alcance da situação. E como si esta idéa lhe suggerisse outra, como recurso salvador, immediatamente accrescenta: „Peço a V. M. deixe vir o Mano Miguel para cá, seja como fôr, porque elle é aqui muito estimado, e os brasileiros o querem ao pé de mim para me ajudar a servir ao Brasil, e a seu tempo casar com a minha linda filha Maria. Espero que V. M., como Pae, deve por obrigação christã contribuir com todas as suas forças para a felicidade de seus filhos. V. M. conhece a razão, ha de conce-

der-lhe a licença que eu e o Brasil tão encarecidamente pedimos pelo que ha de mais sagrado."

Essa approximação de idéas, na apparencia tão pouco ligadas entre si, parece dar toda razão á supposição que Oliveira Lima formula, em sua ultima obra já citada: „A idéa occulta de D. Pedro era não perder, afinal, a autoridade sobre nenhuma das secções da monarchia. Nesse momento, convinha sacrificar Portugal ao Brasil para não passar a secção mais importante a outras mãos ou a outro regimen, com o que nem lucraria sua felicidade, pois que, na phrase desabusada de José Bonifacio no manifesto „mudados os despotas, continúa o despotismo“. O tempo viria de recobrar Portugal, subordinando embora a antiga metropole á sua ex-colônia independente. Mesmo que isso não pudesse vir a dar-se pela legitima repulsão portugueza de occupar o segundo plano, mediante o casamento do tio com a sobrinha — Dom Miguel era o unico infante da Casa de Bragança — tudo se arranjava satisfactoriamente; a prole de Dom Pedro reinaria nos dous hemispherios como de facto veiu a succeder, a despeito do consorcio frustrado, até que em ambos os paizes se implantasse a republica."

O principe apercebia-se demasiado tarde de que se deixára arrastar para muito longe: a principio, como vimos, quando seu desejo era voltar a Portugal, traira-o seu temperamento arrebatado, levando-o ao Fico; depois, o seu amor proprio lisongead, os seus briões exaltados levaram-no a tomar decididamente o partido do paiz que o fizera seu Defensor Perpetuo. Agora, ao mesmo tempo que a separação se lhe afigurava imminente, via que já não podia recuar. Surgiu, então, o calculo que o plano de casamento da princeza Maria com o infante D. Miguel traduz.

Nada mais, porém, impediria a separação. Os homens de Portugal não só não conseguiram retardal-a, como até se incumbiram de a apressar, unindo o Brasil contra os seus despropósitos.

Os ultimos desvários das Côrtes

E' tempo de retrocedermos a lançar um rapido olhar sobre a obra das Côrtes portuguezas.

A deputação brasileira desperta, agora, e vê mais claro diante de si. Ao mesmo tempo cresce, em numero e valor, com a incorporação dos paulistas. Quando Antonio Carlos estréa, tratando do direito de suspender os magistrados, o final de sua oração causa sensação profunda:

„Os povos do Brasil — affirma elle — são tão portuguezes como os povos de Portugal e por isso hão de ter eguaes direitos.

Emquanto a força dura, dura a obrigação de obedecer. A força de Portugal ha de durar muito pouco e cada dia ha de ser menor, uma vez que se não adoptem medidas proficuas e os brasileiros não tenham eguaes commodidades."

"Pela primeira vez — observa Gomes de Carvalho — surgia, resoluta e não sem arrogancia, a ameaça de desunião, em breve tempo, caso os portuguezes da Europa negassem aos do Brasil vantagens de que viessem a fruir". Mas si isso alentou os deputados brasileiros e lhes deu, dahi por diante, vigoroso estímulo, não conseguiu, entretanto, arredar as Côrtes da sua cegueira.

Em Março, surgiu o projecto que mandava considerar como cabotagem o trafico entre os portos de Portugal e Brasil, e determinava, em consequencia, que só em navios portuguezes se transportassem mercadorias de uma para outra secção da monarchia. Em apparencia, mas só em apparencia, o projecto não excluia a concurrencia de mercadorias estrangeiras. Na realidade, porém, elle restabelecia em favor de Portugal o antigo monopolio do commercio e da navegação. Nem havia nesse plano compensação alguma para o Brasil. Ao passo que nós, forçadamente, absorviamos grande parte da producção portugueza, Portugal não podia dar sahida sinão a escassissima parte da nossa exportação. „O que tornava, tambem, o contracto notavelmente desigual — assevera autor muitas vezes citado aqui — é que proporcionava á antiga metropole meio de collocar approximadamente a metade de sua exportação de vinhos, enquanto ao Brasil não garantia a venda senão de oito por cento de seu assucar. Das duzentas mil caixas produzidas pelo reino transatlantico, a secção euro-péa da monarchia absorvia, em média, sómente dezeseis mil."

Conhecido no Brasil o projecto, em Maio, apesar da opinião favoravel que de começo o acolheu, não tardou a revelar-se em toda sua odiosidade. Havia nelle uma das ameaças mais sérias que se podiam levantar contra o Brasil, não só pondo em perigo todo o seu futuro economico, mas fazendo-lhe perder todo o terreno ganho desde 1808. E' explicavel, pois, o effeito produzido e o conhecimento desse plano das côrtes não deve ter influido pouco nos successos que depois se deram no Brasil e que nesse mesmo mez de Maio e nos primeiros dias de Junho se traduziram na entrega ao principe do titulo de Defensor Perpetuo do Brasil e na convocação da Constituinte.

A opposição dos brasileiros nas côrtes desnorteia os portuguezes. „Os brasileiros —proclama Antonio Carlos — têm os precisos conhecimentos dos seus verdadeiros interesses, estão muito adiantados em civilisação e cultura para serem

tratados como selvagens. Elles vêem e todo o mundo vê, a tendencia occulta desta medida. Portugal viria a ser o deposito unico das produções do Brasil, a elle só concorreriam os estrangeiros a fornecer-se destes productos e no mercado brasileiro, desde então, deserto de qualquer outra competencia, dictariam leis os negociantes portuguezes e os seus agentes, e deste modo restabelecer-se-ia indirectamente o odioso exclusivo colonial."

Descoberto o plano, frustrava-se o projecto. Este voltou á commissão e lá dormiu até Setembro. Mas não tardaria a surgir nova razão de dissidio. A 17 de Junho, apresentou o resultado de seus estudos a commissão de deputados brasileiros, incumbida de propor „as addições e alterações que julgasse necessarias para que a constituição portugueza pudesse fazer a felicidade de ambos os hemispherios."

Esses delegados do Brasil — Antonio Carlos, Araujo Lima, Lino Coutinho, Villela Barbosa e Fernandes Pinheiro — começaram por advertir que não podia convir a reinos de clima, condições naturaes, producção, organização de trabalho tão diversos e tão distantes um do outro, um regimen centralizador. Como corollario da premissa, que tinha a seu favor a propria evidencia das verdades nelle contidas, propunham para Portugal e Brasil legislaturas separadas, havendo, porém, Côrtes geraes communs aos dous reinos, que nellas teriam igual numero de representantes. Todas as demais medidas, dessa, que era capital, decorriam e por ella se orientavam. Assim, haveria no Brasil uma delegação do Executivo, que seria exercida pelo successor da corôa.

A proposta, porém, enfureceu litteralmente os regeneradores portuguezes. „Não é possivel que o sangue deixe de ferver nas veias lusitanãs — exclamou o primeiro delles que subiu á tribuna — perante um projecto que não ouse qualificar em attenção aos seus autores." Um debate que desse modo se iniciava não poderia produzir outros fructos, sinão o de aprofundar, irremediavelmente, o dissidio entre as duas forças em presença.

Em Junho, foi lido o parecer que mandava responsabilizar a Junta de S. Paulo, o bispo diocesano e os ministros de D. Pedro, culpados de se haverem insurgido contra as leis de Setembro de 1821. D. Pedro era acremente censurado, mas o parecer reconhecia que o principe fôra seduzido por um grupo de facciosos e os seus erros podiam explicar-se pela razão da pouca idade. Passava-se, pois, sobre elles, esperando que a idade o corrigisse de taes arrebatamentos. Mandava-se, porém, que fossem processados os membros da Junta de São Paulo, o bispo diocesano, as deputações que São Paulo e Minas

havam enviado ao príncipe; que fossem responsabilizados os ministros que haviam convocado os procuradores geraes, declarando-se nullo o respectivo decreto; determinava-se, ainda, que o príncipe continuasse a reger as provincias do sul que lhe eram devotadas até que se promulgasse a Constituição ou se instituísse, por outra fórma, o systema administrativo do Brasil; por fim, reiterava-se a ordem para immediata eleição de Juntas governativas em todas as provincias onde não houvesse sido cumprido o anterior decreto nesse sentido. Desnecessario é accrescentar que o parecer, com exclusão do artigo referente ao bispo de São Paulo, foi approvedo, com o addendo de que D. Pedro receberia „para seus ministros e secretarios de Estado os cidadãos que El-Rei nomeasse“... Tanto valia dar curador a D. Pedro, emquanto fosse necessario toleral-o na regencia do Brasil.

Assim, com a ferrenha intransigencia dos portuguezes, dia a dia os debates se faziam mais asperos. Afinal, emquanto os portuguezes ultimavam os novos artigos da Constituição que havia de reduzir o Brasil ao estado de colonia, os brasileiros, a começar pelos bahianos, falando pela voz de Lino Coutinho, requeriam a sua exclusão das Côrtes ou, ao menos, que se os dispensassem de jurar uma Constituição que não podiam acceitar.

Mas as Côrtes entravam em periodo de verdadeiro desvario, contra o Brasil. Já além-mar se fizera a independencia e ainda nas sessões de 16 e 17 de Setembro, se propunha negar aos deputados brasileiros o direito de não jurar a Constituição.

Antes, porém, de decidir a respeito, havia ainda que cuidar de castigar o príncipe rebelde, pela sua convocação das Côrtes do Brasil. Nem a moderação de um discurso de Andrada — ignorante, como todos em Portugal, do que já occorrera no Brasil a 7 de Setembro — consegue refrear os portuguezes. Declarar-se-ia o príncipe em estado de rebellião; criminosas seriam as autoridades que lhe prestassem obediencia; e, intimado a regressar á Europa, dentro de quatro mezes, o príncipe perderia o direito á Corôa si o não fizesse. Acalorou-se, como nunca, a discussão. Os brasileiros empenhavam-se devotados na defesa do príncipe. Os portuguezes fulminavam-no com violencia crescente, escogitando cada qual mais severas medidas.

E não sabiam que, emquanto essa discussão ociosa proseguia, já D. Pedro trocára, ás margens do Ypiranga, o titulo do príncipe herdeiro da corôa de Portugal pela de Imperador do Brasil.

Os ultimos acontecimentos

Convocada a Constituinte brasileira, já a scissão entre os dous reinos máo grado os protestos permanentes de união na pessoa de D. João VI, estava claramente declarada.

Era preciso officialisal-a e preparar o reconhecimento, no estrangeiro, do novo estado de cousas que se creára. E surgem, então, o decreto de 1.º e o manifesto de 6 de Agosto — o primeiro redigido por Ledo, o segundo por José Bonifacio.

Naquelle, que vale por uma declaração de hostilidades, tomam-se cautelas contra possiveis ataques de Lisboa, declarando-se „inimigas todas e quaesquer tropas, que de Portugal ou de outra qualquer parte forem mandadas ao Brasil, sem previo consentimento“ do principe. E justificava a attitude de D. Pedro: as côrtes, sem serem ouvidos todos os deputados do Brasil, „ousaram despojal-o da dignidade e poder de regente deste vasto Imperio que el-rei seu augusto pae lhe tinha outorgado.“ Outrosim, „tendo aceitado — dizia a introdução do decreto — o titulo e encargos de Defensor Perpetuo deste reino, que os mesmos povos tão generosa e lealmente lhe haviam conferido“, cumpria-lhe „em desempenho dos seus sagrados deveres e em reconhecimento de tanto amor e fidelidade tomar todas as medidas indispensaveis á salvação desta maxima parte da monarchia portugueza, que nelle se confiára e cujos direitos jurára conservar illesos de qualquer ataque.“

No manifesto de 6 de Agosto, communica-se ás potencias a ruptura de hostilidades: e ellas existiam, de facto, na Bahia. O documento é de extraordinaria elevação, apezar da palavrosidade, por vezes excessiva. Toda culpa ahi se imputa ás côrtes; nada se articula contra o rei e ainda surge a ficção, — que já agora outra cousa não era — da Nação Portugueza, comprehendendo Portugal e Brasil: „Eu seria ingrato aos brasileiros — diz D. Pedro pela penna de José Bonifacio — seria perjuro ás minhas promessas, e indigno do nome de Principe Real do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, se obrasse de outro modo. Mas protesto ao mesmo tempo, perante a Deus, e á face de todas as Nações amigas e alliadas que não desejo cortar os laços da união e fraternidade que devem fazer de toda a Nação portugueza um só todo politico bem organizado. Protesto, igualmente, que salva a devida e justa reunião de todas as partes da monarchia debaixo de um só Rei, como chefe supremo do Poder Executivo de toda a Nação, hei de defender os legitimos direitos e a Constituição futura do Brasil, que espero seja boa e prudente, com todas as minhas forças e á custa do meu proprio sangue, se assim fôr necessario.“

Mesmo na circular de 14 de Agosto, com que se communica o manifesto ao corpo diplomatico estrangeiro, embora se fale em independencia, mais uma vez se renova a affirmação de que as duas partes agora separadas da monarchia, continuarão „debaixo de um só chefe supremo“: „Tendo o Brasil que se considera tão livre como o reino de Portugal — diz a circular — sacudido o jugo da sujeição e inferioridade com que o reino irmão o pretendia escravisar, e passando a proclamar solemnemente a sua independencia e a exigir uma assembléa legislativa dentro do seu proprio territorio, com as mesmas attribuições que a de Lisboa, salva, porém, a devida e decorosa união, com todas as partes da grande familia portugueza e debaixo de um só chefe supremo, o Senhor D. João VI, ora opprimido em Lisboa, por uma facção desorganizada e em estado de captiveiro, o que só bastava para que o Brasil não reconhecesse mais o Congresso de Lisboa, nem as ordens de seu Executivo, por serem forçados e nullos por direitos...“

Era passado, porém, o tempo de enganar os homens, como escrevera pouco antes Ledo, repetindo uma phrase famosa.

Dahi a alguns dias, iam alcançar D. Pedro, em São Paulo, as cartas enviadas por José Bonifacio e pela princeza regente, as cartas em que se lhe communicavam as resoluções comminatorias das côrtes de Lisboa, tomadas em Julho.

A humilhação que se queria impor a D. Pedro era demasiado cruel para o seu orgulho; todo o seu temperamento impetuoso rebellou-se. E a ficção da união dos dous paizes, que ha muito deixára de existir na realidade, desfez-se, afinal, de todo, na collina do Ypiranga ao brado de „Independencia ou Morte“, em que aquella palavra entrava agora na sua mais ampla e illimitada accepção.

Estava creado o Imperio do Brasil. Portugal, olhando para o passado, tentára restabelecer o velho systema definitivamente morto, restaurando, avarentamente, para seu proveito exclusivo, o monopolio colonial. Os brasileiros, rasgando caminho para o futuro, creavam uma Patria livre, não só para si, mas aberta a todos os homens de boa vontade, vindos donde viessem, que quizessem trabalhar para a sua grandeza. Patria onde todas as raças viriam fundir-se irmanadas nos mesmos ideaes, nas mesmas aspirações de liberdade e de fraternidade, Patria que teria na seiva da sua juventude, não inquinada de preconceitos, nem abastardada por paixões seculares, a força para praticar a doutrina da fraternidade universal, pregando a justiça nos grandes concilios do Mundo, praticando, na America, o Direito e fazendo-se, nella, garantia da Paz.

A Imprensa e a Independencia do Brasil

CONFERENCIA

do

sr. Roque Callage

30-4-22

Sr. presidente, Illustres consocios, ex.^{mas} senhoras, meus senhores:

O barão do Rio Branco no seu longo e paciente trabalho de escavações historicas da nacionalidade, a que deu o titulo de „Ephemerides Brasileiras“, escreveu estas linhas singelas sobre a data que precisamente hoje se nos avulta na exacta distancia de um seculo:

„1822 — Um artigo publicado por Gonçalves Ledo no „Reverbero Constitucional“ produziu no Rio de Janeiro o mais vivo enthusiamo. Os dous redactores, Ledo e Januario Barbosa, receberam cumprimentos de muitos cidadãos e foram victoriados nas ruas.

Rompendo com todas as convenções, que até então guardavam os patriotas brasileiros, animou-se Ledo a suggerir ao principe regente a necessidade de proclamar desde logo a independencia do Brasil.“

Simple episodio esse, senhores, communissimo, por certo, na vida dos povos. Entretanto, que poder, que força, que reve-

lação extraordinaria elle enfeixa em si, nesta hora de pesquisas, neste momento em que os estudiosos e patriotas começam a investigar o passado, devassando o segredo dos archivos para nos revelar no dia de hoje em accelerada carreira para o dia de amanhã, tudo o que decorreu de verdadeiro e de util no dia de hontem! E' a historia que lucubra em busca da verdade soberana; é a propria vida que se reata á luz dos factos, das occurrencias e reminiscencias de outra época menos fugidia do que esta que corre, dura e sceptica, mal alentada de estímulos.

Pela primeira vez, um artigo de jornal agita e engrossa a onda da opinião publica. Era o inicio de uma nova era; era o despertar da imprensa que apenas contava quatorze annos de vida no seio da colonia, mas, viril e forte, comprehende desde logo o seu verdadeiro papel nos destinos da nacionalidade que ia surgir.

O momento se caracterisava por exaltações e iniciações; todo elle era indeciso e sombrio; ameaças e duvidas impregnavam a atmospherá carregada; mas era ao tempo em que o ideal pairava mais alto, em que o sacerdocio tinha um culto de amor mais amplo. O jornalista era um agente, um enviado, um intermediario entre os seus leitores e a idéa que lhe ascendia ao espirito como expressão da vontade collectiva. Arremettia com denodo, avançava com a audacia do héroe, com a dedicação sem limite do apostolo, esquecendo a força armada ao lado ou o barão que lhe ameaçava estrangular a gorja. Nada para si; tudo para o publico, para o bem commum.

A crise interna que tomava vulto, precisava do echo, de grandes e intensas vibrações. A marcha dos acontecimentos e o desenfreio das contendas não podiam desvirtuar a elevada nobreza dos seus intuitos, isto é, dos intuitos nobres e elevados da imprensa. A alma popular que começava a clamar precisava de quem interpretasse fielmente o seu sentir. E foi pela penna do incipiente jornalismo de então, que se iniciaram os grandes debates da Independencia, em que as aspirações nacionaes se manifestaram francamente em desejos e ancias. O jornalismo nascia já integrado no seu verdadeiro papel: organ de doutrina e porta-voz de opiniões.

„Tudo o que merece durar, na constituição de um povo — escreveu Ruy Barbosa — recompõe-se e tonifica-se pela publicidade, que encerra em si o principio regulador das funcções da vida no organismo dos Estados. Por ella se distribue ao corpo social a nutrição reparadora, se eliminam os residuos toxicos, elaborados no processo da renovação vital. Toda a restricção á publicidade importa, logo, em embaraço de circulação.

„Della depende inteiramente a hygiene dos povos e o saneamento dos governos. E', pois, a garantia conservadora por excellencia, comtanto que seja plena e ampla. Perigos são os que esconde a meia publicidade, timorata e intermitente, de semi-revelações e semi-reservas, de arremettidas, que enfraquece os seus instrumentos, desacreditando-os, e expõe a nação a surpresas, dissimulando crises que um systema de prudencia imprudentissima engravece ou acceléra.

„A essa claridade de lampada furta-fogo, cujos raios discretos evitam as responsabilidades mais altas: a essa publicidade reticente, indecisa, crepuscular convem affoitamente oppor a grande publicidade meridiana, que desce com o sol a pino, desde as agulhas dos serros até o fundo dos algares, e equivale para as nações livres, á resplandescencia do dia tropical para as creações vigorosas da natureza.“

Assim escreveu, admiravelmente, o mestre.

A outra, a que aqui hoje commemoramos, nasceu com o mesmo calor, de identicas convicções, como orgam legitimo do pensamento nobre.

Rompendo contra todos os temores, contra ameaças e temores, contra o aspecto sombrio e grave daquelle momento angustioso, cheio de duvidas, de apprehensões e incertezas; rompendo o silencio das grandes crises quando, prêtes a explodir, o jornalista e tribuno Joaquim Gonçalves Ledo, coadjuvado por José Clemente Pereira, pelo conego Januario da Cunha Barbosa e pelo frade Francisco de Paula Theresa de Jesus, iniciou então na imprensa formidavel campanha contra a oppressão das Côrtes Portuguezas que por todos os meios tolhiam os surtos da nossa emancipação politica que se cimentou definitivamente no gesto de rebeldia do Principe Regente, por occasião do grito do Ypiranga.

O „Reverbero Constitucional“, dirigido por Ledo, era então, no dizer de Luiz Francisco da Veiga, na sua historia sobre o „Primeiro Reinado“, „o orgam legitimo e illustre do querer, do pensar e do sentir de todos os brasileiros.“

Essa folha e mais os jornaes „Malagueta“ e „Despertador Brasiliense“ abraçaram com ardor a grande causa, defendendo levantados ideaes politicos destinados a tornar o Brasil, pouco depois, em livre nação constitucional no concerto dos povos americanos.

Conjurada a Independencia Mineira com o tragico exemplo de martyrio de Tiradentes; fracassada a Revolução Pernambucana de 1817, a causa da Independencia nacional que se esboçara no horizonte, mal D. João VI desembarca em nossas

plagas, corrido de Portugal, apavorado pelas tropas de Junot, crescia de enthusiasmo pelos annos de 1821 e 22.

Havia fé absoluta na victoria. Precisava que assim o fosse. Não erão vontades insuladas, escondidas atraz de pequenos ou grandes interesses em jogo; eram aspirações liberaes, todo o mundo moral e todo o mundo politico clamando por um melhor estado de cousas, que amparasse, definitivamente o destino e a vitalidade da nação que se formava. O Brasil attingira a sua maioridade. „A proclamação da nossa independencia no dia 7 de Setembro de 1822 só podia ter surprehendido — diz um historiador da época — a quem estivesse em completa ignorancia da situação do paiz... Então se fallava abertamente nas condições em que o Brasil se achava de poder viver independentemente e respeitado das demais nações e de poder prosperar e engrandecer-se sem protecção extranha, mas unicamente com os recursos de que dispunha. Em todas as camadas sociaes percebia-se o crepitar do fermento emancipador que tinha contaminado o paiz inteiro.“

Estendia-se por toda parte a propaganda iniciada pela maçonaria e pela imprensa, por esta ultima principalmente, embora de ordinario tolhida e reprimida a ponto de varios jornalistas serem expatriados para o Prata e para a França por ordem do então ministro José Bonifacio (que ainda não havia adherido ao movimento), conforme affirma Euclydes da Cunha em seu admiravel estudo „Da Independencia á Republica“.

Resumidas as occorrencias da época, com poucas palavras, com poucas tintas, com poucas côres, o scenario era este: — Depois do memoravel 9 de Janeiro em que D. Pedro, respondendo á „Falla“ de José Clemente, pronunciada em nome da Camara e do Povo, resolveu ficar no Brasil, contrariando desse modo as Côrtes de Lisboa — depois desse gesto resolutivo do Principe Regente, fazia-se mistér a independencia definitiva. A luta crescia de enthusiasmo. Augmentava a onda revolucionaria. Inflammava-se toda a alma da nacionalidade nascente. A maçonaria, os jornaes, os clubs politicos activavam a sua propaganda, já então não mais ás portas fechadas, mas francamente, á luz do sol, em toda parte. Nos quarteis, generaes do valor e do enthusiasmo de Nobrega, arrebanhavam proselytos chamando para a grande causa os esquivos e os timidos. A cada passo, a voz retumbante dos oradores e entre estes Gonçalves Ledo, „que constituiu o centro de todo o movimento revolucionario a favor da causa brasileira“, fazia calar na consciencia do povo a necessidade da nossa emancipação immediata. Os artigos na imprensa se

succediam cheios de logica e de sinceridade, mas ainda não diziam tudo. Faltava qualquer cousa que precisasse os nossos direitos que fizesse sentir a nossa situação, que definisse o nosso lema, que desfraldasse a nossa bandeira e apontasse, emfim, o caminho a seguir d'ahi por deante, tantos, tão grandes e tão violentas eram as imposições e exigencias que nos vinham a cada passo da Metropole Portuguesa.

Em 30 de Abril de 1822 traçou, então, Gonçalves Ledo, o artigo que o Brasil de 1922, hoje commemora. A imprensa tornava-se assim o echo das grandes aspirações populares, reclamando os seus direitos, pedindo a proclamação immediata da Independencia.

Em face dos acontecimentos, em face do quanto se sentiam feridos a honra e a dignidade do povo, em face de todas as occorrencias entre a Côrte e a Colonia, já não era mais possível perdurar a situação oppressora da nossa vida. Fez comprehender isso, Ledo, na eloquencia e no poder convincente do seu artigo. A logica do tribuno condensara-se toda na pena do jornalista. Era o mesmo brado, o mesmo grito de revolta, o mesmo amor ás instituições liberaes, ao porvir e á grandeza da Patria que elle houve por bem confirmar pouco depois, em 20 de Maio, neste final do seu discurso pronunciado deante do Principe, em nome do povo do Rio:

„A independencia, Senhor, no sentir dos mais abalizados politicos, é innata nas colonias, como a separação das familias o é na humanidade; e a independencia assim modificada é de honra ao Brasil, é de utilidade a Portugal, e é de terno vinculo para a monarchia em geral. A natureza não formou satellites maiores que os seus planetas. A America deve pertencer á America, a Europa á Europa; porque não debalde o Grande Architecto do Universo metteu entre ellas o espaço immenso que as separa. O momento para estabelecer-se um perduravel systema, e ligar todas as partes do nosso grande todo, é este. Desprezal-o é insultar a Divindade, em cujos decretos elle foi marcado, e por cuja lei elle appareceu na cadeia do presente. O Brasil no meio de nações independentes e que lhe fallam com o exemplo da felicidade, exemplo irresistivel porque tem por si o brado da natureza, não póde conservar-se colonialmente sujeito á uma nação remota e pequena, sem forças para defendel-o, e ainda menos para conquistal-o. As nações do Universo têm sobre nós, e sobre ti, os olhos; ou cumpre apparecer entre ellas como rebeldes, ou como homens livres e dignos de o ser.

„Tu já conheces os bens e os males que te esperam e á tua posteridade... Queres? ou não queres? Resolve, Senhor!“

E D. Pedro resolveu. Diante dos manifestos e das representações de varias provincias, e contando já com o apoio decisivo do grande José Bonifacio de Andrada e Silva que em bôa hora adherira ao movimento, á causa sagrada que ia elevar o Brasil no concerto dos povos livres do mundo; diante da effervescencia dos factos e dos males que delles podiam decorrer, o principe não mais hesitou — e por decreto de 1.º de Agosto do anno referido affirmou a nossa independencia politica, prohibindo, ao mesmo tempo, o desembarque de tropas portuguezas no territorio brasileiro.

Estava feita a grande obra, a extraordinaria obra emancipadora, obra magnifica de sacrificio, de dedicacão e de fé que em 7 de Setembro teve o seu epilogo em São Paulo, ás margens do Ypiranga com aquella divisa que é um symbolo, com aquella phrase que é um bronze a perdurar no tempo, desafiando a eternidade.

Era o Brasil que se rendia ao proprio Brasil, o Brasil-colonial que se subjugava ao Brasil-nação, um Brasil novo que surgia dos guantes da conquista entregando, para todo o sempre, ao patriotismo dos seus homens e ao amor dos seus filhos, a gloria do seu porvir.

Do que ficou dito nesta singela homenagem ao facto culminante de 30 de Abril de ha cem annos, se infere que ao lado de outros auxilios de muita monta e de real valia, a maçonaria e a imprensa tiveram a mais tenaz e constante collaboração nos novos destinos politicos do Brasil.

Ampara-me a affirmativa de um contemporaneo dos factos, citado pelo eminente professor Assis Cintra em uma das suas ultimas obras sobre o episodio maximo da nossa nacionalidade: é elle o conselheiro João Manoel Pereira da Silva, e que na sua „Historia da Fundação do Imperio“ escreveu:

„Absorvendo a influencia do Grande Oriente Maçonico, antes mesmo que José Bonifacio tivesse chegado a S. Paulo, em Janeiro de 1822 e tomado conta do poder que lhe confiára D. Pedro, empregava-a Ledo contra os ministros e levantava no paiz uma agitação crescente, alimentada ainda mais pelo seu periodico „Reverbero“ e por outros que creára e espalhara pelas diversas classes do povo.

Do grande Oriente Maçonico haviam partido as primeiras vozes e incitações para a Independencia; delle se tinham expedido emissarios para todos os pontos e provincias do Brasil, encarregados de promover e expertar os animos dos „povos contra o jugo portuguez.“

Heroismo sem igual, o dos abnegados e obstinados! Do conjunto de vozes que não calavam formou-se um còro de supplicas que não cessavam. Já não eram só os grandes vultos desse scenario agitado, os pró-homens desse periodo sem igual na nossa historia, que se batiam pelo alevantado ideal da independencia: eram todos, desde as massas anonymas que desaparecem ignoradas de si mesmas, até os mais altos representantes das mais elevadas camadas sociaes. Tudo agia, tudo conspirava. O que havia sido vago murmurio ao principio, era impetuosa corrente depois, arrastando no fragor acachoeante da caudal a alma brasileira toda. Os mais reservados e os mais entusiastas, se encontravam numa mesma trilha, batalhando por uma mesma idéa, pugnando pelos mesmos principios e tendo por unica mira a grandeza e o futuro do Brasil.

Senhores.

Coube de facto, á imprensa, papel saliente nessa grande causa. Admiravel foi a sua acção, nos acontecimentos, no precipitar dos factos que delinearão os destinos da nossa Patria. Que era ella senão um jornalismo incipiente, tambem a caminho da sua emancipação, em busca da sua independencia? Mas ao clamor de sua voz animava-se a energia civica do povo, a alma alvoroçada das multidões; abalavam-se consciencias, ruíam temores e preconceitos. Mal conhecendo a plenitude do seu alcance já era, entretanto, uma força, mas uma força entregue á defesa do bem publico, uma força que se movimentava por elevados sentimentos. Orgão de propaganda, expressão de vontade e de soberania, mensageira da Era Nova que ia inaugurar o direito, a liberdade e a justiça dentro das fronteiras do territorio brasileiro, devemos a ella, devemos á imprensa da epocha, devemos á juventude dos seus dias de combate, a parte mais bella da grande campanha politica: — fulgores de intelligencia, de patriotismo, de pensamentos amadurecidos, crenças e idéas, rasgando novos horizontes no nosso mundo politico, alumando por entre as ruínas da Colonia anniquilada, a Nação livre que surgia victoriosa de todas as lutas cheia de vigor e de mocidade, sciente e consciente dos seus direitos como paiz e dos seus deveres como povo.

Foi com essa imprensa que se accelerou a propaganda; foi com ella amparado na sinceridade inabalavel das suas convicções, na firmeza das suas idéas, que Gonçalves Ledo, o jornalista e tribuno, alcançou a victoria memoravel de 30 de Abril.

Esse facto é uma ephemeride nacional, uma recordação do tempo ido, uma lembrança do que se foi; é o Brasil de outr'ora que fala ao Brasil de hoje.

Pois bem: que o espirito do passado não nos desampare nesta hora solemníssima e agitada da nossa vida. A ella rogamos como se rôga ao prestigio de uma divindade, toda a força possível da dedicação e do exemplo, e que retempere sempre a nossa energia e revigore, cada vez mais, os nossos sentimentos de humanidade, a nossa esperança, a nossa fé, o nosso amor e o nosso civismo sob a belleza incompativel de um rythmo novo e immortal capaz de nortear a nossa existencia par ao culto patriotico da terra e dos homens que a engrandecem.

O 23 de Maio

A CONFERENCIA

de

Monsenhor Mariano da Rocha

23-5-22

„Ha um seculo, precisamente, a 23 de Maio de 1822, as ultimas commoções populares, que vinham desenrolando, pouco a pouco, o estandarte novo de uma nacionalidade, prorompiam, ovantes, ante o Senado da Camara, no Rio de Janeiro.

E' que o Procurador da Camara em vereação extraordinaria, os Vereadores, os „Homens Bons“ que haviam servido ao Senado da Camara, tomando conhecimento de uma representação popular, não mais se podiam conter. Deixavam a sala de seus trabalhos communs e vinham á rua, sob a presidencia do Juiz de Fóra José Clemente Pereira. O velho almotacel Manoel José Ribeiro de Oliveira desfraldava á aragem branda e aquecida pelo sol o estandarte daquella corporação.

Primeiros cavalleiros de uma nova crusada, rostos transfigurados, ardentes de amor patriotico, viram-se, desde logo, rodeados do povo exaltado. A multidão, em que se podia distinguir a deputação da longinqua Provincia do Rio Grande do Sul, sob a chefia do ardego Francisco Xavier Ferreira, moveu-se em direcção ao Paço do Principe Regente, onde „com calculada frieza“ a esperava aquelle que viria a ser no futuro, o imperador aclamado, o principe D. Pedro.

Tomou a mão, José Clemente Pereira para pronunciar a fala do Senado.

Houve um silencio. O Juiz de Fóra pausadamente leu, no estylo energico e vibrante, a longa mensagem que fôra redigida por Gonçalves Ledo.

Teria José Clemente Pereira meditado toda a extensão de seu acto? Ou era movido por essa força mysteriosa que é a alma das nacionalidades?

Pedia ao Principe a convocação no Rio de Janeiro, de uma „Assembléa Geral das Provincias do Brasil“, falava em nome do povo, reclamava os direitos de tres para quatro milhões de brasileiros, postergados pela má orientação da politica portugueza.

Eu quero mostrar que o Brasil em 1822, já era um povo com um destino assignalado, já tinha marcado o seu lugar entre as nações, e que por conseguinte José Clemente Pereira podia apresentar o pedido da Convocação de uma Assembléa Constituinte da nova nacionalidade.

* * *

Os grandes fastos da historia de um povo, as suas datas memoraveis, as suas conquistas bellicas ou pacificas, prendem-se intimamente, ligam-se, concatenam-se e buscam, bastas vezes, as suas origens nos minimos incidentes, na vida quotidiana, no eterno vae e vem de dores e de alegrias, de tristezas e de encanto, de tribulações e de glorias das passadas gerações.

Recordar um grande feito patrio é lembrar o caminho andado até a crystalisação pura da historia. A Independencia do Brasil não irrompeu, apenas em 1822; ella já estava premeditada desde o momento em que os velhos marujos lusitanos deitaram á praia a primeira semente de um novo povo, em que fincaram na areia, um symbolo sagrado, que era a cruz, mas tambem uma resurreição.

Aquella semente abriu ao suave rócio, deitou as primeiras folhas, desdobrou os galhos, estendeu os seus ramos ao sol dourado dos tropicos, vendo os sertões abertos pelo passo seguro, firme e persistente dos primeiros brancos, que por elles se embrenhavam pelos motivos mais diversos na sagrada fome do ouro, da cata ás pedrarias, da escravidão do indigena, da implantação do marco do dominio e recebea o orvalho das doces noites, sob as copas dos buritys perdidos que serviam de primeira mansão áquelles formadores da nacionalidade.

Os brancos, conquistadores do territorio, ao principio, percorreram, na tosca expressão primitiva, como caranguejos o vasto lençol das alvadias areias da costa; mas foram, pouco

a pouco, extendendo as suas entradas, firmando a sua posse pelas mais dilatadas regiões, e, de tal forma que se achavam senhores de um immenso teritorio variado nos seus climas, accidentado na sua configuração physica, mas que nem os valles profundos, os rios caudalosos, as montanhas escarpadas, as invias mattas bravias, lhes tolhiam o caminhar eterno sob o sol abrasador, o vento frio do sul, a secca sedenta do nordeste. Impavidos e animosos seguiam os brancos portuguezes „dilatando a fé e o imperio“, demarcando o grande, „possante triangulo mais ou menos regular“ que viria a ser os limites demarcados para a morada pacifica de um grande povo. Mas não iam isolados, nas suas intrepidas caravanas, em que se distinguia tudo o que havia de bom, e, não poucas vezes de mau, trazido da terra mãe, achavam-se os escravos africanos, com a sua mão forte, a arrotear a terra para as sementeiras, e cavar a montanha á busca do diamante, já nos extensos cannaviaes, nas meladas moendas, já esbranquiçados nas roças de algodão, quando não nas filas da infantaria primitiva, marchando, como soldados, luctando como guerrilheiros, ensopando com o proprio sangue a terra ainda morna dos seus suores, embalsamando-a com as mesmas lagrimas quentes como a dos seus amos e dos seus patrões. E que era a vida no interior da casa, de telha vã, de chão soccado, de paredes de pau a pique, de taipa batida, de tijolo mal cosido? Ahi nos encantos sadios, a boa mãe, sentada á lareira, ensinava a doutrina aos filhos numerosos, annotados como litánias sacras, nos livros de honra, repetia os feitos dos avós, lembrava, saudosa, os tempos da infancia, contava nos longos serões os contos de fadas encantadas, presidia os mais misteres da familia.

As donzellas, de faces claras ou morenas, de longas sedosas tranças cahidas, brincavam nos aposentos, tiravam garfulas, sortes ás noites de S. João, S. Antonio e Sant'Anna, guardavam nos seus olhos negros os mysterios que lhes traziam as creoulas alcoviteiras. As negras, mesmo as mais boçaes, vindas do captiveiro africano, parolando resas com resaios das devoções fetiches, do Preste João, tão bem condimentavam com os seus agrestes e picantes temperos a comida forte e quente transformada em opipara iguaria, como aconchegavam, carinhosas, ao peito, a creança — o nhônho, a sinhá — que gulosa, mamava no leite adusto o retempero de seu caracter, amoldando-o amoravelmente. O Portuguez era agricultor, amanhando a terra, plantando os fructos variegados do seu paiz, semeando as searas do bom grão; e era vaqueiro, pastoreando os rebanhos que a pouco e pouco se foram espalhando pelas campinas, transformadas em armentos ariscos

e bestas ferozes, e armando os seus donos, n'uma nova vida errante de aventureiros, perdidos nas campinas sem termo do sul, ou, crestados ao sol, no abrigo pouco amparador das catingas do nordeste. Os índios, aborígenes espalhados nas matas, por vezes soffreram o duro captivo, mas, ás predicas constantes do Evangelho, viram a sua vida dura abrandada nesse meio pullante de um amalgame constitutivo da futura nacionalidade. E, este ferver de gentes na grande terra, do norte, á sul, na intemperie dos frios meridionaes, no calor abrasador da canicula do sol do equador, foi temperado n'um espaço de tempo de tres longos seculos, não recebendo outros sangues, senão os mesmos da Iberia, da Africa e do proprio sertão nativo; nem outros estímulos, senão os mesmos de sempre ou repellindo qualquer invectiva extranha, e, em cujos arrancos as mesmas influencias exóticas se mesclavam e se dilluiam, como se fossem produzidas pelo proprio meio.

E tudo contribuia para essa fixação de um typo, senão definitivo, pelo menos tão temperado, de tão alto teor, que as futuras influencias baterão de encontro e irão seguindo a mesma traça. Os portos fechados ás nações, vedavam o commercio, impediam as communicações, arredavam o convívio extranho, difficultavam a permuta de ideas, enquanto aco-roçoavam as ligações internas, a amizade das povoações distantes, o acoñchego das familias, a conservação dos costumes, das ideas, das tradições, o amor ás causas da propria terra, da propria gente, do proprio lar.

Este isolamento, porém, dos outros povos não gerou no seio daquellas povoações nascentes os mais baixos sentimentos, não as privou das conquistas da civilisação, não as tornou infelizes, retardando-nos o caminho do progresso? E' mui comesinho ouvir increpações aos tempos antigos, á sadia colonisação portugueza, proferidas pelos bandeirantes de salão, pelos pegureiros de cãesinhos da moda, pelos audases caminhadores dos sertões que palmilham o „footing“ das nossas avenidas, pelos imperterritos missionarios de chambre que não conhecem o proprio quarto.

Quereriam, talvez, a transplantação de Salamanca para o Reconcavo da Bahia, a mudança da universidade de Coimbra para as tabas dos Pagés, os institutos juridicos lusitanos para as primitivas alçadas da colonia incipiente que justificavam os miseraveis traficantes de escravos, ladrões de gado, espertos negociadores de fructos do paiz. Não intento justificar o nosso isolamento, porém, não vejo razão de sobra para o acoimar. Todos os povos tem o seu berço bailado pela infancia dourada; os gregos e persas e hebreus tiveram os seus dias de

deserto; os romanos chuparam a teta da loba esfaimada, e, nós, n'uma natureza de fogo ou de frio, trasladados os protoparentes das ultimas florações da idade media, deveríamos saltar de ponto em branco à liça, pioneiros dos ideaes da velha Europa.

Ah! mas se esquecem todos que ainda suspiramos, como os velhos povos, para a nossa idade de ouro da abastança, do caracter, da palavra, que, todos, instinctamente, collocamos nos tempos antigos.

Faltavam-nos, é verdade, as instituições sabias da Europa, mas, nessa mesma epocha, em que nos avantajaram os outros povos americanos, para não alludir a europeus, que tinham as suas universidades no Mexico, no Perú, em Cordova, noutros pontos?

Como cultivar a litteratura, sem a feição do meio; as artes, sem o imperio das necessidades; a sciencia, sem a tranquillidade do espirito?

Não nos faltaram, entretanto, as grandes influencias emanadas do proprio espirito das raças; cultivadas pelos conquistadores; santificadas pela religião para o destino e caracter proprio da nossa nacionalidade.

De todas as influencias espirituaes das tres raças e que actuaram fortemente sobre a constituição do nucleo nacional tem a preeminencia a litteraria.

As „serranilhas“ portuguezas de puro lyrismo encontraram nos indigenas tão bellos sentimentos que Theophilo Braga imaginou a formula do „turanismo“ que teria aqui achado a affinidade ancestral, no fundo, das populações turanicas que teriam existido na Iberia e na America.

A poesia popular, nas suas quatro cathogorias:

1. romances e xacaras; 2. reisadas e cheganças; 3. orações e parlendas; 4. versos geraes ou quadrinhas, na sua triplice origem européa, africana e americana, será para sempre o substratum da nossa litteratura; ahi buscaremos os resquicios dos nossos „Nibelungen“ e das „Chansons“ de Roland.

Nem faltou actividade ás intelligencias nos tres seculos de reclusão. Os missionarios, profundos conhecedores do genio do homem e das suas „necessidades moraes“, adverte von Martius, alem dos seus trabalhos christãos, lançavam os fundamentos daquella „Língua geral ou franca“, que por mais de um seculo servia como o vehiculo mais poderoso dos Indios, não só no Brasil, mas tambem em alguns territórios adjacentes.

Os ramos mais diversos da litteratura tiveram os seus cultores: „na historia“, o colono Gabriel Soares de Souza, escreve, em 1587, o „Tratado Descriptivo do Brasil“; Frei Vi-

cente do Salvador, nascido na Bahia, em 1564, deixou-nos uma candida e ingenua „Historia do Brasil“, cuja edição hodierna devemos a nosso illustre historiador Capistrano de Abreu; Sebastião da Rocha Pitta, nos estos do gongorismo legou-nos a „Historia da America Portuguesa“, „na poesia“, Bento Teixeira offerece em seu poema epico „Prosopopea“ o primeiro exemplar da influencia americana, como diz Oliveira Lima.

Salvador Mesquita publica, em Roma, os seus „Decem Triumphi“, em 1716, dedicados ao Papa Clemente XI em magnifica poesia latina, em que sobresaem entre os versos de toda sorte os felizes metros jambos e firma o livro como „Brasilico Lusitano Romano“.

Para não me alongar demasiadamente aceno aos Arcades do seculo XVIII; ás academias litterarias, com a dos „Esquecidos“, fundada na Bahia a 7 de Março de 1724; a dos Felises“, organisaada no Rio de Janeiro; a dos „Selectos“; a dos „Renascidos“, a „Arcadia Ultramarina“; a „Arcadia Fluminense“ cujos associados, alem de muitos outros nomes notaveis, não despreziveis podem figurar em qualquer litteratura. Um dos mais conceituados dictionaristas da lingua é Moraes, que vivia no Brasil Colonia.

O pulpito das egrejas por vezes tomava o aspecto de comicio popular pela vehemencia da linguagem castigando os costumes, corrigindo os erros dos governantes, no calor da explanação das verdades christãs, basta indicar o padre Antonio Vieira, em cujas veias corria sangue semelhante ao dos colonos por sua ascendencia mestiça, nos triumphos que logrou na Bahia e no Maranhão.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão — o Voador — nascido em Santos, tornou-se notavel pela descoberta dos aerostatos.

Emfim o Barão Homem de Mello registra mais de cento e vinte nomes de notabilidades nas artes, nas letras e nas sciencias, na memoria que publicou sob o titulo „O Brasil Intellectual em 1801“.

Não temos pois de nos envergonhar da longa elaboração dos tres primeiros seculos, e notemos, com Silvio Roméro que cada brasileiro, que se tornava illustre, era um laço mais que se rompia entre nós e o velho reino; era a força autonoma da colonia que se tonificava.

Na embryologia de nosso direito civil qual foi a contribuição das outras duas raças que entraram no caldeamento do nosso povo? Nem o eloquente e saudoso Martins Junior, nem o sagaz codificador Clovis Bevilacqua respondem satisfactoriamente; inclinamo-nos ao parecer de Sylvio Romero

que doutrina: „Negros e indios não são contribuintes directos e immediatos do nosso direito; são-no „indirectos e mediatos“; não nos trouxeram leis novas e originaes; mas amoldaram as leis portuguezas ao seu viver e ao seu character, modificaram-nas, diluiram-nas, revogaram-nas muitas vezes pela pressão em que as metteram; e, mais tarde, fizeram leis para seu uso pelo órgão de seus descendentes mestiços.“

Entretanto, sob o ponto de vista juridico-canónico achamos a explicação de uma doutrina cuja necessidade se impunha á Egreja que presidia a fusão das tres raças.

Tratava-se do chamado „privilegio paulino“, antiquado desde que o ultimo pagão europeu recebera o baptismo e constituira normalmente a familia.

Os gentios trazidos da Angola, da Ethiopia e de outras partes da Africa e das Indias, separados cruelmente de seus lares, mas posteriormente regenerados pelo baptismo, não poderiam, os casados, contrahir, novas nupcias, sem os rigores da formalidade estabelecida para o emprego do privilegio paulino? Para dar uma solução satisfactoria e obviar aos inconvenientes foi que o Papa Gregorio XIII publicou a constituição „Populis“, a 25 de Janeiro de 1585, e á qual se attendia nos novos connubios dos fieis convertidos.

Esta constituição passou, extendida a toda a christandade na ultima codificação ecclesiastica de Bento XV ao canon 1125, e não se póde negar que foi provocada pelo elemento ethnico africano que veio á nossa terra.

Outras menores disposições tanto a favor dos indigenas como dos africanos poderíamos ir colher ás Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, promulgadas a 21 de Julho de 1707 e que são, sem favor, o monumento canonico mais elevado que até então, se havia erigido na America e que ainda posteriormente poucos o avantajam ou excedem. São devidas ao zelo apostolico do bispo D. Sebastião Monteiro da Vide, que tendo primeiramente convocado a reunião de um concilio provincial para o dia 12 de Junho de 1707 e a que deviam comparecer os bispos suffraganeos de Angola, Santo Thomé, na Africa, e os do Rio de Janeiro e Pernambuco, posteriormente por se acharem vagas as Sés de Santo Thomé e de Pernambuco e por não ter podido attender o convite o bispo do Rio de Janeiro deliberou que só houvesse um synodo diocesano. As suas constituições são como disse, um monumento altissimo de direito canonico e revelam o profundo conhecimento juridico e theologico de todos que nellas collaboraram sob a direcção de D. Sebastião Monteiro da Vide. A sua peculiar erudição e a copiosa doutrina talhada a todas ás

eventualidades da vida religiosa do povo, firma-se frequentemente nos auctores classicos, como S. Thomaz, Suares, Asor, Gonet, Bonacina, Busenbaum, Ledesmann, Henriquez, Navarez, Gregorio de Valencia, Paludano, Layman, Castro-Palão, Reginaldo, Sanchez, Manuel de Sá e muitos outros.

Aliás, os estudos ecclesiasticos floresciam na colonia. Melhor prova não posso apresentar do que os varios collegios mantidos pelas ordens religiosas em seus conventos em diversos pontos do paiz.

O Padre Simão Marques, que professou durante dez annos a Sagrada Theologia no Collegio Fluminense da Companhia de Jesus publicou em 1749 o seu livro „Brasilia Pontificia“ que é um commentario valiosissimo ás faculdades apostolicas que gosavam os Bispos do Brasil.

As condições economicas da colonia se não eram das mais prosperas, certamente não rastejavam pela indigencia e variavam com as zonas do paiz. Ao norte havia a safra do assucar, do algodão, do gado; a mineração absorvia a actividade dos habitantes em S. Paulo, Goyaz, Minas Geraes e Matto Grosso. Em uma area de uma legoa quadrada, si tanto, nas cabeceiras do Caeté-Mirim, foram em poucos mezes, no seculo 18.º, extrahidas 19 mil oitavas ou quasi 333 mil Kilates de diamantes.“

John Mawe, que viajou por Minas Geraes, nos principios do seculo passado, calculou em dous milhões de esterlinos o valor dos diamantes que o contrabando e mineração clandestina fizeram escapar ao Fisco portuguez.

Mais ao sul no littoral, a pesca pequena, que originava leis interessantes e providentes como aquella que obrigava, na Laguna a todo o pescador dar caça aos biguás, ou a pesca maior da baleia, e mais tarde as lavouras de mandioca, do café, do matte e a industria pecuaria principalmente no Rio Grande, davam abastança á população.

Pernambuco, sobretudo, chegou a ter o seu esplendor, n'uma quasi aristocracia endinheirada; os mascates, pelo interior a dentro levavam as quinquilharias, as arrecadas e os ultimos estofos vindos da metropole, que substituiam os tecidos, de todos os feitos, de linho, de algodão, de canhamo, de côres carregadas, trabalhos executados, no interior, em cada familia.

A alimentação, bastante frugal, algumas vezes, constava principalmente de carne, servida „tres vezes ao dia com pirão, arroz, farinha de milho, ás vezes com leite coalhado.“

As bebidas espirituosas eram raras; só nas grandes festividades, nos casamentos, nos baptisados parcimoniosamente, appareciam pequenos calices de vinho do Porto, de tal sorte, que somos o povo que realmente não temos uma bebida nacional.

Devo ainda uma palavra á influencia religiosa na formação da nossa nacionalidade.

Ella foi quanto possivel das mais salutaes. Já vimos o esforço das mães em dar aos filhos a mais carinhosa e respeitosa educação. Deveríamos penetrar no amago da familia e inquirir dos sentimentos ali reinantes. Com que respeito religioso os filhos saudam os paes, os parentes mais chegados, os velhos, até mesmo o decrepito escravo a que se reservava o doce nome de tio! O filho tinha sempre um beijo, para os paes e todos mudamos o accento de uma palavra para designar o sinal mais profundamente respeitoso: a „benção!“ Temos ainda documentos preciosissimos, nos testamentos daquellas epochas. Ha os que encerram os lances mais dramaticos, o epilogo de uma vida de aventureiro, o fim de uma existencia dedicada ao bem; os que são lagrimas, e os que são alegrias; os diabolicos n'uma vingança incontida, e os bem-aventurados n'uma benção poshuma: mas, no fundo, se acha a alma christã. A meu ver, ainda dos testamentos se levantará o monumento munificente dos tempos primitivos do nosso povo. Ha tambem os christãos resignados na sua vida simples, no afan quotidiano, no labutar da familia, e ha os que se recolheram á vida do claustro, os que se emparedaram, os que apagaram a labareda de suas paixões, os que morreram ao mundo e resuscitaram na eternidade.

E todos elles, na vida ingenua, na vida simples, sem anseios e sem tumulto poderiam exclamar com Christo: — Não só do pão vive o homem!“

A Egreja, porém, não teve toda a liberdade que lhe era mister para a sua missão espiritual. A Corôa Portuguesa usava e abusava das attribuições que lhe conferia o grão mestrado da ordem de Christo provendo as parochias, nomeando bispos e distribuindo a jurisdição ecclesiastica a seu proveito proprio e abrindo margem ás consequencias mais deleterias e relegando, a parte odiosa, á Egreja de Christo. Nas proprias Constituições da Bahia, o Procurador da Corôa, sob apparencia mui legal lançou o protesto de que „não consente, nem approva nenhuma determinação offensiva da Jurisdição Real assim por direito commum, Ordenações, e Concordatas do Reino e ainda por costume legitimo, para que sempre fique salvo e illeso o direito da Corôa, assim como foi e estava antes destas Constituições e assim requeria, que este seu protesto se mandasse juntamente imprimir com as Constituições e se fizesse delle menção na licença que se desse, mas na verdade é o velho principio de tirar a liberdade á Egreja.

E' que, como diz Armitago, o ciúme do governo portuguez o movia constantemente a ter receio do engrandecimento de qualquer entidade ou corporação que para o futuro pudesse oppôr-se á effectividade da sua dominação...“

Embora este ciúme, a Igreja pode reclamar a sua parte honrada na vida da nascente nacionalidade: celebra as festas mais pomposas daquelles tempos, recolhe orações, ordena sacerdotes, sagra bispos, abençoa o lar e preside a familia.

A patria, pois, estava constituída: já eramos um povo digno da liberdade.

Os ultimos acontecimentos assim o provaram. A Europa esphacelada pelo gladio de Napoleão aspirava a novos tempos; Portugal, cujo monarcha tivera o mais carinhoso agasalho em nossa terra, invocava-o, no precipicio em que se achava, nós o entregamos, reconhecidos, mas quando o deixamos ás margens garridas da velha Lisbôa, voltamos, e na esteira branca do Oceano, marcavamos a lei eterna, invocada por José Clemente Pereira, de que o Brasil devia passar, á lista das nações livres:“

A Convocação da Assembléa brasileira

CONFERENCIA

do

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa

3-6-22

Ex.^{mo} Sr. presidente. Ex.^{mas} senhoras. Meus senhores.
Presados consocios:

O seculo XIX assignala, na historia da humanidade, a eclosão das idéas liberaes, concretisadas em artigos de lei, no continente americano. A' excepção da grande republica dos Estados Unidos da America no Norte, onde já no seculo anterior a espada refulgente do estadista-soldado, que foi Washington, havia concedido a magna carta da liberdade aos seus concidadãos, todo o novo continente ainda era um humilde cumpridor dos caprichos das metropoles europeás. A America latina, em peso, esperava o seu libertador, para de suas mãos receber a carta de alforria.

Antes da quéda da Bastilha, já se havia realizado a convenção de Philadelphia; o sol de 14 de Julho de 89 não havia ainda amanhecido sobre Paris e, na America, já se haviam commemorado, com festas e com pompas, os dous primeiros anniversarios da convenção de uma Constituinte.

As idéas de liberalismo, o surto do constitucionalismo incipiente, que preocupava as velhas nações, não podiam ficar sem echo retumbante, sem demonstração de fraternal solidariedade, nas terras brasileiras, por cuja emancipação politica

já varios filhos, em momentos varios, haviam dado tambem a propria vida.

Mas, na Europa taes principios e idéas, não tiveram, após a explosão, aquelle elemento propulsor e necessario, que se chama „continuidade“. Emquanto ali Napoleão, o genio da guerra, „cuja missão prejudicial é hoje ponto incontestado“, foi um hiato no caminho ascencional da conquista da liberdade dos povos, na America, emtanto, foi elle a causa, embora remota, da vertiginosa accelleração da nossa independencia constitucional.

Por uma fatalidade que a historia não explica nem justifica, por um lôgro cruel do destino, as nações que, na vespera, o tinham vencido, procuram, no dia seguinte, perpetuar a sua obra no Congresso de Vienna. E a Santa Alliança, e a Pentarchia, defendendo a politica de intervenção e tentando immunizar os povos do contagio das idéas de liberdade, quedaram na historia, como obras estereis e inuteis, sob o ponto de vista politico, „stricto sensu“, porque estas idéas já haviam amadurecido o bastante, para viverem por si.

Grandes movimentos populares irrompem por toda parte, por todos os paizes, como forças reivindicadoras, sedentas de liberdade. E quando, em Santa Helena, o oppressor de povos, no bruxolear de sua vida, ensinava o a-b-c ás creancinhas, Portugal conyocava as côrtes e Hespanha reunia um congresso para dar início á sua vida constitucional.

E o Brasil não tardaria em lhes seguir o exemplo.

D. João VI, fugindo ás tropas de Junot, aqui chegava a 22 de Janeiro de 1808 e, dando início ao cumprimento da palavra empenhada de vir „fundar um grande imperio“, abria, a 28 daquelle mez e anno, graças á inspiração de José da Silva Lisboa, os portos do Brasil ao commercio universal. E como commercio independente, commercio sem monopolios nem entraves, só o tem as nações independentes tambem, ousou affirmar que aquella é tambem a data da nossa verdadeira independencia nacional. Dahi por deante, os alvarás e os decretos se fôram succedendo num „crescendo“ vertiginoso, concedendo ao Brasil, dia a dia, em migalhas, é verdade, maior autonomia, até á sua completa independencia da corôa portugueza.

D. João VI, ao principio regente e, depois, rei, era para nós, ainda, uma entidade symbolica; representava elle um grande contingente de força educadora e de cohesão. As provincias que, até a pouco, só attendiam ás ordens e decretos de Lisboa, apenas aporta elle aqui, volvem seus olhares para o Rio de Janeiro, a séde do novo governo e o centro irradiador dos novos principios e das idéas novas. A grande corrente nacionalista que, em tempos anteriores, surgira dispersa em

varios pontos do paiz, une agora todos os seus élos. „A' inteira uniformidade nas situações mental, moral e social da colonia“ incorpora-se, neste momento, mais um factor de decisiva relevancia — a uniformidade na situação politica —, permanecendo apenas a divergencia de ordem ethnica, que veio até aos nossos dias, sem que influísse, comtudo, nos destinos supremos da nacionalidade. E isto porque, no Brasil, nós nunca a tivemos nem jamais a teremos, a questão das raças, propriamente dita. O branco, o indio e o negro, irmanavam-se nos mesmos destinos e a nossa historia firmava os alicerces de sua directriz. Na consciéncia informe da colonia desperta a idéa da nacionalidade e um novo estado se deveria formar na America.

Não, porém, uma republica irrequieta, monocratica, turbulenta, experimentando, a cada instante, as emoções das guerrilhas, mas um estado monarchico, regido por leis liberrimas, podendo pacificamente trabalhar, enriquecer e engrandecer-se.

O catholicismo que, nas outras terras da America, fôra sómente força disciplinadora, ao longo do littoral, no Brasil, pela catechése, embrenhára-se pelas selvas, dominando o „hinterland“ e imprimira, até nas populações ruraes, uma doçura mais accentuada de costumes, de disciplina e de ordem.

Queriam todos um novo estado de cousas e um estado novo, governado por sabias leis.

Imprensa, povo, clero e letrados, todos, a uma, batalhavam pelo mesmo ideal.

Resalta, a „prima facie“, o contraste evidente e flagrante entre o movimento emancipador de nossa Patria e o movimento emancipador das demais colonias americanas. Aquelle nascia das classes sociaes, já educadas na escola do liberalismo, que suggestionava as massas do littoral nas quaes relampagueava uma certa luz e ouropél de cultura, em virtude do contacto directo com a Metropole e demais paizes estrangeiros, promovido pela abertura dos portos ao trafego universal. Este, ao contrario, excepção, talvez, só do Chile, onde a predicação de Portales preparára o ambiente, era apenas um movimento contra a oppressão das respectivas metropoles, que se exercia debaixo do guante vingativo dos vice-reis e dos odiosos monopolios do commercio.

Para a corrente emancipadora do Brasil confluíam todos os espiritos cultos da joven sociedade nascente, que, em dado momento, se impuzéra às consciencias das massas populares, condicionando os acontecimentos.

A derogação do alvará de 5 de Janeiro de 1785, que ordenava o fechamento de todas as fabricas da colonia; a promulgação do de 21 de Janeiro de 1809, creando o „homestead“ para os agricultores, a elevação do Brasil á categoria

de reino, a 16 de Dezembro de 1815, são etapas importantes da grande jornada, cujo termo final será o 7 de Setembro, porque esta data, mais do que qualquer outra fala directamente aos nossos sentidos, pelas exterioridades e dramatização que a circumdaram, ás margens do Ypiranga.

A revolução liberal, iniciada na cidade do Porto, reclamava a urgente presença de D. João VI. Na torturante incerteza de ficar, perdendo a corôa portugueza, nessa indecisão tão predilecta de seu character, resolveu-se, afinal, e embarcou-se para a Europa, com a preconcebida idéa e o plano determinado de recolonizar o Brasil, fazendo-o retroceder aos tempos anteriores a Thomé de Souza. Mas, taes planos e idéas já não eram exequíveis. Em vão tental-os-ia D. João VI. Os decretos que os iniciavam, de 28 de Julho, de 29 de Setembro e de 1.º de Outubro de 1821, nos quaes se determinava, respectivamente, „que o exercito portuguez e brasileiro era, dora avante, uma só corporação; que ficava extinto o Tribunal da Chancellaria, o do Thesouro, a Junta do Commercio e varias outras repartições centraes estabelecidas no Rio; que D. Pedro regressasse a Portugal e que cada provincia tivesse um Governador das Armas, delegado do poder executivo de Lisboa, independente das respectivas Juntas, precipitaram muitissimo os acontecimentos.

As forças que actuam na dynamica social de um povo digno desse nome não param e retrocedem, sinão quando as impulsiona a vontade desse mesmo povo. E quem, uma vez, melhorou de sorte e experimentou o gozo de prerogativas tão ardentemente desejadas, só a preço de sangue consentirá que se lh'as tirem. Compreendeu isso muito bem D. Pedro I e deixou-se levar na onda dos acontecimentos. Por isso, ao anno portuguez de 1821, como o disse bellamente Oliveira Lima, havia de seguir-se o anno brasileiro de 1822.

Lá, nas Côrtes de Lisboa, eram Antonio Carlos o orador facundo; Diogo Feijó, o estadista energico; Araujo Lima, Vergueiro e outros, todos destemidos patriotas, que, em vão, erguiam a voz, para bradar por justiça para os interesses do Brasil.

Aqui, no Rio, eram Joaquim Gonçalves Ledo, João Soares Lisboa, Januario da Cunha Barbosa e Frei Francisco de Santa Theresa Sampaio que alimentavam, com seus escriptos incendiarios, a ingenua alma popular, guiando-a em rota certa para a victoria decisiva.

O abaixo-assinado de 8000 pessoas, o pedido-imposição da auctoria de Frei Sampaio a D. Pedro, no momento em que este pretendia partir, em obediencia ás Côrtes, determina o FICO. A acceitação, pelo Principe, do titulo de „Defensor

perpetuo do Brasil", que lhe era offerecido por intermedio do Senado da Camara, encorajou mais os patriotas. O decreto de 16 de Fevereiro de 1822, creando o Conselho dos Procuradores das Provincias, já não satisfaz a ninguem. „Phantasma de representação, arremêdo de consulta, sem consideração e inteiramente escrava do Ministerio e suas creaturas“, eram os titulos com que os baptizavam os fluminenses liberaes.

Para a frente, „custe o que custar“ e impossivel era tambem retroceder.

Desconfiados dos sentimentos liberaes do Ministerio, temendo que se lhes desse uma constituição outorgada, como, depois, veio a acontecer, testemunhando a protelação das eleições dos procuradores geraes, o padre Antonio José Lessa, o brigadeiro Luiz Pereira da Nobrega, João Soares Lisboa, Clemente Pereira, Gonçalves Ledo e Januario da Cunha Barbosa jogaram, então, a ultima cartada.

Pediram a convocação de uma constituinte. E — coincidencia interessante — pelo correio de Minas, sem que tivesse havido combinação alguma, chegava, a 1.º de Junho, uma representação dos povos de Serro Frio, com identico pedido. José Bonifacio, o estadista genial, a incarnação do tino administrativo, a propria prudencia, tentou-lhes embargar o passo, fazendo D. Pedro responder que esperava a opinião das outras Camaras e a do Conselho de Procuradores Geraes das Provincias, „para se conformar com o voto dos povos deste grande, fertil e riquissimo reino.“ Os factos, os decretos, e as proclamações succedem-se, agora, com a velocidade do raio.

No Rio, não havia ainda um só procurador. Lucas José Obes, deputado eleito pela Cisplatina ás Côrtes de Lisboa, de passagem pelo Rio, não prosegue viagem e, de accordo com as instrucções da respectiva Junta, arvora-se em procurador.

Procede-se, então, ahi ás eleições e, tão de surpresa, é apanhado o povo, tão repentinamente, tudo ahi se faz, que nem siquer tempo houve para um accordo prévio de chapa. José Mariano de Azeredo Coutinho é eleito com a bagatella de onze votos e o seu companheiro Gonçalves Ledo com nove, apenas.

No mesmo dia da eleição, são esses tres procuradores convocados para o dia seguinte, por um decreto, com flagrante violação do estatuido no de 16 de fevereiro, para se manifestarem sobre o pedido de uma constituinte. Tudò, agora, é feito a vapor. Ledo domina os seus collegas e dirige, immediatamente, ao Principe o pedido da convocação de uma constituinte.

E' um revolucionario em plena actividade. A sua linguagem é bem a de „um girondino desgarrado em nossa epocha.“

„Senhor, — diz elle — a salvação publica, a integridade da nação, o decôro do Brasil e a gloria de V. A. Real, instam, urgem e imperiosamente commandão que V. A. Real faça convocar com a maior brevidade possível, uma assebléa geral de representantes das provincias do Brasil.“

E, nesse estylo gongorico e atrevido prosegue elle até ao fim. Ante a audacia tão insolita dos termos do requerimento, apavoram-se os ministros. Ninguém jámais assim fallára ao Principe. José Bonifacio capitulou, então; sim, „capitulou“ é o termo. Medindo, com precisão, a tensão de animo do povo; pesando bem as consequencias dahi advenientes, caso indifferisse um tal pedido, foi que o verdadeiro patriarcha da nossa Independencia cedeu ao imperio inevitavel das circumstancias, escrevendo o celebre „Conformamo-nos“ e firmando, por baixo d'elle, o seu nome. Acompanharam-no as assignaturas de Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ministro da Fazenda; Joaquim de Oliveira Alves, ministro da Guerra, e Manuel Antonio de Farinha, ministro da Marinha, os quaes, desde 16 de Janeiro, figuravam em o novo ministerio.

Mas, apesar de tudo isso, ou, antes, por causa de tudo isso, a historia dá-lhe razão e a gratidão nacional ainda hoje lhe venera o nome. O grande Andrada era quem agia com prudencia. Não podia a sociedade brasileira, da noute para o dia, dar esse salto nas trévas. Não se passa impunemente do regimen colonial ao constitucionalismo, sem uma transição necessaria. Os exemplos das velleidades de constituintes da Venezuela e Mexico eram ainda bem recentes, para que desprezassemos a lição. Entendia José Bonifacio que o simples Conselho de Procuradores attendia, por emquanto, provisoriamente, ás necessidades brasileiras, porque, si de um lado, estreitava a solidariedade que devia existir entre as provincias, do outro evitava a revolução e jugulava a tyrannia.

Não deviamos, pois, começar pelo fim.

„Não se estava ainda livre — affirma Rocha Pombo — „e já se queria garantir plenamente a liberdade. Tinha-se „ainda sobre a cabeça a sombra da metropole; não estava „proclamada, nem feita de facto ao menos a independencia, „e já se exigia que se organisasse a nação.“

Mas, opportuno ou inopportuno, o decreto da convocação de uma constituinte estava publicado.

O Brasil seria, em breve, uma nação constitucional.

Wenzel de Marschall, agente diplomatico da Côrte de Vienna no Rio, juiz imparcial e contemporaneo dos factos, em sua correspondencia dirigida ao principe de Metternich, assim escreve, a tal proposito: „Esta extraordinaria determinação, completamente inesperada, só se tornou conhecida á

noute, por um edital da Camara, que, ao communicar ao povo o resultado de sua representação, ordenava illuminarias por tres dias. Causou ella geral surpresa, além de não ter sido bem recebida pela parte sã da população, por prematura e pela maneira como havia sido convocada. Os decretos e proclamações appareceram, de uma só vez, no dia 4, a saber: o decreto para a installação do Conselho dos Procuradores; o juramento por este prestado; o discurso do principe, ao receber o Conselho; o requerimento do Conselho ao principe; a proclamação do principe e o decreto para a convocação de uma assembléa geral. As proprias datas destes diversos actos deixam patente a grande precipitação e irregularidade que se pôz em negocio tão importante."

Conhecido o decreto, deu o povo expansão ao seu justo enthusiasmo. O contentamento foi ao auge. Por entre os arrebatados discursos dos inflammados oradores echoavam os vivas ao principe e á „divinal Constituição“.

Obes, naquella loquacidade tão peculiar aos castelhanos, assim saudou a D. Pedro, naquella mesma hora: „De hoy à ayer que distancia! de ayer à hoy quantos sucesos! De ayer à hoy que gloria para V. A. R.! Que venturas para todos nosotros! Ayer, no teníamos patria, ayer no teníamos soberano, hoy lo tenemos todo! Y tenemos más que todo eso, porque tenemos à V. A. R.! Está vencido el gran passo; lo que resta será obra del tiempo.“

E tamanha foi a alegria do principe, que não trepidou em affirmar „que fôra aquelle o mais grato momento de sua vida, pois confiava que a Assembléa, necessariamente, promoveria a felicidade do povo, seu maior empenho.“

Enthusiasmou-se tanto — diz Armitage —, que, na correspondencia a seu pae, dizia que era necessario que o Brasil tivesse as suas côrtes, dando para isso as seguintes razões: Sem côrtes, o Brasil não podia ser feliz. Leis feitas a tão grandes distancias, por homens que não eram brasileiros e que não conheciam as necessidades do Brasil, não podiam ser boas. O Brasil estava na adolescencia e ia desenvolvendo mais vigor. O que lhe convinha num dia, já lhe não servia noutro. Conhecia melhor as suas precisões e era absurdo detê-lo sob a dependencia de outro hemispherio. O Brasil devia, pois, ter a sua legislatura; esta requisição era justa, fundada sobre os direitos do homem, conforme com os sentimentos constitucionaes e, além disso, offerecia um meio para assegurar uma união, porque, sem igualdade de direitos, não ha união e ninguém se une em sociedade, para vêr peiorar a sua condição; aquelle que é o mais forte deve saber melhor

manter seus direitos; e o Brasil jamais perderia os seus, para cuja defesa elle, principe, daria o proprio sangue.

A Constituinte vinha realizar um duplo fim; romper com os governos pessoases e despoticos, resaihos da Colonia e chamar, todos os nucleos dispersos da população brasileira a uma communhão mais intima, dentro da mesma Patria.

Os decretos que publicavam as instrucções para a sua realisação, davam tambem o golpe de graça na aristocracia. Eleitores já não eram só os „nobres de linhagem, os fidalgos da Casa Real, a gente limpa e de geração verdadeira“; o imperio a ser creado era tomado de chofre pela democracia, que Elisio de Carvalho denominou de „o atropelo das categorias, o desprezo das praxes e o abandono das dignidades.“

Exceptuados os escravos e os menores, — é Oliveira Vianna quem nól-o affirma — todos elegiam. Mesmo os analphabetos. Mesmo os homens de côr, os alforriados, os mestiços, os mulatos, os rebotalhos da nossa população, a vaga população dos campos e da cidade.

Foi a applicação integral das conquistas democraticas do principio de que todos são iguaes perante a lei, com maior amplitude ainda do que o consagra a nossa Constituição Federal. Até os analphabetos puderam escolher livremente, por eleição indirecta, aquelles a quem desejavam confiar a ardua taréfa de fazer as leis. Deviam, porém, assignar a acta de cruz, como o recommendava o capitulo II, n. V, das instrucções. E aquillo que a lei consagrou para a eleição da primeira constituinte do Brasil, o costume o conservou em todas as demais realisadas até hoje, nas brasílias terras.

Do povo sahiam, agora, os seus proprios emissarios, para fazer as leis que o deviam governar. A Divina Providencia confiava-lhes esse nobre mistér, porque, dando-lhe a faculdade de fazer as leis, punha-lhe nas mãos o arbitrio da sua propria felicidade.

Meus concidadãos. Nesta hora, em que o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul rememora uma das mais bellas datas precursoras de nossa independencia, evoquemos os nomes daquelles varões illustres

que por obras valerosas
se vão da lei da mortc libertando

e que, com a sua contribuição valiosissima, ao amanhecer de nossa vida autonoma, guiaram o Brasil pela estrada da justiça e liberdade.

(Disse.)

O Manifesto do Principe aos Brasileiros

CONFERENCIA

do

Major Tancredo Fernandes de Mello

1-8-22

„Assignala a ephemeride de hoje o centenario de dois fautores maximos da Independencia de nossa Patria:

1.º — O decreto de D. Pedro, Principe Regente, affirmando ter o Brasil „já proclamado a sua independencia politica“, e declarando „que seriam reputadas inimigas todas e quaesquer tropas que de Portugal, ou de outra qualquer parte, fossem mandadas ao Brasil“;

2.º — „Manifesto de Sua Alteza Real o Principe Regente Constitucional Defensor Perpetuo do Reino do Brasil, aos povos deste Reino“, redigido por Gonçalves Ledo.

Ao enfrentar a tarefa de commentar o grandioso feito, já consagrado pela pagina da historia, cumprindo o honroso encargo, que me confiou o nosso distincto presidente Dr. Florencio de Abreu, eu me acho como que em um leito de Procusto, tal a grandiosidade do assumpto a ser amoldado nos lindes de uma conferencia como esta, feita por quem apenas tem, por valia, um sagrado amor por esse formoso gigante, cuja bandeira é illuminada pela mais bella de todas as constellações: a cruz que nos aponta um porvir radiante.

Não é sem uma profunda commoção que eu reverencio a alma mater de todo o nosso progresso, nesta e em todas as occasiões opportunas, apezar de despir em taes momentos todos os preconceitos doutrinarios.

E hoje, mais do que nunca, o povo brasileiro reverencia o Sagrado Lenho, até mesmo nos lugares onde o vulgo pensa encontrar a maior heresia: nos quarteis.

Tambem nos quarteis, á beira do leito dos enfermos, encontrareis a Cruz, erguida por essas Damas Brancas, Irmãs de Caridade, dulcissimas creaturas, entidades celestiaes, que têm sempre á mão, a brandura de um olhar e a seducção dum sorriso, que mitigam a dôr.

Mas eu cumprirei o meu dever, repetindo as palavras de Felix da Cunha:

O' minha patria! Escuta a vóz de um filho
Que junta o seu aos canticos que exaltam
Do natalicio teu, o dia excelso!
Deixa que vá, humilde peregrino
De joelhos no marmor dos altares,
Os trophéos venerar da Independencia,
Beijar teu pavilhão, sagrar-te um hymno!
Manes sagrados que esquecera a patria,
Feijós, Andradas, Paulas, Souzas, Ledos,
Nos sepulchros de pé, alevantai-vos!
Lançai ás turbas vossos nomes — épochaes,
Em traços immortaes que ella os inscreva,
Vaticinio seguro da victoria,
No glorioso estandarte do futuro,
Que aos ventos da esperança desfraldado,
Na frente popular garboso ondeia!
O' povo! honrae libertadores vossos,
Os ignotos heróes da Independencia!
De joelhos! Seus tumulos sagrados
São altares tambem! Beijai as cinzas,
Imitai seu valor, segui seu rastro,
E formai pavilhões de seus sudarios!
Faz dos bravos da nova geração
Outras tantas valentes sentinellas
Que guardem seu porvir, honra e braço!

O 1.º de Agosto não foi um dia emerso, assim como um facto historico sem ligações remotas nem proximas. Não. E' uma resultante indestructivel de muitos phenomenos sociaes, correlatos e unidos, no espaço e no tempo, como elos de uma cadeia, em que cada um não prescinde do anterior e ampara o seguinte.

O julgamento, esse de que nos fala Descartes, como parecendo ser uma das qualidades mais communs aos homens, hontem e hoje, e provavelmente amanhã, tentou desmeritar vultos e factos, com o furor iconoclasta de zoilos, prodigalizando, muita vez, louvores immerecidos.

Agarram-se ao testemunho de um misero acorrentado e torturado, de quem o depoimento é uma tunica de Nessus, para destruir um passado secular.

Tiradentes, o sublime e abnegado martyr, que soffreu a pena de morte, na forca, e esquartejamento de seu corpo, padeceu ainda ha pouco uma nova tentativa de morte e de esquartejamento, de seu glorioso vulto, consagrado nos annaes de nosso patriotismo.

Relembremos o que disse o padre Antonio do Couto, incensador da Rainha D. Maria I. a „sabia e justa“, e „clemente“, qualidades „expressas no enforcamento de um christão que apenas pensára na independencia de sua patria.“

Assistiu de confissão ao Grande Martyr e Patriota, portanto não pôde ser suspeito.

Referindo-se ao perdão que a rainha concedera a alguns companheiros de Tiradentes, diz textualmente:

„No meio de tão vivos transportes de alegria só o Tiradentes estava ligado de mãos e pés, que justamente foi por ultimo declarado seductor; testemunhou esta não esperada metamorphose, mas tão coraçudo como contrito, respondeu ao director, que o confortava até aqui, „que agora morreria cheio de prazer, pois não levava após si tantos infelizes, a quem contaminara: que isto mesmo intentara elle nas multiplicas vezes que fôra á presença dos ministros, pois sempre lhes pedira que fizessem delle só victima da lei.“

Com estes sentimentos cada vez mais exercia em sua alma as luzes de uma graça triumphadora: estas luzes reluziam por entre as palavras, as acções e os gestos do semblante.

Amanhecera o dia 21 de Abril, que lhe abria a eternidade. Entrou o algoz para lhe vestir a alva e pedindo-lhe de costume o perdão da morte, e que a justiça é que lhe moveria os braços e não a vontade; placidamente voltou-se a elle e lhe disse: „O' meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés“; o que feito com demonstração de humildade com a mesma despiu a camisa e vestiu a alva, dizendo: „Que o seu Redemptor morrera por elle tambem nú.“

„Causava admiração a constancia do réo, e muito mais a viva devoção que tinha aos grandes mysterios da Trindade e da Encarnação; de sorte que, falando-se-lhes nestes mysterios, se lhe divisavam as faces abraçadas e as expressões eram

cheias de unção; o que fez que o seu director não lhe dissesse mais nada senão repetir com elle o symbolo de S. Athanasio.

O valor, a intrepidez e a pressa com que caminhava, os soliloquios, que fazia com o crucifixo, que nas mãos levava, encheram de extrema consolação aos que lhe assistiam."

Eis ahi: ao fim de quasi dois annos de soffrimentos atrozes, o Grande Martyr, atravez da narrativa de seu confessor, repelle as injurias e calumnias á sua memoria santa.

Primeira etapa de nossa independencia se pôde chamar sem favor nenhum o Supplicio de Tiradentes.

As mesmas aves do verso 20, capitulo 19 do Ecclesiastes, em que se fundou a fala de um religioso, depois da morte do heróe, „quia, et aves coeli portabunt vocem tuam et qui habet pennas dabit sententiam“ (porque, as mesmas aves levarão a tua voz e manifestarão teus juizos), espalharam por todo o Brasil as idéas generosas de liberdade, de José Joaquim da Silva Xavier.

Estou convencido de que no famoso 21 de Abril de 1791, „Aquella compaixão do povo da infelicidade temporal do réo, que para lhe apressarem a eterna offereceram voluntariamente esmolas para dizerem missas por sua alma“, representava não só o desejo de que aquella sublime alma subisse ao céo, mas tambem que as suas palavras e o seu soffrimento se transformassem na arvore bemdita de nossa liberdade.

Como vêdes, a primeira jornada de nossa independencia se baptizou no sangue de um heróe, que empunhava contrito o symbolo que deu o nome ao continente descoberto por Cabral.

Ainda mais: Tiradentes era brasileiro e vestiu a farda do exercito de então.

Uniu-se mais uma vez a cruz á espada, tal qual se dera no baptismo da Terra de Santa Cruz.

A Inconfidencia Mineira, consubstanciava, tacitamente, as idéas aceitas em 1776, pelo Congresso de Philadelphia, que declarou:

„Todos os homens são iguaes e entre os seus direitos inalienaveis se contam o da vida, liberdade pela propria felicidade e bem estar; e quando um governo não servir a esses fins, o povo tem o direito de abolil-o.“

Referindo-se ao espirito politico do seculo XVIII, diz um historiador, citado por João Ribeiro:

„Um principio unico deste seculo domina os demais e é o da „humanidade“, o dos direitos do homem, da justiça social e o amor da felicidade do genero humano.“

Esse espirito empolgara ao excelso patriota, que se não possuísse outros titulos de glorificação, um unico, a sentença de sua condemnatoria seria mais do que sufficiente para

dar-lhe um lugar de honra, no Sanctuario da Patria, isto é, nos corações dos brasileiros, que sabem pulsar, quando se lhes mostra o caminho da honra e do dever.

Digam o que disserem certos historiadores, D. João VI foi um grande homem. Seria estulticia negar-lhe merito. O inicio de seu governo no Brasil se notabilizou por uma série de actos que lhe valeu uma nomeada excepcional e que nos trouxe a segunda etapa da Independencia.

Aquellas 15 mil pessoas „das primeiras familias do reino, das mais abastadas e das de mais valimento“, que seguiram á familia real, traziam a fina flôr d'alma luzitana, „procurando abrigo seguro nas plagas longinquas d'America.“

Não era um exodo, ou o cortejo funebre de uma dynastia borolenta. (!)

Quem auscultasse tantas almas, jovens umas e varonis outras, sentiria sem duvida, anceios justos e alegres, de quem, dominado pelo incitamento dos novos ideaes, não podia supportar mais a aridez da glébe de seu nascimento, pisoteada pela invasão estrangeira.

D. João VI dizia ter vindo „levantar a voz do novo imperio que vinha crear.“

Ao meu ver, a terceira etapa, póde-se affirmar, se alcançou em 16 de Dezembro de 1815, com a elevação do Brasil a reino.

Embora comprada por um milhão de cruzados em ouro, exerceu grande influencia nos destinos do paiz e acelerou o desabrochar da alba da independencia.

A revolução pernambucana de 1817, representa outra etapa, a quarta.

Um consideravel numero de patriotas, que almejaram dias melhores para sua terra, subiram ao patibulo, regando com o seu sangue generoso a terra de Frei Caneca, onde a reacção nativista alçara o collo, em um movimento nobre e heroico.

Delles lembro o Dr. José Ignacio de Abreu Lima, o padre Roma, Theotonio Jorge e o padre João Ribeiro.

Leiamos algumas phrases sobre essa „lugubre e medonha noite de amargura para aquelles desventurados, que a paixão da patria incendiara“:

• „As scenas que se desenrolaram no Recife não podem ser imaginadas, tal o furor com que se perpetraram os assassinatos e os mais nefandos sacrificios em plenas ruas da cidade. Principalmente depois da chegada das forças de terra e depois que se soube da debandada geral dos republicanos — sinistro e pavoroso é o que passou-se no Recife, ao sentir-se a legalidade desassombrada no seu imperio.“

O padre João Ribeiro „perdeu a esperança que nutria de ver mais tarde a republica triumphante e enfasiado dos homens, desgostoso da existencia, determinou finalizal-a. Com-sigo trazia uma porção de veneno: a este recorreu sem effeito; lançou mão de uma corda e se enforcou.

Em todo o territorio brasileiro avança a nova aura de liberdade, esmagadora do absolutismo, que cae assim frago-rosamente.

D. João VI, surprehendido e vacillante, entre a perspectiva de perder Portugal ou o Brasil, resolve, por fim, mandar áquelle o principe D. Pedro „para restabelecer as reformas e melhora-mentos e leis que deviam consolidar a constituição portugueza e tomar as medidas que fossem applicaveis ao Brasil.“

Amotinaram-se o povo e a tropa, não concordando com o alvitre, pois queriam a constituição „tal como as côrtes a viessem decretar.“

O rei, dominado, e incapaz de reagir, antedatou um decreto „protestando acceitar e fazer cumprir a constituição da junta revolucionaria de Lisboa“, sendo o „Auto de juramento de D. João VI, do principe real D. Pedro e de outras muitas pessoas, a Constituição que se estava fazendo em Portugal, prestado no Rio de Janeiro a 26 de Fevereiro de 1821.

Facto curioso este, em nossa historia, o juramento ou acceitação de uma constituição cujas „bases“ foram decretadas sómente em 9^o de Março de 1821, pelas „Côrtes Geraes“ e publicadas no Brasil em 8 de Junho de 1821.

Dadas a conhecer aos brasileiros, as „bases“ da Constituição Política da Monarchia Portugueza, se alastrou o incendio da liberdade e independencia que ha muito vinham fundindo os grilhões que prendiam o novo reino americano ao velho Portugal.

Sem duvida, esse acontecimento foi dos mais fecundos em beneficio á causa da Independencia.

As idéas aceitas solemnemente, pelo governo e povo, expandiram, como era inevitavel, a poderosa alavanca da imprensa, cuja liberdade, no dizer de Hypolito da Costa, redactor do „Correio Brasiliense“ (Londres), a proposito da publicação de periodicos brasileiros no extrangeiro, existia „para o Brasil posto que não no Brasil.“

O „Correio Brasiliense“, o „Investigador Portuguez“, até então circulando clandestinadamente, bem como outras publicações se espalhavam sem tropeços. A propria imprensa régia imprimia opusculos sem as peias da mesa do Desembargo do Paço.

A imprensa periodica, até então limitada á „Gazeta do Rio de Janeiro“, evoluiu, com o apparecimento da „Aurora

Pernambucana" e o „Segarrega“, em Pernambuco; a „Idade de Ouro“, o Semanario Civico" e o „Diario Constitucional“, na Bahia, e o „Amigo do Rei e da Nação“, e o „Conciliador“, no Reino Unido; o „Patriota“, „Sabbatina Familiar“, „Constitucional“, „Espelho“, „Reverbero Constitucional“, „Fluminense“ e „Malagueta“.

A feição característica da imprensa de então é a coragem com que expande suas idéas.

Periodicos pequenos, como a „Luz Brasileira“ ($0,22 \times 20$, 16), „A Malagueta“ e outros muitos, pediam não sómente a independencia, queriam mais: a republica. „A Imprensa do Brasil“ e a independencia é uma pagina da nossa historia descripta com brilhantismo pelo illustre Roque Callage, em uma sessão deste Instituto, de 1.º de Maio do corrente anno, commemorativa do artigo de 30 de Abril de 1822, de Joaquim Gonçalves Ledo, suggerindo ao principe regente a proclamação da republica.

Gonçalves Ledo desempenhou notavel e proeminente acção no movimento politico que culminou com a independencia, e tendo sido um dos procuradores geraes da provincia do Rio de Janeiro.

Encontral-o-emos, ainda, tomando parte em todos os movimentos da época e redigindo e assignando a representação de 3 de Junho.

De Ledo se poderia dizer que desempenhou no patriotismo nacional uma acção semelhante á do oxygenio athmospherico, e de José Bonifacio o do azoto. Si um faltasse, perigava a grande cruzada, porque um e outro se completavam. E bem sabemos, pelos ensinamentos da Mestra da Vida, que mesmo os grandes vultos da humanidade não são entidades perfeitas. Não sejamos iconoclastas e respeitemos a consagração inviolavel que se nos transmittiu atravez dos factos e do tempo.

Penso como Rocha Pombo: „Dir-se-ia que José Bonifacio era o homem providencial que se apresentára para assumir francamente a direcção daquelle grande movimento.

A acção de Ledo se tornou notavel sobretudo na imprensa, pelas columnas do „Reverbero Constitucional Fluminense“.

Podemos melhor ajuizar delle, ouvindo depoimentos feitos no processo que mais tarde lhe moveram, dos quaes transparece o vigor dos ideaes do grande republico, escolhido pelo principe regente, para tornar conhecida, em manifesto, a sua orientação em meio dos grandes acontecimentos de então.

Coube-lhe tambem a redacção do manifesto do povo fluminense pedindo a convocação de uma assembléa de representantes do Brasil e a representação pedindo ao principe para ficar no Brasil.

Assignalou-se por uma série de factos de alta relevancia o anno de 1822, mas nenhum delles teve o valor extraordinario dos de 1.º de Agosto, 6.ª e ultima etapa da Independencia, que se prolongou até o 7 de Setembro seguinte.

Esse é, propriamente, o dia da Independencia do Brasil, como se evidencia da luz dos documentos, Independencia que se accentuava dia a dia, ganhando terreno com a celeridade das nobres causas.

Em 26 de Julho de 1822, o principe regente já dizia ao pae:

„Eu, senhor, négo as cousas de tal modo (falando claro) que ter relações com V. M. só familiares, porque assim é o espirito publico no Brasil, não para deixarmos de ser subditos de Vossa Magestade, que sempre reconhecemos e reconhecemos como Rei, mas porque „Salus Populi suprema lex est“, quero dizer que é um impossivel „fisico“ e „moral“ Portugal governar o Brasil, ou o Brasil ser governado de Portugal.“

Si duvidas houvessem sobre o espirito de independencia, reinante, tiraram-n'as o „Manifesto“ e o decreto de 1.º de Agosto.

Esse manifesto deve ser considerado um dos mais importantes documentos da Independencia, sob o ponto de vista politico.

Ledo, ao escrevel-o, sem duvida, vibrava de patriotismo, como acontecia todas as vezes que o ardoroso tribuno manejava a clave da liberdade para arrastar as bastilhas do despotismo. Seu verbo escripto ou falado, possuia o calor fecundante de seus ideaes.

A alma cheia de anciedades patrioticas, a sua soffria as maiores torturas dos enclausurados, por não poder ver sua patria proclamar a Republica.

A Historia não nos diz, mas é de presumir que o manifesto predito soffreu uma e mil alterações do punho do Principe, antes de ser publicado. A analyse assim nos mostra.

As palavras textuaes do Manifesto affirmam claramente a independencia existente.

„Já sois um povo soberano; já entrastes na grande sociedade das nações independentes, a que tinheis todo o direito.“

„De mais a mais, o mesmo direito que teve Portugal para destruir as suas instituições antigas, e Constituir-se, com mais razão o tendes vós.“

„Se Portugal vos negar esse direito, renuncie elle mesmo ao direito, que póde allegar, para ser reconhecida a sua nova Constituição pelas nações estrangeiras, as quaes então poderiam allegar motivos justos para se intrometterem nos seus negocios

domesticos e para violarem os attributos de soberania, e independencia das nações.“

„Não se ouça, pois, entre vós outro grito que não seja „União“. Do Amazonas ao Prata não retumbe outro echo que não seja „Independencia“. Formem todas as nossas provincias o feixe mysterioso, que nenhuma força póde quebrar.“

„Desappareçam de uma vez antigas preoccupações, substituindo o amor do bem geral ao de qualquer provincia ou de qualquer cidade.“

A Independencia restabeleceu a unidade nacional, que desapparecera em 1821, pela separação de algumas provincias e que jamais desappareceria, si prevalecessem os anarchicos decretos das côrtes portuguezas. Como diz Rio Branco: „Os homens eminentes que então dirigiam a opinião no Brasil, queriam uma Patria grande, unida e integra, não uma colligação precaria de provincias rivaes exploradas por mesquinhas ambições de campanario.“

Nessa emergencia difficil, o Principe Regente, assumiu attitude patriótica que redimiu em parte a sua dubiedade anterior. Dias após elle affirmava: „O Brasil será escravizado, mas os brasileiros não; porque emquanto houver sangue em nossas veias ha de correr.“

Attentai bem nas palavras de Rio Branco, mostrando os intuitos desses vultos, maximos expoentes de uma nacionalidade, que levaram a bom termo a acção culminante da Independencia, em 1.º de Agosto de 1822, reaffirmada em 7 de Setembro do mesmo anno.

Elles queriam uma patria grande e forte, entrelaçada pelo espirito nacionalista de seus filhos.

A obra magestosa desses patriotas, iniciada em 1788 e concluida em 1822, é o maior padrão de gloria da capacidade dos grandes vultos do nosso pantheon.

E tão resistente tem sido, que ainda não baqueou aos vendavais das luctas externas e commoções intestinas, que ha um seculo, tem sacudido os seus alicerces.

Si fizermos um estudo comparativo, succinto mesmo do Brasil de 1822 com o de hoje, encontraremos verdadeiros motivos de orgulho.

Para quem como eu se julga muito honrado e feliz, de ter nascido neste sólo, mas deixando as exterioridades offuscantes, dos grandes centros, as vitrines luminosas do nosso progresso, si encararmos com o criterio de um observador estudioso, a nossa vida intima, poderemos dizer hoje, como dizia Felix da Cunha, ha muitos annos:

„Silencio! Não turbeis na paz da morte
Os manes que o Brasil quasi esquecia!
E' tarde! Eis que espedaça a lousa fria
De um vulto venerando o braço forte!

Surgiu! A Magestade traz no porte
Onde o astro da gloria se irradia...
Vem, grande Andrada, adivinhaste o dia!
Vem juntar ao da Patria o teu transporte!

Recua? Não se apressa em vir saudala,
Cobre a fronte brilhante de heroismo,
E soluça! — O que tem? Eil-o que fala:

O' Patria que eu salvei do despotismo!
Lá veio a corrupção que te avassalla!
Não te conheço! E se afundou no abysmo!

Permitti lembrar-vos que devemos trabalhar pela continuação da unidade da Patria „viva, palpitante, inquebrantavel e fecunda“, e concluirei como o fiz ha tempos em uma occasião solemne, dizendo as santas palavras: „Sursum corda!“

Elevemos os corações no augusto momento do centenario da nossa nacionalidade, afim de que sejamos sempre e cada vez mais unidos e fortes, e tiremos os melhores resultados desta união, para que todos os brasileiros se possam chamar sempre de irmãos!

Sursum corda! Para a Patria, a Familia e a Humanidade.

O Manifesto do Principe ás Nações

CONFERENCIA

do

Dr. Rego Lins

• 5-8-22

Sr. presidente; meus consocios; minhas senhoras e meus senhores:

A humanidade amará sempre o mysterio de que, em grande parte, se cerca a vida contingente de todos os seus instantes. Mysterio existente na felicidade de cada ser; mysterio, e nada mais do que mysterio, é a fortuna dos povos, na inconstancia das suas predilecções e na transitoriedade da distribuição de seus dons.

Mal divisam, muitas vezes, as nações, ensoberbecidas pela retumbancia de hymnos triumphaes, arrebatadas pelos esplendores das victorias, deslumbradas pela luz das constellações que se levantam no céu immenso e azul de suas glorias, o crepusculo que se approxima em triste annuncio de noite escura e silenciosa.

Helenos, brilhantes e fortes, que fostes a flôr inebriante da civilisação na antiguidade classica, que resta da vossa magnificencia olympica; além da eurythmia, belleza e verdade nessa „sublime adivinhação inconsciente que se chama inspiração do genio, ou, no concerto mystico, irradiação do espirito santo sobre a terra“?

Romanos, invictos e potentes, que na vossa missão grandiosa de dominio universal, de expansão incoercivel de vontade, de potencia de „populum late regem“ como vos chamaveis, testemunhastes, na successão de varios seculos, o adejar das vossas aguias victoriosas, desde o septentrião europeu, ao infrene embate das thiufadias barbaras, de guerreiros loiros, cujos corpos erguiam as Walkirias dos campos de batalha para a vida dos combates e dos prazeres do Vallala, até as solidões candentes do deserto lybico, desde a Bretanha ennevoada ao Euphrates biblico, em cujas proximidades estanciaram, felizes, os primeiros homens, que sobreleva a todas as expressões dessa majestade extincta senão a fonte de latinidade que ainda mana, suave e doce, em rio de leite espiritual?

O edificio sumptuoso que construistes desabou, só permanecendo de pé as columnas indestructiveis da vossa cultura, que se projecta, atravez das idades, no brilho da vossa litteratura e no prestigio incomparavel e sabedoria profunda do vosso corpo de leis, a que o seculo XII deu, com justiça, o nome de razão escripta.

Herdeiros desse espirito sempre presente levaram para todos recantos do mundo os vossos deuses lares, em honra dos quaes crepitava, outr'ora, no Lacio, o fogo sagrado, perennemente acceso.

Lusíadas ousados, que renovastes as façanhas de Ulysses na immensidade atlantica, alongando-se nos periplos arriscados, á busca do ignoto e do maravilhoso, sulcando depois todos os mares da terra, conquistando cidades, vencendo povos, domando energias inimigas, offerecendo como tributo de guerra aos reis barbaros as vossas lanças e como vassalagem os golpes fundos dos vossos montantes, buscando subditos longinquos para os vossos reis, pescando almas para o vosso Deus, elegendo theatro desmesurado para o vosso drama heroico e continentes para imperio ultramarino, fostes, talvez, mais afortunados! O vosso declinio ainda permittiu manter-vos integralmente dentro das fronteiras da Lusitania heroica, presenceando, na eterna successão dos tempos, o desenvolvimento das vossas obras e a celebração dos vossos feitos.

A vossa formidavel missão historica havia attingido ao seu ponto culminante, quando o mundo, perdendo o amor ao extranho e maravilhoso, ao heroismo sem finalidade e distante das exigencias da vida, á persistencia no passado, queria apenas ao presente, percebido na realidade circumdante, visto na imponencia da grandeza material e na utilidade da riqueza e na expressão do egoismo combatente, Sancho substituiu-se

a D. Quichote, invertendo-se, assim „os extremos do eterno drama humano.“

Já não eram os vossos barões assignalados que, sob os pendões, das quinas, nas fustas e galeões, cortavam os mares em todas as direcções, surprehendendo mysterios sem conta, assenhoreando riquezas, cantando os seus epos, depurando os segredos e enigmas de raças extranhas e ignoradas, em cujos seios se acolhiam aquelles seus argonautas soberbos, capitães invenciveis, amorosos trovadores, para servirem na poesia de um instante de amor e na rudeza das batalhas de cada hora, o licor inebriante da aventura.

Vendavaes, cyclones, rajadas impetuosas, escolhos perigosos e perigos sem numero já haviam passado. Vossos ouvidos já não escutavam o fragor das batalhas, nem o canto das sereias no intuito de seducção aos homens. Vossos olhos já se não derramavam na contemplação de oceanos infinitos; e já não se fechavam, em sonhos de amor com as nymphas, em repouso á sombra de bosques longinquos, que outr'ora, distillaram nectar para embriaguez de deuses. Estavam fechados os palacios dos naires com varandins de oiro, que sonhaveis erguidos ás ribas dos rios em que os vossos falavam ás naides. As bayadeiras já não vos atrahiam com a seducção de seus canticos, em templos engrinaldados de flores, e da lascivia dos gestos e meneios de suas danças. Vossas cabeças já se não levantavam para o céo, na interrogação muda e anciosa dos eternos segredos das constellações infinitas, que aljofravam os céos.

Lisbôa perdera o seu sceptro. Já não era mais o emporio de commercio, a grande porta da Europa, aberta á actividade dos povos. Já não era a monopolisadora do commercio de „alcatifas da Persia, de sedas da China;“ já não era a senhora da „prata do Japão, do cravo da Moluca, do Gengibre de Malabar, da camphora de Bornéo, do ambar das Maldivas, dos rubins de Pegú, das tecas e couramas de Cochim, das pedras e aljofares de Manar, dos diamantes de Mussulapadão e da cannella de Ceylão.“ Tombára-lhe da face a fugaz corôa de rainha. Outras cidades deviam recolhel-a na mediação do commercio do planeta. Outros povos teriam de substituir os Jusiadas nesse primaciado que se findava com o ultimo arranque por amor do desconhecido e realisação de sonhos de gloria. O idealismo que lançára a raça em aventurosos empreendimentos maritimos reclamava a parte mais preciosa do seu thesouro de energias.

Os navegantes lusos tinham chegado ao Cabo da Boa-Esperança, onde lhes falara Adamastor, na voz dos ventos, e

gradualmente ás Indias Orientaes, alargando, de modo grandioso, jámais por mente alguma concebido, como escreve eminente historiador tudesco, o campo da actividade humana, patenteando-lhe nada menos do que uma metade desconhecida do mundo.

Nos elmos das rudes batalhas viam-se ainda os reflexos desses dias de gloria, e, no espaço, perdiam-se os derradeiros échos das trombetas victoriosas, que tinham annuciado a quéda das cidades de Goa, Malacca, Damão e Meliapor. Já não se avistavam os muros das fortalezas de Calicut, Granganor, Dio e Terrate, desfeitos no pó que os tempos iam varrendo da memoria ingrata de gerações, que renunciavam o gosto do heroico e o esforço pela gloria.

Os ventos que passavam, como os acontecimentos e os homens, levavam nas suas azas as cinzas de Ormuz, cuja flamma illuminára, na tragedia de seu ultimo dia, os rostos mavorticos, desses soldados inquebrantaveis que affrontavam igualmente as cóleras de Neptuno e os perigos das batalhas.

Já não havia mais reis para combaterem. Os reis de Melinde, Ormuz, Achem, Cambará e Mombaça, vencidos e humilhados, repousavam, agora, no somno imperturbavel da sua noite de sepulchro. Estava definitivamente fechado o cyclo heroico. Portugal tivera vida de leão. Já não o animava a paixão santa da ideia, que o arrastára até então para a luz intensa da heroicidade, divinizando a dôr, glorificando o sacrificio, enaltecendo o esforço e dando outro sentido á vida. A alma lusitana, como que adormecera, ao despir a couraça antiga, que não mais comportava o mundo prestes a refazer-se inteiramente por uma concepção diversa do fim da existencia humana, na ordem social que se vinha estabelecendo.

Mas, as suas obras maximas estavam salvas e garantidas. Não tinham ellas a transitoriedade do periodo que lhes deu força e vida. Sua projecção seria formidavel para que o desalento jámais lhes pudesse lembrar a sabedoria do conselho da dança macabra da idade média: „dentro de cem annos, todos estaremos mortos, e cem annos passam como um sopro.“

A epopéa oceanica subsistiria nas paginas que Camões escrevera; o Brasil seria o tronco em que, mais tarde, deveria refflorir a raça lusitana, engrandecida nesse seu novo avatar e esplendorosa e rejuvenecida nos esperados milagres de suas novas intuições e do seu restaurado vigor.

Um destino irrevogavel reservava a Portugal a dolorosa expiação da perda do admiravel imperio que fundára na America. A posse de um mundo não poderia jámais pertencer a uma pequena nacionalidade.

Havia chegado o mundo justamente ao periodo da formação das grandes nacionalidades, conceias de uma missão providencial de civilização e predomínio sobre o planeta, oscillante na comprehensão dos phenomenos sociaes que deviam reger e determinar a historia dos povos.

O imperialismo portuguez, que consistia, apenas, no alargamento de fronteiras e na exploração da colonia, sem a creação dos valores economicos postos ao serviço da propria metropole, ia ceder o seu logar ao imperialismo capitalista, que então se annunciava na politica de outros povos colonisadores, fortalecidos por uma intelligente comprehensão das leis do commercio e de navegação e pela incrementação da sua vida industrial. E, na verdade, a grandeza de uma nação não se mede só pela extensão de seu territorio. Esse novo imperialismo, que succedia ao de fórma pre-capitalista, no conceito de illustre sociologo, tinha como razão de ser a força expansiva do capital, que se accumulava dentro das fronteiras de outras nações, que entravam, em pleno crescimento ou franca prosperidade, na liça em que se defrontavam os arrojados senhores do mundo. No seculo XVII, a economia politica, sob as inspirações doutrinarias de Adam Smith, devera reformar, por inteiro, o conceito de riqueza sobre que repousa a politica européa.

Portugal abrira as suas veias para assegurar o dominio das grandes estradas maritimas e reter os thesouros inexgotáveis do Oriente.

Dera ao Brasil uma parte generosa desse seu sangue. Não era o rebutalho social, que, em ondas iterativas, se dirigia para o Brasil, era tambem a parte sã; era a nobreza brava e generosa com que se colonisaram, principalmente, Pernambuco e São Paulo. Empobrecido pelas prodigalidades insensatas de seus reis e a corrupção administrativa que acompanha sempre a decadencia dos povos; sem grande população na península, não podia a metropole portugueza devolver, em serviços e obras de utilidade publica, o ouro que a mais preciosa de suas colonias canalisava, annualmente, para o erario publico, exhausto e insaciavel. Não obstante o ouro arrancado ao Brasil, Portugal estava pobre e endividado. Demais, a crença geral, na península, era que a colonia se bastava a si propria. Sobre ella pesava esse duro regime da administração colonial, menos supportavel nas suas costumeiras exacções fiscaes do que mesmo no permanente abandono de toda a justiça.

O polvo omnimodo do fisco extendia os seus tentaculos para asphyxiar quaesquer iniciativas dos colonos, não lhes

permittindo o resgate da miseria e escravidão pelo fructo abençoado do trabalho.

Se o colono europeu ou o indigena catechizado cavavam, na linguagem do manifesto que, hoje, commemoramos, „o veio dos montes para delles extrahirem o ouro, leis absurdas e o quinto vinham logo esmorecel-os em seus trabalhos apenas encetados, ao mesmo tempo que o Estado portuguez, com soffrega ambição, devorava os thesouros que a benigna natureza lhes offertava, fazia, tambem vergar as desgraçadas minas sob o peso do mais odioso dos tributos de capitação.

Queriam que os brasileiros pagassem até o ar que respiravam e a terra que pisavam. Se a industria de alguns homens, mais que activos, tentava dar nova forma aos productos do seu solo, para com elles cobrir a nudez de seus filhos, leis tyrannicas o impediam e castigavam estas nobres tentativas...

Se a actividade de algum colono offerecia a seus concidadãos, de quando em quando, algum novo ramo de riqueza rural, naturalisando vegetaes exóticos, uteis e preciosos, impostos onerosos vinham dar cabo de tão felizes começos.

Se homens emprehendedores ousavam mudar o curso de caudalosos ribeirões para arrancarem de seus alveos os diamantes, eram logo impedidos pelos agentes crueis do monopolio e punidos por leis inexoraveis.

Se o superfluo de suas producções convidava e reclamava a troca de outras producções extranhas, privado o Brasil do mercado geral das nações e, por conseguinte, de sua concorrência, que encareceria as compras e abarataria as vendas, nenhum outro recurso lhe restava senão mandal-as aos portos da metropole e estimular, assim, cada vez mais, a sordida cobiça e prepotencia de seus tyrannos! "...

A decadencia da metropole estimulava ainda mais a sede de oiro e a ambição do poder. Querendo satisfazel-as, despachava a auctoridade real para o Brasil, como accentuava o Principe Regente, „bachás desapiedados, magistrados corruptos e enxames de agentes fiscaes de toda a especie, que, no delirio de suas paixões e avareza, despedaçavam os aços da moral, assim publica, como domestica, devoravam os mesquinhos restos dos suores e fadigas dos habitantes e dilaceravam as entranhas do Brasil, que os sustentava e enriquecia, para que reduzidos á ultima desesperação, seus povos, fossem em romarias á Nova Meca, comprar, com seus dons e offerendas, uma vida, bem que obscura e languida, ao menos mais supportavel e folgada!"

Impedia-se de todo modo o progresso da colonia, abandonando-se a sua população, á mingua de instrucção e justiça, á sua propria sorte.

Ainda a 5 de Janeiro de 1783, por alvará com a assignatura de Martinho de Mello, ministro de D. Maria I, se ordenava a extincção de todas as fabricas de lãs, linhas, etc., sob o pretexto de que, na metropole, existiam eguaes estabelecimentos. Os exaggeros e desvairamento dessa oppressiva politica colonisadora deveriam apressar os acontecimentos que previam já na propria Europa, até os homens de Estado, desde o seculo XVIII.

A insurreição da America Portugueza contra a Mãe-Patria entrára nas cogitações do grande estadista espanhol conde Aranda, quando embaixador de sua patria em Paris. Pensava elle, não só na independencia do Brasil, senão tambem na instituição em seu territorio de uma monarchia, regida pela casa de Bragança, extendendo-se aquelle até ás margens do Pacifico, para abranger o Perú e o Chile, uma vez que a familia de Bragança abdicasse os seus direitos ás provincias continentaes europeas de Portugal e que estas fossem unidas á Hespanha."

Em carta do anno de 1786, dirigida ao ministro Florida Blanca, deixou bem claro o conde Aranda esse seu pensamento, lembrando-lhe ainda a idéa de „formar de Buenos Aires e terras de Magalhães outra monarchia em favor de um infante hespanhol."

„Não falo, diz textualmente o grande ministro de Carlos III, de reter Buenos Aires para a Hespanha, porque, ficando cortado por ambos os mares, pelo Brasil e Perú, mais nos serviria de cuidado que de mesma razão, se tentaria a alargar-se.

Não prefiro, tão pouco, aggregar ao Brasil toda a extensão até ao Cabo de Horn, e reter o Perú, ou destinar este ao infante; porque a posição de um principe da mesma casa de Hespanha, colhendo em meio ao dono do Brasil e Perú, serviria para conter a este pelos dois lados...

E, se tenho tanto na cabeça que a America Meridional se nos irá das mãos, e que, se tem de succeder, melhor seria uma troca do que nada, não me faço projectista nem propheta, porque a natureza das coisas o trará e a differença não consistirá senão em annos antes ou depois. Se eu fôra portuguez, accitaria a tróca, porque lá, grão senhor, e sem os riscos dos de cá, mais dia menos dia, seria maior que no canto da Lusitania; e sendo, como sou, bom vasallo da corôa, prefiro e preferirei sempre a reunião a ella de Portugal; embora pareça que se lhes dava em troca o mundo."

Era, na verdade, um mundo desmesurado e prodigioso, em que se pretendia assentar o throno da nova realeza, destinada a reinar sobre a descendencia exuberante da familia lusitana, com raizes fundas nos dois continentes, distanciados pela immensa solidão do Atlantico.

Mas, se nas côrtes da Europa, na ultima metade do seculo XVIII, assim se presagiava o movimento emancipador desta vasta porção do novo mundo, que George Canning, na sua visão prophetica, pensava haver „chamada á vida para restabelecer o equilibrio do antigo“; lampejos de pensamento, impulsos de rebeldias e clamores de liberdade faziam prever, no decurso do mesmo seculo, que o arcabouço gigantesco da nova nacionalidade estava definitivamente soldado, nada mais lhe faltando do que a plena affirmacão em actos de sensivel realidade de uma consciencia collectiva, que ia, pouco a pouco, despertando. Os movimentos sediciosos em varias capitánias tinham a sua genese e explicacão nas expansões parciaes desse sentimento que, mais tarde, ganharia fatalmente a maioria lucida da população activa, que emergia, armada de vigor patriótico, da coligem soturna da noite colonial.

Na luta aspera e ingloria, no começo do seculo XVIII, em Pernambuco, entre a nobreza galharda e tradicionalista, que monopolisava o governo local, e os mascates, sem nome nos pelouros; que graças ao patrocínio escandaloso do avarento e pouco escrupuloso governador Castro Caldas, haviam obtido de D. João V, o favor especial da carta regia de 19 de novembro de 1709, elevando o Recife, hoje capital do Estado, á dignidade de villa, tinha sido já proposto, no Senado de Olinda, por um nativista, Bernardo Vieira de Mello, o estabelecimento de uma republica ad-instar da de Veneza, porque sómente, assim, ficariam os „pernambucanos livres dos riscos por que acabavam de passar.“

E' para vencer a resistencia dos que achavam a idéa muito agradavel, mas extremamente audaciosa, lembrava o eminente patriota, na sua proposta apresentada na sessão tumultuosa de 10 de Novembro de 1710, que na „luta hollandeza havia o exemplo de que poderiam os filhos de Pernambuco resistir e vencer Portugal.“

A confiança no vigor do patriotismo da nacionalidade em formação animava desvanecedoramente essa aspiração prematura de independencia, que fez ainda muitas outras victimas que accumulou muitas outras dôres, que provocou muitas outras repressões severas, sob o peso de condemnações infamantes e o terror de vinganças que não cessavam ante os tumulos, a flôr perfumada da esperanza de liberdade, que se

abria já, num sorriso de petalas, ao clarão impreciso do diluculo de manhã redemptora. E, quando fugindo aos perigos da invasão franceza, a familia imperial aportou ao Brasil, não subsistiam mais duvidas para a consciencia publica de que o regimen de servidão colonial tinha os seus dias contados. Ao acontecimento feliz da chegada de D. João VI, seguiu-se immediatamente o alvitre decisivo da abertura dos portos brasileiros ao commercio mundial. Outros eventos de positiva significação se succederiam na louvavel continuidade da acção intelligente dirigida no sentido da esperada emancipação.

A independencia „virtualmente feita desde o celebre — „fico“ só foi dada ao apercebimento do povo na phrase romantica e theatral de 7 de Setembro“ (Euclides da Cunha, A' margem da Historia, pagina 207).

Bem avisado andou o principe regente quando comprehendendo que nenhum artificio politico podia deter a corrente que precipitava a independencia brasileira, ajudou a levantar um throno cobiçavel sobre um paiz que se dilatava na extensão gigantesca de um hemispherio; paiz joven e rico em que todas as possibilidades se deparariam ao genio creador e á actividade fecunda de uma parte crescida do genero humano.

Cedeu D. Pedro, arrebatado pela impressionante grandeza do scenario em que destino bom o chamava a actuar; cedeu, assim, ás instigações irresistiveis de homens cultos e energicos, que se puzeram á frente do movimento pela independencia, entre os quaes apparecia, em posto de relevo, José Bonifacio, o brilhante auctor do manifesto de 6 de Agosto, dirigido pelo principe regente ás nações cultas.

Este importante documento diplomatico envolve a nossa primeira affirmação de soberania exterior quando ainda não se achavam officialmente partidos os laços de dependencia politica em que se encontrava o Brasil para com Portugal.

A imprensa da França, Inglaterra, Allemanha e Estados Unidos publicou-o em traducções completas, não lhe poupando merecidos elogios. Até na propria Russia do Czarismo mereceu os favores da estampa, em folha hebdomadaria esse relato penoso de D. Pedro I, dos erros condemnaveis do absolutismo dos seus ascendentes no governo do paiz, de que aceitára o mesmo o titulo de defensor perpetuo.

O ardor patriotico de José Bonifacio revela-se na linguagem desse estimavel documento, que não discrepa, entretanto, das normas protocollares em uso nas chancellarias das nações civilisadas.

As machinações do Congresso de Lisbôa contra a unidade brasileira, a architectura majestosa do imperio que surgia e

a tentativa de restabelecimento do antigo regimen colonial no Brasil já integrado no sentimento de sua independencia feriu a nota da indignação do patriota, que sentia com os seus patricios o mesmo rancor contra a oppressão e a mesma revolta contra a tentativa de desmembramento infamado do Brasil „em partes isoladas e novas.“ Essa revolta subiu de ponto em face das negociações, cuja iniciativa se emprestava á metropole, para a cessão criminosa á França do Pará, em troca de tropas e armas para o „encadeamento do Brasil“.

D. João VI, reduzido á precaria condição de prisioneiro de Estado, não tinha vontade livre, nem agia por deliberação propria. Enquanto durasse, pois, o seu resignado captivo, o principe regente nomearia e receberia ministros e agentes diplomaticos. Os portos do Brasil, no texto leal e caloroso do mesmo documento, continuavam abertos „a todas as nações pacificas e amigas para o commercio licito; os colonos europeus, que para aqui emigrassem, poderiam contar com a mais justa protecção e os sabios, artistas, capitalistas e emprehedores, com amizade e acolhimento.“

Um programma de governo ahi se esboça; uma missão de estadista ahi se delineia. Não é só a redempção da patria que preoccupa o ardente e esforçado nacionalista; é o desenvolvimento organico da sociedade politica que está sendo construida, é o delineamento indispensavel das suas linhas cyclopicas, é o seu revigoramento pela mistura das raças, pelo concurso do trabalhador estrangeiro, pela experiencia do sabio, pela producção do artista e pela influencia transformadora do capital no campo largo da economia nacional.

Appondo o principe regente o seu nome, num surto de impulsividade cavalheiresca, nesse documento imperecivel, fazia sciente aos povos em cujo convivio entrava o Brasil que o direito que este se arrogava de nomear e receber agentes diplomaticos, direito de legislação activa e passiva, firmava de modo incontrastavel a sua nascente soberania exterior.

Comprehendiam bem os povos cultos que essa soberania, uma vez conhecida, não desappareceria com a cessação do presumido captivo de D. João VI. Estava patente o ardid do politico que para não sensibilisar a côrte portugueza mascarava com promessa de impossivel cumprimento a realidade dura, que se superpunha a qualquer movimento da piedade filial.

Cem annos depois da publicação desse manifesto que assignala o inicio da acção livre do Brasil nas suas relações com os outros Estados, sente-se ainda, na meritação das dôres que o affligem, na apreciação dos males que subsistem e no estudo dos multiplos problemas que o assoberbam, que hoje

mais do que nunca se faz mistér um appello resolutivo á força ideal, que conduziu, na phase decisiva, a obra de sua independencia, no sentido grandemente desejado da sua imprescindivel regeneração politica e de seu feliz encaminhamento na estrada longa que o levará a destinos gloriosos.

O exemplo de um bello passado é sempre edificante para os povos que vivem da hora presente.

Desprezar o passado, ensina José de Maistre, „denota ignorancia ou estolida altaneria; equivale a repudiar a experiencia.“ E esse passado merece tanto mais honras e respeito quanto é certo que o seu valor se afere não pela largueza monotonica do tempo chronometrico, mas sim pela somma de esforços pacientes, de sacrificios redemptores e de abnegada constancia na preservação e defesa da nacionalidade contra os perigos que a cercavam desde a primeira hora da sua formação.

Acima das liliputianas preocupações e do egoismo bastardo do momento actual deve pairar esse ideal superior de civilisação e grandeza que perdura nas intuições fundas da nossa raça, compenetrada cada vez mais da missão providencial da unidade da terra em que a sua descendencia virá á luz do dia e em que descansará o seu somno derradeiro.

Identifiquemo-nos, pois, na obra de engrandecimento da patria em que nascemos, empecendo o contagio de todos os maleficios que conspirava, aberta e claramente, contra a sua massiva homogeneidade. Uma cruzada santificadora contra todos os seus inimigos, contra o envilecimento de suas instituições e a propaganda sinistra da sua desaggregação, é a tarefa que cumpre irrecuzavelmente, em primeiro lugar, ás camadas dirigentes.

Na defesa de tão volumoso patrimonio moral a nossa associação tem um posto a guardar.

Enfrentemos corajosamente os nossos magnos problemas da hora presente: demos instrucção á massa densa e embrutecida que lavra com o seu suor e rega com o seu sangue a terra amada de que ainda não é dona; restituamos a saude e esperanza a milhões de seres que servem de patibulo, agora mesmo, as endemias mortíferas que se propagaram á sombra do nosso descaso; incorporemos á nacionalidade retemperada, identificando-a na consciencia de seu proprio destino, a descendencia estrangeirada de raças animadas de outras paixões, voltadas para outras crenças e fieis a outras tradições; fortifiquemos a „nossa unidade organica intellectual e de politica interior“, pela nacionalidade ao do ensino e reformas que assegurem ao estatuto federal a superposição sem contraste

na organização e nos costumes de cada unidade federativa; incrementemos o commercio e protejamos o trabalho com legislação opportuna e adaptavel ás condições especialissimas do ambiente nacional; asseguremos ao povo, sem cadeias e temor de servidões, o direito de escolha dos seus governantes, e a estes a possibilidade de desenvolvimento de sua acção pacifica e constructora numa sociedade apta para julgal-os; honremos a liberdade no testemunho de seu continuo respeito e offereçamos como garantia do direito de cada brasileiro o baluarte inexpugnavel de uma justiça efficiente e prestigiada; tornemos cada vez mais forte e amado o nosso exercito de cidadãos soldados, totalmente libertos dos preconceitos de castas e distanciados do terreno da politica militante, integrando-o, assim, no pensamento de bem servir uma democracia livre e justa e uma patria grande, bella e rica.

Lembre-mos do que representará, um dia, na vida da humanidade, em multiplicidade de beneficios, em variedade de producção, em milhares de forças creadoras, em bellezas realizadas e em prodigios de riquezas, a nossa terra, moça e fecunda, que, ora, se veste de galas para a celebração do seu primeiro seculo de soberania exterior e de communhão franca com o mundo.

A Independencia CONFERENCIA

do

Coronel João Maia

6-9-22

„Ex.^{mas} sras.! Meus senhores!

O Brasil offerece, a quem o estuda, desde os seus primordios, este phenomeno singular nos fastos da humanidade: bastou-se a si proprio, quasi exclusivamente, para plasmar os elementos constitutivos das suas raias, da sua subsistencia, da sua defesa, da sua autonomia, da sua evolução politica e da sua incorporação definitiva e triumphante ao gremio das modernas nacionalidades.

Não se deu pressa Portugal em colonisal-o. Dir-se-ia, dado o abandono em que elle por longas decadas deixou a occupação cabralia, que se partilhava no velho reino a opinião de Aristoteles — mais tarde desthronada pela experiencia, — de que a zona torrida era inhabitavel.

Eis, porém, que em dado momento a pirataria e o corsarismo, por esse tempo varrendo mares e continentes, vieram quebrar o encantamento, interromper a lusa fascinação geradora do descaso, e este dilemma se impoz á côrte portugueza; ou pròseguir no desbastamento absorvente das riquezas desvendadas pelo Gama — com a perda irreparavel da plaga americana — ou dispôr-se a apparellhar com urgencia a colonisação desta, que o destino havia de vincular, por seculos a fio, á sorte accidentada e varia de um reino heroico.

Venceu a ultima proposição, iniciou-se no Brasil o regimen feudal das doações, e com elle o desdobramento da tragedia que teve por scenario o vasto littoral de um paiz desconhecido e cujos primeiros povoadores, quando triumphantes da insidia do oceano e dos parceis de uma costa abrupta, permaneciam estatelados na orla em que os comprimiam; pelas bandas da terra — os mysterios de uma natureza aterradora na sua imponencia, emquanto do outro lado o mar, iracundo, rebellado e torvo, no seu murmurio sem vagares — como que não podia se conformar com a presença da estranha gente a defrontar os seus dominios.

Muitos delles succumbiram tristemente na tarefa; outros nem chegaram a inicial-a, assaltados pelo infortunio.¹⁾

A terra é triste e melancholica — dizia-se com saudade para além mar. A grandeza da paizagem asphyxia o homem; os vis insectos, venenosos reptis, as doenças e todos os males da luxuria e da ambição parecem aqui prosperar e recrudecer, com a nostalgia da patria distante.²⁾

Só mesmo a resistencia sem igual da raça portugueza, a sua excepçional e comprovada faculdade de adaptação, seriam capazes de abordar com successo a resolução do problema que a fatalidade historica poz no seu caminho.

Entre os dois perigos — o do mar, vehiculando a aventura de continente a continente e o da terra, com as imprevisas sortidas do aborigene alarmado pela installação do alienigena — o colono estabeleceu-se a meio caminho de um e outro.

Uma tal situação não podia durar muito, porque não se enquadrava nem no feito moral, nem na tradição de heroicidade da gente lusa, que, após a attitudo de mera defensiva dos primeiros tempos, investe o sertão em arremessos successivos.

Então, nas *entradas*, que são a um tempo a *revanche*, e a procura de riquezas naturaes esboça-se, com todo o seu cortejo de crueldade e feresa deshumana, a escravidão no Brasil, que começando por victimar o indigena, acaba installando aqui o negro, destinado a fundir-se no cadinho da formação ethnica do brasileiro, reunido aos outros dois agentes que o precederam nesta paragem.

E' quando surge providencialmente o jesuita, mesclando a Cruz Redemptora nos sarilhos d'armas destructivas, levando a palavra do Evangelho onde mais feroz a crueza contra os naturaes do paiz, convertendo-os á fé nazarena, não raro se sacrificando, opulentando, por incomprehendido, o calendario dos martyres do christianismo.

1) João Ribeiro, *Historia do Brasil*, pag. 36.

2) Obra cit., pag. 38.

„De toda essa pleiade dos primeiros padres que aportaram á nova conquista, entre elles dous principalmente se distinguiram, Nobrega e Anchieta, o grande apostolo do Brasil, e nos seus feitos e vida só comparavel a S. Francisco Xavier, o apostolo das Indias.“¹⁾

A penetração prosegue, através de soffrimentos sem conta da raça escravizada, á qual se vêm juntar as levas iniciaes dos pretos de Guiné e com ellas se ensaia com vantagem a agricultura; surgem os primeiros engenhos de assucar.

Elabora-se a formação do typo destinado a ser o órgão das aspirações e anseios da terra.

Inicia-se na patria embryonaria a criação maravilhosa e necessaria das lendas: o sitio do *El-dorado* avulta na imaginação incendiada dos pesquisadores das florestas, que intentam vislumbra-lo no extremo norte do Brasil com os seus „palacios de esmeraldas e saphiras e os seus dominios fechados por cordilheiras de crystal“;²⁾ as minas de prata de Roberto Dias, que morre desgraçadamente levando para o tumulto o segredo do achado, aguçam a cupidez dos contemporaneos do sertanista; de prata eram tambem a cidade de Manôa, cujos reflexos á noite simulavam a via lactea, e as *terras resplandescentes* dos sertões do Porto Seguro; alteiam-se na crença do povo a *Serra das esmeraldas*, a *Lagôa encantada* e outras narrativas ingenuas que, ingressando no substratum da nossa formação historica, trazem dessa epocha remota, como uma torrente purissima que se não pollue nunca, a lymphá prodigiosa em que se desaltera a arte nacional na sua transcendente função idealisadora.

A dada altura apresenta-se o mameluco e ruma para o sertão, a disputar ao portuguez, como dono da terra em que nasceu, a riqueza de suas entranhas.

Discriminam-se desde logo os dois arraiaes antagonicos, e aos primeiros embates sangrentos no amago do sertão, na disputa das riquezas nativas, succedem as lutas pela autonomia.

A' medida, porém, que a infiltração se alastra e a população augmenta, complica-se o problema da administração da colonia.

O regimen das capitánias, succedaneo do das doações, fallio pela sua incapacidade para organizar a defesa das costas contra a depredação flibusteira, tanto mais acirrada quanto mais se alteava a fama das riquezas do Brasil.

Urgia „firmar a propriedade do sólo entregue aos aventureiros de toda parte e organizar a defesa; não tardaria a

1) Obra cit., pag. 45.

2) João Ribeiro, obra cit., pag. 45.

guerra pela posse do Brasil e então estaria elle (cômo esteve depois na verdade), aparelhado para resistir e expelir os invasores.¹⁾

Impunha-se, pois, o governo unico. Não tarda, porém, que a administração *una* se biparta, — mas retorna-se á união dos dois governos — para renovar-se, pouco depois, a scisão.

Em meio de vacillações tantas, oriundas das difficuldades que assediavam a metropole para prover á distancia a governação do vultuoso paiz, desponta uma força nova a reclamar o seu posto entre os que agem na cobiçada terra: o nacionalismo.

A sua primeira eclosão, decisiva e triumphante, foi a que jugulou o dominio hollandez em Pernambuco, — dominio prolongado, benevolo e progressista, exercido em largo trecho pelo conde de Nassau, soldado glorioso da guerra dos trinta annos e que tudo fez para captar as sympathias dos brasileiros.

Porém estes, que almejavam a formação de uma patria exclusivamente sua, tão depressa conseguiram systematisar no interior a repulsa, investem o usurpador e o atiram victoriosamente para o mar.

„A restauração de Pernambuco serve apenas para provar que as populações brasileiras já tinham uma certa consciencia do seu valor e que ellas poderiam libertar-se de um jugo estrangeiro, sem o auxilio da metropole.²⁾

No mesmo seculo estruge no Maranhão a revolta de Beckmann, e Sylvio Romero reclama para Manoel Beckmann o justo titulo de proto-martyr da liberdade brasileira.

Mal desponta o seculo XVIII, o nativismo se insurge contra o elemento emboaba, que lhe comprime a expansão em Pernambuco, e nessa rapida jornada, conhecida na historia por Campanha dos Mascates e em que prosegue a differenciação entre o brasileiro e o portuguez, a idéa de republica lampeja como uma esperança — para desaparecer, na mesma voragem que arrebatava os conjurados, sem comtudo morrer com elles. Apenas uma década passa sobre o successo maranhense, e em 1710 Minas Geraes offerece em holocausto á causa da liberdade do Brasil o vulto homerico de Felipe dos Santos — o martyr glorioso! — que escala sereno e altivo o patibulo exclamando: *Jurei morrer pela liberdade, cumpro a minha palavra!*

O nativismo não se restringe, porém, áquella zona do Brasil — nem lhe assentaria o vocabulo com que essa corrente entra na historia — si assim fôra. Ao passo que o phenomeno

¹⁾ Aut. e obra cit., pag. 46.

²⁾ Sylvio Romero, *Historia da Literatura Brasileira*, 1.º vol., pag. 130.

se fôca primeiro no extremo norte, ora pondo remate á occupação batava numa investida irresistivel, ora enfrentando um mesquinho monopolio exercido por estrangeiros em detrimento do elemento nacional, e ao centro se caracteriza pela reacção contra o assanhamento do fisco desaçaimado, no sul emergem desatreladamente as *bandeiras*.

Essa explosão representa a mais vigorosa, audaz e extensa de quantas manifestações autóctones emergiram no sólo brasileiro, por esse tempo.

Só mesmo — pondera notavel historiador — a formação de uma raça inteiramente acclimada ao sólo e ao céu do Brasil, como era a dos paulistas, poderia preparar os resultados extraordinarios que se seguiram ao seu apparecimento.

Predominando no typo novo a audacia proveniente do elemento mais forte da sua formação, o bandeirante enfrentou temerariamente o deserto, como um seculo antes o navegador portuguez enfrentára o oceano.

Certo, a ambição, a mira na escravisação do indigena e a avidez pelas riquezas, mal entrevistadas, nortearam primacialmente o movel aventureiro.

Já era, porém, inconfundivel na mente do bandeirante a noção nativista, sobrepondo-se ao deliberado e cada vez mais acceso proposito do reinol, em considerar-se o dono incontestado do mais formoso e fecundo trecho da America.

E tanto se radicava essa noção no pensamento das caravanas, que não lhes deparavam signaes de posse castelhana, que ellas não abatessem, substituindo-os por marcos asseguradores dos direitos d'El Rei ás regiões perlustradas; e rechasavam para os seus dominios, além do Uruguay, o hespanhol que se vinha expandindo nos dominios da colonia portugueza.

As *bandeiras*, pelos resultados das suas incursões, pela penosidade das suas marchas, pelo insuperavel de seus arrancos, pairam acima das *entradas*.

Pudera dizer-se, como lembra imaginoso escriptor patrio:¹⁾ o Brasil, que se affirmou pela fé na guerra hollandeza — surgio territorialmente da expansão das *bandeiras*, nota galharda e rubra dos nossos anaes, reproduzindo os encantamentos, heroismos e acções temerarias dos gregos *argonautas* á procura do *velocino de ouro*.

Ao norte e no centro a consciencia brasileira se reafirmava por factos e episodios inequivocos, e uma luminosa perspectiva de patria se desdobrava sem soluções de continuidade, nos sertões e planaltos, emquanto para outras bandas, no extremo sul ainda virgem do contacto lusitano o pampa en-

1) Fernando Luiz Osorio, O espirito das armas brasileiras, pag. 55.

cerrava, na sua vastidão de mar em repouso, mysterios por perscrutar...

Nem mesmo o baptismo de sangue lhe faltava, como já vimos, para que a idéa de patria, autonoma, democratica, firmada sobre bases inabalaveis — não em virtude de uma outhorga — porém conquistada pelo esforço perseverante e varonil de seus filhos, se enraizasse cada vez mais ao espirito da população brasileira.

E como si acaso a repulsa do hollandez, as revoltas de Beckmann, dos Mascates, de Pernambuco e de Felipe dos Santos não fossem outros tantos affirmativos padrões da aspiração brasileira em marcha para a implantação da patria de seu sonhar mais rutilo, ao bruxolear do seculo XVIII irrompe na historia a tragedia da *Inconfidencia Mineira*, cujo desfecho vale pelo Tabor da transfiguração ascensional de Tiradentes — o Christo bemaventurado do civismo brasileiro.

E' que a situação dos habitantes da colonia se lhes tornava cada vez mais insupportavel. A metropole tudo lhes arrebatava: o ouro, sob a fórma do clamoroso imposto de capitação, aggravado de anno para anno, quer produzissem muito, quer produzissem pouco as minas; a ampla faculdade de trabalhar, de fundar industrias similares das do insaciavel reino açambarcador. Tudo lhes negava este, até escolas e tribunaes — para que os olhos do espirito não pudessem medir toda a extensão da sua enorme desdita e os impulsos voluntariosos da razão se debatessem impotentemente no vacuo, á falta de ambitos a que se dirigir e donde a justiça — eterna deusa soberana — pudesse despedir os raios fulminantes da sua colera contra tanta iniquidade inaudita.

E quando de um tal estado de cousas emergia a floração necessaria das revoltas, o despotismo gosava duplamente na sua voluptuosidade criminosa e inappellavel; afogando em sangue os abnegados expoentes da desdita collectiva e confiscando-lhes vorazmente os bens, para que deste modo se abarrotaassem de todo os galeões conductores das riquezas do Brasil e dos brasileiros, destinadas a alimentar o fausto e a corrupção de uma cõrte decrepita, o seu favoritismo, o extenso sequito parasitario que lhe formava a cauda.

Esse era o estado dos espiritos quando, decretado o bloqueio continental e em virtude da marcha victoriosa dos exercitos ainda invenciveis de Napoleão I, aqui aportou de improviso D. João VI, depois de haver abandonado precipitadamente o seu reino, para não ter a mesma sorte de outros dynastas, já attingidos pela flagellação do grande aventureiro sanguinario.

O facto dessa evasão em si, rumo ao Brasil, não teve sequer o sabor das cousas imprevisas, pois já em 1627 frei Vicente do Salvador conjecturava, em sua *Historia*: „que, se alguma hora acontecesse (o que Deus não permita) ser Portugal entrado e possuido de inimigos estrangeiros, como ha acontecido a outros reinos, de sorte que fosse forçado passar-se el rei com seus portuguezes a outra terra, a nem uma o podia melhor fazer que a esta. Porque, passar-se ás ilhas, além de serem pequenas, estão tão perto de Portugal que lhe iriam os inimigos ao alcance, e antes de se poderem reparar dariam sobre elles.“

Como quer que seja, do acto de poltronaria desse rei sem compostura, que tinha o costume de trazer na mesma algibeira do gibão o rapé de suas pitadas e os pedaços de frango assado de sua glotonaria, resultaram multiplos e immediatos resultados de extraordinario alcance para o Brasil, aliás contrabalançados deploravelmente pelos males que uma politica imperialista, prenhe de vinganças e perturbadora da fraternidade continental, veio inaugurar e cujas terriveis consequencias tivemos de amargar por mais de meio seculo.

Tão depressa pôde respirar, alliviado do grande susto que raspava com a arremettida de Junot e bem seguro se considerou no seu asylo americano, esse rei sem linha e sem heroismo „levantou a voz do novo imperio que vinha crear“, investio a Cayenna e, para ser agradável á monarchia hespanhola e emprehender afastar o perigo do apparecimento de uma republica a dois passos do seu solio — interveio á mão armada no movimento libertario dos jovens povos platinos, perturbando-o espalhafatosamente e annexando ao Brasil a Banda Oriental do Uruguay, que mais tarde foi o pomo de discordia das nações sul-americanas.

No interior, o monarcha egresso inaugurava o absolutismo como systema de seu governo, isto numa época em que o constitucionalismo, já esboçado na evolução politica portugueza, não satisfazia o espirito brasileiro, que se lançava de preferencia na corrente do radicalismo de revolução americana e da convenção franceza.

Não arrefeceu, comtudo, o movimento autonomista que os naturaes do paiz sobrepunham á sanha dos compatriotas de D. João VI, nem se perturbou a visão do seu objectivo com os accessorios, apparatus e deslumbramentos que constituem de ordinario a ensenação dos thronos.

Occasionalmente desviada a linha recta em que se vinha pronunciando a evolução do radicalismo das idéas, ella passou a descrever, em resultado da extranha intervenção perturbadora,

a parábola destinada a completar-se pela victoria final da liberdade.

Recrudescer a arrogancia dos dominadores da terra, com a presença do seu rei e a preferencia que os attinge na partilha das posições, honrarias, propinas e favoritismo — mas deflagra, como um protesto vehemente e a reafirmação de velhos propositos, a revolução de Pernambuco, que se alastra temerosa pelo Rio Grande do Norte, Parahyba e Alagôas.

Inflamma-se com a insurreição o absolutismo truculento — e mais uma generosa tentativa emancipadora é asphyxiada no sangue de seus martyres, entre elles o padre Roma, para que nunca falte, em todas as jornadas pela liberdade brasileira, mais engrandecendo-as, a figura impressionante e santificadora de um representante da fé christã.

Mas eis que, em meio da conturbada empresa destinada a instalar o absolutismo no Brasil, em Portugal, a revolução triumphante de 1820 decide a volta de D. João VI.

Este, que ainda não estava de todo curado do susto de 1808, e vivia sobresaltado pelas murmurações de conjuras no lar e na praça publica. „não fazia senão relembrar a situação miseravel de Luis XVI, que parecia igual á sua“. ¹⁾

E subiu a tal ponto o medo magestático, quando após a amotinação das tropas portuguezas para que fosse jurada incontinente a futura constituição foi pedida a presença de S. M., — que ella „atemorizada no meio da plebe, desmaiou ao vêr alguns pretos exaltados desatrellarem os animaes de sua carruagem para se substituirem a elles, julgando ter chegado o seu ultimo momento.“ ²⁾

O certo é que, após os avanços, recuos, hesitações e affirmativas em que nos ultimos dias de sua estada no Rio se moveu como um titere, á mercê dos caprichos contradictorios da multidão em delirio, D. João VI e sua numerosa coorte caudataria nos favoreceram com sua ausencia, — não sem ter tido o cuidado de esvasiar os cofres publicos e o monarcha recomendar cautamente ao filho — *Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal; se assim fór, põe a corôa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della.*

Com a partida do rei emprehenderam as côrtes de Lisboa recolonisar o Brasil, contando, para a realisação do insensato projecto, com o aparelhamento militar e civil e com o forte lusitanismo que aqui ficára.

Entre outros actos praticados nesse proposito lembraremos o da suppressão dos tribunaes e o que cerceava a

1) João Ribeiro, obra citada, pag. 265 e 266.

2) Idem, idem.

atribuição do príncipe, revocando para o governo de Portugal a auctoridade sobre as provincias e deixando-lhe tão sómente o dominio do Rio de Janeiro.

Rasga-se, então, para a grande patria imminente o momento mais grave da historia da sua formação.

Vibra a alma collectiva dos brasileiros e com ella se identifica desde logo, para a vida e para a morte, a personalidade impetuosa e combativa do príncipe D. Pedro.

Dirigem-se a este os partidos, as camaras municipaes e os governos provinciaes, concitando-o a amparar a causa emancipadora.

Os patriotas, vigiados por esbirros e comprimidos nas suas aspirações pelos recolonisadores, conspiram nas lojas maçonicas.

E' no Rio de Janeiro, porém, que se conjugam os melhores esforços e se congregam os operarios maximos da cruzada redemptora.

Foi ahi, sob a abobada templaria do Grande Oriente do Brasil, que se reuniram os conjurados pela momentosa causa — magistrados, medicos, soldados, commerciantes, jornalistas e sacerdotes — que, abrazados no afã absorvente, concertaram naquelle ambito, sagrado mais do que tudo pelo estupendo ideal commum, o plano grandioso da autonomia da terra a que se pretendia inflingir a regressão vilipendiosa.

O proprio príncipe D. Pedro ahi compareceu, quando se elaboravam fêrvidamente a jornada do — Fico, — a convocação de uma constituinte, a legenda memoravel da — Independencia ou morte! — do brado do Ypiranga e outros episodios complementares da proclamação da nova patria.

Mas o — Fico — com que D. Pedro I respondeu á intimação das côrtes portuguezas para que regressasse ao reino, representa o rastilho conductor á explosão maxima, e a exaltação extraordinaria que a attitúde real originou no seio da tropa lusitana e do elemento civil do mesmo matiz, veio crear para os patriotas uma situação bem difficil.

Não ha illudir: para o Brasil é chegado o momento psychologico a que se não tem podido furtar os povos — quiçá a propria humanidade nas situações supremas em que surge o homem occasional, debellador das crises.

E' quando se destaca — entre os patriotas para coordenar-lhes os esforços e o príncipe para moderar-lhe os arrebatamentos de rapaz de vinte annos e orientar-lhe a conducta na grave emergencia, — o eminente naturalista e homem publico José Bonifacio de Andrada e Silva.

Um pretexto qualquer viria precipitar o desenlace dos acontecimentos, cuja oportunidade o grande paulista, já então ministro do regente D. Pedro, aguardava precavidamente.

Offereceu-o o governo de Lisboa impondo, como já vimos, o regresso do príncipe, — isto é, imprimindo o derradeiro impulso á sua infeliz tarefa recolonizadora.

Desobedece o príncipe D. Pedro e com o 7 de Setembro de 1822 se inscreve no mappa da America uma nação nova.

A' falta de outra — diz o Sr. João Ribeiro — os brasileiros tomaram a data de 7 de Setembro como a da independencia politica.

„Entretanto, a independencia já se havia consummado com as proclamações de 1.º de Agosto de 1822. Numa dellas declarava-se guerra barbara por todos os meios e recursos contra o desembarque de forças militares portuguezas, consideradas intoleraveis no Brasil; na outra, redigida por Ledo, o príncipe apresentava-se como defensor da „liberdade e independencia“ das provincias e pedia que o grito da união dos brasileiros ecoasse do Amazonas ao Prata.

„Além disso, que significação poderia ter o 7 de Setembro no meio de tantas agitações e quando já havia sido decretada a reunião da assembléa constituinte?“

Essas lutas continuaram depois do episodio do Ypiranga e foi a ferro e fogo que se conseguiu, por entre esforços ingentissimos, consolidar a nova ordem de cousas em varios pontos do paiz, onde as forças militares que se conservaram fieis ao governo de Portugal, resistiram á independencia até a derrota e embarque forçado para o reino.

Os primeiros dias do novo imperio foram, pois, de fadigas exhaustivas para os governantes e de amarguras inauditas para os brasileiros em geral, a quem os filhos da ex-metropole, continuando a considerar-se senhores da terra, relegavam para o plano inferior dos parias.

Uma situação tal determinou os patriotas a não darem por concluida, com o 7 de Setembro, a sua missão emancipadora; e o *Grande Oriente do Brasil* continuou a ser a officina secreta do labor libertario.

Formidavelmente agiu, porém, nessa conjunctura o incipiente governo imperial, e á testa da compressão poz-se resolutamente o ministro José Bonifacio, agora tão prompto e decidido nessa tarefa, quanto cuidadoso e cauto fôra na coordenação das iniciativas pela independencia.

As fortalezas ficaram atulhadas de prisioneiros politicos, ex-amigos e companheiros de lutas do ministro reaccionario.

Diz a proposito o visconde de Porto Seguro, „que se inaugurava d'esse modo, logo no primeiro mez do imperio um

systema inquisitorial, que nem sequer tinha estado em vigor no Rio de Janeiro durante os treze annos do regimen absoluto, que findára no dia 26 de Fevereiro do anno precedente.“

Com todo esse aparelhamento de terror, montado e exercido por José Bonifácio, a nosso vêr elle não decáe do pedestal de patriarcha da independencia, que a pòsterioridade lhe erigiu no portico da nossa vida de povo livre e de que se esforce por apeal-o uma acirrada critica iconoclasta.

Elle era acima de tudo um monarchista convicto e sincero, e enreductado n'esse ponto de vista — um operario cioso d'essa *famosa peça de architectura politica* — o Imperio do Brasil.

„A monarchia brasileira — segundo o esclarecido criterio do Sr. Teixeira Mendes ¹⁾ apparece-nos então como um accidente secundario, transitorio, instrumento nas mãos dos patriotas, e sem esquecer os seus effeitos provisorios, separamos este accidente do grande facto, cuja evidencia está ahi a cegar-nos com a sua luz, — a separação definitiva, irrevogavel, da antiga colonia, para constituir-se em uma patria distincta, evoluindo sobre o proprio impulso.“

A 13 de Maio de 1823 installou-se a Assembléa Constituinte, e nesse primeiro encontro entre os delegados do povo brasileiro e o representante dos interesses dynasticos que se tratava de firmar no Brasil — um antagonismo incoercivel delimitou fronteiras.

Era notável o espirito de liberdade que por esse tempo saturava o ambiente politico do mundo occidental.

„Emquanto tudo conspirava para destruir as bellas instituições — commenta Henry Thomas Buckle, na sua *Historia da Civilisação na Inglaterra* — rebentou repentinamente um acontecimento que produziu os mais notaveis effeitos em França, e que por si mesmo altamente caracteriza o espirito do seculo decimo oitavo. Além do Atlantico, um grande povo, irritado pela injustiça intoleravel do governo inglez, pegou em armas, levantou-se contra os seus oppressores e, depois de uma luta desesperada, conquistou gloriosamente a sua independencia. Em 1776, apresentaram os americanos á Europa essa nobre declaração que deveria estar constantemente sob os olhos dos principes em sua infancia, e ser inscripta sobre os porticos de todos os palacios. N'essas linhas immortaes, declaravam que o objecto de todo governo é manter os direitos do povo; que só do povo recebe elle os seus poderes, e que toda vez que um governo offende a esses fins, tem o povo o direito de mudal-o e abolil-o, e de instituir um novo governo, estabele-

¹⁾ Discurso commemorativo do 50.º anniversario da Independencia do Brasil.

cendo os seus fundamentos sobre os principios, e organisando os seus poderes pela forma que elle julga mais susceptivel de firmar a sua segurança e a sua felicidade.“

A França tornou-se, porém, o centro de irradiação dos direitos de homem, pelo órgão da sua formidável Convenção Nacional, como foi através d'ella que os povos latinos receberam, da Inglaterra, as praticas parlamentares que não poucos tropeços lhes têm creado, no seu evoluir politico-social.

A Constituição Brasileira não tinha, portanto, como eximir-se á influencia de um tal ambiente, e o primeiro signal denunciativo da presença do espirito da época no seio da conspicua corporação foi a sua soberana repulsa á dependencia do *veto*, que se exigia para que a Constituição a votar-se pudesse entrar em vigor.

Irritou-se o imperador, atirando-se aos braços dos lusitanos; surgiu a arruaça, a demagogia installou-se na imprensa opposicionista e na Constituinte, onde os debates se acirraram e os odios explodiram incontidos, e não faltou quem antevisse para D. Pedro I a „sorte miseranda de Carlos I e de outros reis, que pagaram no patibulo a traição á patria. Na assembléa, o povo invadia as galerias e pensava-se em transformar a Constituinte em Convenção.“

Por esse tempo José Bonifacio e seus irmãos tinham decaído das boas graças do imperante e perdido o poder; e da sua attitude reaccionaria na assembléa foi que resultou a luta entre a Constituinte e o dynasta.

Após uma serie de peripecias entre a soberana assembléa e o imperador, vibrou-lhe este o golpe decisivo, dissolvendo-a e fazendo prender e deportar os Andradas.

A população do Rio de Janeiro viu em seguida, sob a dolorosa impressão de um tal acto de prepotencia, o imperador „passear o seu triumpho pelas ruas“, como refere um historiador contemporaneo. De que não seria capaz, dahi em diante, se lhe não tolhessem as redeas, um monarcha que no seu primeiro contacto com os representantes do seu povo, lhes infligiu tal affronta?

Frustrado o proposito do imperador, de fazer votar a lei basica do imperio tal como elle entendia dever ser votada, S. M. prescindiu, d'ahi em diante, de encontrar-se novamente com uma Constituinte, preferindo o alvitre de nomear uma commissão de dez membros, afim de confeccionar uma Constituição sobre bases por elle fornecidas.

Foi essa a Constituição que S. M. fez jurar, a 25 de Março de 1825. Além delle juraram-n'a familiarmente a imperatriz, o Bispo do Rio de Janeiro, a camara municipal e outras pessoas importantes.

A seguir, algumas camaras municipaes das provincias juraram tambem o trabalho do monarcha que ficou sendo a constituição do Imperio, sob cuja égide o Brasil viveu durante 68 annos.

Emquanto, porém, na côrte o absolutismo resurgente suffocava quaesquer manifestações de protesto contra os actos da politica imperial, nas provincias crepitava inextinguivel o fogo do patriotismo, tanto mais fulgurante quanto mais se patenteavam os processos compressores da nossa liberdade politica.

Na Bahia abafou-se com difficuldade um movimento revolucionario.

Insurgiu-se a 24 de Julho Pernambuco. „A outhorga de uma constituição excluia o principio theoretico de que ella devia ser a representação da vontade nacional.“

A' revolução pernambucana adherem o Rio Grande do Norte, Ceará e Parahyba. Proclama-se a *Confederação do Equador*, que o governo imperial afoga em sangue. Entre os martyres está Frei Joaquim do Amor Divino, que foi fuzilado.

Comquanto victorioso nos golpes que vibra nas expansões revolucionarias, D. Pedro debate-se nos obstaculos que lhe criam as primeiras experiencias do regimen parlamentar.

Succedem-se os ministerios, ante as manifestações hostis das camaras creadas pela Constituição.

Cedem á pressão do parlamento e da imprensa os gabinetes moderados, para logo depois ceder tambem um gabinete liberal, diante das manifestações imperialistas dos portuguezes, seguidas de sanguinolentos conflictos com os brasileiros.

O chefe do Estado enfrenta a crise e organisa um gabinete aulico, exclusivamente composto de gente sua — marquezes e viscondes; amotina-se o povo, reclamando na praça publica a restituição do antigo ministerio, resiste o imperador — que se vê subitamente abandonado pela tropa, e a revolução estala, impellindo-o até o acto da abdicção.

O movimento triumphante não se satisfaz, porém, com a deposição do monarcha e ameaça levar o seu impulso até a implantação da Republica, em que venceria igualmente, si não corresse a amparar o regimen periclitante a varonil e popularissima figura de Evaristo Ferreira da Veiga — o camartellista formidavel da demolição do primeiro reinado que se transforma, de inopino, no sustentaculo maximo do throno — rolando para o abysmo.

Narra um biographo do jornalista da regencia, que „triumphando o movimento popular, o general Lima e Silva procurou um homem capaz de dirigir a situação. Evaristo compareceu

então, e viu com pesar que o jubilo do povo ia rapidamente se transformando em virulenta e odiosa reacção.

Era preciso travar o carro da revolução — para usarmos da phrase de um illustre brasileiro: — Theophilo Ottoni — costumava dizer, em palestra, que Evaristo praticara um grande crime travando o carro da revolução a 7 de Abril.“

Nesta data, effectivamente, Evaristo da Veiga salva o regimen, como já o salvára José Bonifacio, a 7 de Setembro.

A' regencia que se seguiu aos acontecimentos de 7 de Abril de 1831 deparou-se um caminho erçado de precalços, entre os quaes não era o menor a anarchia militar, que se intensificou com a terminação violenta do primeiro reinado.

Estrugiram as revoltas — no Pará, Pernambuco, Maranhão, Ceará e Matto Grosso, e a opinião se desorientava, trabalhada pelos partidos — os exaltados que aspiravam ao arrasamento de toda a ordem de cousas existentes, „os moderados, que sustentavam a regencia, e os restauradores, que anceiavam reconstituir o passado“, e entre os quaes se alistava José Bonifacio.

O Brasil politico — semelhava, no critico momento, um mundo em formação: um nucleo central em estado de fusão, sob tenue superficie — que se eleva aqui em montanhas, fraturando-se, atirando aos ares a materia ignea do seu interior — para deprimir-se acolá, em amplos valles cavados e soturnos.

Não hesita, porém, a regencia trina em face da temerosa crise; pelo pulso vigoroso e inclemente de seu ministro Antonio Feijó — um padre — estrangula as rebelliões nas provincias e avançando resolutos para o nucleo gerador dos disturbios do Rio de Janeiro — o exercito — dissolve-o, creando para substitui-lo a guarda nacional.

Então, agindo já como unico regente, em virtude do *Acto adicional*, que creou as assembléas provinciaes e aboliu o conselho d'Estado, o governo regencial teve uma tregua que lhe permittiu trabalhar.

Constata Sylvio Romero ¹⁾ que „o decennio que vae de 1830 a 40 é a certos respeito a época mais valorosa e memoravel da historia do Brasil. Nunca tivemos tanta audacia e nunca mostramos tão bom senso. Nunca houve tanta indisciplina, nem tanta energia e desprendimento. A velha colonia com D. João VI e Pedro I tinha apenas mudado de senhor, o portuguez ainda imperava; a regencia trouxe-nos a posse e a consciencia de nós mesmos.

Os partidos agitaram-se, as provincias abalaram-se, as revoluções surgiram. A imprensa multiplicou-se como por

1) Historia da Literatura Brasileira, 1.º vol.

encanto, os clubs e associações tomaram vida e vigor desconhecidos: republicanos, monarchistas, restauradores, federalistas, exaltados, todos combateram com vehemencia. A *carta* foi revista e modificada; a escravidão, abalada com a extincção do trafico; as facções por toda a parte debelladas; o espirito militar e separatista comprimido.

Uma região houve no Brasil, porém, em que nada pôde a decantada energia ferrea da regencia: o Rio Grande do Sul, na época memoravel da jornada farroupilha.

Com todos os seus celebrados processos de jugulador consummado de crises nacionaes e regionaes, em que não raro deveu suas victorias ao emprego de extremas medidas violentas, o padre Feijó teve de assistir ao eclipse da sua popularidade, na impotencia de vencer a Republica de Piratiny.

E como só agora, na sequencia dos factos que constituem o objecto d'esta dissertação, me é dado alludir á nossa terra, justo é assignalar, como um preito de justiça n'esta hora augusta de evocação centenaria, que o Rio Grande não esteve aquem das demais circumscripções co-irmãs, na elevação do Brasil no conceito americano e mundial.

Basta o facto de ter sido aqui o scenario onde se travou o duello derradeiro da fixação das raias meridionaes de nossa patria, para se evidenciar o inconfundivel relevo politico da região.

Certo, quando entrámos com o nosso contingente para a formação, autonomia, defesa e consolidação da patria, ia já adiantada a obra de nossos irmãos de outras bandas.

Ao norte, consummara-se a epopéa dos mamelucos arremessando para o mar o batavo; no sul vencêra já muitas etapas o bandeirante, — quando arribou ao Rio Grande, de todo abandonado da metropole, segregado do mundo pela sua fatalidade geographica — a esquadra lusitana mallograda no intuito de apoderar-se de Montevideo.

Fundado o presidio militar, como corollario da arribada, d'essa praça de guerra originou-se o Rio Grande do Sul — nomade, peleador, caudilhesco, guerreiro nas phases iniciaes de sua existencia — para transformar-se, a seguir, n'uma gradação modificadora, no estupendo departamento progressista que hoje faz honra ao Brasil inteiro.

E, ultimos a entrar na evolução politica, tambem derradeiramente nos coube a tarefa mais ardua, não só na sustentação das numerosas guerras travadas sobre as fronteiras sulinas, como na dilatação d'estas, á custa dos temerarios feitos das legiões gauchas, que desempenharam n'estas paragens o papel que, n'outras, representaram os mamelucos e os bandeirantes.

Zarpou, entretanto, o hollandez — e o nativista do septentrião não teve mais a preoccupal-o a defesa.

Encerraram a seu turno as bandeiras o cyclo do desbravamento e da aventura — e o paulista passou tranquillamente a fruir, engrandecer e nobilitar a sua terra.

Não assim o Rio Grande que, ultimo a entrar, como enunciamos, com o seu contingente para a formação do espirito colectivo da nacionalidade, recem lhe foi dado depôr as armas sobre que viveu cêrca de um seculo, para repellir as arremettidas dos exercitos invasores.

Trances dolorosos, terriveis e de inusitada heroicidade esses, em que no extremo sul do Brasil a linha de fogo era a trena que delimitava a fronteira moveiça em tortuosidades de serpente, ora avançando a divisa castelhana até a antiga villa de Rio Pardo no coração do Rio Grande, ora recuando sob o embate das armas d'El Rei Nosso Senhor, até fixar-se, por longo tempo, no estuario do Rio da Prata.

De sorte que, pela sua situação excepcional, emquanto para outras bandas se dicidia da sorte interna do Brasil á sua revelia, parece ter-se formado alhures o falso conceito de que a obrigação do Rio Grande, com relação ao todo, se encerrava n'uma orbita intransportavel: fornecer carne ao canhão!

D'ahi a surpresa geral e uma injustificada prevenção que penetrou fundo na historia nacional — quando a geração mascula de 1835, n'uma tregua que lhe proporcionava a paz nas fronteiras, após examinar a precaria situação creada para as provincias pelo ludibrio das promessas contidas no *Acto adicional* rompeu revolucionariamente contra o imperio, proclamou, organisou e defendeu por espaço de uma decada a Republica Rio Grandense.

Embalde tentou a regencia, e depois o segundo imperio, concentrando no Rio Grande do Sul todos os recursos bellicos de que podia dispor, derrotar os *farrapos*, gloriosos e immortaes que, afinal abatendo as armas repetidas vezes vencedoras, em face do imminente perigo de uma guerra internacional — „obedeceram ao mesmo impulso superior que os fizera empunhal-as: o patriotismo.“¹⁾ Gloria á geração imperterrita!

Uma conspiração de parlamentares liberaes precipitou o inicio do segundo imperio, provocando o — quero já! — do principe D. Pedro, que tinha apenas quinze annos de idade quando lhe anteciparam a maioridade e o assentaram no throno.

A pacificação do Rio Grande do Sul sob o incipiente segundo reinado, bem como o termo das numerosas guerras

¹⁾ Alfredo Ferreira Rodrigues.

civis em varias provincias, n'um periodo de nove annos de 1840 a 1849 — prestigiaram-n'o sobremaneira.

A amnistia ampla coroou sempre o termo d'essas guerras intestinas, e não pouco deveu D. Pedro II ao mais glorioso genral do imperio — o imperterrito duque de Caxias — o grande fautor da paz no primeiro decennio do seu reinado, os largos dias tranquilllos que lhe coube desfructar.

Depois a nação, sem contudo renunciar os seus ideaes civicos, cercou de carinho o throno, onde pela primeira vez se installava um filho do Brasil.

O novo imperante soube, a seu turno, corresponder até certo ponto á acolhida, revelando-se tolerante, dotado de excelsas qualidades de character e coração, offerecendo aos seus subditos, na conducta publica e privada, exemplos dignos de serem imitados.

Outro grande factor da calma sob que decorreu quasi todo o segundo reinado, foi o rythmo com que, desde o seu inicio, se revesavam nas graças do monarcha as duas correntes politicas — conservadora e liberal — que deram ao governo parlamentar d'esse periodo historico do segundo imperio, um simulacro de opinião livre — quando a verdade é que, no fundo de todo este mechanismo, prevalecia o poder pessoal do imperador, que revesava os partidos no poder, a seu talante.

Alóra essas circumstancias, sobre descurar o estudo dos graves problemas de que dependia a prosperidade do Brasil e ao envez de imbuir-se do brilho inherente ás suas funcções magestáticas, o imperante preferia recommendar-se como philosopho, scientista, polyglota e poeta, passeando esses attributos pelos paizes europeos, onde se fazia admirar ainda como imperador-democrata.

Grandes erros commetteu elle, sendo que o maior de todos foi proseguir na politica de seus antecessores no throno, de interferencia armada na vida intima das nações do Prata.

Pretenso pioneiro da civilisação e das idéas liberaes no continente, a cada passo o chefe do Estado impellia os seus exercitos para os territorios visinhos, em allianças com caudilhos revolucionarios, para installal-os no poder, visando compensações nem sempre obtidas.

E o que contrastava singularmente com essa politica e com os *ultimatuns* que lhe serviam de ponto de apoio em suas phases mais tensas, era o facto de não termos sobre as fronteiras, quer para escoral-os, quer para defender as intromissões imperialistas e conter as represalias correspondentes — corpos de exercito convenientemente aparelhados.

Além de haver desaparecido da sociedade Brasileira o gosto pela carreira das armas, em resultado dos desastres a

que as sujeitaram no Prata D. João VI e D. Pedro I, pesa sobre o filho d'este a culpa de „abandonar o exercito ao menospreso que era proprio de seu temperamento de philosopho e sua aversão ás cousas militares, aversão que desde os tumultos da soldadesca na regencia passou ao animo de todo o povo politico.“¹⁾

Certo, nem sempre foi indebita a intervenção do Brasil na politica internacional do continente, maximé quando, em cumprimento do solemne compromisso que contrahira, de sustentar a independencia do Estado Oriental, e para conter os gestos provocadores do repulsivo dictador Rosas — o tigre de Palermo —, tornou-se mister abatel-o em Monte Caseros, ao termo de uma esteira de triumphos para as nossas armas.

Uma tradicional athmosphera de prevenções se havia formado, porém, contra a nossa patria, de sorte que — não direi n'essa conjuntura: porém quando da justa guerra que, insólita, intempestiva e brutalmente provocados pelo Paraguay, lhe levámos n'um necessario gesto de revindicta — a verdade é que as sympathias de todo o mundo civilisado se voltaram para os nossos inimigos.

Concluida a guerra em 1870, pela victoria das forças de terra e mar do Brasil em alliança com as republicas Argentina e do Uruguay, o imperio voltou á tranquillidade que o grande e prolongado conflicto interrompêra.

Havia, entretanto, transcendentés e momentosas questões a derimir, entre as quaes a de limites com a Republica Argentina, que por mais de uma vez ia transtornando as relações entre os dois governos.

Outra de caracter interno, que já o patriarcha da independencia ensaiára solucionar na Constituinte, era a da libertação dos escravos.

Depois de haver vencido varias etapas, a grande causa encalhou nos meandros da politica imperial, que se extenuara na campanha redemptora, decretando em 1871 a libertação do ventre da mulher escrava.

Sobrepondo-as, porém, á inercia dos governantes em restituir o supremo dom aos excluidos da fraternidade humana, despertando do torpor em que por largos decennios se immobilisára, vibrou unisono o civismo nacional no mais bello dos impulsos. Não houve classe nem pártido que hesitasse em alistar-se sob as bandeiras dos vanguardeiros benemeritos — dentro em pouco indistinguiveis na multidão dos novos cruzados — que eram a propria nação em marcha.

1) João Ribeiro, obra citada, pag. 302.

A opinião fórça a acção governativa e a crescente contingencia de transigir traz a instabilidade dos ministerios.

Não bastam palliativos e condicionalismos: exige-se a abolição immediata e incondicional, as provincias se impacientam e libertam em massa.

Crystalisa-se, afinal, a vontade soberana do povo sob o gabinete João Alfredo: a 13 de Maio de 1888 o parlamento vota a lei da liberdade e a princeza imperial regente a sanciona immediatamente, passando á historia com o cognome de Redemptora.

Que se fique a excelsa senhora com o cognome — visto como para os imperantes é dos estylos não penetrar o recinto augusto sem o apanagio de subtítulo evocador. Mas a conquista gloriosa da libertação do elemento servil — essa pertence ao povo brasileiro.

Com a acquiescencia do imperador ou sem ella; com ou sem o referendum da princeza regente — a epopéa do resgate irrevogavelmente se consummava. E si algum merito houve no facto da invacillante identificação da herdeira presumptiva com a vontade popular, foi o de haver sua alteza conseguido, com o seu decidido gesto de 13 de Maio, evitar que o throno de seu illustre progenitor ausente desabasse n'esse dia, antecipando de 17 mezes o magno evento dos fastos nacionaes.

E com o despertar do civismo brasileiro reencadêa-se a serie de suas conquistas: Fico, 7 de Setembro, 13 de Maio.

A ultima redundou no desamparo da monarchia pela importante classe conservadora, subitamente privada do elemento motor de suas uzinas e lavouras.

Aliás, depois que em 1887 a questão militar afastára do regimen a sympathia das classes armadas, a sua estabilidade só podia ser explicada pela lei da inercia.

E' certo que, se apercebendo da agudeza da crise, mais uma vez o liberalismo tentou salvar as instituições, formulando um programma de reformas sob a base da federação monarchica das provincias; mas os republicanos, que por esse tempo incrementavam fervorosamente a propaganda de suas idéas, invalidaram a manobra contemporisadora.

Todos esses acontecimentos estavam a prenunciar a fallencia do regimen: — d'ahi a facilidade com que o throno foi desarticulado sem resistencia e ruiu indefeso, a 15 de Novembro de 1889.

Attribuir-se a quêda da monarchia ao inesperado de uma revolta militar, como traduzem alguns a patriotica identificação das classes armadas de terra e mar com o elemento civil n'essa data inolvidavel, é cerrar obstinadamente os olhos ao passado democratico do Brasil, com todas as vicissitudes e martyrologios

com que se pretendeu vãmente extirpar da consciencia nacional a aspiração republicana.

Mais ainda: importa em irrogar ao povo brasileiro a injuria maxima de crel-o tão cobarde, que bastaram umas poucas centenas de soldados em rebellião no Rio de Janeiro, para impôr-lhe victoriosamente a mudança do regimen dominante.

A monarchia não tinha raizes no Brasil — eis a soberana verdade — e o povo a tolerava apenas, nos decennios em que deixou de hostilisal-o systematicamente, por causas que já examinámos.

A republica, sim, estava na tradição, estava no surdo aneio de revindicta, pelo supplicio de seus martyres no cada-falso real; bradava do fundo da nossa historia, como si fôra a propria alma da patria ergastulada; era entrevista, emfim, cada vez mais perto, como o derradeiro termo de nossa evolução politica — para integrar-nos na America e na civilisação occidental.

E tanto era assim, que tivemos logo, com o governo provisório a federação dos Estados, o casamento civil, a secularisação dos cemiterios, a separação da Igreja do Estado e a grande naturalisação — reformas que nunca passaram, no regimen deposto, de meras aspirações ideaes.

A seguir, com a decretação da carta politica de 24 de Fevereiro — a mais livre das constituições mundiaes — erigimos, de par com as garantias individuaes, os magnos principios de condemnação absoluta da guerra de conquista, e do arbitramento nas questões internacionaes, postulados grandiosos que só agora as principaes potencias, ainda sangrando pelas feridas abertas na pavorosa guerra maxima, discutem, impugnam ou repellem, ao promoverem a sua codificação nos programmas de precarias ligas pacifistas.

E que não faziam obra occasional para os armar ao effeito em affirmações platonicas, d'essas que se inscrevem no vestibulo dos regimens, tão sómente para recommendal-os á complacencia da opinião ainda insegura da sinceridade dos reformadores, — provamol-o á saciedade.

Sim, logo ao alvorecer da transformação ultimamos o secular pleito com a Republica Argentina, sobre o territorio das Missões, saindo o Brasil victorioso pelo laudo de Grover Cleveland, presidente da Republica dos Estados Unidos da America do Norte.

A seguir, e sob a mesma base do arbitramento liquidamos com a França a nossa tradicional questão de limites na Goyana Franceza. Deu-nos ganho de causa o estadista Hauwer, presidente da Confederação Suissa.

Reivindicamos o nosso direito sobre a ilha da Trindade, onde a Inglaterra havia feito levantar o seu pavilhão.

Celebramos com a Bolivia o tratado pelo qual ganhamos o Acre, opulentando consideravelmente o patrimonio territorial do Brasil, por aquelle lado de nossas fronteiras.

Quer dizer, com a aquisição do Amapá, do Acre e das Missões a nossa patria incorporou aos seus dominios, sob o regimen republicano e o fecundo principio do arbitramento, perto de 742 mil kilometros quadrados, ou um territorio maior do que a Allemanha, França, Austria Hungria, Japão, Hollanda, Dinamarca, etc.

A realisação de taes conquistas em menos de dois decennios, pelo solemne reconhecimento expresso de seus direitos — sem disparar um tiro de canhão e sem o sacrificio de uma só vida, vale para o Brasil por um programma de concordia desdobrado na America e em face da humanidade inteira.

Resaltemos n'esta hora sem igual o nome benemerito do excelso obreiro de um monumento assim tão alteroso e de tão expressiva significação humana — o Barão do Rio Branco, de quem Ruy Barbosa disse:

„Foi o ultimo bemfeitor das nossas fronteiras, restaurando-as, alcançando o reconhecimento do nosso direito á região que o estrangeiro nos disputou. Invejavel destino o d'esse estadista coroadado nas lutas pacificadoras do arbitramento, projectando o seu vulto sobre os extremos do paiz, especie de *nume tutelar* como *deus Termeiro* da nossa integridade nacional! Reputação creada na dignidade e no trabalho, homem de honra, alma honesta e nobre, assignalada em tantas provas, nome historico na herança da benemerencia nacional e de serviços á humanidade.“

Outro facto altamente expressivo do nosso ideal de fraternidade para com os povos da America, dos nossos sentimentos de justiça e equidade, foi a communhão das aguas da lagôa Mirim e do rio Jaguarão, com que em 1909 o Brasil brindou a Republica do Uruguay, agindo n'essa expontanea iniciativa, para nos servirmos dos proprios termos da mensagem que a justificou — „desinteressadamente, sem buscar compensações, que outros poderiam pretender, dada a perfeita situação juridica em que nos achavamos.“

Em 1907 reuniu-se pela segunda vez a conferencia internacional de Haya, convocada para ajustar a paz do mundo — e que não conseguiu mais do que disciplinar a guerra e contel-a dentro dos limites que na primeira necessidade se abateram, no dizer judicioso de Clovis Bevilacqua.

Convidado a fazer-se representar na conspícua assembléa, o Brasil investiu Ruy Barbosa da eminente delegação.

Em boa hora o fez, pois que nunca a nossa pátria appareceu tão grande perante o mundo civilisado, como no dia em que o seu extraordinario representante, surprehendendo os demais conferencistas com os arroubos de uma dialectica prodigiosa ao serviço de irrevogaveis principios de moral internacional, reivindicou para as pequenas patrias a igualdade de soberania que as grandes reservavam egoisticamente para si, erigindo-se em arbitros incontestes e exclusivos dos destinos humanos.

As circumstancias me impuzeram algumas vezes — lembrou o embaixador conspícuo — „o papel de órgão geral da America Latina, e nem só d'esta, senão de quasi todas as nações ameaçadas pela tentativa de classificação das soberanias no caso da organização da Córte de arbitramento. Outra ocasião houve, em que tive de accentuar a identidade entre a honra da minha patria e a honra do meu continente. Foi no meu discurso final, no meu adeus á Conferencia. Evoquei a imagem da America, desvanecendo-me em pintar o verdor florescente da sua civilisação, as grandes correntes de progresso que a transformaram rapidamente, a imminencia da sua grandeza futura.“

Como se vê, o Brasil, com a vigencia do seu regimen politico definitivo, sem descurar os vitaes problemas de ordem economica e administrativa, sem protelar a solução de assumptos da maior relevancia, como seja, entre outros, a decretação do seu Codigo Civil, esse monumento de sabedoria juridica — iniciou e tem mantido nobremente uma larga politica de approximação de povos, politica que não se circumscreve ás raías do Continente e que se reafirma em amplos surtos eloquentes, sempre que periclitam os eternos principios da justiça e da liberdade.

Para proclamar-os e defendel-os através das maiores vicissitudes, não aguarda palavra de ordem de quem quer que seja, nem se apassiva em planos secundarios, á espera de vangloriamentos de outrem. Ao contrario d'isso, o Brasil já tem norteado povos rumo á defesa da causa do direito e da justiça, como succedeu quando foi da maior hecatombe humana da historia, em que, primeiro no mundo a erguer o seu protesto contra o apunhalamento da Belgica, e nosso paiz traçou aos neutros em face do conflicto, a unica directriz compativel com as exigencias da civilisação affrontada, e não vacillou no cumprimento do dever supremo, envolvendo-se na luta ao tocar-lhe a vez do revide e n'um momento de dolorosa incerteza universal quanto ao desfecho da tragedia formidavel.

No seu primeiro seculo de vida independente, pôde o Brasil desvanecer-se de não ter sido improficuo á causa da humanidade o seu ingresso no concerto das nações.

Sem civilisação propria, o que aliás succedeu á generalidade dos paizes que as velhas metropoles occidentaes descobriram, povoaram e incorporaram, o nosso não é, entretanto, do numero dos que tenham arrastado existencia parasitaria, que se não compadece com os altos deveres que constituem a propria razão de ser das nações autonomas.

Nas artes, na literatura, na economia politica, nas sciencias — provincia em que entramos com valores novos para o patrimonio commum —, no jornalismo, na historia, na poesia, na arte da guerra, na diplomacia, no direito — em todos os departamentos do saber figurou com lustre esta amada patria nossa, esculpindo na galeria de seus homens representativos — notabilidades que honrariam pantheons de paizes da mais requintada civilisação.

A traços largos, eis bosquejada — sem nenhuma eloquencia, porém com muita sinceridade — a actuação do Brasil na solução dos problemas que mais de perto affectam a felicidade humana.

Sem nos alheirmos a emprehendimentos que visem melhorar a sorte do homem na superficie do planeta — alvedrio por elle perseguido desde que encerrou o estagiô da caverna — um ideal supremo nos conduziu sempre, atravez de toda a nossa accidentada trajectoria: o ideal da solidariedade humana.

E porque todos os actos do Brasil se orientam para essa parte do quadrante da civilisação, quando entramos com o nosso esforço para a conquista dos ares — magna aspiração em que nos tocam as principaes realisações — foi em demanda do paiz em que já estivemos na imminencia de chocar-nos novamente pelas armas, foi rumo á Republica Argentina, n'uma re-affirmação de sinceros votos de amizade que dirigiu o seu vôo triumphante — o maior até hoje testemunhado pelo céu sul-americano — o arrojado compatriota que temerariamente o emprehendeu.

Patria! Região sagrada, terra mater sobre que se arqueia o céu mais lindo, puro e constellado do planeta; paiz maravilhoso em que ao termo de noites encantadoras de extases e scismares o sol desponta na aurifulgencia de rei alado por entre hymnos á vida, e após a trajectoria de uma fecundação prodigiosa tomba em explosões de ouro e irisa n'uma apothéose a linha horizontal do seu obumbramento: — salve!

Patria! Terra da Promissão, cujas fronteiras se abatem para dar passagem ás caravanas dos evadidos de todas as paragens do mundo exaustas ou hostis ao homem; solo predestinado que a mão de Deus, n'um gesto de munificencia, indicou ao rei afortunado para servir de morada a uma raça varonil e que o suor, o sangue e as ossadas de gerações sem conta ungriram, em gloriosas cruzadas intemeratas: — Hosanna!

Nação impavida e invencível, communhão emocionante de vivos venturosos com as legiões innumeráveis de mortos que nos fizeram o maior e o mais sublime dos legados — uma patria: — e que desertam a sua paragem mysteriosa para acudir, no magno dia, á evocação de seus feitos inolvidáveis — no pampa, nos sertões, nas serranias e nos mares, repellindo o invasor, levando a guerra santa da revindicta aos ultrajadores da nacionalidade, alargando intemeratos as fronteiras do paiz: — Hurrá!

Patria! Symbolo dos symbolos, anelo, inspiração, honra, esperanza, amor; represa do sangue de trinta e tantos milhões de brasileiros em que asphyxiarias o temerario que acaso intentasse macular-te; synthese vibrante do sentir e do pensar de um povo que preferiria morrer contigo envolto no auri-verde sudario constellado — a vêr-te desintegrada, diminuida, fragmentada, sombra nostalgica do que foste, projecção confusa de um passado epico: — Alleluia!

„Brasil! de amor eterno seja symbolo
O labaro que ostentas estrellado
E diga o verde-louro d'essa flammula
— Paz no futuro e gloria no passado.“

Disse.

Vocabulos tupis na Geographia riograndense

Souza Docca

Capoeira — corr. *caá-poera*, a matta extincta. Arroio affluente do Duro, no municipio de Camaquam. — Por essa designação são conhecidas duas sangas, uma dellas engrossa as aguas do Cambahy, no municipio de S. Gabriel, e a outra as do Jacuhy, em Cachoeira. Existe tambem um passo com esse nome, sobre o Guassupy, em Julio de Castilhos.

Capororoca — corr. *caá-pororog*, estrondo no matto ou matto que estronda, que arrebenta. Designação de um lugar no municipio de Santo Antonio e de um rincão do municipio de S. Gabriel.

Cará e não *Carã*, como geralmente é escripto. E' corr. de *acará*, que é, por sua vez c. de *a-cará*, cabeça aspera. O nome de um peixe, conhecido vulgarmente por cascudo e comum em nossos rios. Pode ser tambem *cará*, nome de uma raiz conhecida e comestivel — o inhame — e pode ainda exprimir destresa, astucia, manha.

Arroio que depois de banhar o municipio de Cangussú se lança no Camaquam.

Caraá e não *Caraha*, como se lê no dictionario de O. Faria. A semente do cará (*Dioscorea*). Nome de dois arroios, um delles é tributario do rio dos sinos e rega o municipio de Santo Antonio e o outro do rio das Antas, no municipio de Cima da Serra. Ainda no primeiro dos citados municipios existe uma linha colonial com esse nome.

Caraguatahy — c. *cararautay*, rio dos caraguatás ou gravatás. Arroio no municipio de Santo Angelo, desagua no Ijuhy; lugar em S. Francisco de Assis.

Carahy — c. *cará-y*, rio dos carás ou simplesmente *carahy* — forma contracta de *carahyba* — appellido que davam os tupis ao homem branco. Arroio tributario do Inhaçundá, pela margem direita, perto do passo de Batovy, depois de um curso de 12 kilometros. Nasce nos campos de seu nome e corre para S. O.

Carahy-passo. Palavra hybrida, c. *carahy-passo*, passo sagrado, passo do valente, passo do sabio ou passo do homem branco. Arroio tributario do Jaguary, rega o municipio de S. Francisco de Assis.

Carajá, deve ser alt. de *caraya*, manha, astucia do senhor ou dominador, visto que ya como suffixo exprime, segundo Th. Sampaio, senhor, dominador. Nome de quatro arroios, dois delles regam o municipio de Cima da Serra, sendo um tributario do Camisas e o outro do Cahy; os outros dois são: um affluente do Passo Fundo, no municipio deste nome e o outro do Camaquã, no municipio do Caçapava.

Carajasinho. Palavra hybrida, c. *caraya-zinho*, o correcto, é *caraya-mirim*. O diminutivo em tupi se forma pospondo ao positivo os vocabulos *mirim* ou *mini* ou simplesmente a particula *y*. Por aquelle nome é conhecido um lugar no municipio de Santo Angelo.

Caras — E' tambem palavra hybrida, visto que o plural de *cará*, em tupi, é *caraéta*, porque o plural nessa lingua se forma com os adjectivos *etá*, *cuera* ou com os suffixos *guera*, *cuéra*, *gué*, *cué*, como no guarany antigo. Com aquelle nome existem: no municipio de Cahy, uma linha colonial e um arroio, sendo este tributario do rio que dá o nome ao referido municipio, e um lugar em Lagoa Vermelha.

Carasinho — Palavra hybrida, pelo mesmo motivo que o é *carajasinho*. Importante districto no municipio de Passo Fundo, em cuja séde existe uma estação da estrada de ferro riograndense, com esse nome. Ainda no municipio de Passo Fundo existe um curato com essa designação, um arroio que banha o districto acima referido e uma estrada de rodagem que liga a séde desse districto ao nucleo colonial de Não-me-toque. E' tambem por esse nome conhecido um lageado no municipio da Soledado.

Carazes — E' um erro crasso esta designação, que nada traduz. O correcto é *caraetá*, pelos motivos já expostos na palavra *caras*. Nesta ao menos foi observada a regra para a formação do plural em portuguez, o que não aconteceu em *carazes*. São assim designadas duas voltas, sendo uma no Jacuhy, a 3 legoas de Porto Alegre, e a outra no Ibiçua.

Carijos — O correcto é *carijoetá*, pelos motivos já expostos. *Carijo* é corr. de *caray-yo*, o mesmo que cariboca, que

exprime: tirado ou descendente do branco; sarapintado de preto e branco: pedres. Nome de dois arroios, sendo um delles affluente do Jacaré, no municipio de Lageado, e o outro rega o municipio de Guaporé. Ainda nesses municipios existem, respectivamente, um morro e uma serra.

Carioca — O mesmo que carijo. Exprime tambem — mestiço, isto é: filho de india com branco. Pode ser tambem, como adverte Th. Sampaio, *cari-oca*, a cara do branco.

Porto e passo sobre o rio dos Sinos, arroio affluente deste mesmo rio e linha colonial, tudo no municipio de S. Leopoldo. Existe ainda com esse nome um arroio affluente do Almoço, no municipio de Santa Cruz e uma Cachoeira, no Jacuhy.

Carovi — corr. *caá-rob-y*, arroio das carobas ou do matto folhudo ou ainda da folha amarga. Pode ser tambem de *caá-r-oby*, a folha azul.

Arroio no municipio de Caxias; lugar no municipio de S. Luiz, rincão e districto no municipio do Boqueirão e capão á margem direita do Icambaguá ou Camaquam das Missões.

Carumbé — O mesmo que chué. Tartaruga: *carumbé*, *rupiá*: ovos de tartaruga; *carumbe-naçoó rnguá*: tartaruga não é carne.

Por *carumbé* tambem é designado um cesto raso, semelhante a tartaruga.

Arroio affluente do Toro Passo, no municipio de Uruguayana, e estação da estrada de ferro no mesmo municipio, entre as de Toro Passo e Pindahymirim.

Caruru — corr. *caá-rurú*, folha ou herva inchada, aquosa. Arroio no municipio de Caxias.

Catanduva — corr. *caáta-dyba*, grande quantidade de intervallos, isto é: abundancia de cerrados, matto ralo, carrasquento. Arroio tributario do Ibicuhy, no municipio de Santa Maria, onde tambem existe uma estrada com esse nome. Banhado e lugar em Santo Antonio da Patrulha.

Catanduvinha — Palavra hybrida, c. *catanduva-inha*, em vez de *catanduva-mirim*. Lugar e passo no municipio de Santo Antonio.

Catim — corr. *caá-tim*, ponta do matto. Póde ser tambem matto branco, visto que *tim* é contracção de *tinga*. O co-nego Gay traduziu catinga. Arroio tributario do Quarahy.

Caty — corr. *caá-ty*, matto branco. Pode ser tambem agua do matto ou rio da matta, visto que agua tambem é designada em tupi pelo vocabulo *ty* ou *ti*: *Ti cabaqua*, agua corrente, rio corrente; *Tiete*, rio verdadeiro.

Arroio tributario do Quarahy, no municipio deste nome, serve de divisa entre esse municipio e o de Livramento. Lu-

gar no primeiro dos citados municipios. Existe ahi um quartel da força policial do Estado.

Cavahy — corr. *caá-yba-y*, arroio do matto das fructas. Arroio affluente do Inhacondá. Não figura no dictionario geographico de O. Faria nem no de Domingos de Araujo e Silva.

Nome de um lugar no municipio de Santo Angelo e que no dictionario de O. Faria figura como sendo *cavandahy*.

Cavajurétan ou melhor *Cavajuretã* — corr. *cabayû-retã*, a região dos cavallos. Arroio, nasce na cochilha de seu nome e depois de um curso de 17 kilometros se lança no Jacuhy, a baixo da Confluencia do Piquiry. Rincão e cochilha no municipio de S. Vicente.

Caverá — corr. *caá-berá*, folha brilhante, luzidia, resplandecente. *Cheborá*, meu resplendor. Rio, nasce na serra de seu nome, serve de divisa entre os municipios de Rosario e Alegrete e depois de um curso de 120 Kilometros se lança no Ibirapuitá, a 4 Kilometros da cidade de Alegrete. Serra que percorre os municipios de Rosario, Alegrete e Livramento; 2.º districto do Rosario.

Cebolaty — Nome antigo do actual rio Turvo — *c. ceboity*, cebola branca. Pode ser tambem rio das cebolas.

Chuy — corr. *chué-y*, arroio vagaroso, arroio da tartaruga. Arroio formado pelas aguas da lagoa do Albardão e que depois de 32 Kilometros de curso se lança no Atlantico; sua barra é o ponto extremo do Brazil, no sul. Passo sobre esse arroio no municipio de Santa Victoria de Palmar. Ainda neste municipio, com esse nome existem: uma estrada, um banhado, um lugarejo e uma excellente praia de banhos, onde se observa o phenomeno da miragem. O arroio Chuy, como acima ficou dito, tem sua origem em uns grandes banhados formados pelo excesso das aguas do Albardão, dahi corre para o sul até a fronteira e volta-se depois para leste, até o Atlantico. Neste ultimo trecho serve de divisa entre o Brazil e a Republica do Uruguay.

Cipó — corr. *icá-río*, que se agarra ou adhere, segundo Th. Sampaio.

Arroio tributario do Tainhas. Rega o municipio de Cima da Serra. Ainda neste municipio, com aquelle nome, existem: um serro e um lugarejo.

Congonha — corr. *congoi*, a herva matte. Lugar no municipio da Vaccaria.

Comandahy e não *commandahy*, como geralmente é escripto: Corr. de *comandá-y*, rio do feijão.

Nucleo pertencente á colonia Guarany; districto e serra no municipio de Santo Angelo. Rio, nasce nos campos de Geruá e corre na direcção do poente até se lançar no Uruguay;

serve de divisa entre os municipios de Santo Angelo e S. Luiz e banha os povoados de Santa Thereza e Porto Lucena; no periodo colonial era conhecido por Albutuhy.

Comandahysinho — Palavra hybrida, c. *comandá-y-zinho*, em vez de *comanda-y-mirim*, arroio, riacho ou riosinho do feijão. Arroio tributario do Comandahy, no municipio de Santo Angelo.

Cunhatahy — c. *cu-ya-ta-y*, (*cu*, lingua, *ya*, aberta, *ta*, ter-na, *y* diminutivo) moça. Pode ser tambem moça bonita e neste caso é c. de *cunha-ta-y*.

Arroio tributario do Santa Maria, no municipio de Dom Pedrito e serro, neste mesmo municipio, proximo a estação de S. Salvador.

Curuzú — cruz. Nome de um lugar no municipio da Soledade e de 3 arroios, sendo um no municipio de S. Vicente, outro no de Caxias e o 3.º no de Passo Fundo, onde é tributario do Facão.

Embaá — corr. *emba-á*, a semente ouca. Arroio tributario do Uruguay. Vide *Imbaha*.

Embira — corr. *mbir*, pelle ou casca de arvore. Lagoa no municipio de Santa Victoria do Palmar, ligada á do Silveira pelo arroio El-Rei. Ainda com esse nome existe outra lagoa no municipio de Camaquam.

Emboaba — Segundo Th. Sampaio, é provavel que seja corruptela de *amoaba* ou *amboaba*, visto que só se applicava ao extrangeiro, principalmente ao portuguez.

„Dizer *guerra dos emboabas* — vale o mesmo que dizer — *guerra contra o extrangeiro* ou *o intruso*“. Pode, segundo o mesmo autor, derivar do tupi — *mbóaba*, que significa *coberto, vestido*.

Serto no municipio de Dores de Camaquam.

Gambá — corr. *goá-mbá*, a barriga oca, o ventre aberto, segundo Th. Sampaio. Passo sobre o rio Varzea, no municipio de Palmeira.

Garupá — corr. *ygara-paba*, o porto ou o lugar das Canoas. Arroio tributario do Quarahy, nasce na cochilha de Japejú e serve de divisa entre os municipios de Quarahy e Uruguayana. Os campos por elle regados são magnificos para criação.

Gerivá — corr. *yari-ybá*, o fructo de cacho. Palmeira. Serro com 320m. de altura, no municipio de Pelotas; lagoa, no municipio de S. Gabriel e arroio no de Taquara.

Geruá — corr. *ayuru-a*, cabeça de papagaio; pode ser tambem falla de papagaio. Arroio tributario do Camandahy; linha colonial no municipio de Santo Angelo. Campos, neste mesmo municipio.

Gravatá — O mesmo que caraquatá, que é, por sua vez, c. de *carauá-tá*, rijo, duro.

Arroio tributario do Guarita, no municipio da Palmeira.

Gravatahy — corr. *carauá-ta-y*, rio dos gravatás. Municipio riograndense, limitrophe da capital do Estado. E' dotado de bom systema hydrographico e de agradavel clima. Em seu sub-solo existem minas de carvão de pedra, já em exploração com lisonjeiros resultados, graças a pertinacia e competência do dr. Francisco Rodolpho Simch.

Villa, séde do referido municipio, creada freguesia, em 22-12-1775, por José Marcellino de Figueiredo. Seus primeiros povoadores foram indios tapes, chamava-se então freguezia dos Anjos. Foi elevada a villa em 1880.

Rio, nasce junto ás Lombas, no banhado Xicolomã e desagua no Jacuhy, a 10 Kilometros ao norte de Porto Alegre. Bella varzea, muito povoada, nos arredores de Porto Alegre. onde ha uma estação da E. F. P. U., com esse nome. Ainda com o nome de Gravatahy existe um arroio que nasce na cochilha do Rincão da Cruz, alimenta, com o transbordamento de sua margem direita, o banhado Mariano Pinto, e vae engrossar as aguas do Ibicuihy, abaixo da confluencia do arroio Taquary. Não figura no dictionario de O. Faria,

Grumatá — corr. *guri-ma-atá*, bagre rijo como páu. Arroio affluente do Antas, em Bento Gonçalves.

Guabijú — corr. *guabi-yú*, o amarello a comer, allusão ao fructo amarello dessa planta, segundo Th. Sampaio, para Alfredo de Carvalho, porém, é corr. de *gua-mbeiju*, o valle sinuoso, enroscado.

Por esse nome são conhecidos 3 arroios, um delles é affluente do Jaguarão Chico, no municipio do Herval; o outro do Ibirocahy, em Uruguayana e o outro rega a Colonia de São Feliciano, no municipio da Encruzilhada. Ainda com esse nome existem: um passo sobre o Quarahy, no municipio deste nome, um lugar em D. Pedrito e dois serros, sendo um na referida colonia S. Feliciano e o outro em nossa linha divisoria com a Republica do Uruguay.

Guabirola — c. *guabi-róba*, a comida amarga ou que tem acido, travor. E' o nome indigena da *Eugenia brasiliensis*. O fructo dessa arvore. Estrada e lugar no municipio de Pelotas, onde existem importantes minas de Kaolim; linha colonial no municipio de Lageado; passo sobre o arroio Salso; lugar no municipio de Porto Alegre; cochilha e lugar no municipio de Passo Fundo. Ainda por esse nome são designados dois arroios, um delles é affluente do S. Domingos e rega os municipios de Guapore e Passo Fundo e ainda neste municipio, o ou-

tro, que é tributario do Varejão. Aquelle é tambem conhecido por Sangão.

Guahyba — Segundo Th. Sampaio é c. de *guá-y-be*, na enseada ou bahia. Alfredo de Carvalho, porém, diz que é corr. de *guá-ahyba*, o valle ruim, esteril ou *guá-yba*, o valle da arvore. Para o caso vertente é aceitavel a primeira interpretação, visto que o Guahyba forma, ao receber as aguas da immensa bacia do Jacuhy, uma magestosa e vasta bahia. O Guahyba tem um curso de 60 Kilometros, contados da barra do rio dos Sinos a Itapoan, isto é: até derramar suas volumosas aguas na Lagoa dos Patos.

Guapitanguy — corr. *gua-pi-tang-y*, valle do rio vermelho. Arroio affluente do Quarahy, no municipio de Uruguayana.

Guaporé — corr. *gua-pora-eyma*, valle deserto, sem gente ou valle do sertão. Municipio no valle do Alto Taquary, situado na região do granito, tem a configuração de um trapessio irregular. E' dotado de excellente systema hydrographico e de clima saluberrimo. Seu solo é fertilissimo. A cultura do arroz nesse municipio está grandemente desenvolvida, sob todos os pontos de vista e bem assim a de outros cereaes, entre elles a do milho e feijão. Sua industria tambem é prospera, especialmente a de lacticinios, a da banha e a da carne de porco. A séde é na villa do mesmo nome, creada em 1892 e elevada a essa catogoria em dezembro de 1903.

Nome de uma linha colonial no municipio de Lageado. Rio tributario do Taquary, tem sua barra a 2 Kilometros do povoado General Osorio, nasce no municipio de Passo Fundo e o separa, assim como os de Soledade e Lageado, do de Guaporé. Arroio tributario do Araçá, no municipio de Porto Alegre.

Guapuhy — c. *guá-poî*, pau fino ou delgado. Lugar no municipio de Itaquí.

Guará — garça vermelha, a ave aquatica. Nome de quatro arroios, um delles é tributario do rio dos Sinos, no municipio de Taquara; o outro, do Araçá, em Porto Alegre; o 3.^o do Barracão, em Piratiny; e o ultimo do Santa Maria, no Rosario e ainda com esse nome existe mais um arroio no municipio de Cangussú. Serro e Cordilheira que separa o municipio de Porto Alegre do de Dores.

Guarany — corr. *guarini*, o guerreiro, o que lucha. Colonia fundada em 1890, com o nome de Lucena, entre os municipios de Santo Angelo e S. Luiz; sua séde fica a margem esquerda do Comandahy. Nome de um serro no municipio de S. Gabriel.

Guarapuytan — corr. *guarà-pitang*, o pau vermelho, a madeira vermelha. Arroio affluente do Uruguay. Vide *Ibirapuytan*.

Guararaha — corr. *guarara-á*, cabeça de tambor. Arroio tributario do Piratiny, no municipio de S. Luiz.

Guaratingahy — corr. *guiratinga-y*, arroio das garças ou dos passaros brancos. Arroio affluente do Jacuhy, no municipio de Cruz Alta.

Guaraxaim — corr. *guará-chain*, o pau enredado, a madeira aspera. Nome de dois arroios, um delles é tributario do Piratiny, no municipio de S. Luiz e o outro da Lagoa dos Patos, no municipio de Camaquã.

Guarocahy — corr. *gua-rú-caá-y*, o rio da matta dos sapos, Rio tributario do Ibicuhy.

Guarulhos — corr. *guarú*, é, segundo Th. Sampaio, nome de uma tribu indigena, cuja denominação lhe vinha de ter o ventre muito desenvolvido. Dizer *guarulhos* é o mesmo que dizer *barrigudos*. Lugar no municipio de Santo Amaro.

Guary — corr. *guari-y*, arroio dos guaribas ou macacos. Pode ser tambem rio tortuoso, sinuoso. Arroio affluente do rio dos Sinos e linha colonial, no municipio de S. Leopoldo. Pode ser tambem rio da madeira, sendo neste caso corr. de *guará-y*.

Guassu-Boy — corr. *guaçú-mboy*, cobra grande, serpente. Pode ser tambem a cobra veado. Guaçú, no tupi do sul exprime veado; como adjectivo é o mesmo que grande, grosso, amplo, longo, extenso.

Rio, no municipio de Alegrete, nasce na cochilha de Japejú, corre para o norte e se lança na margem direita do Ibicocahy, formando seu galho mais oriental. Estado da E. F. P. A. U.

Guassupy — corr. *guaçú-py*, a pelle do veado. Pode ser tambem pé grande ou pé de veado e neste caso é corr. *guaçú-pi*. Arroio, nasce na serra de S. Martinho e depois de um curso de cerca de 40 Kilometros para O., se lança na margem direita do Toropy. Limita os municipios de Julio de Castilhos e Santa Maria.

Guatemý — corr. *guá-tim-y*, ponta do valle do rio. Pode ser tambem valle do rio branco, porque *tim* é contracção de *tinga*,

Arroio e districto no municipio de Cangussú.

Gurupá e não *Gurupú*, como se lê no dictionario de O. Faria, corr. *curú-pá*, o extremo do cascalho, banco de seixos. Pode ser tambem o sitio da plantação, o lugar da roça, sendo então corr. de *côrupá*. Arroio tributario do Quarahy. Morro no municipio de Taquary.

Gurys — (o correcto é *Gurietá*), corr. *guiri*, o bagre. Arroio affluente do Varzea, no municipio de Palmeira.

A Real Feitoria do Linho Çanhamo

(Notas para a historia da agricultura no Rio Grande do Sul)

I

Ensaio de agricultura

„Rumo ao campo“. Indios agricultores. Guaranyes. Tapuyas. Carijós. As reduções jesuíticas e a lavoura. Povoadores do Rio Grande. As primeiras plantações. O elemento açorita. Rio Grande, colleiro do trigo. Início de varias culturas.

Tornou-se celebre uma phrase espirituosamente lançada que tentava nos definir como povo que rumava para a terra, *essencialmente agricola*, procurando aproveitar, com trabalho perseverante, as riquezas incalculaveis em que ella poderá se transformar, fecundada pela agricultura.

Cahida no dominio popular, em horas de incerteza, que já que, dia a dia, se accentua em todos os departamentos do trabalho agricola; o alevantamento do nivel profissional da mocidade, educada pelos principios salutaes que fazem a grandeza das nações; a assimilação e a pratica dos modernos processos culturaes, que tem sido os propulsores da riqueza particular e publica; as iniciativas nobres, que se desenvolvem em outras tantas fontes inexgotaveis de prosperidade, — tudo nos leva a aceitar essa phrase, com relação ao Rio Grande do Sul, como definidora da nossa gente, especialmente se perseguirmos as épocas mais remotas da nossa historia.

Somos um *povo essencialmente agricola* pela tradição que nos legaram os nossos avós, raça admiravel de homens da gléba; pelos costumes que fazem do riograndense um typo

aparte dentro da vastidão do Paiz; pelas condições mesológicas que acoroçôam todas as possibilidades e pelos factores ethnicos que entraram para a formação do nosso povo.

Não tivemos, especialmente no Rio Grande, em phase inicial de seu desenvolvimento, a acender ambições, o grande sonho phantastico das minas, as serranias verdes das esmeraldas, contribuindo, em prejuizo da lavoura, para o exodo de populações, marchando para o desconhecido, em busca da riqueza.

Só mais tarde,¹⁾ depois do arraigamento ao sólo, é que se verificou a existencia do ouro, mas já a agricultura estendera fundas raizes e compensava mais do que a hypothetica lavra das minas. Mesmo assim, pequeno não foi o numero de familias, especialmente do centro da Provincia, que assentaram os seus arraiaes para as bandas de Caçapava e Lavras onde, sob as fulgurações faiscantes do sól, as pepitas de ouro alimentavam a febre dos garimpeiros.²⁾

Passados, porém, os primeiros momentos, desfeitas as illusões alimentadas pelo apparecimento do metal precioso, voltam-se de novo para a agricultura, mina inexgottavel de ouro de lei.

Não foi assim no resto do Brasil. Com a fundação da Capitania de S. Vicente inicia Martim Affonso a agricultura do Paiz, com trigo e cevada, em tão pequena escala que só dava para „gulodices e hostias“. Outro portuguez, Jorge de Menezes,

¹⁾ Apezar de vagas noticias que desde tempos immemoraes corriam da existencia de ouro, no Rio Grande, só em 1799 um escravo do tenente Antonio Pinto da Fontoura, por nome Antonio, o descobriu no arroio do Salso, affluente do Vaccacahy, levando aquelle tenente ao Governador Cabral da Camara „uma porção de ouro em granitos e uns pedaços mais volumosos.“ Em 1718, Antonio Brito de Menezes noticiava para a Metropole que „na cabeceira delles, (dos rios) principalmente no que chamão Ticuary (ha) bastante ouro, e se o buscarem em outras partes, segundo as disposições da terra, se achará em grande abundancia; tambem dizem, que em húa das serras distantes deste rio, a q. chamão Botucarahiba, havião minas de prata e se tinham achado pedras preciosas...“ *Publ. Arch. Publ. Nac.* Vol. X. 31. Em 2 de Março de 1809, o Governador Gama officia ao Conde de Aguiar, remettendo tres amostras de ouro que mandara retirar de outras tantas minas. Tambem D. Diogo de Souza, em 27 de Dezembro de 1812, envia, ao mesmo titular, planos dos terrenos auríferos, levantados pelos engenheiros Jacintho Desiderio Cony e João Vieira de Carvalho, terrenos que elle, Governador, havia visitado, lamentando que se retirassem os mineiros no momento que eram aproveitados os seus trabalhos. (*Correspondencia dos Governadores* Liv. I. Arch. Publ. R. G. Sul.

²⁾ Data sua descoberta de 1835, em Lavras, segundo o Dr. Gorceix. Consta de uma estatistica feita por Affonso Mabilde que a producção média annual de ouro, no Rio Grande, era de 48.675 oitavas. *Dic. Geog. das Minas do Brasil.* F. I. Ferreira. 1885.

cultiva canna de assucar, em Victoria, no anno de 1508, dando trabalho a quatro engenhos. Mal se haviam no emtanto encaminhado para a terra „que é um espanto da natureza e faz vantagens aos Campos Elysios, hortos pensiles e ilha de Atlanta“, no dizer de Simão de Vasconcellos, quando as *bandeiras* audazes, perlustrando o sertão, defrontaram as minas de ouro, „de modo que a prosperidade desta parte do Paiz, dependeu, por mais de um seculo, da extração do ouro com abandono da agricultura,“ assignala o D. Agenor de Roure.¹⁾

„De 1700 até á Independencia mais de 52 mil arrobas de ouro foram arrancadas dos Sertões brasileiros, rendendo o *quinto* mais de 152 mil contos para a Corôa, ou uma média annual de Rs. 1.379:244\$820, segundo o Dr. Sylvio Rangel. Se naquelles 120 annos a quantidade total do ouro extrahido foi de 52 mil arrobas ou 780 mil kilos, temos a media de 6.500 kilos por anno. Pois bem, nos ultimos tempos, antes da prohibição da exportação, antes e depois da guerra européa, a remessa de ouro nativo para o estrangeiro não chegou a 5 mil kilos por anno conforme se verifica á pag. 110 da Mensagem Presidencial de 1918. Demonstrado fica que a ambição do ouro, entorpecendo o desenvolvimento da agricultura por muitos annos, não podia fazer e não fez a riqueza do Brasil, que só podia estar na exploração dos campos, nas culturas, nas fazendas de criação.“²⁾

Passada essa febre de ouro que entorpecera o organismo da incipiente agricultura do Paiz, o Brasil voltou-se de novo para a terra, comprehendendo não tarde ainda que „o ouro melhor estava nos cafezaes“, em todos os ramos da cultura, emfim, e „não nas minas“ que lhe haviam roubado um seculo de trabalho, sem a compensação sonhada.

„Para a nossa exportação actual, diz, ainda, Agenor de Roure, os productos da agricultura ou da lavoura entram com 1.300.000 toneladas, valendo quasi 900 mil contos, a pecuaria com 130 toneladas valendo 155 mil contos, e os mineraes com 536 mil toneladas, valendo menos de 73 mil contos. Donde se conclue que a exportação agricola é de valor maior do que o triplo da exportação de productos das minas e da industria pecuaria reunidas.“

Vamos hoje resgatando, assim, os erros dos grandes sonhadores que primeiro descortinaram a terra, com a adopção dessa politica salutar de trabalho agricola que, desde os tempos

1) Agenor de Roure. *Em torno de um Alvará proteccionista*. Diario Off. 1919.

2) Agenor de Roure. Op. cit.

iniciaes da nossa formação, consistiu o mais ardente anhelho da Metropole portugueza, como se evidenciará deste despresticioso estudo que nos occupa.

Cabe ao Rio Grande do Sul, no Paiz, a primazia na cultura das terras, e um lugar de destaque invejavel na actualidade, pela quantiosa e variada producção de sua lavoura. Cumprimos assim o destino que nos foi assignalado, historicamente, pelas condições excepcionallissimas do meio, pelas tradições avoengas, e pela laboriosidade dos elementos varios que entram na formação do nosso povo.

Tudo contribue para isso. O passado está, indicando com precisão notavel o futuro que nos espera. Entre duas refrégas para a reconquista da terra, depondo por momentos a espada de integradores do territorio nacional, guiavamos o arado nos verdes campos que se transformavam em lenções dourados de seáras de trigo. Filhos de bandeirantes, descansavamos das luctas cruentas em que nos vimos empenhados um seculo para constituir a Patria, semeando a terra fertilisada pelo nosso sangue. Com os açoritas fundamos a verdadeira lavoura, transportamos das ilhas, com a nobreza nativa, os usos e costumes de um povo de agricultores. E fomos o emporio do trigo. Com os elementos coloniaes, vindos após, reatamos o fio historico que nos ligava ao passado, fazendo da agricultura o alicerce fundamental da nossa prosperidade. E, hoje, explorando a lavoura intensiva dos campos, no cultivo do arroz ¹⁾ e de outros cereaes, reaffirmamos, de modo inilludivel, as nossas tradições antigas.

E' surprehendente a revelação de trabalho que agora se desdobra por toda parte, despertando iniciativas novas, acorçoando os timoratos, augmentando a riqueza collectiva. Baixando das serras, das regiões desbravadas pelo braço resolutivo do colono, das derrubadas fertilisantes, ou das velhas terras que produzem ha mais de um seculo, como se hontem recebessem pela vez primeira as sementes que as fecundam, a lavoura se estende pelos campos, ganha as varzeas extensas, onde as correntes perennes injectam, canalisadas, o sangue novo da fertilidade, ou se alongam pelos dorsos das coxilhas,

¹⁾ Cachoeira reivindica a gloria de ter sido o berço da cultura intensiva de arroz, no Rio Grande do Sul. Iniciou-a Gaspar Barreto, illustre chefe federalista, seguindo-se-lhe Sabino Pereira da Silva, fazendeiro no 2.º districto, que primeiro irrigou com represas os campos cultivados. João Jorge Krieger, robusta organização de trabalhador, hoje fallecido, associou-se após com Jorge Francke, inaugurando a primeira plantação em larga escala, irrigada já com bombas, como hoje se pratica. Aguas do Capané, affluente do Jacuhy, teve a moderna cultura de arroz, por baptismo.

nesta terra maravilhosa, sempre a mesma nos dons inapreciáveis que uma natureza portentosa lhe proporcionou.

Não poderemos prever o que será o despertar de todas as energias latentes, de todas as iniciativas fecundas, que vão surgindo, dia a dia. O proprio systema tributario, cuja refôrma se inicia, sob as bases do *Imposto Unico*, gravando sómente a terra, com isenção de bemfeitorias, abre novos horizontes ao futuro. No dia em que a riqueza e o trabalho, o capital e o esforço humano não mais sejam atingidos pela tributação que os atrophia, e que só sobre a terra, valor social, recaía o onus de todo o gravame, incentivando o trabalho, — o Rio Grande, multiplicando infinitamente os recursos inexauríveis de seu sólo, transformando-se numa grande seára, drenará para os que trabalham mais ouro do que esse que o sonho refulgente dos nossos avós, amontoava ante as visões de febre das ambições incontidas, no desvão verde das serras, onde as *bandeiras* passavam, guiadas pela flammula das esperanças.

A mais antiga noticia que conhecemos sobre a existencia de indios agriculores, no sul do Brasil, nos dá o roteiro de viagem de Diogo Garcia (1526 e 1527), que chegou até Santa Catharina.

E' andando eu, diz elle, el camino allegamos a un rio que se llama el rio de los Patos questá a 27 grados, que ay una buena geracion que hacen mui buena alma a los cristianos, e llaman-se los Carioces, que ali nos deram muchas vituallas que se llama millo e harina de mandioco y muchas calavazes e muchos patos y outros muchos bastimentos porque eran buenos indios.¹⁾

Arribando em Santa Catharina em 27 de Março de 1541, Cabeça de Vacca, que dali seguiu para o Paraguay, por terra, encontrou os guaranys, aos quaes assim se refere: „Esta nação chama-se guarany, são lavradores que duas vezes por anno semeiam milho. Cultivam tambem mandioca, (caçabi) criam gallinhas e patos a maneira de Hespanha, e em suas habitações tem muitos papagaios.“

Nesse mesmo anno „os hespanhoes subindo o Rio da Prata encontraram nas provincias do sul do Brasil os indios guaranys, em cujo aldeamento foram providos de aves, mél, batatas,²⁾ milho e farinha feita de pinheiro, alimento este

1) Dr. H. v. Ihering. *Os indios Patos e o nome da Lagoa dos Patos.* Anuario do R. G. do Sul. 1910.

2) O Sr. Germano Nest, que dirigiu no Rio de Janeiro o *Almanak illustrado do Agricultor Brasileiro*, descobriu em 86-87, na Serra dos Tapes a planta da batata e nos diz: „O Rio Grande do Sul, Serra, é uma das patrias de origem da batata que chamamos *ingleza*, por consequencia da nossa mania *oicophobic*.“

novo para elles“, diz Agenor de Roure, no interessante estudo a que já nos referimos.

Gandavo, o primeiro historiador brasileiro, na *Historia do Brasil*, publicada em 1576, dizia haver na terra „muito milho zaborro que se faz pão muito alvo, e muito arroz e muitas favas de diferentes castas e outros muitos legumes que abastam muito a terra.“

Mas o verdadeiro pão dos aborígenes, especialmente no sul, era a mandioca, de que faziam largo cultivo. E' uma planta lendária. São Thomé, quando de passagem pela terra americana „lhes deu essa comida, o qual tomando de uma vara a destalou, e mandou que a plantassem e assim o fazem e plantam, e sem ter o pão raiz alguma, as produz mui grossas em oito dez e doze mezes. E se a doce plantam com a amarga perde a sua doçura e fica amarga e venenosa.“¹⁾ E pão, por certo, foi por largo tempo, dos primeiros evangelisadores das selvas que perambularam o território riograndense, pois quando da peregrinação de Guayrá, „obligó la necesidad a sembrar por nuestras manos el trigo necessario para hostias,“ nos diz o P. Montoya.

Em 1605, mandados pelo Provincial dos Jesuitas, no Brasil, ás terras do Rio Grande, para a catechese dos carijós, que habitavam o litoral, entre estes se demoram tres annos os padres João Lobato e Jeronymo Rodrigues. Desses indios nos deixaram noticias interessantes: „São grandissimos mercadores e só por contractar com os brancos vem daqui trinta leguas carregados de favas, batatas, redes, pelles.“ O principal de uma aldeia de uma vez lhes mandou dar „um punhado de farinha e feijões cosidos“. ²⁾ E' o prato riograndense. Observa justamente o P. Teschauer, respeitavel investigador das nossas cousas, „que somos bem herdeiros dos usos e costumes daquelles primeiros habitantes do Rio Grande que se sustentavam com a mesma comida que nós.“

Os carijós faziam enormes plantações de algodão, que trocavam com os paulistas por ferramentas e especiarias de toda sorte, diz-nos Romario Martins.³⁾

Os tapuyas, segundo Gabriel Soares, „do mantimento da terra se aproveitavam em suas rôças e lavouras.“

E' facto conhecido que os portuguezes, hespanhões e outros deixando ao largo as embarcações, entravam pela barra

¹⁾ P. Antonio Ruiz de Montoya. *Conquista Espiritual*. Ed. Bilbao. 1892.

²⁾ P. Carlos Teschauer. *Paranduba Riograndense*. Anuario R. G. Sul. 1903.

³⁾ Romario Martins. *Historia do Paraná*. Curitiba. 1899.

até o Jacuhy, onde commerciavam com os indios, levando até algodão, por elles cultivado, em troca de diversos artigos.

Os Patos que habitavam as margens do Taquary, „commerciavam com os santistas que lhes proporcionavam instrumentos agricolas a troco de algodão, tirado de suas lavouras.“¹⁾ Eram tambem grandes plantadores de aipim.

Quando em 1627, pela primeira vez, entrou na terra de que devia ser mais tarde o protomartyr, o Padre Roque Gonzalez de Santa Cruz, encontrou vinte mil indios que a cultivavam, com excepção de dois ou tres mil, que viviam da caça e da pesca; como se verifica do relatorio que em 15 de Novembro de 1627 dirigiu ao Provincial da ordem. E accrescenta: „Em todo o Tape não ha um posto para reduzir nem siquer duzentas familias, *porque como antigamente, devia ser muita gente destruiram os matos e acabaram com elles e agora só ha caapueiras e assim lavram entre cerros e penhascos.*“²⁾

Segundo Montoya os guaranys conheciam perfeitamente a época das sementeiras que, com o preparo das roças e a colheita, estavam affectos especialmente aos vassallos. Os homens cuidavam do amanho das terras, das derrubadas para as roças, e ás mulheres competiam as sementeiras. O algodão era empregado especialmente, em redes em cujo fabrico eram eximios.

Não é necessario mais respigar para demonstração da verdade historica que vamos affirmando. Emquanto quasi todas as raças selvicolas, desde o extremo norte do Paiz, ainda não haviam saído da phase da caça e da pesca com que se sustentavam, no sul, em nossa terra, iniciavam os indios os primeiros passos para a lavoura, que caracteriza a fixação ao solo. Já então guaranys, tapuyas, carijós e outros cultivavam mandioca, milho, batatas, feijão, favas e algodão.

Era a terra predestinada que esperava sómente o braço fecundador que a trasformaria em colleiro, cumprindo assim os destinos que lhe havia traçado uma natureza prodiga que a fizera dentre todas a mais bella, a mais opulenta, „dum clima muito ameno, saudavel, e creador de riquissimas e ferteis terras em que produz em grande maneira, e com vantagem mui crescida todos os fructos da Europa, assim como trigos, como vinhos, linho e toda a casta de fructas, que póde causar inveja ás de qualquer parte do mundo... E tornando ao Rio Grande não digo é uma das mais vistosas cousas, que creou a natureza, por não parecer encarecido.“³⁾

1) João Mendes. *Fundadores de Taquary*. Anuario R. G. Sul. 1896.

2) P. Carlos Teschauer. *Historia do Rio Grande do Sul*. Vol. I.

3) Christovão Pereira. 2.^a Pratica.

Com a fundação das primeiras *reducções jesuíticas*, no Rio Grande do Sul, (1626) começam os índios a adoptar processos mais racionais para o cultivo das rudimentares lavouras. O homem se fixa mais ao sólo, tirando da terra toda a alimentação que lhe é necessaria. Com a nova phase que se inaugura no solo riograndense, apparecem os instrumentos da lavoura, ao principio feitos de madeira, por falta de melhores.

Para vestir os que tem „*la vestidura y traje que al nacer concede la naturaleza á los humanos*,“ planta-se largamente o algodão e „*los mismos padres con sus mismas personas les han enseñado á hender la tierra con arado, cosa nueva para ellos, pero bien lograda*, diz a *Conquista*. São todos lavradores, acrescenta, e tem cada um sua Lavoura aparte e em passado de onze annos tem já sua lavoura os rapazes e que se ajudam uns aos outros, com muita conformidade.“

Já são mestres no arar as terras. Com pequeno aprendizado tornam-se peritos. De uma imprevidencia sem limites, se os padres não os vigiam, gastam de uma vez tudo que colhem, nada lhes ficando para as sementeiras futuras. Chegam a comer os bois do arado. Ha tambem nisso um pouco de preguiça, a indolencia nativa da raça, pois, o trabalho systematico é olhado como cousa que aterra.

A vinha pela primeira vez é cultivada. O proprio Padre Montoya por suas mãos a plantou, quando os retirantes, acossados pelos paulistas, baixaram de Guayrá para o sul, afim de que não faltasse o sangue precioso ao Santo Sacrificio da Missa. A canna doce surge, tambem, como cousa nova, entre os índios, no sul. Um indio mesmo, de um cannavial que plantara, „tirava tres ou quatro arrobas de assucar que empregava para seu proprio uso e o da sua familia.“¹⁾ Era tambem cultivado o tabaco. O trigo já tem as suas searas aloirando ao sol meridional e sobre as cabeças dos fieis, como corpo de Deus, se levanta, alvo e sagrado, nas hostias da communhão.

Alem da pequena lavoura particular, institue-se a lavoura social. Todos trabalham no interesse da comunidade. Dahi resulta a harmonia geral. A previdencia dos apostolos da civilisação aborigene supprime a imprevidencia dos catechumenos.

Cardiel, citado pelo P. Teschauer,²⁾ nos deixou notas interessantissimas, que reconstituem o trabalho agricola daquelles longinquos tempos.

Depois das orações „voltam á praça e vão juntos as moças a um lado e os moços a outro a varios serviços da comunidade, como colher algodão dos algodoaes communs, recolher

1) P. Carlos Teschauer. Hist. cit. Vol. II.

2) P. Carlos Teschauer. Hist. cit. Vol. I.

milho e fazer outros trabalhos proporcionados á sua idade, que nunca faltam.“ „Os meninos que não estão occupados na escola ou aprendizagem de artes e officios, se dedicam, acompanhados de seus guardas, a trabalhos pertencentes ao cultivo dos campos da comunidade, limpando as terras que primeiro tem revolido com arado os homens, semeando, capinando as sementeiras e algodoaes e fazendo o mais que seja necessario para obter uma boa colheita, e finalmente recolhendo os fructos já maduros dos campos, com gosto e actividade acódem, guiados pelos guardas, a qualquer serviço onde os reclama a necessidade do bem commum.“

„Mas, o lavor desses pequenos, nos explica o P. Teschauer, não offerece o triste aspecto de uma colonia de forçados, senão a alegre physionomia de uma festa de trabalho. Entre aprasiveis melodias de flautas, levavam em festiva procissão a estatua de S. Isidoro, lavrador, assentado em peanha, que recebeu duas varas para transportal-a. Chegados ao logar da lavoura, collocam a imagem do santo em paragem aberta para que possam vel-a e assim se entregam ao trabalho.“

Seis ou sete mezes duravam os serviços da lavoura. Para os ajudar, em suas rôças proprias, os indios levavam os filhos, já por essa forma industriados no cultivo das lavouras communs.

Difficil será conceber a ideia do que foi, nos primeiros annos da fundação das *Missões*, o trabalho desses homens, a energia dispendida para aggregar, associar esses elementos, entregues á lei da natureza e educal-os no trabalho continuo, modificando completamente habitos seculares, usos e costumes tradicionaes.

„Fizeram-se, diz o conego Gay, os caritativos missionarios lavradores, derrubando com o machado na mão porções de mato para poder semear. Outros, com arados de páo, por faltarem ferros, mesmo para fabricarem os arados, lavravam o terreno. Mesmo lhes aconteceu principiarem a semear em umas covas feitas com um páo, enquanto não opparecia alguma pequena enxada que suprisse a falta de animaes domesticos para puxar o arado.“¹⁾

Destruidas as reduções pelos paulistas, reeditando a peregrinação de Guayrá, ou de novo voltando á vida antiga, grande parte das populações aldeadas, ficou, no emtanto, em terras riograndenses alguma cousa desse trabalho, attestando o esforço inaudito desses homens, verdadeiramente admiraveis.

¹⁾ Conego João Pedro Gay. *Republica Jesuitica do Paraguay*. 1863. pag. 185.

Mais tarde, com a fundação dos sete povos de Missões, reatou a agricultura, no Rio Grande, os fios partidos pela dispersão dos primeiros índios, reduzidos pelos missionários jesuítas.

Com o estabelecimento do Presídio do Rio Grande de São Pedro, por José da Silva Paes, em 1737, e a vinda dos primeiros casais de colonos açorianos, ótimos agricultores, começa a verdadeira vida agrícola, em nossa terra.

Já antes mesmo que as embarcações portuguesas houvessem fundeado na barra, pela estrada antes aberta para communicar com a Colonia do Sacramento, e pelo interior, com Viamão, se tinham fixado varios povoadores atrahidos, da Laguna ou da Colonia, pelas noticias suggestivas da terra.

Fixando-se no Rio Grande, em 1725, João Magalhães, que viera com seus filhos e genros para povoar a terra, vae se estabelecer junto ao Tramandahy, com criação de gados. Outros companheiros que trouxera, uns estacionam pelo littoral, outros avançam até o Viamão, onde iremos encontral-os em breve. Abandonando, mais tarde, essa posição, transfere-se, em 1735, para Viamão, indo ahi entestar com Francisco Xavier Azambuja, Antonio José Fiuza, José Braz, Manoel Braz e Agostinho Guterres.

Antes de 1732 tinham-se localisado em campos junto á praia do Tramandahy Francisco Xavier e Manoel Gonçalves Ribeiro, que nessa data obtem do Conde de Sarzedas concessão de terras, „na paragem chamada das Conchas.“

Entre o Estreito e a Guarda do Chuhy já existiam os estabelecimentos de criação abaixo, mandados relacionar, pelo Commandante do Presídio, em 1739, segundo documento existente no *Archivo Publico* do Estado: *Estancia dos Palmares*, Domingos Martins, *Estancia da Alagoa*, Francisco de Seixas, *Estancia de S. João*, Manoel de Barros, Alexandre de Magalhães, Pedro Romeyro, *Estancia da Banda do Arroio*, José da Silva, *Estancia do Rincão*, onde está o coronel Christovão Pereira, Manoel Gonçalves Brandão, *Estancia de Cayubá*, Miguel Moreira, *Estancia do Capão de Cayubá*, Francisco Xavier Luiz, *Estancia da Banda de Mirim*, Domingos Roballo, *Estancia adeante do Arroio do Agudo*, Francisco Pinto Bandeira, Pedro Martins, *Mangueira*, Fernando Ribeiro, *Estancia do Rincão do Coronel Christovão*, José/Velloso.

Todos esses são povoadores anteriores á chegada de Silva Paes. Com a chegada deste, em 19 de Fevereiro de 1737, são confirmadas varias sesmarias de campos de que se haviam apossado anteriormente diversos povoadores. Seus successores, no Commando do Presídio, tambem confirmam outras. Em 1737 obtêm confirmação de terras já povoadas: Manoel Gon-

calves da Costa, um capão de matto entre João de Tavora e Estreito, em 10 de Dezembro; João de Tavora, terras para criação de gados, no Estreito, em 20 do mesmo mez. Em 1738, Domingos Martins e Manoel de Souza, Antonio Gonçalves Chaves, João da Silva Valladares, Miguel da Costa, Antonio Rodrigues Sardinha. 1739: João Diniz Alves, João Fernandes de Oliveira, João Gomes de Mello, Francisco Barbuda e Antonio Simões.

Ficava assim povoada larga faixa do littoral. Penetramos agora para Oeste, onde já ha muitos annos, pelas immedições do Viamão, se havia fixado grande numero de lagunistas e paulistas que ali exploravam a criação de gados e a agricultura. Entre esses releva notar Cosme de Silveira, companheiro de João Magalhães, como veremos, talvez, o primeiro productor de trigo do Continente.

Em 1737, pelas immedições de Sapucaya, estanciavam João Lourenço Velloso, Francisco Pinto Bandeira, Pedro Gonçalves Sandoval e Salomé da Silva.

Perto de Gravatahy tinham estancias João Rodrigues Prates, Francisco Rodrigues, Jeronymo de Ornellas, Torquato Teixeira, Manoel Francisco do Valle e Francisco Carvalho da Cunha.

Não é nosso intuito pormenorizar aqui o principio do povoamento do Rio Grande do Sul, ficando ahi, somente, esses nomes, como marcos iniciaes da lavoura a que todos elles se dedicavam a par da criação de gado.

Inicia-se phase notavel para a agricultura riograndense com a entrada para o Continente do elemento açorita, raça admiravel de agricultores que, embora trabalhada pelas influencias do meio, adoptando novos costumes, nova vida, transformando-se no gaúcho indomito, jámais deixou de ser o mesmo agricultor das ilhas.

Veremos, em breve, o sólo riquissimo do Rio Grande coberto de largas mèses de trigo, drenando para fóra, pela exportação, a grande quantidade que sobejava ao consumo local.

Antes mesmo da vinda de Silva Paes já era explorado o trigo, em nossa terra. Podemos, sem erro, talvez, dar a paternidade da lavoura riograndense a Cosme da Silveira, „paulista que, arruinado de fortuna, passara-se ao Rio Grande, na intenção de melhorar seus bens, fazendo a exploração do sólo uberrimo.“¹⁾ Christovão Pereira que visitou as plantações de Cosme da Silveira, especialmente a de trigo, tece-lhes rasgados elogios, dando a Silva Paes noticias dellas.

1) Augusto Porto Alegre. *A fundação de Porto Alegre.*

Já em 1738 faz também Christovão Pereira referencias „aos casaes povoadores do Rio Grande e suas searas“.¹⁾

Gomes Freire de Andrade, administrador previdente, a quem muito deve nossa terra, não se descuida de prover ás necessidades da nova colonia. Em Maio de 1737 remette grande quantidade de sementes de trigo, para ser distribuida pelos casaes povoadores. O *Bojurú*, já no anno seguinte, produz esse cereal em quantidade apreciavel.

Mas, „o berço da agricultura da Provincia“ é São José do Taquary, diz Ayres de Casal. „Seus habitantes são geralmente naturaes e oriundos dos Açores, donde o Senhor D. José fez passar varios casaes para este sitio, onde começaram a cultivar o trigo, e milho segundo o methodo de sua patria, e ainda hoje sua occupação e riqueza.“²⁾

Viamão, também, seguindo o exemplo de Cosme da Silveira produz o trigo que, em pouco tempo, se vae alastrando por todos os recantos povoados da Provincia.

Em 1748 a producção já attinge a 220.299 $\frac{1}{4}$ de alqueires, importando em mais de 120 contos de réis.

Mas infelizmente, começam más administrações, coagidas, talvez, pela necessidade apremiante, a extorquir dos lavradores os seus productos sem lhes pagar, e o desanimo se vae propagando por toda a parte.

O Governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara ausculta a causa do decrescimo da lavoura e escreve, em 28 de Junho de 1787, ao Vice-Rey: „O terreno é muito fertil e os habitantes muito habeis para a mesma agricultura, mas, muito necessitados e desanimados pela grande quantidade de generos que lhes tem tirado a fazenda Real, sem se lhes pagar, e que por isso os tem animado com segurar-lhes que daqui em diante lhes não ha de tirar senão com o dinheiro á vista, e que fica nesta resolução.“³⁾

Veremos que o mal perdura por muito tempo, tendo o calote official contribuido de maneira positiva para o decrescimo e quasi extincção da lavoura do linho.

Se por um lado, porém, esse estado de cousas prejudicava grandemente a incipiente lavoura, por outro, a Metropole tudo envidava para incentivar as iniciativas particulares, animando não só o plantio como a industrialisação dos productos agricolas. Afim de substituir as mós primitivas, de madeira, remetteu ainda em 1772, para o Rio Grande, pedras

1) *Publicações do Archivo Publico Nacional*. Vol. VI.

2) Manoel Ayres de Casal. *Corographia Brasileira*. 1833. Vol. I. pagina 125.

3) *Publ. Archivo Publico Nacional*. Vol. VI.

de moinho e dois moleiros. Em 1787 é dispensado José da Silva Lumiar, que, por ordem do Governo, aqui viera fazer moinhos.

Em suas *Memorias*, nos informa o General Böhm que em 1776, se plantou trigo em abundancia entre Rio Pardo e Jacuhy e entre o Guahyba e o Camaquam. Na aldeia dos Indios (Gravatahy), o trigo constitue a principal cultura em 1774. Triumpho, Rio Pardo, Caçapava, Encruzilhada e Cachoeira foram grandes productores do precioso grão.

Ainda em 1795, José Raymundo e Joaquim Francisco da Silva eram, em Cachoeira, grandes cultivadores de trigo.

Em 1787 a produção foi de 106.791 alqueires em todo o Continente. Os maiores productores eram o Estreito com 15.848 alqueires, e Mostardas com 14.126. Seguiam-se-lhes, em ordem decrescente, São Pedro, Serro Pellado, Lomba, Povo Novo, Viamão, Cahy, Nossa Senhora do Rosario, Taquary, Nossa Senhora dos Anjos, Porto Alegre, Coito, Cachoeira, Encruzilhada, Santo Amaro e Triumpho.¹⁾

A fama de celleiro admiravel que eramos, voou ás longinquas plagas portuguezas. Lisbôa quiz tambem se abastecer de trigo riograndense. Diversos negociantes portuguezes da Metropole „emprehenderam um novo ramo de commercio, mandando ao Rio Grande duas embarcações,“ para transportar o trigo aqui adquirido. Ainda em 1798, no bergantim N. S. *Mãe dos Homens*, foram grandes remessas de trigo e farinha para o Reino.²⁾

Pizarro, em suas *Memorias Historicas*, diz que „o trigo cultivado no Paiz, he, não só mui alvo, porém, bem nutrido, e abundante em produzir á beneficio de seus trabalhadores, que annualmente exportam avultadissimos quintaes delle, em saccos de couro, conhecidos com o nome de *Surrão*.“³⁾ E acrescenta, em nota, que o trigo sóbe na exportação a 300.000 alqueires annualmente em grão e em farinha a 11.000 arrobas.

E' suggestiva a estatística que, em seu magnifico trabalho, nos dá o Dr. Gomes Carmo de trigo exportado do Rio Grande para o Rio de Janeiro de 1793 a 1822. Iniciada nesse primeiro anno com 8040 ⁴⁾ alqueires, sóbe no anno seguinte a 43.114, e com oscillações para mais e para menos culmina nos annos de 1808 com 200.859, — 1813, 304.158, — 1814* 265.364, — 1816, 221.745, para baixar nos annos seguintes até 1822 em

1) Gomes Carmo. *A Produccão do Trigo*. 1911. Pag. 20.

2) *Publ. Archivo Publico Nacional*. Vol. VI.

3) José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo. *Memorias Historicas do Rio de Janeiro*. Imp. Nac. 1822. Vol. IX. pag. 332.

4) Mezes de Outubro e Novembro.

que a exportação foi sómente de 20.623 alqueires. Em 1813 a exportação de farinha foi de 9.983 arrobas.¹⁾

„A fertilidade das terras era tal, diz Sebastião Ferreira Soares, citado pelo Dr. G. Carmo, que, sem auxilio de estrume, cada alqueire de trigo semeado produzia, nas regulares colheitas, na razão de 80 por 1, e, assim continuou a ser por muitos annos, de sorte que a Provincia do Rio Grande foi denominada o celeiro do Brasil. Aconteceu porem que apparecesse a peste nos trigos, a qual se denominara ferrugem, e as colheitas diminuiram a menos de metade das anteriores, o que fez com que os lavradores abandonassem aquella importante cultura, e se dedicassem á criação dos gados como principal industria da Provincia.

Anteriormente ao apparecimento da ferrugem, que teve começo em 1811, regulava a exportação do trigo em cada anno por 460.000 alqueires, isto a contar de 1805 a 1810, porquanto, antes desta época, era maior a exportação desse cereal; mas de 1811 a 1820 a exportação dos trigos do Rio Grande ficou reduzida a 180 e 200 mil alqueires por anno.“²⁾

Não era, sómente o trigo, embora principal, o unico ramo de agricultura cultivado, com destaque, na Capitania.

Em Officio de 6 de Outubro de 1805 faz o Governador Paulo José da Silva Gama referencias a 10 barricas de tabaco Virginia, que remette para S. A. Real, por intermedio do Ministro Visconde de Anadia, „que nenhuma despesa fizeram á Fazenda Real de cultivo e beneficio, e que conformemente as Instrucções que acompanharam o officio do Ministro de 25 de Janeiro de 1805, sobre o modo de corrigir os defeitos, que possa haver na cultura, colheita e arrumação da mesma folha, assim com diligenciar a propagação desta Planta pela Campanha; passava a dar-lhe inteira execução.“³⁾ O tabaco era cultivado desde 1800, tendo, ainda em 1810, o Conde de Linhares

1) Em Officio dirigido pelo Governador Gama ao Conde de Villa Verde em 2 de Março de 1806, diz aquelle „que por vicios de economia rustica, pouco fomento talvez, apenas offerece esta Capitania hum superfluo de Trigo para abastecer as Capitancias do Norte; montando annualmente a exportação do trigo a 194 mil alqueires em grão, e a 4.000 arrobas em farinha, pela medida da terra, que pela de Portugal monta a 388 mil, e nos annos pouco ferteis, como o de 1806, de tal modo sóbe o valor, que tem estado a 2\$200 réis, em primeira mão; que a Galera de Joaquim Pereira de Almeida, negociante em Porto Alegre, leva naquella occasião huma porção de trigo a Lisboa por ensaio, a ver o que lhe poderá render a sua venda, para dahi se resolver se convem specular neste genero para Portugal, podendo-se aqui mesmo fazerem-se as barricas por abundancia de madeiras.“

2) A. Gomes Carmo. *Op. cit.*

3) Arch. Publ. R. G. Sul. *Livro de Correspondencia dos Governadores.* 1802—1808.

remettido ao Governador D. Diogo de Souza um *surrão* de sementes de virginia, que foi repartido entre os agricultores da Capitania.

O linho canhamo occupa lugar saliente, como veremos em breve. A vinha era apreciavelmente cultivada no Estreito de S. José do Norte, em 1774. Depois da invasão dos hespanhões os plantadores desceram mais para o sul, onde de novo plantaram vinhedos. Santo Antonio da Patrulha já cultivava mandioca e canna de assucar. A producção da Capitania consistia em trigo, centeio, cevada, milho, arroz, alpiste, legumes, melancias, melões, cebollas, „como quasi todas as hortaliças da Hespanha, e ainda algum algodão, mandioca e cannas de assucar“, noticia Ayres de Casal.

A Manoel Antonio de Magalhães, o intelligente autor do *Almanak de Porto Alegre*, pertencem as notas com que remataremos estas observações sobre a phase inicial da agricultura, no Rio Grande, e que servem de base ao estudo historico da *Real Feitoria do Linho Canhamo*, primeira tentativa do Governo da Metropole de exploração systematica desse producto, e origem da *Colonia de São Leopoldo* e consequente colonisação do Estado, trabalho com que pretendemos prestar nossa homenagem, opportunamente, aos pioneiros da colonisação estrangeira do Rio Grande do Sul.

O algodão é produzido em tal abundancia que se pódem exportar milhares de arrobas, obrigando os fazendeiros a plantal-o e cultivar-o, a maneira das mais capitancias. Pouca gente tem ainda cuidado do engorde de porcos, quando poder-se-ia tirar „grandes vantagens pelos muitos milhos e aboboras e outros muitos legumes que produz o Paiz.¹⁾ A canna de assucar attinge a dez e mais palmos de altura, mas, como não existem engenhos proprios, o assucar não é do de melhor qualidade, porém, a aguardente não faz differença da de Paraty. O arroz é muito bom e de excellente gosto, produz abundantemente, mas não se cuida de cultivar-o e antes se compra o de fóra. Ha uma meia duzia de pés de oliveira, perfeitamente acclimadas. As azeitonas maduras podem competir com as de Portugal. Iniciara-se o plantio de castanheiros. Parreiras bem desenvolvidas, em quantidade, uva magnifica, mas, vinho pessimo. O anil dá pelo campo, sem se o plantar, mas ninguém cuida desse genero de commercio. Produz muita farinha de mandioca, aipim, batata de toda a qualidade, até das do Norte. Dá café perfeito. Ha alguns pés de amoreira, algum cacáo.

Aurelio Porto.

¹⁾ Manoel Antonio Magalhães. *Almanak da Villa de Porto Alegre*. 1808.

Viagem ao Rio Grande do Sul

(Brasil)

por Augusto de Saint-Hilaire

Traduzido por Adroaldo Mesquita da Costa

Capitulo Segundo

Porto Alegre. Descrição da cidade. Sua immundicia. Costumes carnívoros. O conde de Figueira, general. Sua boa administração. Derrota de Artigas em Taquarém. Prisioneiros Guarany's. Sua semelhança com os Cossacos. O Caminho Novo. Artigas. Duas vacas hermaphroditas. Grande secca. Difficuldade em se organizar o serviço de viveres para as tropas. Soldo em atraso. Rendas da capitania. Systema dos arrendamentos geraes. Sua arrematação feita no Rio de Janeiro. Grandes abusos. Junta Criminal. Fructas. Vinhas. Inexistencia de estufas. Clima salubre. O general Lecór. Um baile. Origens da guerra. Os moradores desta capitania são originarios dos Açores. Comparação entre os de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul. Continuação da descrição de Porto Alegre.

Porto Alegre, 21 de Junho, 2 l. — Desde o lugar em que parei hontem á tarde, até Porto Alegre, a região continua um tanto ondulada e as casas tornam-se ainda mais frequentes. São pequenas, mas bem conservadas e construidas sempre nas elevações do terreno. Junto de cada casa ha um laranjal, carregado actualmente de um prodigioso numero de fructos, e nas circumvizinhanças vêm-se, em geral, plantações de mandioca, cercadas por um fosso profundo e limitadas internamente por uma sébe de cactus. Usam, para isto, duas especies de cactus: uma pertencente á familia dos *Cereus* e a outra á das *Opuntia*. As pastagens ficam rentes ao chão, quasi completamente resequidas e entremeiadas com flores de um *Oxalis*.

Um pouco antes de Porto Alegre, o caminho, que desde muito corria na direcção de nordeste para sudoeste, faz um cotovello para oeste. Descortina-se a cidade e em seguida o cimo de uma collina que, avançando em um lago, dá inicio á Lagôa dos Patos e fórma um isthmo sobre o qual está situada a cidade de Porto Alegre.

A' esquerda da collina, aquem da cidade, ha um valle largo e pouco profundo, coberto de pastagens rasteiras como são todas as dos arredores d'aqui. A' direita da collina, entre esta e o lago, extendem-se terrenos baixos, semeados de casas, e campinas cobertas de plantações de mandioca e de canna de assucar.

Por toda parte no Brasil os campos cultivados são muito afastados uns dos outros; nos terrenos de que fallo, elles se tocam como nas regiões mais habitadas da Europa e denunciavam a vizinhança de uma cidade populosa.

O pouco que disse da posição de Porto Alegre indica bem quanto é ella agradável; já não é a zona torrida, nem são as suas regiões majestosas e ainda menos a monotonia de seus desertos, é o sul da Europa e tudo o que ahi ha de mais ameno.

Ao entrar nesta cidade, fiquei admirado do movimento que ha aqui, do grande numero de casas de um e dois andares que ladeiam as ruas e da quantidade de brancos que aqui se encontram. Vem-se aqui muito poucos mulatos; a população compõe-se de crioulos escravos e de brancos em numero muito mais consideravel, que são homens grandes, bellos, bem constituídos e cuja maior parte tem a pelle colorida e os cabellos castanhos. E' facil de perceber-se, desde o primeiro instante, que Porto Alegre é uma cidade nova: todas as casas são ahi novas; ha muitas que não estão ainda terminadas e em cuja construcção trabalham actualmente; mas, desde o Rio de Janeiro não tinha ainda visto uma cidade tão suja e talvez mesmo nem a capital o seja tanto.

João Rodrigues, a pessoa que tem o arrendamento da renda dos couros desta capitania, havia me dado uma carta de recommendação para seu socio, o capitão José Antonio de Azevedo; escrevi a este, antes de chegar, para pedir-lhe que me alugasse uma casa.

A uma legua d'aqui deixei a carreta para trás e tomei a dianteira com o pae de meu guia. ²Apresentei-me em casa do capitão, que me recebeu muito bem e me levou á casa que havia alugado para mim e que é muito grande e muito commoda. O capitão José Antonio a principio parecera-me muito frio, mas logo reconheci que o que havia eu tomado por frieza era apenas timidez e falta de habito. Entregou-me uma

carta dos Srs. Bourdon e Fry, que continha varias de minha familia, nas quaes felizmente só encontrei boas noticias; mas estou admirado de não receber nenhuma carta de João Rodrigues. Esta tarde fui vêr o sargento mór João Pedro, ajudante de campo do general, que morava no Rio de Janeiro, em casa de João Rodrigues; acolheu-me muito bem e amanha iremos juntos á casa do general e á de diversas pessoas a que fui recommendado. Desde que me encontro nesta capitania, já tive oportunidade de presenciar os costumes carnivoros dos que a habitam; ossamentos de animaes encontram-se espalhados em redór das estancias e quando se entra nestas, respira-se, ás mais das vezes, um cheiro de carne e de sêbo.

Por toda parte onde parámos, pelo caminho, meu guia perguntava si lhe podiam vender uma manta. A manta é um grande pedaço de carne secca; davam-lh'a sempre de presente. Elle e o seu pessoal cortavam pedaços de pão para fazer espetos; cortavam pedaços da manta, punham-n'a alguns instantes ao fogo e em seguida era a manta devorada.

Porto Alegre, 22 de Junho. — Acompanhado do major João Pedro, fui a palacio para apresentar o meu passaporte ao general e entregar-lhe as cartas de recommendação que trazia para elle. Depois de subirmos, entramos em um compartimento onde fui recebido com dignidade por um ajudante de campo, que fôra annunciar ao general o fim de minha visita; este, depois de haver tomado conhecimento de meus papeis, fallou-me com muita delicadeza e offereceu-me cavallos, creados e um quarto no palacio. Agradei-lhe muitissimo e retirei-me ao cabo de alguns instantes. O conde de Figueira (tal é nome do general), pertence a uma das antigas casas de Portugal. Antes de sua nomeação, gostava muito do mundo; era dissipado, muito prodigo e tido por muito imprudente. Houve geral espanto com a sua nomeação e lastimou-se a sorte da capitania que elle ia governar. Aqui chegado, quiz provar que merecia melhor reputação; mudou de conducta, viveu muito retirado e consagrou-se inteiramente aos negocios. São todos unanimes em elogiar-lhe a probidade e o amor da justiça; não é estimado pelos empregados de categoria e pela gente rica que lhe teme a rectidão e integridade; mas parece que o é pelo povo, a quem procura alliviar de impostos, tanto quanto lh'o permittam as circumstancias em que se encontra a capitania. Tem elle ainda um extraordinario mérito aos olhos de seus administrados, é que sabe laçar, sabe montar tão bem como elles proprios, transporta-se com a rapidez do relampago de um ponto da capitania para o outro. Ultimamente haviam os soldados de Artigas invadido a provincia

e pilhado mais de oitenta mil bois. O conde reuniu com presteza oitocentos homens de milícia e pôz-se á sua frente. As tropas de Artigas, comquanto bem armadas e em muito maior numero, foram derrotadas em Taquarembó; mataram-lhe quinhentos homens e aprisionaram-lhe quatrocentos. Os Portuguezes não perderam um só homem e desde então o inimigo não mais reapareceu nas fronteiras. Entanto, o maravilhoso desta victoria desaparece desde que se conheça o inimigo que os Portuguezes tinham de combater. São quasi todos miseraveis Indios, que, realmente, montam com uma firmeza de que não ha exemplo na Europa; transportam-se e lançam-se em poucos instantes a muito grandes distancias; mas, si excellentes para uma lucta corpo a corpo, não têm, entretanto, nem valor nem disciplina e ainda que bem armados, fogem uma vez que não estejam seguros de vencer o adversario pelo numero. As tropas que os derrotaram em Taquarembó não lhes são em nada inferiores na arte de montar e de atravessar os rios a nado. Têm igual conhecimento da região e dos costumes, quasi eguaes aos seus; sobrepujam-n'o pelo seu valor natural e por esta immensa superioridade que os brancos têm sobre os Indios, e por ultimo já estavam animados do desejo de defender a familia e a propriedade.

Excepção feita dos que vi em Torres, os que foram feitos prisioneiros em Taquarembó, estão todos aqui, onde se empregam em serviços publicos; ha entre elles uma duzia de Hespanhóes de Montevideo e alguns negros que haviam fugido das estancias desta capitania; todos os demais pertencem á tribu dos Guarany's. Parece que Artigas havia reunido um grande numero destes Indios, fazendo-lhes crêr que a capitania estava inteiramente desguarnecida de tropas, que não encontravam resistencia alguma e poderiam apoderar-se impune-mente do gado das estancias portuguezas.

Varios prisioneiros a quem tenho interrogado, disseram-me serem oriundos do Paraguay, que trabalhavam como peões na provincia de Entre-Rios e haviam sido obrigados por Artigas a pegar em armas. E' muito verosimil que esta gente não diga a verdade e se haja reunido a seu chefe na esperança da pilhagem. Como quer que seja os prisioneiros guarany's são em geral homens de estatura mediocre, parecendo, porém, pequenos, porque o corpo tem uma desmesurada largura; têm o pescoço muito curto, a cabeça muito grossa e alongada, a cara muito cheia, os olhos pouco divergentes, muito compridos e estreitos, as sobranceiras arqueadas muito compridas, pretas e cheias, o nariz comprido e grosso, grande a bocca, os cabellos pretos e lisos, a pelle côr de um bistre amarellento e as nadegas muito grossas.

Entre esses traços, os que os distinguem particularmente das outras tribus indigenas que tenho visto até agora, são a fôrma alongada da cabeça, a pouca divergencia dos olhos e o comprimento do nariz; têm também as espadas e o peito mais largos e os membros geralmente mais carnudos. Os Guaranys são muito feios e a sua physionomia tem uma expressão de baixeza, devida talvez unicamente ao sentimento de sua inferioridade, á dependencia em que vivem habitualmente e ao estado de captiveiro a que se acham reduzidos actualmente. Olhando-se com attenção, percebe-se no meio dos traços repugnantes que os caracterisam, um ar de doçura que é realmente o indice de seu character.

Quando Artigas se assenhoreou de Montevidéo, havia dado aos soldados uma especie de uniformê que consistia em uma veste de panno azul, com um debrum encarnado; mas desde que foi obrigado a sahir desta cidade, suas tropas vestem-se como podem; alguns prisioneiros vestem ainda restos de seu antigo uniforme, os demais têm vestimentas em pessimo estado de differentes côres e chapéos sem abas. Diversos enrolam em rôda dos rins uma coberta raiada, que lhes serve como de uma especie de saióte (cheripá). A maior parte tem cabellos compridos e trançados; pela physionomia e largura dos membros, os Guaranys recordam os Cossacos, como os recordam pelos seus costumes. Aos prisioneiros dá-se-lhes uma ração de farinha e duas libras de carne por dia, mas acham que isso não é sufficiente.

Porto Alegre, 24 de Junho. — Fui ver o conde de Figueira em uma casa de campo, em que passa as tardes e que está situada a uns tres quartos de legua d'aqui. O caminho que vae para lá tem o nome de *Caminho Novo*, porque foi aberto recentemente. Fica em continuação á grande estrada de Porto Alegre, e, como é muito plano, é mais commodo para as carretas que aquelle por onde vim. Estende-se ao norte da cidade, primeiro sobre as margens do lago e em seguida sobre as do rio Gravatahy, que ahi desagua; de um lado é elle limitado por uma fila de salgueiros, do outro por casas de campo e jardins cercados de sensitivas espinhosas.

As terras planas e cultivadas que vi á minha direita, logo que cheguei a Porto Alegre, ficam entre este caminho e a collina, em cuja extremidade está situada a cidade. É difficil encontrar-se um passeio mais agradável que o do *Caminho Novo*; recorda tudo o que existe de mais encantador na Europa. O conde recebeu-me perfeitamente, repetiu-me os mesmos offerecimentos de serviços e convidou-me a jantar com elle no domingo. Enquanto estava em casa d'elle, chamou á nossa presença um pequeno Guarany que servia como corneta

nas tropas de Artigas e que elle transformou em um jockey. Perguntou-lhe de que gostava mais, de ficar com elle ou de se ir ajuntar a Artigas. „Ir juntar-me a Artigas“, respondeu o pequeno com vivacidade. Momentos após, accrescentou que era para ter o prazer de tornar a vêr a sua mãe; mas é evidente que esta tardia explicação manifestada muito friamente, só lhe fôra inspirada pelo mêdo de haver offendido o conde. Este joven Guarany estava bem vestido; era bem alimentado, mas creado nos campos, acostumado ao abuso de liberdade de uma guerra de partido, prefere a independencia de que gosava em seu paiz ás doçuras da vida domestica acompanhada de alguma sujeição. E' incontestavel, aliás, que Artigas tem um particular talento para se fazer estimado dos Indios e dos habitantes dos campos, e parece mesmo que não tem substituto. Não tem nenhum conhecimento da arte militar e mesmo é muito verosimil que elle não tenha nenhum valor, porque não se vê em nenhum combate; mas tem os mesmos costumes que os Indios: sabe montar tão bem como elles, vive da mesma maneira, veste-se com extrema simplicidade, repete aos soldados que só trabalha para assegurar-lhes a independencia e a de seus filhos. Quando soffre qualquer revéz, chóra com elles e diz-lhes que é desgraçado, que são os seus peccados e os de sua tropa que attraem sobre elle a cólera do céo. São todos unanimes em affirmar que dos soldados de Artigas os que em todas as Occasiões mostraram mais valor, foram os negros fugidos; isto é natural, porque estes combatiam pela propria liberdade; mas, além disso, o negro é mais valente do que o Indio, porque é menos alheio do que elle á idéa do futuro e é dessa idéa que deriva o valor que consiste em arriscar tudo para as vantagens futuras.

Porto Alegre, 26 de Junho. — Fui hoje jantar na casa de campo do conde o qual me mostrou duas vaccas que apresentam indicios bem singulares do sexo masculino. Os caracteristicos da cabeça são eguaes aos do touro; a vulva é menor e menos approximada do anus do que nas vaccas communs; as quatro tétas são muito pequenas e por baixo ha dois corpos grossos, ovoides, semelhantes aos testiculos do touro. Haviam derrubado uma dessas vaccas, laçando-a e eu proprio verifiquei a existencia dessas especies de testiculos, apalpando-os e fazendo-os mover. Affirmaram-me que estes dois animaes gostavam mais das vaccas do que dos touros.

Desde o dia 21 cessou o minuano; o tempo está bem calmo, o céo, sem nuvem e o thermometro marca cerca de 74° Farenheit ao meio dia. Nesta época, as chuvas caem ordinariamente em abundancia, e os mais antigos da região se

não recordam de terem visto uma secca semelhante á que faz este anno.

Força os agricultores a adiar as suas sementeiras de trigo e as plantações de laranjeiras que se fazem geralmente nesta estação. Colhe-se o trigo em Dezembro.

Esqueci-me de dizer que os agricultores dos arredóres de Laguna, que cultivam o canhamo, gosam de alguns privilegios; é isto que os induz a continuar, ainda que não sejam pagos de seu fornecimento.

Porto Alegre, 27 de Junho. — Tenho como vizinho um commissario das guerras do antigo exercito portuguez, que acaba de ser mandado para cá, afim de organizar de um modo regular o serviço dos viveres destinados ás tropas que defendem esta capitania. Encontra elle obstaculos, não só na natureza da região e nos costumes dos soldados, como mais ainda na rapacidade dos chefes militares acostumados a tirar proveito da desordem que tem dominado até agora neste ramo de serviço. Parece, realmente, que não existe nenhuma escripta. Os officiaes tomam os animaes dos estancieiros e dão vales que devem ser resgatados pela Junta da fazenda real. Durante algum tempo os pagamentos foram feitos com pontualidade, mas agora estão suspensos, porque não ha fundos.

As tropas estacionadas na fronteira da capitania são em numero de tres mil, compostas de soldados, do paiz e de uma legião de Paulistas. Esses homens não recebem soldo a 27 mezes e ha tres annos que vivem só de churrasco, sem pão, sem farinha nem sal. A ração de cada homem é de quatro libras de carne por dia e só tomam as partes mais gordas e mais carnudas do animal. Os officiaes comem o figado com a carne como se fosse pão; os soldados tomam este alimento, torrando uma parte de sua ração, que comem com o resto assado pela fórma commum.

Os soldados desta região acostumaram-se facilmente a este regimen, que na verdade pouco differe de seu modo ordinario de viver, mas parece que occasionou doenças e principalmente dysenteria entre os Paulistas acostumados a se alimentar de feijão e farinha, muito mais do que de carne.

Porto Alegre, 28 de Junho. — As rendas desta capitania constituem-se de direitos da alfandega, dos de Santa Victoria, do quinto dos couros que saem da capitania, dos dizimos e da passagem dos rios.

O quinto dos couros é arrendado e é no Rio de Janeiro que se faz a arrematação. Uma das condições é que o arrematante forneça carne a 30 réis ás tropas estacionadas nestes quatro pontos, Porto Alegre, Rio Grande, Aldeia dos Anjos e Rio Pardo.

E' evidente que si se consultasse o verdadeiro interesse da capitania, a arrematação não se faria no Rio de Janeiro, mas em Porto Alegre, onde melhor se conhece o valor da renda posta em arrendamento. Mas o que mais deve ainda surpreender é que os dizimos desta capitania sejam abandonados da mesma fórma a um arrematador geral e que a arrematação se faça também no Rio de Janeiro.

O systema das arrematações geraes, que priva o Estado de uma parte de suas rendas, não foi adoptado pelas capitanias do interior; e, no entanto, se isso pudesse ser razoavelmente, seria nestas capitanias onde os recursos são fracos, onde se não encontram sempre dizimadores particulares que offereçam uma garantia sufficiente e onde a fazenda real se acha, por isso, embaraçada com uma infinidade de negocios difficeis.

Mas como se explica que tenha sido admittido esse systema em uma capitania rica, em que os dizimadores particulares muito solvaveis se apresentam aos montes? Como se explica que se ponha em arrematação o arrendamento geral de mais de trezentas leguas de capitania, em uma cidade cujos recursos se não conhecem e onde, por conseguinte, não póde haver concorrência?

E' evidente que um tal systema não póde ser adoptado, ou pelo menos não póde ser conservado senão para favorecer interesses particulares e o ministerio tem disso a prova evidente, pois que, receiando que pudesse haver pouca concorrência, prorogou, por um decreto, por seis annos, o arrendamento com o ultimo arrematante, violando assim, em dois pontos fundamentaes, a lei que manda que se faça arrematação e que esta se faça por tres annos sómente.

O arrendatario geral entra em arranjo com os ramistas dizimeiros, que cobram directamente o imposto e que introduziram nesta cobrança diversos abusos de que se queixam os proprietarios. Todas as vezes que estes marcam os animaes de sua propriedade, deveriam os dizimadores retirar-lhes o dizimo, mas assim não succede; elles não cobram o que lhes deve caber senão quando os seus tres annos de arrendamento estão extinctos, e até esta época, não assignalam com nenhuma marca o seu gado, para differencal-o do dos proprietarios.

Deste modo, encontram elles, ao cabo de tres annos, bois que foram engordados, durante um e dois annos, nos campos de outrem, sem que isso lhes custasse cousa alguma e não correram o risco da mortalidade, porque se o proprietario perdeu animaes, não tem nenhum meio de provar que entre esses se encontravam também animaes do dizimador.

Na ultima incursão feita por Artigas, arrebatou este todo o gado de algumas estancias e só pôde tomar parte delle em outras. Por toda parte onde elle andou, os dizimadores recusaram-se a soffrer a perda com o proprietario e pretenderam conservar todos os seus direitos sobre os annos anteriores.

Porto Alegre, 1. de Julho. — Antes do governo do Marquez de Alegrete, predecessor do Conde de Figueira, enviavam-se criminosos desta capitania para o Rio de Janeiro para ahi serem julgados. Mas, como a esta distancia tornava-se difficil reunir provas sufficientes para poder condemnal-os e como ninguem agia contra elles, deixavam-n'os padecer alguns annos nas prisões e terminavam por pôl-os em liberdade sem os julgarem. O Marquez de Alegrete solicitou e obteve do rei a creação de uma Junta criminal, que deve reunir-se todos os annos, composta do General, do Ouvidor e do Juiz de Fôra de Porto Alegre, dos Juizes de Fôra do Rio Grande e do Rio Pardo e de dois Desembargadores, que residem actualmente em Porto Alegre. A composição desta Junta apresenta um grande inconveniente; é que obriga os Juizes de Fôra do Rio Grande e do Rio Pardo a abandonar as suas funções ordinarias e a afastar-se, um sessenta e o outro, trinta leguas da sua residencia habitual.

Em consequencia desta morosidade que existe em tudo o que diz respeito á administração, a Junta tem deixado durante varios annos de se reunir, e quando se tem reunido, é sempre por pouco tempo. Este anno, ella se dissolveu depois de haver julgado quatro individuos e existem duzentos accusados nas prisões de Porto Alegre. Segundo o que me informou um dos membros da Junta, os crimes são muito frequentes nesta capitania, principalmente entre os negros, e isto não é de admirar, porque existe o costume, no Rio de Janeiro, de mandar vender aqui todos os escravos de que se querem livrar.

As amendoeiras, os pessegueiros, as ameixeiras, as macieiras, as pereiras e as cerejeiras dão muito bem nos arredores de Porto Alegre e dão ahi bons fructos; mas é só um numero reduzido de pessoas que as têm plantado e, em geral, as especies que foram trazidas para cá são de qualidade inferior. Plantaram-se algumas oliveiras que produziram muito bons fructos, mas em pequena quantidade. A vinha dá muito bem; alguns fazem vinho, mas como o acham de qualidade inferior, só fallam disso com desprezo. As pessoas, embôra pouco abastadas, estão acostumadas com o vinho generoso do Porto, e como o pouco vinho que se fez até agora no Brasil está muito longe de ser tão bom, desdenham-n'o, motejam-n'o e por isso tira-se a coragem áquelles que se entregam a esses ensaios. E' incontestavel, porém, que o vinho menos delicado valeria

mais para as pessoas que não podem comprar vinho de Portugal, do que a água ou a cachaça.

A introdução geral de qualquer uma qualidade de vinho, entre os brasileiros, seria, pois, um verdadeiro benefício e por consequência o governo devia encorajar, por todos os meios possíveis, o plantio da vinha e a fabricação do vinho nas regiões do Brasil, em que se pode ter alguma esperança de successo, como por exemplo, nesta capitania, na de Goyaz, no districto dos Diamantes e na Comarca de Sabará, na capitania das Minas.

As amendoeiras e os pessegueiros florescem em principios de Setembro; a florescencia das outras arvores florestaes, segue-se na mesma ordem que na Europa.

Porto Alegre, 4 de Julho. — Ha varios dias, ficou o tempo muito frio; hoje está sombrio como em França, quando cae neve e choveu durante um grande pedaço do dia.

Cae geada quasi todas as noites e o Conde tem podido ajuntar bastante gelo para mandar fazer sorvetes. Habituação como estou aos calores da zona torrida, soffro muito frio; elle me tira qualquer actividade e quasi que me priva da faculdade de pensar.

Este frio repete-se cada anno; todos queixam-se delle, e o que é de admirar-se, é que ninguem lança mão de meios efficazes, para garantir-se contra elle; conhecem só o de amontoar roupas flo corpo. Todos os moradores de Porto Alegre vestem, no interior de suas casas, um grosso capóte que lhes embaraça os movimentos e não os livra de tremer de frio e ninguem cuida de aquecer os aposentos, fechando-os bem e accendendo ahi fogo.

Ha aqui um grande numero de bellas casas bem construidas e bem mobiladas, e nenhuma só dellas possui uma estufa ou uma chaminé. Os aposentos são muito elevados; as portas e as janellas fecham-se mal; estas, ás mais das vezes, têm vidros quebrados, que ninguem se importa de substituir e algumas vezes não se consegue luz senão abrindo as venezianas ou mesmo as portas.

Parece, enfim, que foram os Portuguezes que trouxeram da Europa o costume de tomar-se tão pouca precaução contra o frio, porque me informam que, em Lisboa, as estufas são objecto de luxo.

Como já disse, o campo é arido, não se acha ahi uma só flôr, não se vê ahi voar um unico insecto; as pastagens têm uma côr cinzenta, as arvores e os arbustos conservam as folhas, mas são de um verde tristonho. Não tenho absolutamente nada a fazer, mas tanto mais receio pôr-me a caminho pelo frio que faz, quanto d'aqui a Rio Pardo, para onde irei

por agua, parece que serei obrigado a dormir ao relento. Por outro lado, comquanto tenha escripto duas vezes a Boa Vista, já não ouço fallar de José Marianno e não sei o que é feito delle. Passo o meu tempo de um modo muito triste.

Aqui, as mulheres não se escondem; mas não ha mais sociedade em Porto Alegre do que nas outras cidades do Brasil; cada um vive em casa ou visita o vizinho sem cerimonia, de vestia ou de capóte. Vão frequentemente palestrar nas pharmacias, mas não ha nenhum club. Desde que aqui cheguei, tenho jantado em casa de José Antonio de Azevedo. Comtudo, comquanto tenha eu trazido muitas cartas de recommendação, que me têm valido delicadezas, não recebi convite de ninguem, a não ser do Conde e do Major João Pedro, que têm vivido no mundo e estão mais acostumados. Em geral, em todos os logares do Brasil por que tenho andado, o estrangeiro é recebido na casa daquelle a quem é elle recomendado, mas não é convidado por mais ninguem.

Jantei hoje em casa de João Pedro com um Hespanhól dos arredóres de Santa Thereza (Angelo Nuñez), que foi victima da tyrannia de Artigas e que me fallou muito delle. Quando os Portuguezes invadiram as terras deste Hespanhól, elle se lhes entregou e teve oportunidade de lhes ser util. Artigas fez-se dono da terra e tratou esse homem como trahidor. Conduziu-o em seu séquito durante varios mezes, cobrindo-o de ignominias e alimentando-o muito mal. Durante esse tempo, foram roubados os seus gados, suas propriedades foram egualmente devastadas pelos soldados de Artigas e pelos Portuguezes, e actualmte está elle aqui afim de reclamar o que estes ultimos lhe tomaram.

Os principaes partidarios de Artigas são Indios civilizados, que se juntaram a elle para poder viver uma vida licenciosa e roubar gado impunemente. São tambem aventureiros brancos que nada tinham e queriam enriquecer-se partilhando os espolios dos proprietarios ricos. Varios destes fugiram e retiraram-se para Montevidéo; outros, comquanto detestando Artigas, alistaram-se debaixo de suas ordens, afim de salvar suas propriedades.

Artigas conservou o antigo modo de administração nas aldeias de que é chefe; além de que, a unica lei é a sua vontade e os seus caprichos. Impõe contribuições aos ricos, condemna á bastonada ou á morte, sem nenhuma regra, sem nenhuma formalidade e não póde ser considerado senão como um chefe de bandidos; sua ignorancia é extrema, mas tem como secretario um monge que abandonou o habito, no qual deposita uma confiança cega e que dirige toda a sua conducta.

O governo portuguez, varias vezes, fez offertas vantajosas a Artigas para persuadir-o a depôr as armas; mas o monge, do qual só se poderia esperar o perdão, obrigou-o a repellir todas as propostas que lhe foram feitas. Alguns dos chefes que servem debaixo das ordens de Artigas são proprietarios da região e que, na maior parte, têm sido arrastados pelas circumstancias; outros, como disse, são aventureiros sahidos da escoria da sociedade.

João Pedro foi mandado, faz alguns annos, pelo Marquez de Alegrete a Ortuguez ¹⁾, um dos capitães de Artigas, que actualmente está prisioneiro no Rio de Janeiro e que, antes da Revolução era, apenas, um simples capataz.

Conhecendo o odio dos colonos hespanhóes contra os Europeus, João Pedro fez-se passar por Brasileiro, não fez difficuldade alguma em montar os fogosos cavallos que lhe apresentavam, tomava chimarrão e por esse modo conquistava immediatamente a confiança de Ortuguez. Um dos primeiros cuidados deste foi informar-se se o Marquez de Alegrete era bom picador e quando João Pedro lhe respondeu que sim, mostrou mais consideração pelo Marquez. Ortuguez fallou muito contra os reis; mas as suas censuras recahiam sómente sobre a presteza com a qual queria que os soberanos conduzissem as tropas, e immediatamente depois de haver terminado as suas declamações, vangloriava-se da auctoridade sem limites que exercia sobre os soldados e sobre os habitantes do paiz.

Realmente era ella de tal fórma, disse-me João Pedro, que pelos mais simples motivos, elle condemnava os homens á morte. Mandava comparecer ante elle os que cria se lamentavam, fazia-os desculparem-se e acabava por mandal-os fazer um passeio. O accusado retirava-se, mas era acompanhado por um capanga de Ortuguez que o matava. Os passeios de Ortuguez eram proverbias em todo o paiz. Este homem alliava á ferocidade uma especie de devoção. Queixou-se muito a João Pedro de que os soldados acabavam de saquear uma capella. Tinha comsigo uma imagem da Virgem que havia sido roubada ahí nessa occasião; mostrava um grandissimo respeito por esta imagem e havia encommendado de Montevidéo roupas para vestil-a.

O roubo de gado deve ser uma das primeiras consequencias da guerra em um paiz em que o povo só se alimenta de carne e onde os rebanhos constituem a principal riqueza. O numero do gado vaccum, outr'ora tão consideravel nos campos de Montevidéo e Entre-Rios, diminuiu muito. O General Lecór

¹⁾ Ortuguez é provavelmente, a mesma personagem que, na cidade do Rio Grande, é conhecida pelo nome de Torguez.

acaba de prohibir a exportação de gado e as xarqueadas na capitania de Montevideo e Artigas tem reduzido seus soldados á ração. No meio da desordem da guerra, tudo misturou-se em Entre-Rios e o gado, de alguma forma, tornou-se ahi uma propriedade commum.

O clima de Porto Alegre é muito são; não são ahi conhecidas as febres intermittentes; mas no tempo de frio, os defluxos e as doenças de garganta são ahi muito communs. Nessa mesma estação, o tétano manifesta-se tambem muitas vezes, sobretudo em consequencia de alguma ferida.

Porto Alegre, 6 de Julho. — O frio continua, choveu todo o dia e não pude sahir.

José Marianno chegou; disse-me elle que os passaros que matára haviam sido embarcados em Boa Vista para cá. Receio muito que a chuva e a humidade os tenham deteriorado. José Marianno, já ao chegar, mostrou o seu máo humor ordinario; este exemplo já fez impressão sobre os outros. Firmiano, que havia estado perfeito durante sua ausencia, já parece menos alegre e Manoel recomeça a lastimar-se.

Porto Alegre, 8 de Julho. — Fui ver o General e elle me disse, como varias outras pessoas, que a estação era pouco favoravel para ir ás Missões, que seria detido por varios arroios que já não são vadeaveis nesta estação; emfim que, terminando a minha viagem pelo Rio Grande, percorreria as dunas na occasião em que a vegetação está em pleno vigor, e as regiões da capitania, em que posso ter mais esperanza, no tempo em que não ha ahi nenhuma flôr. O General accrescentou que estava prestes a partir para o Rio Grande e convidou-me muitissimo a acompanhal-o. Sei que não gosarei em sua companhia da liberdade de que tenho necessidade para o meu trabalho, mas em todo caso, não poderei fazer cousa alguma d'aqui a um mez e passarei este tempo de maneira mais agradável.

Do Rio Grande, irei com o Conde até Santa Thereza, de Santa Thereza a Montevideo, e de lá ás Missões. Durante o tempo em que estive em casa do General, recebeu elle uma carta do Marechal Chagas, que governa Missões e que lhe escreveu que as tropas de Artigas se acham reduzidas a 250 homens. Depois da batalha de Taquarembó, Fructuoso Rivera, o mais habil de seus officiaes, rendeu-se ao General Lecór com a sua tropa e esta fôra sempre considerada como a mais bem disciplinada das que sustentaram o partido de Artigas. Estes brilhantes resultados são o fructo de um unico feito em que

havia apenas oitocentos luso-brasileiros, mas eram todos homens da região, que possuíam os mesmos costumes que os seus inimigos e combatiam, por assim dizer, com armas eguaes, com a superioridade que dão a coragem e a intelligencia.

Esta guerra teria certamente terminado ha muito, se em vez de ter sido começada com tropas européas, tivessem, desde o começo, opposto a Artigas homens da região, e se o General Lecór não tivesse adoptado um systema de contemporização contra o qual murmuram os officiaes e os soldados.

Quando as tropas de Portugal que compõem actualmente a divisão de Lecór, atravessaram a capitania, trataram os seus habitantes com um desprezo e dureza de que fallam ainda hoje, com resentimento. Mas foram vingados immediatamente por uma humilhação que a cavallaria portugueza soffreu em Serrito.

Foi ahi que lhe deram cavallos, e como todos os do paiz, estes animaes, semi-selvagens, não estavam acostumados nem com o equipamento da cavallaria européa, nem com as suas manobras; assustaram-se, atiraram ao sólo os cavalleiros, fugiram para os campos, e não obstante as buscas que se mandaram fazer pelos habitantes da região, houve muitas sellas perdidas. Os soldados portuguezes, acostumados a comer pão, não podiam viver só de carne. Quando entraram em campo, foi necessario levar, acompanhando o exercito, quasi duzentas carroças carregadas de viveres e de bagagem. Em uma região descoberta em que não ha nenhuma fortificação, não podia o exercito obrigar a combate um inimigo que tinha interesse em evital-o, e que póde se transportar com a rapidez do raio, de um lugar para outro; estava inteiramente occupado a fazer guarda á sua bagagem e só era senhor de verdade do lugar que occupava. Depois que Lecór entrou em Montevidéo, não fez d'ahi sahir a divisão e nem deixa agir as tropas da fronteira, que debaixo das suas ordens, commandadas pelo Marechal *Curado*. Tendo mostrado aos rebeldes uma grande indulgencia, tornou-se estimado pelos habitantes da região, mas criticam-n'o por levar essa indulgencia ao excesso; parece que foi impellido a esse systema de doçura e de contemporização pelo presidente do Cabildo de Montevidéo, que conservou o lugar, como todos os empregados hespanhóes, que têm, todos, parentes e amigos entre os rebeldes.¹⁾

1) O que eu digo aqui, sob a influencia das idéas que, então, predominavam na Provincia do Rio Grande, deve ser modificado. Lecór tomou a unica resolução que devia tomar com tropas européas.

Porto Alegre, 10 de Julho. — Como haja sido esta capitania desde muito tempo o theatro da guerra, o governo militar collocou ahi mais forças que nas outras provincias. Os habitantes acostumaram-se ás suas irregularidades, e cada um conhecedor a seu turno das injustiças e vexames que o cercam, supporta-as mais facilmente quando se torna victima dellas.

O regimen militar é mais agradável do que a lentidão de uma administração commum a homens pouco instruidos que vivem uma vida activa, andam sempre a cavallo e possuem todos os costumes dos povos semi-civilizados. Nesta capitania, só ha estima pelas patentes militares e em nenhuma parte os empregados civis e os juizes gosam de uma tão fraca consideração como aqui. Evitam-se as formalidades da justiça, e o General é nomeado arbitro em quasi todas as questões. O character pessoal e a integridade do Conde, comparados com a venalidade commum dos juizes, deve ter contribuido tambem para inspirar esta confiança.

Porto Alegre, 12 de Julho. — Um francez, que negocia aqui para uma casa do Rio de Janeiro, veio me convidar para passar a noite em uma casa em que devia haver um bailezinho. Havendo eu sabido que esta casa era uma das mais recommendaveis de Porto Alegre, não hesitei em corresponder ao convite que me fôra feito, e encontrei-me em um salão bem mobilado e forrado de papel francez em uma reunião de trinta a quarenta pessoas, entre homens e mulheres. Como eram todos parentes e amigos intimos, não havia no vestuario nenhum apparatus. As mulheres estavam vestidas com simplicidade e decencia; a maior parte dos moços vestiam fraque e calças de tecido branco. Dansaram contradanças, valsas, e danças hespanholas; algumas senhoras tocaram piano, outras cantaram com muito gosto com acompanhamento de guitarra, e o saráo terminou com jogos de salão.

Encontrei maneiras discretas em todas as pessoas da sociedade. As mulheres conversavam sem constrangimento com os homens; estes lhes testemunhavam muitas attentões, mas não tenho necessidade de dizer que não lhes mostravam este desvelo e desejo de agradar que talvez, emfim, só pertença aos Francezes. Desde que me encontro no Brasil, não tinha visto ainda uma reunião semelhante. No interior, como já o affirmei cem vezes, as mulheres se escondem; são ellas sómente as primeiras escravas da casa e os homens não têm nenhuma idéa dos prazeres que se alliam á decencia. Entre as senhoras que vi, hoje, em casa do Senhor Patrico, havia

algumas, bonitas; a maior parte era bem branca e tinha cabellos côr de um castanho carregado e olhos negros; algumas tinham graça, mas não encontrei nenhuma entre ellas com aquella vivacidade que distingue as Francezas.

Os homens eram geralmente muito brancos e tinham cabellos e olhos da mesma côr que as mulheres; eram grandes, bem constituídos; gosavam de liberdade, e nada desta molleza que caracteriza os Mineiros.

Porto Alegre, 15 de Julho. — Não se pôde negar que nesta guerra os Portuguezes não tinham sido os aggressores; é ella o fructo da politica injusta do Conde da Barca que acreditou que, para estender as suas fronteiras, os Portuguezes não podiam encontrar um momento mais favoravel do que aquelle em que os Hespanhóes estavam em insurreição contra o seu soberano e se achavam divididos entre si.

Sem duvida era necessario tomar algumas precauções contra vizinhos que queriam mudar de governo e que tinham pegado em armas, mas podiam contentar-se em estabelecer um cordão nas fronteiras, e o bem do paiz exigia que se guardasse uma neutralidade á qual não tinha Artigas nenhum interesse em se oppôr. Suppondo mesmo que os Portuguezes fiquem senhores da região até ao Rio da Prata, o que é muito duvidoso, terão elles comprado bem caro este augmento de territorio por causa das despesas que têm sido obrigados a fazer e pelo empobrecimento de tres de suas mais importantes provincias, as de S. Paulo, do Rio Grande e de Santa Catharina.

Antes de começar a guerra, encarregou o ministro ao Marquez de Alegrete de mandar um official a Buenos Ayres, sob o pretexto de reclamar navios portuguezes que haviam sido detidos neste porto, mas na realidade, para sondar as intenções do governo relativamente a Artigas e saber se a Republica nascente o defenderia no caso de ser elle atacado pelos Brasileiros.

Para chegar a Montevidéo, este official foi obrigado a passar pelo territorio commandado por Ortuguez e teve com elle aquella conferencia, cujas principaes particularidades já relatei. Ortuguez concedeu-lhe passaportes e elle chegou são e salvo a Montevidéo, onde pediu ao Câbildo permissão para proseguir livremente em sua viagem. Os membros do Câbildo nada quizeram decidir sem consultar Artigas que, como se sabe, nunca estava na cidade. Este censurou acremente o Câbildo por haver recebido um estrangeiro que, dizia elle, não passava de um espião, e deu ordem de regresso ao official

no espaço de vinte e quatro horas, fazendo-o voltar pelo caminho que havia percorrido.

O tratamento que se dá a este official e a protecção que Artigas concedia aos negros que fugiam da capitania, foram as razões que se allegaram para se dar inicio á guerra.

Disseram no Rio de Janeiro que o partido de Artigas havia feito, antes, correrias no territorio portuguez e suspendido animaes, mas o facto não se passou assim.

Um padre hespanhól, muito verdadeiro, que foi obrigado a deixar Entre-Rios, onde era cura, e a se refugiar em Porto Alegre por causa de seu realismo, me assegurou, ao contrario, que, mesmo antes das primeiras hostilidades, os estancieiros portuguezes haviam muitas vezes invadido as terras dos Hespanhóes e dahi haviam retirado um grande numero de gado vaccum.

Quanto á barbaria que alguns Portuguezes exprobam ao partido de Artigas, parece, segundo a opinião dos mais respeitaveis officiaes, que ella tem sido inteiramente reciproca.

Os costumes carnivoros dos habitantes desta capitania tornam-n'os crueis e sanguinarios. No combate de Taquarembó, massacraram, sem piedade, mulheres e crianças e teriam matado todos os prisioneiros, se os officiaes a isso não se oppuzessem.

Em geral, os portuguezes, bem como o seu governo, esqueceram-se completamente de que, nesta guerra, o partido de Artigas tinha direitos eguaes aos seus. Elles fingiram tratar os inimigos como rebeldes.

Entretanto, a conducta politica dos Hespanhóes nada tinha de commum com Portugal, que agiu sempre por sua propria conta e nunca como alliado do rei de Hespanha. Os Portuguezes deviam, portanto, fazer a guerra aos seus vizinhos, como uma nação civilisada a faz a outra nação; não era a elles que competia julgar da legitimidade do poder dos officiaes de Artigas. Estes deviam, por consequencia, ser tratados com as attensões devidas ao posto de que se achavam revestidos; não tinham direito algum de lhes pôr algemas, se bem que tivessem feito algumas vezes e não deviam castigar os soldados prisioneiros da mesma maneira que a maior parte dos Indios que haviam sido aprisionados em diferentes combates.¹⁾

1) Como disse em outros artigos, Artigas era, apenas, um chefe de salteadores e é de acreditar-se que as hostilidades foram começadas, ao mesmo tempo, pelos seus soldados e pelos Portuguezes.

Os habitantes desta capitania são oriundos dos Açores como os de Santa Catharina; entretanto, uns e outros, são pouco parecidos: os primeiros são grandes; os outros, pequenos; aquelles, geralmente, são gôrdos; os outros, magros. Os habitantes de Santa Catharina têm a cutis amarellada, os do Rio Grande do Sul são muito brancos; são corados e muito mais desembaraçados. Esta differença determina evidentemente a do regimen e dos costumes.

Os habitantes de Santa Catharina vivem quasi sempre nagua; pescam ou cultivam a terra. Os desta capitania vivem continuamente a cavallo; entregam-se a exercicios violentos e respiram o ar puro da região mais sã da terra.

Os primeiros vivem só de peixe e de farinha de mandioca; os outros comem carne e, ás mais das vezes, pão.

Se, a uma distancia tão pequena, esta differença de costumes e de alimentação pôde produzir tamanha diversidade na compleição entre homens sahidos a tão pouco tempo da mesma região, não é de se admirar que uma mudança total de clima e de alimentação tenha determinado differenças bastante sensiveis para a constituição das raças. Não ha ninguem que não tenha observado que os negros crioulos estão muito menos afastados da nossa do que os da costa da Africa. Poder-se-ia attribuir, á educação a superioridade que estes demonstram em relação á intelligencia; mas, ao mesmo tempo, são elles, commummente, de uma côr negra menos carregada; a cabeça é menos arredondada, os labios menos grossos, o nariz menos chato; enfim, não ha ninguem que, estando um pouco acostumado, não distinga facilmente um negro crioulo de um africano.

Attribui aos Indios, que foram aprisionados por Artigas, uma cabeça e um nariz alongados. Estes traços não existem em todos e, naquelles em que se encontram, indicam uma mistura com os Hespanhóes.

Porto Alegre, 21 de Julho. — Porto Alegre, capital da capitania do Rio Grande do Sul, residencia do General e do ouvidor, está situada na posição mais aprazivel, sobre uma península formada por uma collina que avança do norte para sudoeste, para a Lagôa dos Patos. Esta lagôa, que tem 60 leguas de extensão, tem, tambem, na sua origem, os nomes de Lagôa de Viamão ou de Porto Alegre. Estende-se, a principio, directamente do norte para o sul; suas aguas têm uma corrente sensivel; são, ordinariamente, doces, em uma extensão de 30 leguas. A lagôa deve a sua origem a quatro rios navegaveis, que reúnem as suas aguas em frente de Porto Alegre

e que, divididos, em sua embocadura, em um grande numero de braços, formam um labyrintho de ilhas; três destes rios, o Gravatahy, que é dos tres o que fica mais a léste, o Rio dos Sinos e o Rio Cahy, vêm do norte, nascem na Serra Geral e têm um curso de pouca extensão. O quarto rio, que tem o nome de Jacuhy ou Guahyba,¹⁾ é muito mais consideravel que os outros; vem de oeste e recebe em seu curso um grande numero de outros rios.

A cidade de Porto Alegre eleva-se em amphitheatro, sobre um dos lados da collina de que fallei, o que faz frente ao noroeste. Compõe-se de tres longas ruas principaes, que começam um pouco aquem da península, do lado da terra firme, extendem-se, em todo o seu comprimento, parallelamente ao lago e são atravessadas por outras ruas muito mais curtas, traçadas sobre o declive da collina. Varias destas ruas transversaes são calçadas; as outras só o são em parte, mas todas o são muito mal. Na rua chamada Rua da Praia, que é a mais proxima do lago, existe, quasi por toda parte, defronte de cada fila de casas, uma calçada feita de lages e deante da qual estão collocados, de distancia em distancia, frades de pedra, finos e muito altos.

As casas de Porto Alegre são cobertas de telhas pintadas de branco em sua parte anterior, construidas de tijollos sobre alicérces de pedra e bem edificadas; a maior parte dellas tem janellas, com caixilhos de vidro; são, em geral, maiores que as das outras cidades do interior do Brasil e um numero bastante grande dellas possui um andar em cima do terreo; outras, mesmo, têm dous. A Rua da Praia, que é a unica commercial, é extremamente animada; encontra-se ahi um grande numero de pessoas a pé e a cavallo, marinheiros e muitos negros, carregando fardos. Ella é provida de lojas muito bem sortidas, de vendas que o não são menos e de officinas de diversos operarios. Quasi a egual distancia de ambas as extremidades desta rua ha um grande trapiche que avança para o lago e ao qual se tem accesso por meio de uma larga ponte de madeira de cem passos de extensão, ladeada de peitoris e sustentada por pilares de pedra. As mercadorias, que se descarregam, são recebidas na extremidade desta ponte, debaixo de um alpendre elevado, de vinte e tres passos de largura por trinta de comprimento, sustentado por oito pilares de pedra, junto aos quaes existem outros tantos de madeira. A vista deste trapiche seria de um effeito muito mais bello para a cidade, mas, enco-

1) Toma este ultimo nome em sua foz.

briram-n'a, construindo, justamente á entrada da ponte, um edificio muito tóscio e feio, que tem quarenta passos de comprimento e destinado a servir de alandega.

Uma das tres grandes ruas, chamada Rua da Igreja, estende-se sobre o cume da collina. E' ahi que se acham os tres principaes edificios da cidade: o Palacio, a Igreja Parochial e o Palacio da Junta. Estão construidos um ao pé do outro, no mesmo alinhamento, com a frente para o noroeste, e em frente, do outro lado da rua, sómente levantaram uma parede de apoio para não os privar de um dos panoramas mais pittorescos que existem. Abaixo deste muro, no declive da collina, existe uma praça, infelizmente descurada, cuja terra é sustentada por pedras que mal affloram á superficie, cercando canteiros com a fôrma de losangos.

Além da rua da Igreja, do palacio, dos edificios proximos desta praça e das casas que se acham mais abaixo, descobre-se o lago que póde ter a mesma largura que o Loire em Orleans, e é limitado por ilhas baixas cobertas de mattos pouco elevados; entre ellas, vêm-se serpentear os braços dos quatro rios de que fallei acima, mas é impossivel determinar, de um modo bem exacto, a qual delles pertence cada um desses braços, porque antes de chegar ao lago elles se cruzam e se confundem. As aguas que se vêm na direcção do Gravatahy, na extremidade mais oriental do lago, ahi chegam descrevendo uma larga curva e apresentam-se como um bello rio, distincto das aguas vizinhas: um pouco mais para o norte, outras aguas apresentam uma larga bacia comprehendida entre duas faixas de terra, que se curvam ambas em semi-circulo e só deixam em sua extremidade, uma abertura muito estreita. Vêm-se algumas partes de rios atraz das ilhas, e desta mistura de agua e de terra, resulta a mais agradável variedade. Accrescentarei, para completar este quadro, que o horizonte é limitado pelos cumes da Serra Geral, que toma a direcção de leste para o norte e se perde á distancia.

Para apreciar-se uma paisagem de character differente, mas que tambem tem suas bellezas, basta, quando a gente se encontra no alto da cidade na rua da Igreja, voltar-se para o lado opposto áquelle que acabo de descrever.

A parte do lago que banha a peninsula do lado do sudeste forma uma enseada muito vasta e semi-elliptica, cujas aguas apresentam uma superficie geralmente tranquillã. Um valle, largo e pouco profundo, termina na parte mais solitaria da enseada; sobre as margens plantaram recentemente, por ordem do Conde de Figueira, uma alêa muito larga de figueiras selvagens que, com o tempo, constituirá um lindissimo

passeio. Mais adeante, é o terreno coberto de arvores e principalmente de arbustos; vêm-se, aqui e alli, casas de campo; mais longe, enfim, estendem-se vastas planícies cobertas de bosques e de capões e de filas de arbustos copados que desenhavam os contornos irregulares de um grande numero de cercados. O lago desaparece obliquamente para o sul, cercado de collinas pouco elevadas; confunde-se no horizonte com as nuvens e ao longe avista-se um rochedo esbranquiçado que se ergue do meio das aguas. O panorama que se tem deante dos olhos, quando se volta para o lado do noroeste, é mais aprazível e mais animado; tem elle alguma cousa de calmo que convida ao sonho.

Os edificios construidos no cume da collina não apresentam, afóra isso, outra belleza senão a de sua situação; pôde-se mesmo dizer que não estão de fórma alguma em relação com o tamanho da cidade nem com as riquezas da capitania.

O palacio do governador é uma casa muito ordinaria, de um só andar, com nove janellas de frente. O interior, mal dividido, não tem uma peça em que se possa receber uma sociedade tão numerosa como a que se reuniria facilmente em Porto Alegre. O palacio da Junta é ainda muito mais mesquinho; só tem o pavimento terreo. A Igreja parochial, á que se sóbe por uma escadaria externa, tem duas torres deseguaes; é clara e bem ornamentada; tem dois altares, além dos que se encontram na Capella-mór; mas é muito pequena e eu me dei ao trabalho de contar quarenta passos da Capella-mór até á porta.

Os outros edificios publicos de Porto Alegre têm tambem pouca importancia, como os que acabo de descrever. Além da Igreja parochial, vêm-se ahi duas Igrejas, que não estão ainda terminadas. Numa, comtudo, celebra-se a missa; a outra ainda não está coberta e a sua construcção foi completamente interrompida. A Casa da Camara é uma casinha que só tem o pavimento terreo. Um particular, desde que fosse um pouco abastado, não quereria habital-a. Aqui, a prisão não faz parte do edificio da Casa da Camara. Ha duas que são muito pequenas e se acham á entrada da cidade. No fim da Rua da Praia ha dois edificios vizinhos um do outro que servem de armazens para a marinha, de deposito de armas, e nos quaes estabeleceram, para attender ás tropas, officinas de espingardeiros, de carroçaria e de sellaria. Admirei a ordem, a disposição, poderia mesmo dizer a elegancia, que reinam na sala em que são depositadas as armas de reserva. Do lado do lago, em que estes edificios têm a fachada, cada um apre-

senta uma especie de corpo principal do edificio, alongado, que só tem o pavimento terreo e em cuja extremidade ha um pavilhão com um andar.

Entre os dous edificios ha um espaço bastante consideravel a que corresponde, em um plano mais elevado, a Egreja das Dôres, uma daquellas de que já fallei. Defronte á Egreja, alem dos armazens e, por consequencia, mais perto do lago, vê-se uma columna encimada por um glôbo, que indica ser a cidade cabeça de comarca da justiça. Deante della fizeram um duplo québra-mar de pedra, que deve servir de caés para os dous armazens. Este conjuncto formaria um bello effeito, se a egreja estivesse concluida, se houvessem nivelado o terreno que se estende entre ella e os dous armazens e estes, comquanto construidos mais ou menos pelo mesmo modelo, não apresentassem dissemelhanças chocantes. Fóra da cidade, em um dos pontos mais elevados da collina, em que ella se acha construida, começaram um hospital, cujas proporções são por tal fórma grandes, que não será, provavelmente, tão cêdo terminado; mas, a sua posição foi escolhida com muita felicidade, porque é bem arejado, bastante afastado da cidade, para que se não tenha de receiar contagio algum e, ao mesmo tempo, bastante perto para que os doentes fiquem ao alcance de todas as espécies de soccorro. Se escolheram o lado noroeste da península para ahi construirem a cidade, foi porque os navios só por este lado pôdem ancorar. Entretanto, ha, tambem, casas no lado opposto da collina; mas são esparsas ou mal alinhadas, entremeiadas de terrenos vagos, na maior parte pequenas, mal construidas e quasi todas habitadas por gente pobre. Desde que aqui me encontro, contei, constantemente, de vinte a vinte e cinco embarcações no porto, e asseguraram-me que, muitas vezes, havia, até, cincoenta. Pôdem ahi entrar sumacas, brigues e galéras.

Situado á margem de um lago, que se estende até ao mar, podendo, ao mesmo tempo, communicar-se com o interior por varios rios navegaveis, que têm a foz emfrente a seu porto, Porto Alegre devia, necessariamente, tornar-se, em breve, rico e florescente. Esta cidade tem cerca de cincoenta annos; já conta dez a doze mil almas e uma pessoa que veio estabelecer-se aqui, ha dezeseite annos, disse-me que, nesse espaço de tempo, havia augmentado de dous terços. Póde ser considerada como o emporio principal da capitania, sobretudo das regiões que ficam a noroeste. Os negociantes mandam vir quasi todas as suas mercadorias do Rio de Janeiro e as distribuem pelos suburbios; em compensação, exportam, principalmente, couros, trigo e carne secca; é, tambem, de Porto Alegre que

saem todas as *conservas* exportadas pela provincia. O rapido augmento da população tem, aqui, necessariamente, valorisado muito mais o terreno do que nas cidades do interior; tambem ha, aqui, muito poucos jardins, muitas casas nem se quér têm quintal e dahi um inconveniente muito grande, qual o de atirar-se todo o lixo nas ruas, que são de uma imundicia extrema. As encruzilhadas, os terrenos baldios e, principalmente, as margens do lago são entulhados de cisco; os habitantes só bebem agua do lago e, continuamente, vêm-se crioulos encher seus cantaros no mesmo lugar em que outros acabam de lavar as mais emporcalhadas vasilhas.

Já disse que a população de Porto Alegre se compunha, principalmente, de brancos, que os homens, em geral, eram grandes, bem constituídos e que tinham uma bella cútis; accrescentei que as mulheres eram muito claras, coradas e que varias d'entre ellas eram muito bonitas, que se não occultavam, que conversavam com os homens, que possuíam maneiras delicadas e um tom distincto. Aqui não ha, indubitavelmente, tanta sociedade como em nossas cidades da Europa; mas, ha mais do que em todas as do Brasil. Reune-se a gente em diversas casas para fazer musica e algumas senhoras tocam, com muito gôsto, guitarra e piano, instrumento desconhecido no interior, por causa da impossibilidade do transporte.

E' na Rua da Praia, perto do trapiche, que está o mercado; vendem-se, ahi, laranjas, *mandubis*, carne secca, pão, feixes de lenha e legumes, principalmente couve. Como no Rio de Janeiro, são crioulos que vendem estas mercadorias; alguns estão simplesmente acorados no chão, outros permanecem nas tendas, dispostas desordenadamente.

Vêm-se, tambem, em Porto Alegre, negros que mascateiam fazendas nas ruas. Um fructo que ahi se vende muito, tambem agora, é o da araucaria, que se chama pinhão, nome que se dá, na Europa, ás sementes dos pinheiros. Come-se cosido ou ligeiramente assado, com o chá ou entre as refeições e manda-se, de presente, aos amigos.

Porto Alegre, 26 de Julho. — Parece que o Conde partirá, amanhã, para o Rio Grande e eu devo acompanhá-lo. Levarei commigo sómente José Marianno; Firmino e Larutte¹⁾ irão por agua com a minha bagagem. Quanto ao negro Manoel, a quem eu pagava desde Coritiba, sem que me fosse de utilidade alguma, e do qual supportei, com tamanha paciencia, os excessivos melindres, deixou-me no momento em que me podia

1) Creado francez.

prestar algum serviço, pois que devia conduzir, nesta viagem, dous burros carregados de malas. O unico motivo que me allegou foi o de que desejava voltar para a sua terra.

Reduzi, pois, a minha bagagem a duas malas, que serão conduzidas por um dos burros do Conde, guiado pelo servente de seu ajudante de campo. Esta viagem me contraria de tal fórma que nem posso descrevel-a. Temos de ir muito depressa; chegaremos tarde, partiremos cedo; não gosarei nenhuma liberdade; não poderei fazer absolutamente nada; terei, apenas, o tempo necessario para escrever este diário. Levando comigo apenas José Marianno, que nada faz, estarei á mercê de toda a gente e não saberei o que terá sido feito de minha bagagem. Por outro lado, é preciso que eu deixe aqui toda a minha bagagem com Laruotte e Firmiano, que, são, também, inexperientes. Não sei quando poderão elles embarcar e é muito possivel que eu fique no Rio Grande muito tempo, antes que elles cheguem, disprovido de tudo e sem saber o que é feito delles.

Porto Alegre, 27 de Julho. — Não partimos hoje, como havíamos combinado, porque choveu durante todo o dia; passa-se o tempo, eu nada faço e esta viagem se prolonga muito além do que era meu desejo.

Bibliographia

Frei Miguelinho, por *F. C. Souza Pinto*. Rio de Janeiro, 1921.

É um importante trabalho que contém uma das mais brilhantes paginas da revolução libertadora de 1817 e que foi publicado pela primeira vez no Ceará em 1885, e depois reeditado pelo Sr. Barão de Studart na *Revista do Instituto de Ceará* por ocasião do centenario da revolução de 1817.

Alma religiosa. **D. Prudencio Gomes da Silva**, 8.º bispo de Goiaz. Dados biographicos, notas e noticias colligidas por *Juvenal Augusto da Silva*. Pelotas, 1921.

São na maior parte recortes de artigos e notas de imprensa relativos á morte do bispo D. Prudencio.

Historia de la dominación portugueza en el Uruguay. **La vigia Lecor**, por Mario Falcão Espalter. Montevideo, 1921.

O notavel historiador uruguayo Mario Falcão Espalter, de origem brasileira, teve a gentileza de offerecer ao „Instituto“ este livro que é o primeiro volume de uma importante obra de 22 volumes contendo a historia do dominio portuguez no Uruguay. No presente volume o autor estuda a primeira phase do estudo do *regimen economico*.

Excusado é encarecer o valor desta obra que nos traz verdadeiras revelações.

Dr. M. Gitahy de Alencastro, **Pensões do Estado**. Rio, 1921.

O autor, do Tribunal de Contas e professor da Faculdade de Philosophia e Letras de Rio de Janeiro, apresenta-nos neste volume o mais copioso e bem organizado trabalho que conhecemos sobre o assumpto. São cerca de 800 paginas de doutrina, legislação e jurisprudencia.

2.º *Tenente Amílcar Salgado dos Santos*, **A batalha de Ituzaingó**. Rio, 1921.

É um notavel trabalho de historia militar o contido nessas 58 paginas sobre a batalha de Ituzaingó e em qual o autor revela sua grande competencia.

Armando Dias de Azevedo.

Actas das Assembleas

Acta da 6.^a sessão ordinaria

Aos dezanove dias do mez de Novembro de mil novecentos e vinte e um, ás dezeseis horas, na séde provisoria do Instituto, reunidos os socios que firmaram o livro de presença, o Sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida a acta da sessão anterior, foi approvada. A materia do expediente constou do seguinte: carta do consocio Sr. Alfredo Varela communicando seu precario estado de saude, o que o impede de acceitar qualquer trabalho mental; Officio da intendencia municipal do Lageado participando ter o respectivo conselho votado a verba de duzentos e cincoenta mil réis em favor do Instituto; idem da intendencia de Jaguary, enviando uma lista de quinze assignantes da Revista; idem dos intendentes de Jaguarão e Cangussú, promettendo tomar em consideração, opportunamente, o appello que aos respectivos conselhos foi feito pelo Instituto; idem da intendencia da Vaccaria, pedindo oito assignaturas da Revista; carta do Sr. Alfredo Barbosa Nogueira, de Encruzilhada, remetendo um numero avulso do jornal „O Povo“ publicado no anno de mil oito centos e trinta e nove. Publicações recebidas: Revista Chiena de Historia y Geografia, tomo XXXIX, numero 43; „El Centenario de la Independencia Nacional“, pelo Sr. Delfino Riet; Boletim de la Academia Nacional de Historia, volume II, numero 5; „Noticia descriptiva da região missioneira“; Guerra do Rio da Prata, offerecida pelo Sr. Amaro Baptista; bem como diversas photographias historicas. O Sr. Delfino Riet, alem do livro acima referido, enviou tambem, para o Museu do Instituto, diversos artefactos indigenas e reliquias historicas, conforme consta de uma lista que fica archivada. Dada a palavra ao Sr. J. B. Hafkemeyer, leu este erudita

apreciação sobre os ultimos livros do professor Assis Cintra, em torno das personalidades de Pedro I e José Bonifácio. Este trabalho foi muito apreciado sendo o seu autor applaudido pelos presentes. Por proposta do Sr. Armando de Azevedo, foi resolvido lançar em acta um voto de pesar pelo fallecimento da Princeza Isabel. E nada mais havendo a tratar foi a sessão encerrada, do que, para constar, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, 1.º secretario, a subscrevi e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.

Acta da sessão extraordinaria em 9 de Janeiro de 1922

Aos nove dias do mez de Janeiro de mil novecentos e vinte e dois, ás dezesseis e meia horas, na séde provisoria do Instituto, reunidos os socios que firmaram o livro de presença, presentes tambem innumerous visitantes, o Sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Em breves palavras expoz o fim desta, declarando que, apesar de achar-se o Instituto em ferias, e de estarem ausentes diversos socios, de accordo com os seus estatutos entendêra que não se poderia deixar de commemorar o acontecimento que o dia assignalava. Resolvera, ainda, dar character publico á sessão, attendendo, ainda, a natureza da commemoração. Em seguida, não havendo expediente, foi dada a palavra ao Sr. Leonardo Truda, orador designado para fazer a ephemeride do dia. Leu este longo trabalho sobre o acontecimento historico que se commemorava. Começou mostrando como se iniciára, em 1808, a elaboração da nossa independencia. Analisou a elevação do Brasil á categoria de reino, em 1815, e as consequencias da revolução liberal do Porto, em 1820, que teve como corollario o regresso de D. João VI para Portugal. Estudou, a seguir, o papel dos deputados brasileiros ás Côrtes Geraes de Lisboa, em 1821, sacrificando, frequentemente, em virtude das rivalidades das provincias, os interesses do Brasil. Tratou da politica intolerante das Côrtes e passou afinal, a analysar a acção de D. Pedro. Apontou as razões que este tinha para desejar seu regresso á Portugal e como se mostrára hesitante, até o instante decisivo em que, cedendo ás idéas que dominavam o ambiente, se decidira a desobedecer as côrtes, ficando no Brasil.

Terminada a leitura de seu trabalho, recebeu o orador fartos applausos da assistencia. Em seguida disse o Sr. Presidente que o Instituto resolvera commemorar, condignamente, no decorrer do anno, o centenario das diversas etapas que nos conduziram até a independencia, em 7 de Setembro, o que se faria, provavelmente, por meio de conferencias publicas. Para organizar o programma dessa commemoração, foi nomeada uma pequena commissão composta dos Srs. Benjamin Flores, Leonardo Truda, Armando Dias de Azevedo, a qual submeterá o seu trabalho á approvação da grande commissão, que terá a seu cargo as commemorações do centenario que o Instituto vai levar a effeito. E nada mais havendo a tratar foi a sessão encerrada, do que eu, Eduardo Duarte, lavrei, para constar, a presente acta.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 4.^a sessão de Directoria

Aos vinte e um dias do mez de Março de mil novecentos e vinte e dois, ás dezenove e meia horas, na séde provisoria do Instituto, presentes os Srs. Armando Dias de Azevedo, Amaro Baptista, Benjamin Flores, Francisco de Leonardo Truda, Florencio de Abreu e Eduardo Duarte, o Sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á materia do expediente, que constou do seguinte: Officio do Intendente Municipal da Taquara; enviando uma lista de assignantes da Revista; idem do de Encantado, communicando que o Conselho Municipal votára uma verba de duzentos mil réis annuaes como auxilio ao Instituto; idem de Jaguary, votando igualmente a verba de trezentos mil réis; idem o Instituto Geographico e Historico Piauihyense, agradecendo a remessa dos dois primeiros numeros da revista; circular da Faculdade de Medicina desta capital communicando a posse de sua nova directoria. O segundo secretario apresenta uma carta que recebeu do nosso consocio Senhor Alfredo Ferreira Rodrigues e na qual responde á consulta que lhe foi feita sobre o escudo de armas da malograda republica de Piratiny. O Sr. Alfredo Rodrigues enviou tambem um exemplar do sello official daquella republica. Publicações recebidas: Joanna Angelica, a primeira heroína da independencia do Brasil, pelo Dr. Bernardino de Souza; Uma interrogação Historica, do nosso consocio José Paulo Ribeiro;

Revista do Brasil, anno segundo, volume quinto; Tierra Española, de Gustavo Gallinal; Boletim da Real Sociedade Geografica de Madrid, tres fasciculos; Relatorio das Intendencias de Jaguary e Caçapava. O Sr. Amaro Baptista offereceu diversos jornaes antigos e um processo de *habeas-corpus*, no fôro de Rio Pardo, em mil oitocentos e trinta e cinco. Em seguida foi lido o parecer elaborado pela pequena commissão nomeada para organizar o esboço do programma para a celebração do Centenario, em suas diversas etapas. O Sr. presidente manifesta a excellente impressão que recebeu desse trabalho e é de parecer que seja o mesmo approved, o que effectivamente foi feito. Ficou tambem resolvido que se constituísse uma grande commissão da qual farão parte os Srs. Lindolfo Collor, João Maia, Tancredo Mello, José Paulo Ribeiro e Roque Callage e mais os membros da pequena commissão, sob a presidencia do Sr. Florencio, a qual organizará o programma definitivo daquella commemoração. — Assumpto economico. — E' discutido o provimento dos cargos remunerados do Instituto, ficando assentadas as nomeações do Sr. Pompilio Cylon Rosa, para auxiliar da secretaria e amanuense da bibliotheca, e de Alceu da Costa Duarte para continuo-cobrador, percebendo o primeiro sessenta mil réis mensaes e o segundo quarenta mil réis como continuo e mais a gratificação de vinte mil réis, como cobrador, a começar de 1.º de Março corrente. *Em tempo*: Entre as publicações recebidas, inclue-se: Diplomacia Universitaria Americana, por José Leon Suares, e Mechanica dos Aerostatos, por Sayão Lobato. E nada mais havendo a tratar foi a sessão encerrada. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevi e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.

Acta da Reunião especial de recepção dos Ex.^{mos} Snrs. General Candido Rondon e Capistrano de Abreu

Aos cinco dias do mez de Abril de mil novecentos e vinte e dois, ás vinte e uma horas, na séde provisoria do Instituto, presentes os Srs. Arthur Candal, Benjamin Flores, Carlos Teschauer, José Paulo Ribeiro, Alberto Juvenal do Rego Lins, Armando Dias de Azevedo, João Maia, M. Faria Corrêa, J. B. Hafkemeyer, Roque Callage, A. Guerreiro Lima, Florencio de

Abreu e Eduardo Duarte, o Sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, disse ter convocado a presente reunião, para receber, de maneira condigna, no seio do Instituto, os Ex.^{mos} Srs. General Candido Rondon e Capistrano de Abreu. Ajuntou em seguida que, na ausencia do orador official do Instituto, saudava em nome da corporação de que era presidente ao illustre General Candido Rondon, cuja passagem tão rapida por esta capital não permittia ao Instituto prestar-lhe uma homenagem de caracter publico e solemne, correspondendo, assim, dignamente aos excepcionaes meritos do homenageado.

O discurso do Dr. Florencio de Abreu

Lamentamos sinceramente que a passagem tão rapida de v. ex. por esta capital não nos permittisse prestar-lhe uma homenagem de caracter publico e solemne, afim de corresponder devidamente aos excepcionaes meritos de v. ex. e patentear, assim, condignamente, a admiração que tributamos ao grande brasileiro, cuja vida foi sempre um nobilitante exemplo de indefeso devotamento e consciente sacrificio pela sciencia e pela patria. Tivemos, a contragosto e contrafeitos, de nos conformar, sob a preeminencia das circumstancias, em receber v. ex. no recinto modesto desta sala do Archivo Publico, onde, por uma concessão especial do Governo do Estado, realisamos as nossas sessões ordinarias, á falta de um edificio proprio, consentaneo com os elevados fins do Instituto. E' que a nossa associação tem pouco mais de um anno de existencia. Em 1860, fôra já fundado, nesta então Provincia, um Instituto Historico e Geographico, presidido pelo General Marques de Souza, depois Conde de Porto Alegre, Instituto que tinha a honra de contar entre os seus membros nomes que dignificaram as letras historicas do seu tempo ou foram mesmo *magna pars* de acontecimentos que hoje celebramos como feitos gloriosos da nossa historia e se incorporaram ao opulento patrimonio moral da nossa raça.

A superveniente guerra contra o tyranno do Paraguay e motivos de outra ordem dispersaram os seus membros, extinguindo-se o Instituto, cuja vida brilhante, porém ephemera, é attestada pelos numeros da *Revista* que legaram e constituem hoje uma das fontes de consulta e de estudo de historia e da geographia do Rio Grande do Sul. Compreendendo que é no culto passado, na rememoração dos seus ancestraes valorosos que se forma o instincto superior da sociedade e se fortalece o nobre sentimento do patriotismo, culto tão necessario ao desenvolvimento das energias moraes de um povo, alentando-o

para os empreendimentos do futuro —, alguns espíritos, animados de boa vontade e de civismo, se reuniram nesta mesma sala, a 7 de Agosto de 1920, para reviver o antigo Instituto e, dest'arte, depois de uma deplorável solução de continuidade, retomar o caminho que aquelle se traçara, sem outras preoccupações que se não enquadram no estudo consciencioso das nossas gloriosas tradições e do scenario em que as gerações preteritas consolidaram os fundamentos da nacionalidade brasileira, dentro desta região que se confina, pela costa, entre o Mampituba e o Chuy.

E é no estudo dessas tradições, é immergindo introspectivamente o espirito nas brumas de um passado longinquo, que vamos surprehender, nos primórdios do século XVIII, a penetração do Rio Grande do Sul pelos bandeirantes paulistas, esses ousados João de Magalhães, os Souza Faria, os Christovão Pereira, que, abrindo caminho por impervias florestas e ermas campinas, affirmaram o dominio portuguez sobre este risonho pedaço do territorio brasileiro. Foram esses os batedores da nacionalidade no Sul, como os Pedro Lobo, os Azevedo Coutinho, os Gabriel Soares, os Antonio Raposo, os Taques, os Paes Leme, os Borba Gato, os Arzão e os Pires de Campos o foram a Oeste, dilatando os horizontes da patria, dando-lhe um perimetro immensamente maior do que lhe pretendera impôr o tratado de Tordesillas. A' audacia inexcelsível, á iniciativa arrojada e inquebrantável tenacidade daquelles famosos neo-brasileiros, devemos assim, praticamente e em grande parte, a posse de $\frac{1}{2}$ das terras do novo continente, ou cerca de metade da America do Sul, e não apenas a de „um paiz de fachada“, na incisiva expressão de Arthur Orlando, si a nossa soberania se restringisse na angustia do espaço comprehendido dentro da raia imaginaria marcada pelo meridiano alexandrino. E é evocando os decantados empreendimentos desses heróes, cujos erros estão de sobejo resgatados pela finalidade, consciente ou inconscientemente auspiciada, da sua formidável obra, que o nosso pensamento se volve, tocado por um mixto de respeito e admiração, para esse outro heróe brasileiro, esse moderno desbravador dos sertões, esse intrepido bandeirante dos nossos dias, que, integrando a obra dos bandeirantes do passado, lhes sobreleva infinitamente em valor, porque o anima um ideal superior, — servir a patria pelo amor da patria.

Completo o feito iniciado por Pedro Alvares Cabral e continuado pelos bandeirantes e sertanistas, elle desvenda os segredos da Rondonia, incorporando praticamente ao patrimonio da nação uma vasta extensão territorial desconhecida. Ali se espalhava o deserto com todos os seus lugubres mysterios;

ali se não sentia o pulsar do coração da Patria; ao abandono da administração publica, jazia ali um mundo desconhecido e quiçá amaldiçoado. Chefiando a commissão incumbida de ligar telegraphicamente o Matto Grosso ao Amazonas, Rondon emprehe a obra gigantesca e apavorante de devassar os sertões, atravessando os invios campos de Matto Grosso, rasgando a lendaria matta do Guaporé, fazendo levantamentos e descobertas de grandes cursos d'agua ignotos dentro do territorio da propria patria, e no emtanto de extensão igual a do Rheno; rectificando erros escandalosos da nossa cartographia e, para honra da sciencia brasileira, apagando dos velhos mappas geographicos a indicação „Desconhecido“, que abrangia uma larga porção do noroeste do Brasil; approximando pelo telegrapho e pelas estradas de rodagem que construiu, não um paiz a outro paiz, não um povo a outro povo, mas brasileiros a brasileiros, irmãos a irmãos dentro da propria casa, realisando um trabalho de immensuravel alcance economico, social e politico, que, nos tempos modernos, rivalisa com a obra de Lesseps communicando as aguas da Europa com as aguas da Asia e, na opinião insuspeita do rude e austero Roosevelt, com a maravilha da engenharia norte-americana, que é o canal de Panamá; trabalho que, por sua belleza, é comparavel, dentre os monumentos da lingua portugueza, ao poema de Camões, na musica brasileira aos accordãos bizzaros, selvagens e grandiosos do Guarany, na escultura nacional ao templo maravilhoso da Candelaria, na politica á obra de José Bonifacio e nos nossos feitos épicos, pelo que ha de sacrificios, de provações, de soffrimento, de tenacidade e de heroismo, a essa odysseá vivida da „retirada da Laguna“.

E ao mesmo tempo que opulenta a sciencia e accresce o patrimonio da Patria com a valorisação de riquezas latentes, até então perdidas pelo abandono e pelo terror, elle pacifica pela cordura e pela persuasão as populações aborigenes e as incorpora aos occidentaes civilisados, pelo simples despertar do instincto profundamente humano da sociabilidade, que tende sempre a approximar o homem ao homem, resgatando dest'arte seculos de expoliação e de applicação do cruel „art. 44 paragr. 32“ do codigo dos seringaes, infelizmente prestigiado em pleno seculo XX por homens da responsabilidade scientifica de Jhering, o director do Museu Paulista.

A missão de Rondon torna-se, assim, não só uma obra de patriotismo, mas tambem uma obra de civilisação, — expressão magnifica e eloquente do sentimento superior da solidariedade humana. E é a Rondon, esse inexcidivel patriota, esse „ideal feito homem“, na bella expressão do sabio Roquette-Pinto, que o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande

do Sul sauda, nimiamente desvanecido pela honra insigne de sua visita."

A esse discurso respondeu o homenageado, num bellissimo improviso, em que elogiou os sentimentos dos membros do Instituto, trabalhando pelo bem e pelo engrandecimento da Patria. Referindo-se á sua missão, disse que nada mais fez que cumprir o seu dever, trabalhando pela grandeza do Brasil.

Dada a palavra ao Sr. Hafkemeyer, saudou este, num carinhoso discurso, o Sr. Capistrano de Abreu.

Amigo Capistrano.

Com gosto acceitei a honrosa incumbencia de saudal-o em nome do Instituto Historico e Geographico das praias gauchas. Todos nós conhecemos ao Sr. pelas infelizmente poucas obras sobre a historia do Brasil e nos felicitamos por sua visita. Mas poucas sejam aquellas obras, o conteudo nos mostra o mestre. Mais ainda nos desvaneece o motivo que esta vez o attrahiu para o sul.

O filho do norte, que conhece o Brasil todo, quer conhecer de perto o rincão fronteiriço, tão falado das terras platinas. Oxalá tenha visto algum tanto do bello amor a este rincão que exaltou tantos nobres peitos ha pouco mais que um centenario em que o Rio Grande entrou na historia do Brasil, deste mesmo amor que nos reuniu aqui para, aos poucos, reconstruir a historia do passado. A esse desejo acompanha outro. Que na casa-bibliotheca de D. Luiza 145, que tantas saudades desperta a quem a conhece, se concretizem estas impressões e achem o caminho de volta para nós em fôrma redonda. Disse.

Encerrada a reunião, o Sr. Florencio de Abreu convidou os recipiendarios a passarem para outra sala onde lhes foi servida uma taça de champagne, ahi se mantendo animada palestra durante algum tempo. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 7.^a sessão ordinaria

Aos vinte dias do mez de Abril de mil novecentos e vinte e dois, ás 17½ horas, na séde provisoria do Instituto, presentes os Srs. Florencio de Abreu, Arthur Candal, Lindolfo Collor, J. B. Hafkemeyer, Amaro Baptista, Benjamin Flores, Armando Dias de Azevedo, Francisco de Leonardo Truda e Eduardo

Duarte, o Sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente, que constou do seguinte: officio do intendente municipal de São Francisco de Assis accusando o recebimento do cartão circular e prometendo esforços no sentido de conseguir algumas assignaturas para a *Revista*; idem do de Pinheiro Machado, remetendo uma lista de novos assignantes da *Revista*; idem do secretario perpetuo do Instituto Historico da Bahia, agradecendo a remessa do ultimo numero da *Revista*. Publicações recebidas: „Os nossos Almirantes“, pelo Almirante reformado Henrique Boiteux; Homenagem ao maximo bemfeitor de Itú, pelo Dr. José de Paula Leite de Barros. O Sr. Eurico de Souza Gomes offereceu ao Instituto, por intermedio do Sr. Truda, diversos documentos historicos. O Sr. Amaro Baptista apresenta o balancete da thesouraria, encerrado em trinta e um de Março ultimo, e no qual se verifica um saldo de seiscentos e sessenta e sete mil novecentos, que passou para o corrente anno. Este balancete está com o visto dos Srs. Oscar Miranda, Collor e Hafkemeýer, sendo que os dois ultimos foram nomeados para substituirem os membros ausentes da commissão de fundos e orçamento. Passando-se á ordem do dia, teve a palavra o Sr. Benjamin Flores, o qual fez a ephemeride do dia que assignala a data do nascimento do Barão do Rio Branco.

Meus caros confrades.

„Ha homens cuja palavra é a lição de um seculo. Illuminados pela scentelha divina, os genios rutilam e enchem de luz toda uma Idade.“

Foi, de certo, um desses egregios predestinados o Barão do Rio Branco, o filho insigne do preclaro emancipador da escravatura, duplicando a gloria paterna com a de reintegrador do territorio patrio.

D'elle diziamos todos ha, dez annos, como em 1870, do legendario Ozorio, que era o primeiro dos brasileiros vivos. Hoje podemos affirmar que é um immortal, pois para o ser, faltava, apenas, morrer...

E ainda bem que morreu antes dessa catastrophe de sangue e de fogo, que o torturaria nos seus anhelos pela Paz, que manchou e crestou a pulchra rosa de oiro germinada ao doce influxo de um carinhoso amanho no qual, em centenas d'annos de trabalho, houve a collaboração sublime do braço, da intelligencia, do coração e da consciencia da Humanidade.

Uma grande vida é sempre animada por uma paixão generosa; e dentre todas as paixões elevadas, a que faz os herões nacionaes é a religião da Patria.

„Esta é a que professou, n'um culto perfeito e invariavel, o extraordinario brasileiro (escrevia eu n'um orgam da nossa imprensa, ha annos, justamente nesta data de 20 de Abril) cujo anniversario o Brasil festeja, fazendo votos pelo prolongamento de uma existencia tão gloriosamente operosa, tão nobremente patriotica e tão largamente americana“.

De forma tão intensa se achava já então identificado com a historia patria dos nossos dias, o nome do admiravel estadista, que, sem o minimo exagero, se poderia asseverar que não havia, naquella época, em todo o nosso immenso paiz, um homem que mais universalmente concentrasse a sympathia de todas as classes e cujo nome fizesse vibrar de jubilo tão sincero, e de orgulho tão legitimo, a alma dos conterraneos.

Era, então, de direito e de facto, o Barão do Rio Branco, o maior dos brasileiros, o termo maximo, decisivo, necessario a todas as equações do problema nacional. Muita gente, n'um movimento de pura espontaneidade, anejiava por vel-o á testa dos destinos da Republica; e a apothetica consagração de 20 de Abril de 1909, dia do seu anniversario natalicio, reflectiu bem essa aspiração ardente e generalisada. Mas a resposta do grande homem não alentou o „desideratum“ dos admiradores fanaticos. E era isso o que esperavam os observadores mais sagazes, mais ponderados e mais substancial e consciencemente patriotas — „rari nantes in gurgite vasto...“

Nos paizes de viciada organização politica, ha momentos historicos nos quaes governar não é, apenas, transigir, tal como geralmente se concebe o espirito desse aphorismo philosophico. E homens como o segundo Rio Branco cuja reputação subiu tão alto, que passou a constituir joia fulgurante e pura do escritorio nacional, lidimo patrimonio patrio, perdem o direito de arriscar o seu nome a aventuras que podem gerar suspeitas ou provocar irreverencias que equivaleriam angustiosa profanação.

Esse commentario que a minha humildade se permite fazer relativamente ao inolvidavel morto que estamos aqui a glorificar, eu teria, talvez, de o expressar com o mesmo fervor, com a mesma sinceridade, si n'aquella época vivesse, ainda, Julio de Castilhos e o seu grande nome luminoso fosse invocado para a suprema magistratura da Republica.

Quanto não teria este soffrido ao governar uma só unidade da Federação Brasileira! Quanto não teria amargado ao primeiro, a gestão de uma unica pasta ministerial!

Raros são os que perdoam a superioridade alheia...

.....
O Barão do Rio Branco nasceu a 20 de Abril de 1845, no Rio de Janeiro, em uma casa da travessa do Senado, onde

residiu seu pae José Maria da Silva Paranhos, depois Visconde do Rio Branco, que era, então, 2.º Tenente de artilharia. Tendo feito estudos preparatorios no Collegio Pedro 2.º, matriculou-se, aos 16 annos, na Faculdade de Direito de São Paulo, que cursou até ao 4.º anno, passando a fazer o 5.º na do Recife, onde recebeu o grau de bacharel.

Depois de formado esteve na Europa, em viagem de recreio, de 1867 a 1868, e, ao regressar exerceu no instituto de ensino no qual fizera os seus estudos de humanidades, o magisterio, como professor de historia e geographia do Brasil, função na qual revelou-se insigne. Foi, depois, promotor publico em Nova Friburgo, cargo ao qual imprimiu luzimento raro. Em 1869, no character de secretario particular de seu illustre pae, na missão especial ao Rio da Prata e ao Paraguay, acariciou a vaidade paterna com a revelação de um fino talento de diplomata. De Outubro de 1870 a Fevereiro de 1871, foi secretario da missão que negociou os tratados definitivos de paz na Republica do Paraguay, mais um ensejo feliz para o brilho de sua habilidade cavalheiresca e da sua cultura aprimorada.

Eleito deputado geral pela então provincia de Matto Grosso, sustentou com galhardia na tribuna da Camara e nas columnas do jornal „Nação“ a politica do gabinete de 7 de Março, o grande ministerio que fez a lei aurea de 28 de Setembro de 1872 da liberdade dos nascituros, fillios da mulher escrava, obra immortal do seu preclaro progenitor. Em 1876 abandonou a politica militante e foi exercer em Liverpool o cargo de consul geral, que tanto honrou. Em 1884 foi eminente delegado do Brasil na Exposição Internacional da, então, cidade de S. Petersburgo, hoje Petrograd, prestando relevantissimos serviços como propagandista do café brasileiro. De Junho de 1891 a Maio de 1893, em commissão do Ministerio da Industria, exerceu, com superior competencia, as funções de superintendente geral dos serviços de emigração europeia para o Brasil, succedendo nessa commissão, ao conselheiro Antonio Prado. Em Abril de 1893 foi nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario, em missão especial em Washington, substituindo o Barão de Aguiar de Andrade, para defender os direitos do Brasil no arbitramento das questões de limites com a Republica Argentina, e o qual terminou com a sentença do presidente Cleveland, em 5 de Fevereiro de 1915, importando na victoria de nossa Patria, em toda linha. Em 6 de Julho desse mesmo anno foi incumbido de preparar a defesa do Brasil na questão de limites com a Guyana Franceza; e enquanto duravam as negociações para o tratado de arbitramento, em Paris, e no Rio de Janeiro,

adeantou o estudo da questão de limites com a Guyana inglesa, escrevendo sobre ella, extensa, vibrante e substanciosa memoria historico-geographica. Em 22 de Novembro de 1898, feito o tratado de arbitramento com a França, foi nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em missão especial junto do governo da Suissa, para o arbitramento da questão do Oyapoc. Terminada essa missão, em Dezembro de 1900 com o mais brilhante resultado para o Brasil, foi conferido ao illustre diplomata pelo Congresso Nacional, o titulo de Benemerito Brasileiro — e, como demonstração da gratidão nacional pelo exito brilhante e glorioso das Missões em Washington e Berna, concedeu-lhe a Nação um premio em dinheiro e uma dotação annual vitalicia, reversivel aos seus filhos. Na mesma occasião em que lhe era conferida tão justa quão carinhosa demonstração de apreço nacional, foi o Barão do Rio Branco nomeado ministro plenipotenciario em Berlim. Desse posto, que exerceu com altissimo criterio cerca de dous annos, em boa hora, o foi retirar o presidente Rodrigues Alves, para o que, em 1909, com tão excepcional distincção occupava ao fallecer.

Jámais tivemos á frente da nossa politica exterior, um titular de tão forte enfiatura moral, de tão alto saber, de patriotismo tão acrysolado, como esse egregio brasileiro que, depois de dezeseis annos de ausencia, foi recebido como um triumphador a 1.º de Dezembro de 1902. Por essa época, uma parte do territorio nacional achava-se conflagrada por um movimento de insurreição popular contra o dominio de um governo estrangeiro que queria exercer actos soberanos n'uma região que os nossos patricios insurrectos reputavam legitimamente nossa. Outro paiz estava invadindo, frequente e systematicamente, ora esta, ora aquella zona do nosso territorio. Tudo isso demandava solução; e o ministro que acabava de sair do Itamaraty, tinha, de tal forma, encaminhado as cousas, que a solução parecia mais que problematica, impossivel. Mettendo, logo, mãos á obra collossal que tinha diante de si, começou por indemnizar ao „Bolivian Syndicate“ a sua renuncia á concessão que lhe fizera o governo boliviano de direitos semi-soberanos de exploração, administração e policia do territorio do Acre, sendo esse o primeiro passo para o despacho amigavel dessa questão malparada, ameaçadora da tranquillidade internacional. Uma guerra exterior seria um desastre para o Brasil, apenas recobrado da penosa crise financeira em que se debatera dez annos. Entretanto partiram tropas para o Acre para se interpoem aos brasileiros, que, Placido de Castro á frente, se tinham revoltado e constituído em Estado independente, e aos bolivianos que, guiados pelo

General Pando, seu presidente, vinham para os reduzir á obediência. A occupação militar do Acre, feita de accordo com a Bolivia, foi regulada pelo „modus vivendi“ de 21 de Março de 1903, e a 21 de Novembro se assignava, em Petropolis, o tratado que incorporava ao Brasil o territorio de que este, descuidosamente abrira mão contra a vontade dos seus habitantes.

A discussão do tratado de Petropolis, feita nas duas casas do Congresso e na imprensa, não deixou nenhum ponto por esclarecer, nenhuma objecção que não fosse victoriosamente respondida pelo diplomata historiador e estadista, que lealmente, tomára a responsabilidade da grande obra. O argumento mais precario da renda consideravel do Acre, (12 mil contos, no exercicio immediatamente anterior) permitindo pagar rapidamente o desembolso dos trinta e dois mil contos da compra, mais as despesas de occupação e administração, foi o que mais impressionou os que na solução das questões internacionaes não podem deixar de considerar o preço da empreitada. Releva assignalar, entre a profusa e variada litteratura historica, litteraria, e juridica, etc. que se fez sobre o tratado de Petropolis e em torno d'elle, a argumentação calma e serena de certos artigos de defesa e, sobretudo, a da exposição de motivos que acompanhou o Tratado ao Congresso. O historiador, o escriptor politico que era o Barão do Rio Branco, revelou-se ao grande publico. O embaixador americano Lloyd Griscom fallou, um dia, na fortuna rara desse homem predestinado a quem foi dado alterar a carta do continente e augmentar a superficie geographica do seu paiz, sem que, para isso mediasse guerra, antes desviando-a. Resolvidas as questões com a Bolivia, encaminhada a solução do conflicto de limites com o Perú, a nossa chancellaria cuidou, por um tratado com o governo do Equador, por outro com o da Venezuela e por uma missão especial á Colombia, cujo exito foi mais uma pagina honrosa para a nossa diplomacia, de resolver todas as questões de fronteiras com os paizes limitrophes, enquanto o laudo de Roma resolvia a velha pendencia da Inglaterra sobre a linha divisoria entre o Amazonas e a Guyana Ingleza, assumpto que Joaquim Nabuco estudou e exgottou com larga proficiencia.

● Os horizontes da nossa politica exterior passaram a alegrar-se, graças á grande auctoridade que o nosso ministro vinha adquirindo, dia a dia, com a sua acção resoluta, cordata e sempre modelada nas supremas razões do Direito e da Justiça. Primeira prova desse reconhecimento „continental“, do nosso prestigio, foi a elevação da legação americana em Petropolis a embaixada; primeira prova desse reconhecimento

„mundial“, foi a escolha de um prelado brasileiro para primeiro representante do Catholicismo sul-americano no Consistorio. Depois desses dois actos, que nos encheram de satisfação e ufania, foi uma continua ascensão para os maiores triumphos. Basta recordar a terceira conferencia pan-americana, no Rio de Janeiro, a visita de Root, o grande secretario das relações exteriores dos Estados Unidos, a participação do Brasil na conferencia pela Paz, em Haya, e que immortalizou Ruy Barbosa e nos assegurou os fóros de potencia naval, e o habil tratado de arbitramento com a Republica Argentina, esmagando os alevies da diplomacia odiosa de Estanislau Zeballos, á qual podemos, mercê de Deus, oppôr a de Saenz Pena, o grande argentino, de saudosa memoria e do qual guardamos religiosamente estas palavras de ouro: „Tudo nos une, nada nos separa“. Lembremos, ainda, a visita da grande esquadra norte-americana e dos bellos navios representantes das frotas de guerra da Argentina, do Chile, da Inglaterra e da Suecia, a honrosa missão uruguaya, a visita do „Benjamin Constant“ aos portos do Pacifico e a missão naval de Montevideo. Houve em tudo isso, o influxo providencial, directo ou indirecto, da acção complexa e sabia do Barão do Rio Branco, vulgarisando, mundialmente, o „fervet opus“ da nossa campanha evolutiva nos dominios do progresso. E nem outra explicação tem, tambem, a vinda ao Brasil, de homens da estatura de Férretero, de Dumas, de Doumer, de Ferri e de Richet, sabios da tribuna e da imprensa que verificaram, „de visu“, que somos um povo superiormente aparelhado para todas as conquistas da intelligencia e do trabalho. Não é demais que recordemos, não obstante a afflictiva e apremiante crise que perdura, não propiciar esta evocação, as expressões de Medeiros de Albuquerque em uma das suas scintillantes chronicas, de então: „Ninguém tem mais o direito de gracejar com o Barão do Rio Branco, attribuindo-lhe a celebre phrase „Dinheiro haja!“ porque está habilitado a dizer, não como um voto, como um desejo mas como affirmacão categorica: „Dinheiro ha!...“ „E fui eu quem o deu ao Brasil“. E justificou-a, provando que, a partir de 1908, terminada a reposição da somma tirada ao fundo de garantia para o tratado de Petropolis, a renda dos 208.000 kilometros quadrados do Acre, ajuntados aos 30.600 adquiridos pelo laudo arbitral de Washington e aos 260.000 adquiridos em Berna, começava a ser renda livre para os cofres publicos federaes, passando a ser o ministerio do exterior um dos grandes fornecedores do orçamento, e ficando provado que a prosperidade de um paiz pode, ás vezes, depender antes de um tratado internacional, que da melhor das arrecadações de impostos.

Mas todo o tempo de que pudesse eu dispor, mal bastaria para em linhas geraes embora, rememorar os feitos historicos e fecundos do benemerito brasileiro em pról da Patria. O filão a explorar é interminio e de ouro. O que constella a immortalidade dos guerreiros famosos são, já o disse pensador illustre, as myriades e myriades de almas por elles arrebatadas á Terra. Mas a dos pacificadores como Rio Branco, é, como as noites divinas do nosso firmamento, estrellada pelos milhões e milhões de vidas que elles restituem á tranquillidade, ao amor e á esperanza.

Gloria, pois, e eterna, ao extraordinario americano a quem devemos, ainda o laço de solidariedade affectuosa que nos vinculou, para todo o sempre, á brava nação uruguaya, gesto de generosa justiça reafirmada no condominio da lagôa Mirim, expoente maximo da cultura moral do Brasil.

— „A Rio Branco, por quien fue realidad la justicia internacional para gloria del Brasil y de America, el ministro de relaciones exteriores del Uruguay“.

Como são expressivas essas eloquentes palavras que o chancellor Brum fez inscrever, como dedicatoria, na corôa de bronze que, a 23 de Dezembro de 1916, depoz sobre o tumulo do grande brasileiro que augmentou o nosso patrimonio territorial pelo emprego exclusivo das armas do Direito, e, conseguindo pacificamente fixar de um modo definitivo as nossas fronteiras, fez um Brasil maior, ao mesmo tempo que prestou o mais decisivo serviço á consolidação dos ideaes de paz no continente americano. „Gloria ao Barão do Rio Branco que, no magnifico dizer de Felix Pacheco, „foi o brasileiro que mais terras deu a estes céos“, e, no do outro pensador emerito, o patriota que mais serviços prestou ao seu paiz, o homem, unico no mundo, porque jámais estadista de qualquer nação, quer de épochas antigas, quer dos nossos tempos, augmentou, sem derramamento de sangue“, o territorio de sua Patria, como o immortal chancellor que mudou a configuração geographica do Brasil.

Vem de feição, como mais um relevantissimo titulo a impol-o á nossa veneração, assignalar que o grande estadista-historiador, fôra aclamado presidente perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, dessa sabia corporação fundada como é, também, absolutamente opportuno recordar, pelo famoso conego Januario Barbosa, prégador, litterato e intrepido escriptor politico que tanto cooperou para a independencia do Brasil, cujo centenário, no fluente anno de 1922, a Patria, em peso, pela penna e pela palavra dos estudiosos de suas tradições, já começou a commemorar, relevando-lhe

os prodromos de mais efficiente expressão pratica e cho-cante realce.

E' de lamentar que a justiça dos contemporaneos se vá manifestando relativamente morosa e escassa. Só agora, em Fevereiro proximo passado, varões illustres, o Conde de Affonso Celso á frente, constituíram-se em commissão para o levantamento, sobre a cova na qual repousam os restos mortaes do Barão do Rio Branco, de um mausoléo condigno. E ainda bem que, por honra do nosso amado Rio Grande do Sul, já ahi está, n'um dos jardins publicos de nossa linda capital, por iniciativa do „Club Militar dos Officiaes da Guarda Nacional“, generosamente acolhida pelo povo, perpetuada no bronze de uma estatua, a figura varonil do egregio brasileiro.

Mas a justiça da posteridade, certa, fatal, infallivel, abençoará a sua memoria e proclamará, sempiternamente, a gloria da sua vida fecunda e preclara, nimbando-lhe o nome, de luz inapagavel.“

Ao terminar o seu discurso foi o orador muito felicitado pelos presentes. E nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscreevo e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 2.^a sessão extraordinaria

Aos trinta dias do mez de Abril de mil novecentos e vinte e dous, ás vinte horas, no salão nobre do Paço Municipal, presentes os Srs. Florencio de Abreu, Alberto Juvenal do Rego Lins, Francisco de Leonardo Truda, Armando Dias de Azevedo, A. Guerreiro Lima, Benjamin Flores, Roque Callage, Arthur Candal, Lindolfo Collor e Eduardo Duarte, presente tambem grande numero de convidados, o Sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Feita a leitura da acta da sessão anterior, foi approvada e, não havendo expediente, teve a palavra o Sr. Roque Callage, previamente designado para fazer a ephemeride do dia. O orador iniciou então a sua conferencia, que intitolou „A imprensa e o centenario do Brasil“.

Terminada a leitura da conferencia, foi o orador muito applaudido e felicitado pelos presentes. O presidente agradeceu o comparecimento das auctoridades, Ex.^{mas} familias e dos

cavalheiros, que corresponderam ao convite que lhes foi feito e declarou encerrada a sessão. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, escrevi a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevo e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 5.^a sessão de directoria

Aos doze dias do mez de Maio de mil novecentos e vinte e dois, ás dezenove e meia horas, na séde provisoria do Instituto, reunidos os Srs. Florencio de Abreu, Francisco de Leonardo Truda, Armando Dias de Azevedo, João Maia, Mariano da Rocha, Carlos Teschauer e Eduardo Duarte, assumiu a presidencia o Sr. Florencio de Abreu, que declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: officios da associação de imprensa convidando o Instituto para assistir á inauguração da Galeria Jornalística; da Intendencia Municipal de São Jeronymo, respondendo á circular de 12 de Abril ultimo; da Intendencia de Encantado remettendo a importancia de duzentos mil réis que foram decretadas pelo respectivo Conselho. Os Srs. Amaro Baptista e Delfino Riet offerecem diversos documentos historicos; o Sr. Tyrceu Vianna e Arsenio Lydio de Oliveira rémetteram tambem diversos documentos historicos; o Sr. Faria Corrêa, diversas publicações antigas; o Sr. Oscar Pires Noronha offerece um numero do jornal „O Povo“, de mil oitocentos e trinta e nove. O Sr. presidente diz em seguida que o motivo da presente reunião, com convocação da commissão de historia, é tomar conhecimento de um pedido que recebeu para que o Instituto se manifeste na escolha de uma figura historica que uma de nossas villas coloniaes quer comemorar no centenario da Independencia do Brasil. O assumpto é posto em discussão e após se haverem manifestado os diversos membros da commissão de historia, ficou resolvido que se lavrasse o seguinte Parecer: „Na época da Independencia, o Rio Grande do Sul formava quasi que um vasto acampamento militar, por ser esta capitania, attenta a sua fatalidade geographica, o theatro das prolongadas guerras com os povos platinos. Dest'arte, as preocupações diuturnas do povo e da tropa não tinham por objecto sinão essas interminaveis lutas em que viviam empenhados. A causa do Brasil,

com relação á Independencia não podia ser como não o era, devidamente apreciada, salvo por uma pequena elite que constituía a alta administração civil, o clero e o commando superior militar. Não occoreram assim verdadeiras iniciativas collimando a emancipação politica brasileira — mas adhesões e auxilios de ordem secundaria, depois que os factos se accentuaram no sentido da Independencia. Si se quizer, todavia, destacar um vulto nosso nesse movimento, releva de qualquer modo a figura do Marechal de Campo João de Deus Menna Barreto. Decidindo-se pela deposição do Presidente da Junta Governativa, João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun (o futuro Duque de Saldanha), por se ter este manifestado ostensivamente contrario á causa brasileira e sobre o qual recahiam vehementes suspeitas de entendimento com as tropas portuguezas aquarteladas em Montevidéo, que expulsaram o General Frederico Lecór (addicto á nossa causa) e sem duvida se tornariam um consideravel elemento de reacção unidas ao prestigioso e experimentado Saldanha, — aquelle General assumia, na qualidade de vice-presidente da Junta do Governo e fazia seguir escoltado para o Rio de Janeiro o General Saldanha. A consagração de Menna Barreto seria sob este aspecto legitima; porém tendo sido secundaria a sua actuação para o effectivo advento do regimen inaugurado a sete de Setembro, pode não ser convenientemente apreciada e menos comprehendida a homenagem que a elle se pretenda prestar, mórmente numa villa colonial como a de Alfredo Chaves. Assim, desde que não seja directamente homenageado o Patriarcha da Independencia, parece convinavel, no caso, a erecção de um obelisco com uma inscripção significativa, que mais de perto fallaria á alma ingenua da população d'aquella colonia. Deste modo resolve a commissão de historia, de accordo com a directoria do Instituto. “ Este parecer é assignado pelo Sr. Teschauer com restricções, opinando pelo obelisco. Nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevi e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*
Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 8.^a sessão Ordinaria

Aos vinte e tres dias do mez de Maio de mil novecentos e vinte e dois, ás vinte horas, no salão nobre do Paço Municipal, presentes os Srs. Arthur Candal, Mariano da Rocha, Tancredo de Mello, Adroaldo Mesquita, J. B. Hafkemeyer, João Maia,

Benjamin Flores, Leonardo Truda, Amaro Baptista, Florencio de Abreu e Eduardo Duarte, presente tambem grande numero de convidados, o Sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Feita a leitura da acta da sessão anterior, foi approvada. O expediente constou de uma carta do Sr. Armando Dias de Azevedo, justificando o motivo do seu não comparecimento á sessão. O Sr. presidente, explicando os motivos desta sessão, que era a terceira da serie com que o Instituto vinha commemorando as diversas etapas que levaram o Brasil a proclamar a sua Independencia, em sete de Setembro de mil oitocentos e vinte e dois, deu a palavra ao Sr. Mariano da Rocha, orador inscripto para esta sessão. O nosso digno confrade leu, então, a sua notavel conferencia, que foi ouvida com o maior interesse.

Terminado o seu trabalho, foi o orador fartamente applaudido pela assistencia. O Sr. Benjamin Flores, pedindo a palavra, propoz se lançasse em acta um voto de homenagem á data de amanhã, commemorativa do combate de Tuyuty, a mais renhida batalha campal pelejada na America do Sul. O Sr. presidente, agradecendo a presença das autoridades, ex.^{mas} senhoras e cavalheiros, encerrou a sessão. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. *Em tempo*: A proposta do Sr. Benjamin Flores foi unanimemente approvada.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*
Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 9.^a sessão ordinaria

Aos tres dias do mez de Junho de mil novecentos e vinte e dois, ás vinte horas, no salão nobre do Paço Municipal, presentes os Srs. Florencio de Abreu, J. B. Hafkemeyer, Roque Callage, Benjamin Flores, Armando Dias de Azevedo, Mariano da Rocha, Alberto Juvenal do Rego Lins e Eduardo Duarte, presente tambem um grande numero de convidados, o Sr. presidente, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Feita a leitura da acta da sessão anterior, foi approvada. O Sr. presidente explicando os motivos desta sessão, que era a quarta com que o Instituto vinha commemorando as diversas etapas que levaram o Brasil a proclamar a sua independencia em sete de Setembro de mil oitocentos e vinte e dois, deu a palavra ao Sr. Adroaldo de Mesquita da Costa, orador inscripto para esta sessão, que leu seu interessante trabalho.

O nosso illustre consocio, ao terminar a sua bella conferencia, foi calorosamente applaudido pela assistencia. Levantou-se, em seguida o Sr. Roque Callage, que, dizendo achar-se verdadeiramente contristado pelas noticias que recebera, communicando-lhe o estado de abandono em que se encontram as ruinas do templo de S. Miguel, nas Missões, pedia fosse submettido á approvação da casa a transmissão de um telegramma nesse sentido ao intendente municipal de Santo Angelo. O Sr. presidente disse, embóra estando informado de que o Governo do Estado procurava tomar providencias no sentido de proteger aquellas ruinas, concitava os presentes a approvarem a proposta do Sr. Callage. Approvada por unanimidade de votos, foi passado o seguinte despacho ao referido intendente: „O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, reunido, hoje, em sessão, appella para os vossos sentimentos civicos e vosso reconhecido amor ás tradições gloriosas do Rio Grande do Sul, afim de evitar que desapareçam as ruinas do templo de S. Miguel, monumento que é testemunho da grandeza do passado de Missões. Nesse sentido o Instituto confia á vossa guarda, a conservação dessas sagradas reliquias. Agradecendo, em seguida o comparecimento das pessoas presentes, o Sr. presidente encerrou a sessão. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevo e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 6.^a sessão de directoria

Aos sete dias do mez de Julho de mil novecentos e vinte e dous, ás dezenove e meia horas, na séde provisoria do Instituto, presentes os Srs. Florencio de Abreu, Amaro Baptista, Armando Azevedo e Eduardo Duarte, o Sr. Florencio de Abreu declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: officio do Ex.^{mo} Sr. Dr. Secretario do Interior remettendo um telegramma da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, solicitando collaboração do Estado na parte referente á choro-graphia do Rio Grande do Sul, em cujo officio o Dr. Secretario pede o auxilio do Instituto; do intendente municipal de Encantado remettendo a subvenção votada pelo respectivo Conselho; do Sr. Arsenio Lydio de Oliveira, de Uruguayana, en-

viando diversos documentos historicos; do intendente municipal de Jaguar, remettendo a subvenção votada pelo respectivo Conselho, e bem assim, remettendo um mappa antigo da America Meridional; do Dr. Julio Azambuja, delegado da Exposição Nacional, pedindo publicações; do intendente municipal de São Vicente, remettendo cento e noventa e cinco mil réis, importancia esta resultante de assignaturas da revista; da American Geographical Society, pedindo publicações; do Sr. Nelson Cardia agradecendo o remessa da revista á bibliotheca da Associação de Imprensa; do intendente municipal de São Leopoldo communicando a concessão do auxilio de duzentos mil réis votados pelo respectivo Conselho e, bem assim, o pedido de tres assignaturas da revista; idem do de São Borja remettendo a importancia relativa a duas assignaturas da revista; do nosso confrade Sr. Amaro Baptista, engenheiro-chefe do 18.º districto telegraphico, offerecendo os seus relatorios de 1920-1921. *Publicações*: numeros 7, 8 e 9 do Boletim de la Academia Nacional de Historia, de Quito, e o livro „José Ingenieros y el porvenir de la filosofia“, de Julio Endara. O Sr. presidente, trocando impressões com o Sr. Amaro Baptista sobre o movimento da thesouraria, marca uma nova sessão de directoria para o proximo dia treze. E nada mais havendo a tratar-se, foi a sessão encerrada; do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, 1.º secretario, a subscrevi e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 7.^a sessão de directoria

Aos treze dias do mez de Julho de mil novecentos e vinte e dois, ás dezenove e meia horas, na séde provisoria do Instituto, presentes os Srs. Florencio de Abreu, Leonardo Truda, Amaro Baptista, Armando Dias de Azevedo e Eduardo Duarte, o Sr. Florencio de Abreu declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se ao expediente, que constou do seguinte: officio da Inspectoria do Tiro de Guerra da 3.^a Região Militar communicando a organização de um concurso de tiro, a realizar-se em Setembro proximo, em que uma das provas foi collocada sob o patrocínio do Instituto. O Sr. presidente ficou autorizado a escolher um objecto para offerecer ao vencedor da prova. O Sr. thesoureiro apresenta o balancete correspondente ao primeiro trimestre do cor-

rente anno, cujo movimento foi de quatro contos quinhentos e setenta e oito mil seiscientos e vinte réis, havendo um *deficit* de vinte e um mil novecentos e vinte réis. O Sr. thesoureiro communica o facto de se acharem diversos socios em atrazo com as suas mensalidades, ficando resolvido que o Sr. presidente se dirigirá, em carta, a esses socios, tratando do assumpto. E nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada. Do que eu, Eduardo Duarte, 2.º secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, 1.º secretario, a subscrevi e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*
Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 8.ª sessão de directoria

Aos vinte e seis dias do mez de Julho de mil novecentos e vinte e dois, ás dezenove e meia horas, na séde provisoria do Instituto, presentes os Srs. Florencio de Abreu, Francisco de Leonardo Truda, Amaro Baptista, Armando Dias de Azevedo, J. B. Hafkemeyer e Eduardo Duarte, o Sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Foi lida e approvada a acta da sessão anterior. Não houve expediente; apenas foi apresentado o livro „Do Rio de Janeiro a Cuyabá“, offerta do Sr. Capistrano de Abreu. Pela commissão encarregada da confecção do diploma foram apresentados dois *croquis*, os quaes, já anteriormente estudados, resolveu a dita commissão que a escolha recaisse no que foi organizado pelo Sr. Giuseppe Guadenzi, com ligeiras modificações, o que foi approvedo pela directoria. Tratou-se, em seguida, da exposição de autographos, sendo tomadas diversas deliberações. E nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevi e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*
Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 10.ª sessão ordinaria

Ao primeiro dia do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e dois, ás vinte horas, no salão nobre do Paço Municipal, presentes os socios que firmaram o livro de presença, bem como grande numero de convidados, commissões de varias instituições e Ex.^{mas} Senhoras, o Sr. Florencio de Abreu, tendo

a seu lado os Srs. Dr. José Montaury Leitão, Intendente Municipal e Coronel Pedro Osorio, chefe do Partido Republicano de Pelotas, declarou aberta a sessão. Explicando os motivos da mesma e depois de lida e approvada a acta da sessão anterior, teve a palavra o Sr. Tancredo de Mello, designado pelo Sr. presidente para fazer a ephemeride do dia.

Esta bella conferencia despertou excellente impressão no auditorio, que enthusiasmicamente applaudiu o orador. O Sr. presidente, agradecendo o comparecimento das pessoas que, com suas presenças, corresponderam ao convite que lhes foi feito, declarou encerrada a sessão. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a sub-screvi e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 2.^a sessão de anniversario

Aos cinco dia do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e dois, pelas vinte horas, no salão nobre do Paço Municipal, achando-se presente grande numero de pessoas gradas, entre as quaes os Ex.^{os} Srs. Dr. José Montaury de Aguiar Leitão, Intendente Municipal, Conego João Balen, representando o Ex.^{mo} Sr. Arcebispo Metropolitano, D. João Becker, desembargador André da Rocha, presidente do Superior Tribunal do Estado, Capitão-Tenente Fróes da Fonseca, delegado da Capitania do Porto, Dr. Alcides Flores Soares, Major Augusto Koch e Mathias Stoll, do Conselho Municipal, Dr. Jacy Tupy Caldas, pela Escola Medico Cirurgica, Arthur Toscano, pela Associação Riograndense de Imprensa, bem como Ex.^{mas} familias e os nossos consocios Benjamin Flores, João Maia, Mariano da Rocha, Armando Dias de Azevedo, Tancredo Mello, J. B. Hafkemeyer, Adroaldo Mesquita da Costa, A. Guerreiro Lima, Alberto Juvenal do Rego Lins e Eduardo Duarte, o Sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, passou a ler o seu discurso de abertura.

„Conscio das suas inilludiveis responsabilidades, resolveu o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul trazer o seu concurso intellectual á commemoração, entre nós, do primeiro centenario da independencia patria. Com esta contribuição, — já tive o ensejo de frisar, — não nutrem os membros do Instituto a presumpção de virem, embuidos de

um fatuo intento, projectar uma luz nova sobre os acontecimentos, cujo encadeamento logico forma e que se denomina o movimento nacional de independencia. Tem sido essa, sem duvida, uma contribuição modesta, mas que, pela sua significação eminentemente cívica e educativa, assume uma alta importancia moral, que lhe advém do culto que prestamos aos fundadores da patria commum.

Não desconheceis, meus senhores, que o brado memoravel do Ypiranga foi por ventura, num determinado momento da nosa evolução historica, a expressão synthetica de um estado politico-social, que se vinha elaborando de longa data, desde a inconfidencia mineira, e que afinal se precipitaria, em 9 de Janeiro de 1822, com o celebre acontecimento que a tradição popularizou sob o nome de „Fico“.

Entende-se, não sem razão, que o Brasil esboçara sua independencia desde que D. João VI em fuga das hostes napoleonicas,prehendera o seu largo periplo em 1808, para assentar deste lado do Atlantico o throno dos seus regios dominios, sobretudo depois da elevação do Brasil á categoria de reino, equiparada dest'arte á mãe patria em dignidade politica, com a vantagem, porém, sobre aquella, de possuir a figura magestática do rei, com todo o prestigioso esplendor da sua côrte. E' de crêr que, não fôra, depois o regresso de D. João VI, continuaríamos por muito tempo ainda constituindo uma dualidade de reinos com a unidade de soberania, convencendo-se mesmo Porto Seguro de que a permanencia da familia real, com a sua autoridade intacta, marcaria a fundação ultramarina de um Imperio de bastante peso na politica do mundo.

A politica reaccionaria de Lisbôa na sua contraproducente tentativa recolonizadora, reascendeu, porém, no peito do brasileiro o sentimento de liberdade e a desobediencia do principe D. Pedro ao Decreto das Côrtes de 29 de Setembro, que o mandára recolher-se á metropole, seria preludio dos dias decretorios de 1822. O „Fico“ assignalava, assim, a primeira das grandes etapas, cujo centenario ao Instituto cumpria celebrar, tendo-se incumbido da ephemeride do dia 9 de Janeiro, o nosso confrade, Sr. Francisco de Leonardo Truda.

A segunda da série das nossas conferencias centenarias foi proferida pelo Sr. Roque Callage, a 30 de Abril, data que marca uma das mais interessantes ephemerides do movimento da independencia.

Joaquim Gonçalves Ledo, pelas columnas do „Reverbero Constitucional“, publicava o seu famoso artigo, suggerindo ao Principe D. Pedro a necessidade de proclamar desde logo a independencia patria, artigo que, produzindo o mais vivo

entusiasmo no Rio de Janeiro, abalara profundamente o animo do regente.

A liberdade de imprensa fôra oito mezes antes, consagrada entre nós pelo decreto de 28 de Agosto de 1821, que declarou injustos os estorvos, que encontravam os autores e editores na publicação de livros, e mandava se não difficultasse, sob pretexto algum, a impressão de qualquer escripto, ficando, apenas, pelo abuso, os autores ou editores obrigados ás penas estabelecidas no decreto de 12 de Julho, promulgado pelas côrtes de Lisboa. A' sombra bemfazeja e fecunda dessa liberdade abriram-se typographias e varias folhas surgiram: o „Reverbero Constitucional“, redigido por Ledo e Januario da Cunha Barbosa; o „Espelho“, dirigido por Manoel Ferreira de Araujo Guimarães; a „Malagueta“, de Luiz Augusto May; o „Correio do Rio de Janeiro“, de José Soares Lisboa. A' sombra bemfazeja e fecunda dessa Liberdade, pôde a imprensa exercer a sua brilhante influencia nessa suprema cruzada nacional, como em todos os outros grandes prêlios que mais tarde agitariam o paiz, na conquista das suas mais caras instituições liberaes. Cercear essa liberdade, não seria uma obra digna da Republica.

A terceira etapa commemorada passou a 23 de Maio, cuja ephemeride esteve a cargo do Monsenhor Mariano da Rocha. Evoca aquella data a entrega, por José Clemente Pereira, presidente do Senado da Camara do Rio de Janeiro, da celebre representação (redigida por Ledo e Januario) ao principe regente, impetrando-lhe, em nome da municipalidade e do povo, a convocação de uma assembléa constituinte, e, para maior imponencia, apresentaram-se os membros do Senado incorporados á presença de D. Pedro. A' solemnidade estiveram presentes o governo e o povo riograndenses, pelos seus illustres representantes, deputados Francisco Xavier Ferreira e José Joaquim Machado, Major do estado maior do exército, lidimos órgãos dos sentimentos e aspirações de toda a Provincia, patrioticamente identificada com a sagrada causa do Brasil.

A resposta decisiva do principe, — guiado pelo pulso firme do seu preclaro primeiro ministro José Bonifacio, cujo incóntestavel prestigio pessoal, grande saber e acrisolado patriotismo lhe asseguravam o exercicio de uma ascendencia salutar e necessaria, sobre o animo de D. Pedro, — teve-a o, povo no aureo decreto de 3 de Junho (referendado pelo ministro, mas da lavra de Ledo), decreto que, sem consultar ás côrtes de Lisboa, convocava uma „assembléa constituinte e legislativa, composta de deputados das Provincias do Brasil“. — A conferencia de 3 de Junho foi proferida pelo Sr. Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

A convocação da constituinte brasileira, que importava uma implícita declaração de independência, veio influir de certo modo sobre a composição da junta governativa do Rio Grande do Sul, até então presidida pelo futuro Duque de Saldanha, o brigadeiro português João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun. A imitação do que ocorrera em terras de Hespanha, com a revolução de Cadiz, de 7 de Março de 1820, vingara em Portugal a do Porto, de 24 de Agosto, que, apeando Villaflores do poder, inaugurava o regimen constitucional representativo. A revolução do Porto, como bem comprehendera o Conde de Palmela, não tirava a sua origem de causas sómente peculiares á nação portugueza, mas era o resultado da tendencia geral de todos os povos da Europa, depois da victoria das idéas liberaes postas em circulação pela revolução franceza, no sentido de abolir o governo absoluto dos reis; e, em face do facto consumado, não tinha D. João VI dois caminhos a seguir: era mysterio transigir. A começar pelas provincias do Pará e Bahia, o Brasil adheriu desde logo ao movimento constitucionalista. Era esse, na justa observação de Oliveira Lima, „o meio mais facil e mais natural, consciétemente para uns, instinctivamente para o maior numero, de chegar ao fito supremo“.

O brigadeiro Saldanha, em serviço na Cisplatina, nomeado por carta régia de 26 de Março de 1821 governador do Rio Grande do Sul, declarou-se, ao assumir o governo „constitucional de coração muito antes de existir a Constituição“; e, por seu espirito liberal e probidade administrativa, grangeara desde logo a confiança da Provincia, tornando-se popular.

Noutras Provincias do Brasil, entretanto, em consequencia da nova ordem de cousas, os governos militares unipessoaes haviam sido substituidos por commissões governativas eleitas pelo povo; e, a 16 de fevereiro de 1822, o Senado da Camara de Porto Alegre recebia ordem de convocar os eleitores para procederem, a 21 do mesmo mez, a eleição dos membros que deveriam compôr a junta provisoria da Capitania, na fórma do decreto das côrtes de Lisboa, de 29 de Setembro de 1821. Nos éstos do primeiro enthusiasmo suscitado pela revolução liberal do Porto, não seria possivel lobrigar que esta, no bojo, trazia o intuito de recolonisação do Brasil; mas o machiavellico decreto de 29 de Setembro, com o seu appendice de 30, não poderiam deixar nenhuma illusão mais no espirito dos patriotas brasileiros. Nas juntas governativas de varias Provincias, existiam conjugados os poderes civil e militar; entretanto, procurando cortar de vez as legitimas aspirações dos brasileiros, o decreto de 30 de Setembro determinava que ás juntas provisorias competiria toda a autoridade e juris-

dicção na parte civil e economica, as provincias dahi em deante Generaes encarregados do governo das armas, independentes das juntas provisórias, nomeados pelo governo do reino e a elle sujeitos tão sómente.

Reunidos nesta capital, no dia designado, os eleitores das parochias vacillaram na fiel execução do decreto. Entendia grande parte do eleitorado e do povo que o governo deveria enfeixar poderes não só civis mas tambem militares, sobretudo, nesta Provincia, „que (expunha a junta governativa ao principe regente) limitrophe com os nossos vizinhos, ficava por isto mesmo mais sujeito a dissensões e cabalas que a levariam á sua total desgraça; e por esta razão precisava de um governo representativo, que reunisse em si todos os poderes para obrar com energia quando fosse acommettida dos inimigos (cujo despeitoso ciume poderia aproveitar-se para vingar os seus passados resentimentos), e não o que decretava o soberano congresso, que só tendia a desunir-nos e enfraquecer-nos.“

O comicio eleitoral, dada a divergencia de opiniões e a exaltação de animos, convertia-se em tumulto. Os desembarçadores Teixeira de Bragança e José da Matta Bacellar, que dirigiam os trabalhos, tendo esculpulado em afastar-se das determinações do decreto, pois que, do contrario, no entender de ambos, ao governo eleito faltaria o cunho de legalidade, tornaram-se suspeitos de connivencia com os „corcundas“ e foram corridos pelo povo, á pedra.

A tropa, afim de evitar maiores desordens, patrioticamente concordou em annuir ao que decidisse a maioria; e no dia seguinte, — na observação de um illustre historiador patricio, — realisava-se aqui „pela primeira vez, depois de seculos de despotismo, um verdadeiro acto de soberania, qual foi o de conferirem (o povo e a tropa) aos sobreditos eleitores (parochiaes) „novos poderes“, afim de que livremente organisassem o governo, não conforme preceituava o congresso da metropole e sim conforme o que queria a expressa vontade da communhão riograndense“. Saldanha foi eleito presidente da junta provisoria; o marechal João de Deus Menna Barreto, vice-presidente; o brigadeiro José Ignacio da Silva e o advogado Manoel Maria Ricalde Marques, secretarios; o desembarçador José Teixeira da Matta Bacellar, o vigario da villa de Rio Pardo Fernando José de Mascarenhas Castello Branco, Manoel Alves dos Reis Louzada e o futuro deputado á Constituinte Francisco Xavier Ferreira, vogaes.

Saldanha, comquanto partidario do novo systema, era antes de tudo portuguez, e portuguez cioso das prerogativas da sua patria nativa.

Almejava o dualismo de reinos, d'aquém e d'além-mar, sob uma só corôa, uma especie de Austria-Hungria anterior ao tratado de Versailles, ou uma combinação politica semelhante á que nos offerecem a Inglaterra e a Australia ou Canadá, de hoje; e, ao ter conhecimento do decreto convocatorio da constituinte brasileira, declarou-se logo infeso á causa do Brasil, pedindo exoneração dos cargos que exercia e reclamando passaportes afim de retirar-se para Montevidéo.

A ninguém seria, portanto, licito duvidar de que o futuro Duque de Saldanha tudo faria, que estivesse ao seu alcance, para evitar o desmembramento.

Menna Barreto estava, porém, de sobre-aviso e vigilante e optou pela immediata exoneração do brigadeiro. A maioria do governo, entretanto, julgava mais prudente contemporizar, obtemperando que, em face do prestigio do mesmo entre o povo e a tropa, convinha deixar correr algum tempo afim de espalhar-se pela Provincia a noticia de quê, sendo General das Armas e presidente das juntas do governo, da fazenda e da justiça, Saldanha declarara sem rodeios não adherir á causa sagrada do Brasil; ao passo que, a sua inopinada demissão e immediata retirada poderia acarretar desastrosas consequências, faceis de evitar.

Cessados os justos receios, a 25 de Agosto, foi-lhe afinal acceita a exoneração, por duas vezes reiterada, bem como negados os passaportes, porquanto ventos vindos da Cisplatina sopraram aos ouvidos da junta governativa que secreto entendimento havia entre o brigadeiro e as tropas portuguezas de occupação, em Montevidéo. Era, sem duvida, designio das côrtes de Lisboa aproveitarem-se desse exercito, forte de 3.600 homens aguerridos e bem armados, veteranos das campanhas napoleonicas, „o escól do exercito luzitano“, para atiral-o contra o sul do Brasil. O commandante das tropas, Barão da Laguna, portuguez de nascimento, mas brasileiro de coração, tendo adherido lealmente á nossa causa, fôra coagido a abandonar Montevidéo e refugiar-se em São José, depois que o brigadeiro D. Alvaro da Costa, seduzindo a tropa e principal officialidade, se apoderára da cidade, uzurpára o governo e provocara a proclamação do conselho militar de 28 de Junho, repellindo „in limine“ qualquer colligação com as Provincias do sul no sentido de separar o Brasil de Portugal.

Lecór, de São José, communicava-se com o governo provisório pondo-o ao corrente das machinações pelas côrtes. Por outro lado, uma epistola do Coronel portuguez José Maria de Almeida, datada da villa do Rio Grande e dirigida ao brigadeiro, epistola que por acaso cahira nas mãos do governo, deixava entrever que alguma cousa se tramava na Provincia,

a despeito dos protestos de Saldanha, depois de frustrada qualquer tentativa contra a independencia. A remessa dos passaportes e, depois, a sua retirada, por terra, para o Rio de Janeiro, acompanhado do Coronel graduado e ajudante de ordens do governo, Manoel Carneiro da Fontoura, foi uma providencia necessaria e patriotica, pois a presença de Saldanha em Montevideo, á frente das tropas portuguezas, teria, imprimido um outro curso aos acontecimentos, realizando-se talvez o vaticinio de Menna Barreto, de que o futuro Duque de Saldanha seria o „Madeira do Sul.“

A quinta etapa, que se passou a 1.º de Agosto, evoca não só o decreto de D. Pedro, declarando inimiga qualquer força armada que viesse de Portugal e se não submettesse á intimação de regressar immediatamente, mas ainda, e principalmente, o Manifesto aos povos do Brasil, assignado pelo principe e redigido por Gonçalves Ledo, onde se exortava a união de todos os brasileiros para a conquista da independencia. A ephemeride do dia esteve a cargo do Sr. Tancredo de Mello.

Ao Sr. Rego Lins coube proferir a conferencia allusiva a 6 de Agosto, que assignala o manifesto dirigido por D. Pedro ás nações amigas, expondo os acontecimentos do Brasil, documento esse que, pela elevação de conceitos e alcance politico internacional, foi traduzido em varias linguas e transcripto em diversas folhas da Europa.

Finalmente, meus senhores, cumpre-nos realizar a ultima commemoração, celebrando a magna data que, na nossa chronologia historica, se tornou o symbolo da independencia patria.

A' competencia do Sr. João Maia está confiada esta ephemeride, que, pela necessidade de conciliar as differentes festividades centenarias do programma official, é commemorada hoje.

Aos eminentes confrades que tomaram a si a ardua tarefa de proferir as diversas conferencias, os meus mais vivazes agradecimentos, pois, com o seu nobre trabalho, sobre patentearem os elevados sentimentos civicos de cada um, muito illustraram o nome do Instituto e, prestando homenagem aos vultos da independencia, melhor idealizaram porventura na consciencia publica os valores moraes da nossa historia.“

Terminado esse discurso, o Sr. presidente declarou aberta a sessão. Foi lida e approvada a acta da sessão anterior. Foi lido tambem o relatório apresentado pelo primeiro secretario, Sr. Francisco de Leonardo Truda, o qual se occupa dos progressos do Instituto, em seus dois annos de existencia. Esse documento trata ainda dos trabalhos apresentados pelos diversos membros do Instituto, das conferencias por alguns delles realizadas por occasião da passagem de datas nacionaes,

das commemorações que até o momento se têm realizado pela passagem do primeiro centenario da nossa independencia politica. Terminada a leitura do relatorio, e consoante prescripções dos estatutos, foi concedida a palavra ao Sr. Benjamin Flores, previamente indicado para fazer o elogio dos socios fallecidos durante o anno.

„Minhas senhoras. Meus senhores. Meus confrades. — Sejam as minhas palavras exordiaes, de sinceras congratulações com a sociedade riograndense pelo segundo anniversario do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, que vae affirmando categoricamente a efficiencia dos nobres propositos 'daquelles que se abalançaram á ingente tarefa de, após quasi meio seculo de lethargia, fazel-o resurgir e nessa optima, notoria floração que tanto nos envaidece.

Que se nos tolere a immodestia.

Temos de facto, nesse curto periodo, e quanto nol-o permittiram as nossas possibilidades, trabalhado, estudado, feito, emfim, e não pouco, n'um sagrado interesse por vel-o, quanto antes, correspondendo á sua alta destinação social, templo, que é, e por excellencia, no qual se cultuam com carinho, de verdade e especialmente, as tradições gloriosas da terra gaucha, tecidas, já, de feitos heroicos e lustrosos, nas pugnas cruentas da guerra que mercê de Deus, creio que não mais voltarão, e nas lides serenas da paz, de roseo, intermino horizonte.

Assim os nossos homens de saber e de boa vontade queiram, todos, prestar-nos, a bem da justa aspiração collimada, o valoroso subsidio da sua intelligente laboriosidade e do seu esforço fecundo!

Se assim fôr, a nossa benemerita corporação poderá, em breve, ser incorporada, com relevo que não temerá competição, ao vasto e opulento patrimonio moral e historico dos Estados Unidos do Brasil.

Meus confrades. — Foi resolvido que nesta data o instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul que, desde 9 de Janeiro do fluente anno, vem, por sua vez, evocando com o possivel brilho os gloriosos feitos que encaminharam os brasileiros ao gesto „epico do Ypiranga, acompanhando esse phenomeno de resurreição, de crença, de devotamento ao que, na expressão feliz de um chronista de nomeada, nos enalteceu e honrou nesse passado longinquo que, assim, resurge glorioso, celebrasse o centenario da de amanhã e que recorda o manifesto elaborado por José Bonifacio de Andrade e Silva, estadista e sabio, cognominado o Patriarcha da nossa independencia politica, expondo os acontecimentos de então no Brasil e apro-

veitando, assim, a data que o artigo 45 dos nossos estatutos fixa para a sessão commemorativa, annual da fundação do Instituto e que foi a 5 de Agosto de 1920, prescrevendo, simultaneamente, que ao orador official caberá o elogio dos socios fallecidos durante o anno.

Dahi, e em vista da lamentavel ausencia do orador official effectivo, o nosso prezado e distincto consocio Sr. Capitão Souza Docca, o facto, mais lamentavel ainda, de ter sido eu designado para substituil-o hoje, por nimia bondade complacente do nosso illustre presidente.

Não attentou o Dr. Florencio Carlos de Abreu e Silva em que a quem escasseam louçanias de imaginação, se é que já não as tem completamente crestadas, ameaça o risco de apoucar, máu grado proprio, os meritos do homenageado n'um relevo indeciso e falho do seu perfil, e em que me constringe entre duas forças de impressão luminosa: a palavra eloquente do presidente que considero, sob todos os pontos de vista, o homem ideal para o exercicio perfeito da suprema responsabilidade do Instituto, e o verbo do Dr. Alberto Juvenal do Rego Lins, de tão formosas lettras juridicas, quão aprimorados dotes tribunicios...

.....

O morto unico do ultimo anno social foi o Dr. Olavo Franco de Godoy, natural da florescente cidade de Cachoeira e que exhalou o ultimo alento vital aos dezenove dias do mez de Janeiro na quieta villa historica de Viamão, em plena maturidade de espirito, pois mal attingira dez lustros de uma existencia que fôra preciosa e util e que a salubridade daquelle ameno sitio convisinho não conseguiu salvar do violento assalto derradeiro do velho mal que lhe permittira alguns annos de relativa calma.

De intelligencia fartamente aparelhada pela sua lucidez e por segura e vasta cultura juridica, chegou a ser uma das figuras de maior realce no fôro desta capital, depois de ter exercido com alto criterio, incontestavel competencia e absoluta integridade, durante muitos annos, os cargos de juiz de comarca em Santa Maria e S. Sebastião do Cahy.

Foi deputado á Assembléa dos Representantes, procurador fiscal da Fazenda do Estado e militou na imprensa.

E o seu preparo intellectual, o seu amor ao estudo e a sua capacidade de trabalho teriam feito d'elle um dos mais prestimosos e brilhantes servidores do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, se não lh'o houvesse impedido o precario estado de saude.

Mesmo assim ligou o seu nome, indissolúvelmente, a essa douta corporação, da qual foi um dos fundadores, activando, com o mais vivo interesse, o reconhecimento da respectiva personalidade jurídica.

Nunca me foi dada a fortuna de privar com elle..

Mas sempre que feliz acaso delle me approximava, (e sempre o via cercado de amigos que a sua palestra attraia), sentia-me agradavelmente tocado da elegancia moral daquelle espirito educado a primor, e do seu insinuante eloquio, de uma suggestiva fascinação envolvente; e isso quer discorresse sobre assumptos de assignalavel responsabilidade litteraria ou abor-dasse themas de sociologia em qualquer dos seus aspectos, quer discretasse apenas sobre casos da vida mundana cujo commentario ironisava, quasi sempre, com uma encantadora subtilidade de humorista de escola, não poupando, por vezes, a settasinha inoffensivamente bregeira de um epigramma a calhar.

E era sempre assim: *fortiter in re, suaviter in modo*, na tribuna dos auditorios, na arena dos debates legislativos e nas lides jornalisticas.

Quando em 1905 fez a sua apresentação publica como director da „A Federação“, Olavo Godoy expôz que reluctára muito antes de aceitar equelle posto, por julgar insufficientes os seus recursos de intellectualidade e a sua cultura theorica.

Mas vencida a sua excepçional modestia, accedendo, emfim, á honrosa insistencia, demonstrou logo o seu espirito combativo e vibratil nestas ardorosas palavras que valeram por uma fecunda promessa: „Alenta-nos a coragem, fortalece-nos o animo, coiraa-nos a alma para todos os dissabores e para todas as refrégas, a Fé viva que mantemos na universalisação da sã Politica que, no amado Rio Grande do Sul, foi evangelisada, praticada, definida e consolidada pelo immortal Patriarcha Julio de Castilhos.

Ungido por essa Fé, iremos para deante, futuro a dentro, com a mesma luminosa directriz rectilinea que vem da propaganda para a glorificação final da Republica.“

E tão intelligente foi a sua acção, tão fino o seu tacto, tão edificante e habil a sua resistencia de esgrimista politico, posto que sempre polida e fidalga, e tão inconsutil a sua lealdade, que, quando em dias de Março de 1906, a enfermidade o forçou a abater, para descanso, a lamina florentina do seu combate, foram estas as incisivas expressões de reconhecimento e de justiça que, entre outras, lhe dedicou a tradicional folha republicana: „Pela „Federação“ e pelos affectos que a todos aqui nos unem, consignamos a magoa que nos causa vêr afastar-se, por motivo de molestia que infelizmente perdura,

o digno director deste jornal, e cuja falta, pela competencia, pelos talentos e pela dedicação, jámais poderá ser supprida pelos que aqui continuam na intermina labuta peculiar ao orgam republicano."

Nem podia deixar de ser assim, pois que na energia da sua bondade, na intrepidez do seu civismo, na clareza da sua consciencia, mercê, emfim, dos seus attributos de ordem moral, era dos que reconhecem que a vida politica sem ideal, transforma-se n'um deploravel mercado de interesses e de posições que desmoralisa e infecciona a Patria.

Sim, elle renegava a theoria dissolvente de certos pessimistas que, no dizer textual de Ruy Barbosa, entendem que a politica não é senão a arte de enganar e explorar os povos; que governo, opposição e legisladores, administradores e juizes, tudo que constitue cargos publicos, não são mais do que parasitas necessarios, dermathoses das anemias incuraveis que cavam o descredito da Lei, o desalento da Verdade, a deserção das urnas!

Elle era desses espiritos de eleição que, perfeitamente integrados na sinceridade da crença, da fé e da esperanza, habituam-se a uma especie de harmonia moral que os isola numa inteireza de character refractaria a qualquer contaminação.

Penso que Olavo Godoy, desde muito moço era um doente, já tendo, mesmo, segundo me informaram, trazido da vida academica na Paulicéa, o germen do morbus que o victimou.

Eu, pelo menos, nunca o vi sadio. O semblante macerado, o brilho extranho dos olhos, a voz cavernosa e a frequente convulsão da tosse eram-me denuncia de que, dentro daquelle peito reentrante latejava qualquer cousa que lhe ia n'uma insidia cruel, minando a existencia.

Mas foi naquella época, em 1906, a que já alludi, que a sua fraqueza organica pareceu culminar, acordando no coração dos que mais o queriam, presagios sinistros.

"Trava conhecimento com a Morte, diz Guyau na sua bella obra — O Oceano e a Natureza — quem conhece, pela primeira vez, que as suas forças tem um limite, quem sente a necessidade de repousar, quem deixa cair os seus braços após o trabalho."

Mas uma gratissima surpresa estava reservada para pouco depois, aos seus amigos.

O doloroso presentimento pareceu ter falhado. Mais dia, menos dia, como que um milagre se operava.

Olavo Godoy começou a sentir nas arterias uma actividade remoçada.

Afigurou-se-lhe que a molestia que o amargurára, batera em retirada, depois de tê-lo desalentado nos últimos reductos da esperança.

Contrahiou nupcias e viveu, ainda, muitos annos.

Abandonada a vida sem cuidados de amor, dessa bohemia folgazã, de roseos prismas que fascinam mas enganam, característica, em geral, do celibatario intelligente e sonhador, o Amor, na sua modalidade mais pura e delicada, pareceu ter completado a obra de salvamento, na serena quietação do lar, ao doce influxo dos carinhos da familia á qual, como era notorio, dedicou-se, estremecida e modelarmente, de corpo e alma.

Infelizmente não passava esse longo apaziguamento de uma grande illusão, ferida, de inopino, em fins do anno passado, e que a morte desfez, por completo, na triste madrugada de 19 de Janeiro.

Latino Coelho, no exordio de certo panegyrico memoravel, sentenciou que o officio da posteridade não é de carpir, senão o de exaltar os que bem mereceram da sociedade.

E foi isso o que procurei fazer em cumprimento da missão que me foi confiada, homenageando a memoria de Olavo Godoy nesses pallidos conceitos, cujo unico valor consiste na sinceridade que os dictou.

E depois, como lá está na „Legenda dos Seculos“, de Victor Hugo, *il est permis, même au plus faible, d'avoir une bonne intention e de la dire.*

O nosso consocio foi ouvido com muita attenção, tendo o seu discurso despertado favoravel impressão no auditorio. O Sr. presidente declara, em seguida, encerrada a sessão de anniversario, para passar-se á sessão ordinaria commemorativa da ephemeride do dia. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario a sub-screvi e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*
Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 11.^a sessão ordinaria

Aos cinco dias do mez de Agosto de mil novecentos e vinte e dois, após a sessão de anniversario, o Sr. Florencio de Abreu, explicando os motivos, declarou aberta a sessão, ajuntando ser a sexta com que o Instituto vinha commemorando as diversas etapas que nos levaram a proclamar a independencia do Brasil, em mil oitocentos e vinte e dois. Concedida a palavra

ao nosso confrade, Sr. Alberto Juvenal do Rego Lins, orador designado para esta commemoração, fez este a sua conferencia sobre o manifesto de José Bonifacio e assignado por D. Pedro, então principe regente, ás nações amigas do Brasil.

O orador, ao terminar a sua magnifica conferencia, recebeu os mais francos applausos da assistencia. O Sr. presidente, agradecendo ao auditorio o seu comparecimento, declarou encerrada a sessão. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevi e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.

Acta da 12.^a sessão ordinaria

Aos seis dias do mez de Setembro de mil novecentos e vinte e dois pelas vinte horas, no salão nobre do Paço Municipal, achando-se presente grande numero de pessoas gradas, entre as quaes, os Srs. João Pinto da Silva, representante do Ex.^{mo} Sr. Dr. Presidente do Estado, Drs. Protasio Alves, Marinho Chaves e Ildefonso Pinto, respectivamente secretarios de Estado dos Negocios do Interior, Fazenda e Obras Publicas, General Cypriano da Costa Ferreira, commandante da Região Militar, Capitão-Tenente Rodolpho Fróes da Fonseca, delegado do Capitão do Porto, General Manoel Theophilo Barreto Vianna, presidente da Assembléa dos Representantes, Dr. José Montaury de Aguiar Leitão, Intendente Municipal, desembargador Manoel André da Rocha, presidente do Superior Tribunal, Dr. Eurybiades Dutra Villa, chefe de policia, Dr. Alcides Flores Soares, presidente do Conselho Municipal, Conego João Maria Balen, representante do Ex.^{mo} Sr. Arcebispo Metropolitano, Dr. Renato Costa, director geral do Thesouro do Estado, Alferes Agenor Feio, representante do Coronel Affonso Emilio Massot, commandante geral da Brigada Militar, consules da Allemanha e Portugal, Capitão José Rodrigues Sobral, representando a linha de tiro da Brigada Militar, e bem assim os nossos consocios João Maia, Mariano da Rocha, Protasio Alves, Faria Corrêa, Carlos Teschauer, Armando Azevedo, Arthur Candal, Rego Lins, Manoel Theophilo Barreto Vianna, J. B. Hafkemeyer, João Pinto da Silva, Eduardo Duarte, e Sr. Florencio de Abreu, assumindo a presidencia passou a ler seu discurso de abertura, conforme a letra do estatuto.

Findo este discurso e declarada aberta a sessão, foi ouvido pela assistencia, de pé, o hymno da independencia tocado por uma banda de musica da Brigada Militar, postada no vestibulo do edificio. Lida e approvada a acta da sessão anterior, o presidente deu a palavra ao nosso confrade João Maia, o qual passou a ler o seu discurso commemorativo do centenario da independencia patria.

O auditorio, reconhecendo na conferencia do nosso confrade, o merito que effectivamente tem, manifestou a sua impressao em prolongados applausos. O presidente, agradecendo a presenca das autoridades civis, militares e ecclesiasticas, ex.^{mas} familias e cavalheiros, declarou encerrada a sessão. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, primeiro secretario, a subscrevi e assigno.

(A) *Florencio C. de Abreu e Silva.*

Francisco de Leonardo Truda.



INDICE

	<i>Pag.</i>
O Centenario da Independencia.....	3
1) Do Fico á Independencia. Dr. Leonardo Truda.....	9
2) A Imprensa e a Independencia. Roque Callage.....	37
3) O 23 de Maio. Mons. Mariano da Rocha.....	45
4) A Convocação da Assembléa Brasileira. Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.....	55
5) O Manifesto do Principe aos Brasileiros. Major Tancredo Fernandes de Mello.....	63
6) O Manifesto do Principe ás Nações. Dr. Rego Lins...	73
7) A Independencia. Coronel João Maia.....	85
Souza Docca, Vocabulos tupis na Geographia riograndense....	109
Aurelio Porto, A Real Feitoria do Linho Canhamo.....	118
Viagem ao Rio Grande do Sul, por Aug. de Saint-Hilaire. Trad. de Adroaldo Mesquita da Costa.....	133
Bibliographia	157
Actas das Assembléas	159

Indice do Volume

Os algarismos indicam a numeração do pé
da pagina

	<i>Pag.</i>
Memorias do Visconde de S. Leopoldo.....	3
Invasão Paraguaya. Con. João Pedro Gay.....	103
Viagem ao Rio Grande do Sul por Aug. de Saint-Hilaire. Trad. de Adroaldo Mesquita da Costa.....	124 e 509
Memorias economo-politicas de Antonio José Gonçalves Chaves (J. B. Hafkemeyer S. J.).....	149
O Instituto Historico e o Centenario da Independencia.....	879
Souza Docca, Vocabulos tupis na Geographia riograndense....	485
Aurelio Porto, A Real Feitoria do Linho Canhamo.....	493
<u>Bibliographia</u>	533
Actas das Assembléas	535